ISAAC ASIMOV

827 ERA GALÁCTICA

Dedicatória

Para meu pai,

que primeiro me introduziu

na ficção científica

1 - Entre dois passos

Dois minutos antes de desaparecer para sempre da face da Terra que conhecia, Joseph Schwartz passeava despreocupado pelas ruas aprazíveis de um subúrbio de Chicago, recitando mentalmente versos de Browning.

O fato em si era bastante estranho, porque um passante ocasional dificilmente imaginaria que Schwartz fosse um tipo capaz de declamar versos de Browning.

Sua aparência indicava exatamente o que era: um alfaiate aposentado, que nunca tivera aquilo que os mais sofisticados definem uma “instrução superior”. Entretanto, pela sua curiosidade congênita, passara muito tempo lendo a esmo. Era um leitor voraz e indiscriminado e assim conseguira juntar noções a respeito de uma vastíssima gama de assuntos, que guardava auxiliado por uma memória fora do comum.

Por exemplo, em sua mocidade lera Rabb: Ben Era de Robert Browming por duas vezes, e naturalmente, conseguirá decorá-lo. Seu sentido parecia-lhe, em sua maior parte, obscuro, mas assimilara os três primeiros versos até eles se tornarem uníssonos com as batidas de seu coração. Naquele dia brilhante e ensolarado de começo de verão, em 1949, começou a declamar no silêncio profundo de sua fortaleza mental:

Envelheça ao meu lado!

O melhor ainda está no porvir.

No resto da vida, construído em nossa mocidade…

Schwartz sentia toda a verdade daqueles versos. Como era gostosa a serenidade de sua velhice confortável, depois das lutas da adolescência na Europa e da mocidade nos Estados Unidos. Possuía uma casa e dinheiro suficiente, podia se aposentar e se aposentou. Sua esposa gozava de boa saúde, suas duas filhas já eram bem casadas e seu neto alegrava seus dias. Por que haveria de se preocupar?

Existia, é verdade, a bomba atômica e também falava-se, de maneira um pouco volúvel, a respeito de uma terceira guerra mundial, mas Schwartz acreditava nos bons sentimentos da humanidade. Não achava que a Terra voltaria a ver mais o brilho infernal de uma explosão atômica ofensiva. Por isso sorria observando as crianças que passavam ao seu lado e lhes desejava silenciosamente que tivessem uma passagem rápida e não muito difícil pela mocidade para alcançar a paz da parte melhor, a que ainda estava no porvir…

O Instituto de Pesquisa Nuclear se localizava numa parte diferente de Chicago, e nele trabalhavam homens que possuíam teorias sobre os valores essenciais da natureza humana, mas que se sentiam um pouco envergonhados por causa delas, porque ainda não existia nenhum instrumento quantitativo para medi-las. Quando pensavam no assunto,

freqüentemente desejavam que algum milagre dos céus impedisse a natureza humana (e sua maldita capacidade inventiva) de transformar qualquer descoberta inocente e interessante numa arma mortal.

Por outro lado, aquele mesmo homem que não conseguia ter suficiente consciência para controlar sua curiosidade nos estudos nucleares, que qualquer dia poderiam levar à matança de metade da população terrestre, arriscava sem piscar sua própria vida para salvar a de um outro homem sem qualquer importância

O doutor Smith teve sua atenção despertada sobretudo pelo brilho azulado que surgia de trás das costas do químico.

Entreviu o brilho enquanto passava em frente à porta semiaberta. O químico, um rapaz sempre bem disposto, estava assoviando enquanto virava um bujão volumétrico, cheio de uma solução específica. Um pó branco se espalhou vagarosamente no líquido, dissolvendo-se com a costumeira demora. Durante um instante, foi só isto, mas o instinto do doutor Smith, que o impelira a parar, mandou que entrasse em ação.

Entrou aos pulos, apanhou uma régua e com um único gesto varreu o topo da mesa, jogando tudo no chão. Ouviu-se o assovio mortal de metal liquefeito Uma gota de suor correu pelo nariz do doutor Smith, até a ponta.

O rapaz olhou estupefato para o chão de concreto, todo marcado pelos respingos prateados de metal, já endurecidos. Ainda irradiavam calor. Com a voz fraca, perguntou:

-O que foi que aconteceu?

O dr. Smith encolheu os ombros. Ainda não se sentia muito calmo.

- Não sei. Diga-me… o que estava acontecendo aqui?

- Não estava acontecendo nada, - protestou o químico. - Aquilo era só um espécime de urânio bruto. Estou preparando uma determinação eletrolítica de cobre … Não entendo o que pode ter acontecido.

- Qualquer que seja a coisa que tenha acontecido, moço, posso lhe descrever o que vi. O cadinho de platina ostentava uma corona. Sinal de radiação violenta. Você disse, urânio?

- Sim, senhor, mas era urânio bruto, que não é perigoso. Quero dizer, um dos fatores básicos para a fissão é a pureza absoluta, não é? – Umedeceu os lábios com a ponta da língua. - O senhor acha que foi mesmo fissão? Não se trata de plutônio e não estava sendo submetido a bombardeio.

- Sobretudo - comentou o doutor Smith, pensativo - estava abaixo da massa crítica. Ou, pelo menos, abaixo das massas críticas que conhecemos. – Observou o tampo de pedra, a pintura queimada e chão. - Entretanto, a fusão do urânio acontece com aproximadamente 1800 graus, e os fenômenos nucleares ainda não são suficientemente conhecidos e não podemos falar neles em tom volúvel. Acho que este laboratório deve estar bastante contaminado por radiações ocasionais. Quando o metal esfriar, será oportuno recolhê-lo para uma análise radical.

Olhou ao redor com ar preocupado e depois se aproximou da parede oposta onde apalpou um ponto ou menos à altura do ombro.

-O que é isto? - perguntou ao químico. - Você já viu isto antes?

- O que, senhor? - O rapaz se aproximou, nervoso e observou o ponto indicado pelo homem mais idoso. Viu um furo minúsculo, como feito por um prego fino - mas o furo devia atravessar toda a espessura da parede de tijolo e reboque, porque deixava passar a luz. O químico sacudiu a cabeça.

- Nunca vi isto antes de agora. Por outro lado, não me lembro de ter olhado para esta parede, senhor.

O doutor Smith não respondeu. Afastou-se vagarosamente, passando ao lado do termostato, uma caixa quadrangular de finas chapas de ferro. A água era constantemente agitada por uma vareta acionada por um motor, enquanto as lâmpadas debaixo da superfície, e que serviam para o aquecimento, piscavam continuamente, de acordo com os estalos do relê de mercúrio.

- E diga-me, você já viu isto? - O doutor Smith passou a unha sobre um ponto perto da borda do termostato, em seu lado mais comprido. Era mais um furo redondo, um pouco acima da superfície da água.

O químico arregalou os olhos.

- Não, senhor. Isto é uma novidade absoluta, eu garanto.

- Hum. Veja se tem outro igual na parede oposta

- Diacho! Quero dizer, sim, senhor. Tem um aqui.

- Certo. Agora chegue até este lado e olhe através dos furos… Desligue o termostato. Fique aqui. - Colocou o dedo sobre o furo na parede. - O que é que está vendo agora? - perguntou.

- Estou vendo seu dedo, senhor. O senhor está tapando o buraco? O doutor Smith não respondeu, mas falou com uma calma que não sentia:

- Agora olhe do outro lado. O que está vendo?

- Não vejo nada.

- Não era aquele o lugar em que se encontrava o cadinho com o urânio?

Você não está olhando para o local exato? O químico relutou em responder.

- Sim, senhor. Acho que sim.

O doutor Smith lançou um olhar para o letreiro da porta que ainda se encontrava aberta e disse friamente:

- Senhor Jennings, este assunto é absolutamente reservado. Não quero que seja mencionado com qualquer pessoa. Entendeu?

- Completamente, senhor!

- Muito bem, e agora, vamos sair daqui. Vamos avisar o pessoal da radiação para que analisem o laboratório, e você e eu ficaremos por algum tempo na enfermaria.

- O senhor está pensando em contaminação, senhor? - o químico ficou pálido.

- Pois é, vamos ver.

Entretanto, ambos não ficaram seriamente contaminados. A contagem de glóbulos estava normal e a análise da raiz dos cabelos também não revelou nada. Alguns surtos de ânsia foram definidos puramente psicossomáticos e não foram constatados quaisquer outros sintomas.

Foi impossível encontrar em todo o Instituto qualquer pessoa que pudesse explicar naquela circunstância, e mesmo mais tarde, por que um cadinho cheio de urânio bruto, muito abaixo do ponto crítico e sem ser submetido a bombardeio neutrônico direto, tivesse começado a fundir, irradiando aquela corona significativa e fatal.

Chegaram apenas à conclusão que na física nuclear ainda existiam lacunas esquisitas e muito perigosas.

Todavia, o doutor Smith, ao preparar seu relatório final, não conseguiu revelar toda a verdade. Jamais mencionou os furos encontrados no laboratório e também não especificou que o mais próximo ao cadinho era quase invisível, enquanto o que se encontrava do outro lado do termostato era um pouquinho maior e finalmente que o furo na parede, à uma distância três vezes superior, tinha um diâmetro de um prego fino.

Um raio que se propagasse em linha reta poderia progredir por muitas milhas antes que a curvatura da Terra o afastasse de sua superfície a uma distância suficiente para evitar prejuízos, e a este ponto o raio já teria um diâmetro de três metros. Além disso, seu progresso no espaço continuaria inutilmente, expandindo-se e enfraquecendo progressivamente, constituindo uma faixa diferente dentro do cosmo.

O doutor Smith evitou mencionar esta fantasia com qualquer pessoa.

Nunca disse a ninguém que no dia seguinte mandou comprar as edições matutinas de todos os jornais, enquanto ainda se encontrava na enfermaria, e examinou todas as colunas com um propósito muito definido.

Entretanto, numa cidade gigantesca como Chicago, muitas pessoas desaparecem todos os dias. E aparentemente, ninguém tinha corrido até a mais próxima delegacia, berrando que um homem (ou talvez a metade de um homem?) desaparecera às suas vistas. Pelo menos, nenhum jornal mencionou qualquer coisa parecida.

Com o tempo, o doutor Smith, com muito esforço, conseguiu não mais lembrar o acontecido.

Para Joseph Schwartz, o fato aconteceu entre um passo e o seguinte. Levantou seu pé direito para não pisar na boneca de pano e sentiu uma espécie de tontura - como se, por uma fração de segundo, o vento o tivesse levado para um redemoinho, virando-o pelo avesso. Quando colocou o pé direito no chão, sentiu que seus pulmões se esvaziavam

completamente de ar, enquanto o corpo caia molemente, deslizando sobre a relva.

Por algum tempo, esperou sem abrir os olhos -e depois, abriu-os de repente. Era verdade. Estava sentado sobre a grama, enquanto ainda há pouco estava caminhando sobre concreto.

As casas tinham desaparecido! Todas as casas caiadas, com seus gramados e jardins, todas aquelas fileiras de casas estavam desaparecidas. Não via mais nenhuma!

Aquela relva não era de um gramado cuidado, estava sentado entre plantas de capim esparsas, que cresciam desordenamente, e havia árvores, um bocado de árvores. Podia ver muitas árvores, até a linha do horizonte.

Finalmente, levou o maior susto de todos. As folhas das árvores eram avermelhadas, pelo menos as de algumas, e na palma da mão sentiu toda a fragilidade de uma folha seca. Sempre vivera em cidades, mas reconhecia perfeitamente os sinais do outono.

O outono! No instante em que levantava seu pé direito era junho, um alegre dia de junho, com os verdes brilhantes do verão.

Por um reflexo, olhou em direção dos pés, enquanto pensava no assunto. Soltou um grito e estendeu a mão… Aquela pequena boneca de pano que não quisera pisar, um pequeno detalhe da realidade, um…

Ora, esta! Que coisa curiosa. Virou a boneca com as mãos trêmulas e viu que não estava inteira. Não parecia rasgada, estava cortada. Esquisito! Cortada no sentido do comprimento: os fios de estopa que a recheavam apresentavam extremidades cortadas, sobre uma superfície perfeitamente lisa.

Schwartz percebeu um brilho na ponta de seu sapato direito. Sem largar a boneca de pano, colocou o pé direito sobre o joelho esquerdo, com esforço. A ponta da sola, aquela borda levemente protuberante do sapato, parecia cortada. A aparência do corte demonstrava que não era obra de um sapateiro terrestre. A superfície do corte recente era tão lisa que seu brilho era quase líquido.

A sensação de desconforto que subiu pela espinha de Schwartz chegou ao cérebro e se transformou em horror.

Finalmente, começou a falar em voz alta, porque o som de sua própria voz parecia trazer uma espécie de alívio num mundo que parecia ter enlouquecido de repente. Sua voz era baixa, tensa, um pouco rouca. Disse:

- Em primeiro lugar, não sou biruta. Em meu interior, sinto as mesmas coisas que sempre senti… Por outro lado, se realmente enlouqueci, não poderia sabê-lo, não é mesmo? Não… - Sentiu o medo se transformar em histeria e se controlou com esforço. - Deve existir alguma explicação plausível.

Refletiu um pouco.

- Deixe-me ver, talvez seja um sonho. Como posso me certificar se estou sonhando ou não? -Beliscou-se, sentiu a dor da carne apertada e sacudiu a cabeça. - Não serve.

Talvez, esteja sonhando este belisco.

Olhou ao redor com uma sensação de desespero. Poderia um sonho ser tão claro e duradouro, tão cheio de pormenores? Lembrou-se de ter lido alguma vez que os sonhos nunca duravam mais que cinco segundos, que eram provocados por leves estímulos que perturbavam o dormente e que o comprimento aparente dos sonhos era apenas uma ilusão.

Isso não chegou a reconfortá-lo. Empurrou o punho da camisa e observou O relógio. O ponteiro dos segundos virava sem parar. Se este era um sonho, os cinco segundos estavam se esticando loucamente.

Desviou o olhar e tentou enxugar o suor que lhe escorria pela testa.

- E que tal, se fosse amnésia? Evitou chegar a uma conclusão e cobriu o rosto com ambas as mãos. Se, ao momento de erguer o pé direito, sua mente tivesse saído dos trilhos usados tão bem e por tanto tempo - . . E se, três meses mais tarde, durante o outono… ou quem sabe, um ano e três meses depois, ele tivesse colocado seu pé no chão num lugar estranho, na hora exata em que sua memória voltava a funcionar… bom, poderia parecer um único passo, e mesmo passo, e tudo isto… Neste caso, onde ficara e o que fizera durante o lapso?

- Não! - A palavra saiu com um rugido. Não era possível! Não podia ser! Schwartz observou sua camisa. Era a mesma que vestira naquela manha, ou pelo menos, no período que deveria ser aquela mesma manhã, e a camisa estava limpa e passada. Lembrou-se de mais uma coisa e, enfiando a mão no bolso do paletó, apanhou uma maçã.

Mordeu a maçã com um gesto quase feroz. Era perfeita e seu interior ainda guardava a temperatura fresca da geladeira, da qual ele mesmo a tirara há menos de duas horas - ou pelo menos, antes do lapso de tempo que considerava ser de duas horas.

E que tal a boneca de pano?

Começou a provar um ímpeto de fúria. Devia ser um sonho - ou então, estava louco. Percebeu que não era mais a mesma hora do dia. A tarde estava para acabar, as sombras pareciam mais compridas. Sentiu-se envolver pela calma tétrica do lugar e de repente sentiu frio.

Levantou-se com esforço. Precisava encontrar alguém, qualquer pessoa. Para isto, obviamente, precisaria encontrar uma casa, e para encontrar uma casa qualquer, deveria primeiro procurar uma estrada.

Sem pensar, virou-se para a direção em que as árvores pareciam mais ralas e começou a caminhar.

A friagem da noite já penetrava em suas roupas e os topos das árvores começavam a parecer mais Indistintos e ameaçadores, quando encontrou um trecho reto e impessoal de asfalto. Lançou-se ao seu encontro soluçando pelo alivio, grato por sentir aquela dura superfície debaixo dos pés.

Em ambos os sentidos, porém, só havia o vazio e mais uma vez sentiu o coração gelado. Esperava ver alguns carros. Seria fácil acenar e mandar que um carro parasse, e

perguntar: - Está indo para Chicago? - Era tamanha sua ansiedade, que falou em voz alta.

E se não estivesse nas cercanias de Chicago? Não faz mal, bastava estar perto de uma cidade qualquer. Poderia encontrar um telefone. Só estava com quatro dólares e vinte e sete centavos no bolso, mas poderia pedir ajuda à policia…

Começou a caminhar na estrada, bem ao centro, lançando olhares em ambas as direções. Não admirou o por do sol e não percebeu que estavam aparecendo as primeiras estrelas. Não havia carros, não havia nada e estava escurecendo.

No começo imaginou estar mais uma vez sofrendo de tonturas, porque o horizonte à esquerda teve um bruxuleio. Conseguia ver um brilho duro e azulado nos espaços vazios entre as árvores. Não se parecia com o fulgor intermitente das chamas de um incêndio, mas era um brilho distante e continuo. Aos seus pés, o asfalto cintilava levemente. Inclinou-se para tocá-lo e pareceu-lhe normal. Mesmo assim, teve a impressão que algo faiscasse à margem de seu campo visual.

Começou a correr loucamente pela estrada. Seus sapatos batiam um ritmo duro e desigual. Percebeu que ainda segurava os restos da boneca de pano e com um gesto brusco, lançou-a para longe.

Resto de boneca, resto de vida, com seu sorriso de escárnio…

Parou, tomado pelo pânico. Fosse o que fosse, aquela boneca era a prova de sua sanidade mental. Precisava da boneca! Começou a procurá-la, arrastando-se de joelhos e tateando, até encontrá-la, uma pequena mancha mais escura no meio do brilho ultravago. A estopa amolecida ameaçava sair do corpo. Apertou-a, distraidamente. Voltou a caminhar - imaginou estar infeliz demais para correr.

Começou a sentir fome e o medo já ressurgia com maior insistência, quando percebeu uma luz à direita.

Devia ser uma casa, sem dúvida.

Gritou como um doido, sem receber qualquer resposta, mas era uma casa de verdade, uma migalha de realidade ao centro do sertão horrível e sem nome daquelas últimas horas. Saiu da estrada e começou a caminhar pelos campos, atravessando valetas, evitando árvores, pisando a vegetação rasteira e pulando um regato.

Que esquisito: até a água do regato brilhava levemente - era fosforescente! Anotou este detalhe, sem dar-lhe muita importância.

Chegou, enfim, e suas mãos se estenderam para tocar a parede branca e dura. Não era de tijolo, nem de pedra e nem de madeira, mas não se importou. Parecia uma porcelana forte e fosca, mas não estranhou. Só procurou uma porta e quando a achou e não viu nenhuma campainha, começou a chutá-la e a berrar como um possesso.

Ouviu um movimento no interior e o som maravilhoso e abençoado de uma voz humana. Voltou a gritar.

- Eí, de casa!

A porta se abriu com um zunido de dobradiças lubrificadas, revelando uma mulher. Seus olhos mostravam um certo nervosismo. Era alta e magra e logo atrás dela, via-se um homem ossudo, com um rosto duro, trajando roupas de trabalho… Não, não eram roupas de trabalho, Schwartz nunca vira roupas iguais, mas por algum motivo indefinível, transmitiam a impressão que serviam para o trabalho.

Schwartz, por outro lado, não estava com vontade de fazer análises: aquela gente, e suas roupas, lhe pareceram maravilhosas, tão maravilhosas como a vista de amigos pode ser para um homem perdido.

A mulher disse alguma coisa com voz macia mas enérgica e Schwartz esticou a mão para se apoiar no batente e poder ficar ereto. Seus lábios se mexeram inutilmente e, de repente, todos os seus terrores voltaram, apertando sua garganta e seu coração.

A mulher falava um idioma que não se parecia com qualquer outro que Schwartz já tivesse ouvido.

2 - Remoção de um Estranho

Naquela mesma noite, Loa Maren e Arbin, seu impassível marido, estavam jogando baralho, quando o velho sentado em sua cadeira de rodas motorizada agitou as folhas do jornal que estava lendo e chamou:

-Arbin!

Arbin Maren não respondeu logo. Observou com cuidado os retângulos, brancos e lisos, calculando sua próxima jogada. Quando chegou a uma decisão, respondeu em tom distraído: -O que é que você quer, Grew?

Grew, um homem grisalho, observou o genro por cima do jornal, com uma expressão irritada, e voltou a agitar as folhas de papel. Achava que o barulho ajudava a trazer um pouco de alivio para os seus sentimentos. Quando um homem se sente repleto de energias e é obrigado a permanecer numa cadeira de rodas, porque suas pernas são inúteis, como dois galhos secos, deve existir um meio para expressar seus sentimentos, raios! Grew usava o jornal. Agitava as páginas, usava-o para apontar e, quando isto se fazia necessário, se valia dele para bater.

Grew sabia que em outros lugares, que não eram da Terra, existiam máquinas de telejornal que produziam rolos de microfilme com as últimas noticias. Os rolos eram colocados nos normais projetores de livros Grew, porém desdenhava-os em silêncio. Era um sistema estúpido e degenerado! Falou:

- Você já leu a respeito da expedição arqueológica que pretendem mandar à Terra?

- Não, ainda não li - respondeu Arbin, calmo.

Grew já previa a resposta, porque só ele tinha lido o jornal até aquele momento, e no ano passado a família renunciara ao televisor. De qualquer jeito, sua pergunta era simplesmente retórica, para iniciar uma conversa. Disse:

- Pois é, está para chegar e será financiada por um subsídio imperial. O que é que você acha? - Começou a ler com aquele ritmo irregular que muitas pessoas usam quando leem em voz alta: -Bel Arvardan, o veterano associado de Pesquisas do Imperial Instituto Arqueológico, concedeu uma entrevista à Imprensa Galáctica e mencionou que esperava obter resultados preciosos durante pesquisas arqueológicas projetadas no planeta Terra, que se situa na área periférica do Setor de Sírio (vide mapa). “A Terra, com sua civilização arcaica, declarou Bel Arvardan, e seu ambiente único no gênero, possue uma cultura anômala que durante um tempo excessivo foi negligenciada por nossos cientistas sociais, a não ser como um exemplo de governo local repleto de dificuldades. Acredito que no próximo ano ou, no máximo em dois anos, conseguiremos mudanças revolucionárias em nossos conceitos básicos de evolução social e história humana”. - E assim por diante - terminou Grew.

Arbin Maren ouvira sem prestar multa atenção. Murmurou:

-O que quer dizer “cultura anômala”?

Loa Maren não se preocupara em ouvir. Disse:

- Arbin, é sua vez.

Grew retrucou:

- Será que você não vai ao menos perguntar por que a Tribarna publicou a notícia? Você sabe que o jornal não publicaria uma noticia transmitida pela Imprensa Galáctica, nem por um milhão de créditos imperiais, a não ser que haja algum motivo importante. Esperou inutilmente por algum comentário e continuou: -Pois publicaram a notícia porque também mencionam o fato no editorial. Um editorial de página inteira, malhando o tal Arvardan. Este fulano deseja vir aqui por motivos científicos, e o pessoal está fazendo o impossível para impedi-lo. Leia esta pasquinada, faça-me o favor! Vamos, leia! -Agitou o jornal, enquanto o estendia. - Ora, vamos, leia!

Loa Maren largou as cartas sobre a mesa e apertou os lábios finos.

- Pai - falou - tivemos um dia muito duro. Vamos deixar a política de lado, por uma vez. Espere um pouco, está bem? Mais tarde, talvez. Por favor.

Grew franziu o cenho e começou a imitá-la: -Por favor! Por favor! pai! Tenho a impressão que você está começando a se cansar de seu velho pai, por não estar disposta a permitir que troque algumas palavras a respeito dos acontecimentos do dia. Imagino que estou atrapalhando sua vida, sentado aqui, em meu canto, deixando que vocês dois trabalhem por três… Mas de quem é a culpa? Sou forte, quero trabalhar. E vocês sabem que poderia me submeter a um tratamento e minhas pernas voltariam a ficar boas. - Enquanto falava, batia nas pernas, eram pancadas violentas e selvagens, mas ele só as ouvia, não sentia nada. - Só não posso fazê-lo porque estou ficando velho, e eles não acham que vale a pena começar um tratamento. Vocês não acham que esta é uma “cultura anômala”? Como é que vocês definiriam um mundo no qual um homem quer trabalhar e não o deixam? Pelo Espaço, acho que chegou a hora de darmos um paradeiro em nossas “instituições peculiares”. Elas não são peculiares, são completamente loucas! Pessoalmente, acho que… - Estava agitando os braços e seu rosto estava ficando sempre mais avermelhado.

Arbin, porém, levantou-se de sua cadeira e agarrou o ombro do velho com um gesto enérgico. Perguntou:

- Não vejo motivos para você se alterar deste jeito, Grew. Quando você terminar de ler o jornal, vou ver este editorial, está bem?

- Sim, sim, você acabará concordando com eles, e por isso, nem vale a pena. Vocês, moços, são um monte de ineptos, uma massa maleável nas mãos dos Anciões.

Loa interrompeu, seca:

- Chega pai. Agora não vamos recomeçar com isto. - Ficou calada e tentou escutar. Não sabia exatamente o que, mas…

Arbin teve aquela desagradável sensação de frio, como sempre acontecia quando

alguém mencionava a Sociedade dos Anciões. Era perigoso falar deste jeito. Grew não deveria menosprezar a antiga cultura da Terra, não deveria …

Não, isto realmente era uma indecente manifestação de Assimilacionismo. Arbin engoliu a seco. A expressão era muito feia, mesmo só em pensamento.

Claro, na mocidade de Grew muitos tinham falado constantemente nesta tola teoria de abandonar os velhos costumes, mas eram outros tempos. Grew devia se lembrar disto - aliás, com certeza Grew se lembrava, mas quando uma pessoa era obrigada a ficar confinada sobre uma cadeira de rodas, só esperando pelo próximo Recenseamento, era muito difícil raciocinar de maneira lógica e inteligente.

Grew provavelmente era o menos afetado, mas se calou. Não demorou em se acalmar. As letras começaram a se fazer mais indistintas sobre o papel e antes mesmo de chegar à página de esportes, seus olhos se fecharam e a cabeça se inclinou sobre o peito. Começou a roncar. Seus dedos soltaram o jornal que caiu, farfalhando. Loa falou num sussurro preocupado:

- Arbin, talvez não somos bastante carinhosos com ele. É uma vida muito dura para alguém como o pai, e comparando sua situação com a vida que levava, é como se ele já estivesse morto.

- Tolice, estar morto seria muito pior, Loa. Pode ler os jornais e seus livros. Deixe-o em paz! Um pouco de agitação lhe faz bem, sente-se melhor. Agora ficará calmo e satisfeito por alguns dias.

Arbin voltou sua atenção ao baralho e quando já esticava o braço para apanhar mais uma carta, ouviram batidas desordenadas na porta, acompanhadas por gritos que não chegavam a formar palavras.

Arbin teve um sobressalto e seu braço parou. Os olhos de Loa expressaram o medo. Olhou para seu marido enquanto seus lábios tremiam. Arbin falou:

- Leve Grew daqui, depressa!

Antes que ele terminasse de falar, Loa já estava empurrando a cadeira de rodas, murmurando palavras de consolo. O velho adormecido, porém, se mexeu e acordou de repente. Endireitou-se e sua mão procurou automaticamente o jornal.

- O que está acontecendo? - perguntou irritado e em voz alta.

- Sssst. Está tudo em ordem - murmurou Loa e empurrou a cadeira para o outro quarto. Fechou a porta e ficou parada, respirando profundamente, enquanto olhava para o marido. Ouviram-se mais pancadas.

Quando a porta se abriu, estavam lado a lado, numa atitude quase de defesa e enquanto observavam o homem baixinho e gorducho, ambos irradiavam hostilidade. O homem tentou sorrir. Loa perguntou:

- Podemos ser de alguma utilidade? - com muita cortesia e cerimônia, mas logo pulou para trás quando o homem esticou o braço para segurar o batente.

- Será que ele está doente? - perguntou Arbin, desnorteado. - Vamos, ajude-me a trazê-lo para dentro.

Passaram-se algumas horas e Arbin e Loa se recolheram ao dormitório, preparando-se para dormir.

- Arbin - disse Loa.

-O que é que você quer?

- Será que não é perigoso?

- Como assim? - Parecia não querer entender o sentido.

- Será que não é perigoso recolher este homem em nossa casa? Quem será?

- Como é que posso saber? - perguntou Arbin, irritado. - Por outro lado, não podemos deixar de abrigar um homem doente. Amanhã, se ele não tiver nenhuma identificação, vamos informar a Comissão Regional de Segurança, e pronto. - Virou-lhe as costas para evitar mais conversa.

A mulher, porém, voltou a romper o silêncio com sua voz aguda:

- Você não pensa que poderia ser algum agente da Sociedade dos Anciões? Estou pensando isto, por causa de Grew.

- Você está pensando no que ele falou hoje à noite? Escute, isto é uma asneira e me recuso em discuti-la.

- Não era isto que eu queria dizer, e você sabe. Quero dizer que ocultamos a existência de Grew durante estes últimos dois anos, e você sabe que estamos infringindo o mais importante Costume.

Arbin resmungou:

-Não estamos prejudicando ninguém. Estamos entregando a quota estabelecida, não é mesmo? Apesar dela ser calculada para três pessoas - três trabalhadores. Se fazemos isto, ninguém pode suspeitar de qualquer coisa, entende? Afinal nem permitimos que saia da casa.

- Poderiam ter encontrado alguma pista por causa da cadeira de rodas. Você teve que comprar as peças e o motor.

- Pare com isto, Loa. Já expliquei muitas vezes que para fazer aquela cadeira de rodas só comprei peças padronizadas para equipamento de cozinha. Além do mais, acho besteira pensar que aquele homem poderia ser um agente da

Irmandade. Você realmente acha que eles se dariam todo este trabalho só por causa de um pobre velho inválido? Você acha que, no caso, não entrariam em pleno dia e com meios legais? Por favor, raciocine um pouco.

- Mas neste caso, Arbin, - ela observou, enquanto seus olhos começavam a brilhar pelo entusiasmo, se você realmente pensa assim. - e eu esperava que você me dissesse isto.. -o homem deve ser um Forasteiro. Ele não pode ser um Terrestre.

- Como assim, não pode? Você está sendo ridícula. Por que um homem do Império deveria vir logo aqui, na Terra?

- Não sei por que! Aliás, sim, acho que sei: deve ter cometido algum crime, lá fora. - Pareceu gostar daquela suposição. - Afinal, por que não? A Terra seria seu melhor refúgio. A coisa me parece lógica. Ninguém o procuraria logo aqui.

- No caso que realmente fosse um Forasteiro. Mas por que você pensa que ele é?

- Pois bem, ele não fala nosso idioma, não é mesmo? Você constatou que é assim. Você entendeu alguma coisa que ele disse? Isto significa que ele deve estar chegando de algum canto longínquo da Galáxia, com um dialeto próprio. Dizem que os homens de Fomalhaut devem aprender um novo idioma, para poderem ser entendidos na Corte do Imperador, em Trantor. Será que você não percebe o que isto significa? Se ele é um estranho na Terra, não deve ter sido registrado pela Comissão de recenseamento, e ficará muito feliz se não o denunciarmos. Podemos usá-lo para trabalhar na fazenda, para substituir meu pai, e vamos mais uma vez ser três trabalhando, e não só dois, obrigados a entregar uma quota de três… Poderia nos ajudar agora mesmo, com a safra.

Ficou ansiosa quando viu a expressão de dúvida do marido, que ficou a considerar os fatos durante algum tempo.

- Deite-se agora, Loa. Vamos discutir o assunto à luz do dia, quando somos mais racionais. -Os sussurros pararam, a luz se apagou e finalmente todos, na casa, caíram no sono.

Na manhã seguinte, foi a vez de Grew. Arbin explicou suas dúvidas. Sentia que seu sogro possuía uma firmeza que não conseguia encontrar em si mesmo. Grew respondeu:

- Parece-me óbvio, Arbin, que suas dúvidas se baseiam no fato de eu estar registrado como um trabalhador, porque por esse motivo a quota da contribuição vale para três. Já estou cansado de provocar dificuldades. Este é meu segundo ano de vida além do termo. Já chega.

Arbin ficou sem jeito.

- Mas não era isto que eu queria dizer. Você não está criando dificuldade nenhuma.

- Mas, afinal, qual é a diferença? Dentro de dois anos teremos mais um Recenseamento e vou ter que me entregar de qualquer jeito.

- Mas pelo menos você terá mais dois anos com seus livros e seus jornais, descansando tranquilo. Por que você quer desistir?

-Porque outros são obrigados a desistir. Preciso também pensar em você e em Loa. Quando eles vierem para me levar, levarão vocês também. Que homem pensa que sou, querendo viver mais alguns anos desgraçados, em prejuízo de…

- Pare com isto, Grew. Nada de melodramas. Já lhe explicamos muitas vezes o que faremos. Vamos denunciá-lo uma semana antes do Recenseamento.

- Você acha que poderá enganar o médico?

- Vamos subornar o médico.

- Hum. Este homem que apareceu… sua culpa ficará ainda maior, se você ocultar sua presença.

- Vamos mandá-lo embora. Pelo Espaço, por que você quer se preocupar com isto agora? Temos dois anos pela frente. O que quer que façamos com ele?

- É um estranho - refletiu Grew. - Chegou e bateu em nossa porta. Parece que chegou de lugar nenhum. Sua fala é ininteligível… não sei que conselhos poderia lhe dar a respeito.

Arbin observou:

- Ele é manso e parece muito assustado. Não acho que poderia fazer mal algum.

- Assustado, você disse? E que tal se fosse apenas um débil mental? Que tal se aqueles sons não fossem de uma língua estrangeira, mas só sons sem significado e sem nexo?

- Não tive esta impressão. - Arbin, porém, começou a ter dúvidas.

- Você fala assim, só porque deseja usá-lo. Está bem, vou lhe dizer o que você precisa fazer… Leve-o até a cidade.

- Para Chica? - Arbin ficou horrorizado. - Isto poderia redundar num prejuízo maior.

- De jeito nenhum - respondeu Grew, calmo. - Você tem um grave defeito, você nunca lê os jornais. Por muita sorte desta família, eu os leio. Acontece que o Instituto para Pesquisas Nucleares desenvolveu um instrumento com a finalidade de ajudar as pessoas a aprenderem. O suplemento do fim de semana trazia uma página inteira sobre o assunto. O Instituto precisa de voluntários. Leve este homem e deixe que seja um voluntário.

Arbin sacudiu a cabeça, decidido.

- Você está doido, Grew. Não posso fazê-lo. A primeira coisa que pedirão será sua carteira de registro. Levá-lo para lá significa provocar uma investigação das autoridades, e logo elas descobrirão tudo a seu respeito.

- De jeito nenhum. Você se engana, Arbin. O Instituto precisa de voluntários porque a tal máquina ainda se encontra em sua fase experimental. Suponho que já deve ter liquidado algumas pessoas. Esta é uma ótima razão para eles não fazerem perguntas. Por outro lado, se o desconhecido morrer, não estará pior de do que está agora… Arbin, por favor, dê-me o projetor de livros e ajuste o marcador para o sexto rolo. Também, o jornal, quando chegar. Está bem?

Quando Schwartz acordou já passava de meio dia. Logo sentiu aquela dor, aquela saudade surda provocada pela ausência da mulher ao seu lado, por um mundo familiar perdido….

Já conhecia esta sensação por tê-la provado em outra oportunidade e sua mente reproduziu num instante uma cena já quase esquecida, que voltou com seus mínimos

detalhes. Viu-se ainda moço, sobre a neve da aldeia natal… o trenó esperando… e no fim da viagem de trenó, haveria o trem… e depois do trem, um navio…

A saudade, o medo e a frustração pela perda do mundo que lhe era familiar, produziram nele uma identificação instantânea com aquele rapaz de apenas vinte anos que emigrara para a América.

A frustração era tão real que não podia estar sonhando.

Quando uma luz começou a piscar acima da porta, levantou-se rápido, ouvindo a voz de barítono de seu anfitrião pronunciar palavras incompreensíveis. A porta se abriu e apareceu um lanche - uma espécie de mingau indefínivel, que pelo paladar, se parecia com mingau de maizena e leite - só que era mais saboroso.

Falou:

- Obrigado - e assentiu repetidamente com a cabeça.

O fazendeiro respondeu alguma coisa e apanhou a camisa de Schwartz que estava sobre o encosto da cadeira. Observou a camisa com cuidado, dando especial atenção aos botões. Largou então a camisa e abriu as portas de um armário embutido. Schwartz, pela primeira vez, percebeu que as paredes tinham uma tonalidade leitosa.

- Plástico, -resmungou em voz baixa, usando o termo com a decisão de todos os leigos. Viu que o aposento não tinha cantos e que todas as superfícies se encontravam em curvas suaves.

O outro homem estava lhe mostrando roupas e gesticulando. Não era possível não entender o significado daquela mímica. Schwartz devia ir tomar banho e se vestir.

Seguiu as instruções mas não encontrou qualquer coisa para se barbear e toda sua mímica neste sentido só provocou sons incompreensíveis, acompanhados por olhares definitivamente enojados de seu anfitrião. Schwartz coçou a barba por fazer e suspirou.

Finalmente foi levado até um carro pequeno, alongado e com só duas rodas, acenaram para que subisse. Partiram e de ambos os lados a estrada começou a se afastar para trás, em grande velocidade, até que surgiram na distância grandes prédios baixos e brilhantes e no horizonte percebeu uma tira azul de água.

Apontou para frente, ansioso:

-Chicago? - perguntou.

Foi sua última manifestação de esperança, porque o que viu a seguir não se parecia com qualquer cidade. O fazendeiro não respondeu. A última esperança se apagou.

3 - Um Mundo - Ou Muitos Mundos?

Logo depois da entrevista concedida à imprensa, a respeito de sua próxima expedição à Terra, Bel Arvardan sentiu-se em paz com os cem milhões de sistemas estelares que compunham o extenso Império Galáctico. Não era mais questão de ser conhecido em um ou outro Setor. Quando suas teorias sobre a Terra ficassem comprovadas, sua reputação se expandiria por todos os planetas habitados da Via Láctea e por todos os outros planetas descobertos pelos Homens durante as centenas de milhares de anos de expansão pelo Espaço.

Estava encarando esta fama em potencial, e considerando os puros e rarefeitos píncaros intelectuais da ciência relativamente cedo, mas seu caminho não fora fácil. Tinha apenas trinta e cinco anos, mas sua carreira estava salpicada de controvérsias. Tudo começou com uma verdadeira explosão que abalou a venerável universidade da Arturo, quando se formou Arqueólogo-Mor, com apenas vinte e três anos - uma façanha sem precedentes. A explosão - que foi intelectual - se deu quando o Jornal da Associação Arqueológica Galáctica se recusou em publicar sua Dissertação. Era a primeira vez na história da Universidade que se verificava um fato destes. E era a primeira vez na história do jornal que uma recusa era formulada em termos tão grosseiros.

Para alguém que não fosse arqueólogo, os motivos de tamanha raiva contra uma tese obscura e seca, intitulada Da Antiguidade dos Artefatos no Setor de Sírio, com Considerações sobre Aplicação na Hipótese de Radiação nas Origens Humanas poderiam parecer bastante misteriosos. A primeira razão, porém, estava no fato de Arvardan ter adotado logo no começo as hipóteses enunciadas em outros tempos por um certo grupo de místicos que se preocupavam mais com a metafísica do que com a arqueologia. Afirmavam eles que a Humanidade tinha se originado num único planeta, irradiando-se gradualmente por toda a Galáxia. Era a teoria favorita dos autores de ficção cientifica da época, e ao mesmo tempo, o escândalo aos olhos de qualquer arqueólogo respeitável do Império.

Todavia, Arvardan adquiriu uma força que não podia ser ignorada mesmo pelos mais respeitados, porque numa década transformou-se na mais alta autoridade no campo dos remanescentes de culturas pré-imperiais ainda existentes nos cantos mais remotos da Galáxia.

Tinha, entre outras coisas, escrito uma monografia sobre a civilização mecanistica do Setor de Rigel, onde o desenvolvimento da robótica criara uma cultura distinta que se manteve durante séculos, até que a suprema perfeição dos escravos de metal desfalcou a tal ponto a iniciativa humana que as vigorosas frotas de Moray, Senhor da Guerra, se apropriaram do controle sem fazer esforços. A arqueologia ortodoxa proclamava insistentemente que os tipos Humanos eram o produto de uma evolução independente nos vários planetas e citavam a exemplo culturas anômalas, como a de Rigel, para mostrar as diferenças raciais ainda não desaparecidas por consequências de mestiçagens. Arvardan

aniquilou estes conceitos demonstrando que a cultura robótica de Rigel era uma consequência natural das forças econômicas e sociais dos tempos naquela região.

Existiam ainda os mundos bárbaros de Ophiuchus que os arqueólogos ortodoxos por muito tempo consideravam exemplos de Humanidade primitiva, que ainda não conseguira se desenvolver até alcançar a fase de viagens interestelares. Todos os textos mostravam que aqueles mundos eram a prova mais evidente da Teoria da Fusão, ou seja, que a Humanidade era o clímax natural de qualquer evolução em mundos regidos pela combinação química da água e do oxigênio em concentrações apropriadas de temperatura e gravidade e mais, qualquer raça humana podia se cruzar com uma outra e que depois da descoberta das viagens interestelares estes cruzamentos realmente aconteceram.

Entretanto, Arvardan encontrou rastros da antiga civilização que precedera a barbárie de Ophiuchus, que já existia há dez mil anos e demonstrou que os mais antigos registros planetários provavam um intercâmbio comercial interestelar. Alcançou o triunfo quando provou, além de qualquer dúvida, que o Homem emigrara para o planeta num estado já civilizado.

Foi nesta época que o J. da Ass. Arq. Gal. (era esta a abreviatura do jornal dos ambientes profissionais) decidiu publicar a Dissertação de Arvardan, mais de dez anos após sua apresentação.

Agora Arvardan, mais do que nunca preocupado com sua teoria favorita, decidira examinar o mais insignificante planeta do Império - um planeta chamado Terra.

Arvardan aterrissou num ponto da Terra que representava o Império, um canto desértico entre as alturas do planalto ao norte do Himalaia. Ali não havia radioatividade, aliás nunca tivera radioatividade. Naquela região surgia um palácio cuja arquitetura não era terrestre. Suas linhas gerais lembravam os palácios vice¬reais, existentes em mundos mais aquinhoados. A paisagem luxuriante daquele recanto só sugeria o conforto. As rochas medonhas das redondezas estavam cobertas de terra fértil, bem irrigada e submersa num clima e numa atmosfera artificiais -e assim se transformaram em cinco milhas quadradas de gramados, bosques e jardins floridos.

De um ponto de vista Terrestre, os custos da energia necessária para esta façanha eram estarrecedores, mas eram sustentados pelos recursos totalmente inacreditáveis de dezenas de milhões de planetas, cujo número estava em continuo aumento. (Estimava-se que no ano 827 da Era Galáctica, cinquenta novos planetas, em média, conseguiam diariamente a dignidade do status provincial, cuja condição básica era conseguir uma população superior a quinhentos milhões.)

Neste recanto não-Terrestre morava o Procurador da Terra e algumas vezes, no meio daquele luxo artificial, ele conseguia esquecer que só era o Procurador de um mundo que era uma verdadeira toca de ratos, e lembrar apenas que era um aristocrata de renome, descendente de uma grande família.

Sua esposa talvez tivesse menos propensão para se iludir, especialmente quando, ao subir numa elevação podia olhar para a linha que demarcava a divisão entre aquele jardim e a feroz desolação da paisagem terrestre. Naquelas ocasiões, a fartura de fontes

coloridas (que de noite eram luminosas e produziam um efeito de fogo liquido e frio), todas as alamedas floridas e os muitos bosques românticos não a compensavam pela amargura de saber que estavam desterrados.

Foi talvez por este motivo que Arvardan viu-se festejado de quanto previa o protocolo. Para o Procurador, Arvardan representava um sopro do Império, era o símbolo do espaço sem fronteiras. Arvardan achou que havia muitas coisas admiráveis Disse:

- Isto é muito bonito e do mais fino gosto. É realmente extraordinário constatar como um toque da cultura central permeia os distritos mais longínquos de nosso Império, meu Senhor Ennius.

Ennius sorriu.

- Receio que a corte do Procurador na Terra é mais agradável quando visitada, e menos quando é necessário viver nela. É apenas uma casca vazia que, quando tocada, demonstra que é oca pela ressonância. Contando minha pessoa, minha família, o pessoal de serviço, a guarnição Imperial, aqui e nos centros mais importantes do planeta, e mais um ou outro visitante, como você, acabamos por enumerar todos os rastros de cultura central que aqui existem. Acho que é muito pouco.

Estavam sentados debaixo das arcadas, no fim da tarde, enquanto o sol se abaixava em direção aos cumes pontiagudos e já envolvidos de estrias de névoa no horizonte, e o ar em volta era carregado com os aromas de plantas que cresciam.

Obviamente, nem mesmo um procurador podia mostrar muita curiosidade pelas atividades de um hóspede, mas os conceitos perdiam um pouco de seu valor ao contato da inumanidade proporcionada pela distância do resto do Império.

Ennius perguntou:

- Você planeja se demorar um pouco aqui, Arvardan?

- Pela verdade, não posso ter certeza ainda, meu Senhor Ennius. Cheguei com um pouco de antecedência, antes do resto de minha expedição, para poder conhecer melhor a cultura da Terra e fazer os preparativos necessários. Por exemplo, preciso conseguir todas as autorizações necessárias para constituir minhas bases nos locais adequados, e assim por diante.

- As autorizações ficam concedidas desde já! Quando é que você pretende começar as escavações? E, sobretudo, o que é que você espera encontrar neste miserável monte de lixo?

- Se tudo for como desejo, espero estabelecer minhas bases dentro de poucos meses. Quanto ao resto julgo que este mundo não é exatamente um miserável monte de lixo. Acredito que é um mundo realmente único dentro de toda a Galáxia.

- Único - perguntou o Procurador um pouco chocado. - De jeito nenhum! Acredito que se trata de um mundo muito comum. Aliás, este mundo é uma pocilga, ou um buraco nojento, um verdadeiro esgoto, ou qualquer outro qualificativo depreciativo que você possa imaginar. Mesmo sendo absolutamente nojento, não consegue ser único nem mesmo

na malícia. Trata-se mesmo de um mundo vulgar, comum, cheio de campônios.

-Entretanto - falou Arvardan, um pouco surpreso pela energia daquelas declarações sem eira nem beira - é um mundo radioativo.

- E daí? Temos milhares de planetas radioativos na Galáxia, e alguns muito mais radioativos que a Terra.

A este ponto a atenção de ambos foi desviada para um gabinete móvel que se aproximava deslizando suavemente. Parou a breve distância. Ennius acenou para o gabinete e perguntou:

- O que é que você prefere tomar?

-Não tenho preferências. Uma batida de limão, talvez.

- Sem dúvida. O gabinete deve conter todos os ingredientes… Com ou sem um pouco de Chensey?

-Com uma pitadinha - respondeu Arvardan e aproximou o indicador ao polegar, até quase se tocarem.

- Estará pronta num minuto.

Em algum ponto das entranhas do gabinete (que era talvez o mais popular invento mecânico do gênio humano) um barman entrou em ação - um barman não-humano, cujo espírito eletrônico não misturava ingredientes por medidas, mas por contagem de átomos, cujas misturas sempre saíam perfeitas e cuja arte não poderia ser imitada por qualquer criatura humana.

Arvardan apanhou o copo com o conteúdo verde e o encostou na face, achando aquele frio agradável. Depois levou o copo aos lábios e bebeu.

- Perfeito - disse. Colocou o copo num recesso do descanso da poltrona e continuou: - Você mencionou milhares de planetas radioativos, procurador e você está certo. Mas só existe um único planeta radioativo habitado. Este planeta. procurador.

-Bom -Ennius estalou os lábios depois do primeiro gole e sua agressividade pareceu arrefecer -é possível que por este motivo possamos considerá-lo único. De qualquer forma, é uma qualidade indesejável.

- Não se trata apenas de uma questão de unicidade estatística -especificou Arvardan entre um e outro gole. - Tem muito mais. Existe uma potencialidade notável. Os biólogos comprovaram, ou pelo menos afirmam que comprovaram que nos planetas cuja radioatividade atmosférica e marinha supera uma certa concentração, a vida não consegue se desenvolver, e a radioatividade da Terra supera muito estes limites.

- Interessante. Ignorava este pormenor. Imagino que isto é mais uma prova que a vida da Terra é basicamente diferente da de qualquer outro planeta da Galáxia… Você deveria ficar satisfeito, considerando que você é de Sírio. - O procurador pareceu achar muita graça e continuou em tom confidencial – Será que você sabe que a maior dificuldade do governo deste planeta consiste em superar a violenta corrente anti-Terrestre

do Setor de Sírio? Entre nós, os Terrestres, temos os mesmos sentimentos para os Sirianos - Com isto ainda não quero dizer que o anti-Terrestrialismo não exista, em formas mais atenuadas, em muitos outros planetas, mas em Sírio é muito forte.

A resposta de Arvardan foi impaciente e veemente:

-Meu Senhor Ennius, rejeito estas insinuações. Não existe homem nenhum que seja menos intolerante que eu. Acredito que a humanidade é uma, trata-se de minha mais profunda convicção científica, e esta unidade compreende a Terra. Sobretudo, a vida é fundamentalmente uma, porque se baseia em complexos proteicos em dispersão coloidal, que chamamos de protoplasmas. O efeito da radioatividade que acabo de mencionar, não se aplica somente a certas formas de vida humana, ou a certas formas de qualquer tipo de vida. Eles se aplicam a toda forma de vida, pois se baseia na mecânica quantitativa das moléculas proteicas. Aplica-se a você, a mim, aos Terrestres, às aranhas e aos germes. Como provavelmente seria desnecessário explicar, as proteínas são agrupamentos extremamente complicados de aminoácidos e de certos outros compostos combinados em padrões extremamente instáveis. Esta instabilidade é a própria vida, porque continua a mudar de posição em seu esforço de manter sua identidade como uma vara comprida se equilibrando na ponta do nariz de um malabarista.

- Mas este extraordinário elemento químico, a proteína, deve primeiro ser desenvolvido a partir de matérias inorgânicas para que a vida possa existir. Por isto, no começo, pela influência da energia irradiada pelo sol sobre as enormes soluções que chamamos de oceanos, as moléculas orgânicas progridem em complexidade desde o metano até formaldeido e finalmente até açúcares e amidos de um lado, e desde ureia até aminoácidos e proteínas de um outro lado. Estas combinações e desagregações de átomos são, logicamente, um produto do acaso, e num mundo este processo pode durar milhões de anos enquanto num outro pode levar só poucas centenas. Claro, é muito mais provável que leve milhões de anos. De fato, é quase certo que nunca acontecerá.

- Os químicos de física orgânica conseguiram definir com a maior correção toda a reação em cadeia envolvida e especialmente a parte energética, ou seja, todo o relacionamento de energia envolvido em cada mudança de átomos. Sabe-se agora com a maior certeza que vários estágios cruciais no desenvolvimento da vida requerem uma ausência de energia radiante. Se você achar que isto é esquisito, Procurador, só posso lhe adiantar que a fotoquímica, que seria a química das reações induzidas pela energia irradiada, é um ramo muito especifico da ciência, e que existem inúmeros casos de reações muito simples que podem tomar um rumo ou então dois rumos diferentes, dependendo do fato de acontecerem na presença ou na ausência de quanta de energia solar.

- Isto significa que nos mundos comuns o sol é a única fonte de energia irradiada ou, pelo menos, é a maior fonte. Durante a noite, ou pela proteção das nuvens, os compostos de carbono e de nitrogênio combinam e recombinam, em maneiras possíveis pela ausência daqueles minúsculos quantitativos de energia lançados em seu meio pelo sol como bolas de boliche lançadas entre agrupamentos inúmeros de diminutos paus. Por outro lado, nos mundos radioativos, com ou sem sol, qualquer gotinha d’água, mesmo de noite e mesmo a cinco milhas de profundidade, faísca e brilha emitindo raios gama,

ativando os átomos de carbono, para usarmos uma expressão cientifica, e assim forçando certas reações-chave que só podem se produzir de uma certa forma, e que estas formas jamais chegam a produzir a vida.

O copo de Arvardan estava vazio e ele o colocou sobre o gabinete. O copo desapareceu no interior, onde foi lavado e esterilizado, pronto para receber a próxima dose.

- Mais um? - perguntou Ennius. - Prefiro deixar a repetição para depois do jantar - respondeu Arvardan. -Por enquanto estou satisfeito, obrigado.

Ennius bateu a ponta afiada de uma unha sobre o descanso da poltrona e disse:

- Sua explicação foi sem dúvida fascinante, mas se as coisas procedem como você descreveu, como foi que a vida se desenvolveu aqui na Terra?

- Está vendo? Você também já está começando a ficar interessado. Eu acho que a resposta é bastante simples. Uma radioatividade excessiva para a formação da vida, ainda não é necessariamente suficiente para destruir a vida já existente. Poderia eventualmente modificá-la, mas a não ser nos casos de excessos enormes, não poderia destruí-la… De fato, a química aqui é diferente. No primeiro caso, moléculas simples são impedidas em seu desenvolvimento, enquanto no segundo caso moléculas muito mais complexas deveriam ser destruídas. Você pode ver que se trata de processos diferentes.

- Mas não consigo ver como isto se aplica à Terra - observou Ennius.

- Mas é óbvio, não está vendo? A vida na Terra começou antes do planeta se tornar radioativo. Meu estimado Procurador, esta é a única explicação possível e que não comporta a negação da vida na Terra de um lado, e quantidade suficiente de teorias químicas que poderiam levar a reformulação de boa parte da ciência, do outro.

Ennius olhou para Arvardan, estupefato.

- Você está falando sério?

- Por que não?

- Porque, como você explica que um mundo se torne radioativo? A vida dos elementos radioativos da crosta terrestre data de milhões e milhões de anos. Afinal, aprendi isto durante meus estudos na universidade. Já deviam existir no passado.

- Meu Senhor Ennius, existe algo chamado radioatividade artificial e pode existir em vastíssima escala. Existem milhares de reações nucleares com energia suficiente para criar toda espécie de isótopos radioativos. Por exemplo, se chegássemos a supor que criaturas humanas poderiam usar na indústria uma qualquer reação nuclear aplicada, sem os necessários controles, ou talvez até numa guerra - se você consegue imaginar que uma guerra ecloda num planeta isolado -a maior parte da superfície do solo poderia ser transformada artificialmente em material radioativo. E o que você me diz agora?

O sol tinha se deitado numa mancha sanguínea atrás dos cimos rochosos e o rosto fino de Ennius ficava corado pelo reflexo. Uma suave brisa agitava os ares e o murmúrio doce e aconchegante de espécies selecionadas de insetos chegava de todas as partes,

acalentando os ouvidos. Ennius respondeu:

- Tudo isto me parece bastante artificial. Em primeiro lugar, não consigo imaginar o uso de reações nucleares numa guerra, ou alguém permitir que sejam usadas na indústria sem os devidos controles…

- Isto é muito natural, porque estamos vivendo na época presente, e obedecemos à tendência geral de subestimar as reações nucleares, pois dispomos de todos os controles necessários. Mas que tal se alguém -talvez um exército - tivesse feito uso destas armas, antes que os controles chegassem a ser elaborados? Para lhe dar um exemplo, isto poderia ser comparado ao uso de bombas incendiárias antes que alguém soubesse que a areia e a água poderiam apagá-las.

- Hum - resmungou Ennius. - Você fala como Shekt.

- Quem é Shekt? - Arvardan levantou a cabeça.

- Um Terrestre. Um dos poucos Terrestres decentes - quero dizer, alguém com o qual um cavalheiro pode conversar. Ele é físico. Numa certa ocasião ele me disse que possivelmente a Terra não foi sempre radioativa.

- Entendo… Não me admiro, porque a teoria não é minha. Está incluída no Livro dos Anciões que relata a história tradicional, ou mítica, da Terra pré-histórica.

Num certo sentido, estou repetindo o que já se encontra neste livro, só que estou traduzindo as fórmulas realmente barrocas numa linguagem mais científica.

- O Livro dos Anciões? - Ennius parecia surpreso e também perturbado. - Como foi que você conseguiu saber a respeito?

- Aqui e acolá. Realmente, não foi fácil e só consegui ler alguns trechos. Entretanto, todas estas informações tradicionais sobre a radioatividade, mesmo quando é completamente anticientífica, é muito importante para meu projeto… Por que você está me perguntando?

- Porque aquele livro é o texto sagrado de uma seita fanática da Terra. Sua leitura é proibida a todos os Forasteiros. Se eu fosse você, não contaria a ninguém que você leu alguns trechos, pelo menos enquanto você ficar na Terra. Não-Terrestres, ou Forasteiros, como são chamados, já foram linchados por muito menos.

- Pelo jeito, parece que as forças da polícia Imperial aqui são bastante omissas.

- Eles se omitem em casos de sacrilégio. Quero lhe recomendar a maior cautela, dr. Arvardan!

Um carrilhão repicou, terminando com uma nota vibrante que pareceu harmonizar com o farfalhar do vento entre as folhas. O som demorou muito antes de desaparecer. Ennius se levantou.

- Acredito que já chegou a hora do jantar. Quer me proporcionar a honra de se juntar a nós e gozar da hospitalidade desta pequena porção do Império na Terra?

As ocasiões para jantares de cerimônia eram bastante raras. Qualquer ocasião,

mesmo sem muita importância, devia ser desfrutada. Houve muitos pratos, o ambiente era suntuoso, os homens se mostravam polidos e as mulheres eram encantadoras. Queremos também mencionar que o dr. B. Arvardan de Baronn em Sírio, foi o alvo de todas as atenções.

Quando o jantar já se encontrava em sua fase final, Arvardan aproveitou a ocasião de se encontrar frente a uma audiência e repetiu boa parte de sua exposição a Ennius, mas suas teorias não encontraram muito sucesso.

Um senhor bastante florido, metido numa farda de coronel, observou-o com a óbvia condescendência que os militares ostentam frente aos cientistas e falou:

- Se entendo corretamente, dr. Arvardan você está tentando nos impingir que estes cachorros Terrestres são os descendentes de uma raça antiga, que possivelmente foi a origem de toda a humanidade?

- Coronel, hesito em afirmá-lo de maneira definitiva, mas acredito que existe uma interessante possibilidade que assim seja. Acredito que daqui a um ano poderei fazer uma declaração definitiva sobre o assunto.

- Pois se assim for - retrucou O coronel - e tenho fortes dúvidas a respeito, ficarei realmente surpreso. Encontro-me na Terra há quatro anos, e tenho alguma experiência. Em minha opinião, estes Terrestres são velhacos e safados, sem exceções. Carecem daquela centelha que levou a humanidade a se expandir por toda a Galáxia Intelectualmente, são definitivamente inferiores a nós. São preguiçosos supersticiosos, avarentos e não possuem a menor nobreza de espírito. Desafio você ou qualquer outra pessoa a me mostrar um Terrestre que possa ser Comparado em qualquer sentido a um verdadeiro homem - como você e como eu - e só neste caso vou chegar a admitir que possam ser descendentes de uma raça que talvez tenha produzido nossos antepassados. Mas até que isto seja possível, por favor, poupe-me estas suposições.

Um homem rechonchudo, que se encontrava na outra ponta da mesa, falou de repente:

- Dizem que os únicos Terrestres bons são os Terrestres mortos, mas que mesmo assim, sempre fedem. - Soltou uma gargalhada.

Arvardan franziu o cenho, contemplou o prato a sua frente e falou sem erguer a cabeça:

- Não desejo discutir qualquer diferença racial, considerando que neste caso elas não teriam qualquer importância. Estou me referindo à pré-história dos Terrestres. Os descendentes que conhecemos ficaram isolados por muito tempo e tiveram que se adaptar a um ambiente excepcional - mesmo assim, não os julgaria superficialmente. -Virou-se para o lado de Ennius e continuou: - Meu Senhor, acredito que antes do jantar você mencionou um Terrestre.

- Foi mesmo? Não estou lembrado.

- Um físico chamado Shekt.

- Oh, sim. De fato.

- Trata-se de Affret Shekt?

- Sim, é este seu nome. Você já ouviu falar nele?

- Acredito que sim. Fiquei pensando durante todo este tempo, desde que você o mencionou, e acredito que agora já sei quem é. Ele não trabalha por acaso no Instituto de Pesquisa Nuclear em… Deixe-me ver, como é mesmo o nome daquela esquisita cidade? - Bateu a mão na testa. - Chica, creio eu?

- Exato, então você o identificou. Por quê?

- Trata-se do seguinte. O número de agosto da Revista de Física publicou um artigo assinado por Shekt. Reparei no artigo porque estava à procura de qualquer coisa que tivesse referências à Terra, e artigos assinados por Terrestres são muito raros na imprensa Galáctica… De qualquer forma, o que eu queria dizer, é que o homem afirma ter desenvolvido um instrumento chamado Sinapseador, que parece ter a função de intensificar a capacidade de aprender do sistema nervoso dos mamíferos.

- Você tem certeza? - perguntou Ennius, um pouco ríspido. – Não ouvi nada a este respeito.

- Posso encontrar a referência entre minhas anotações. O artigo é bastante interessante, apesar de eu não ter a pretensão de entender toda a matemática envolvida. Shekt, de qualquer forma, fez o seguinte: submeteu uma espécie de animais nativos da Terra, acho que são chamados ratos, a um tratamento com o Sinapseador e depois mandou que resolvessem um labirinto. Sabe o que eu quero dizer: mandou que encontrassem o caminho certo para chegar a um ponto em que havia alimentos. Ao mesmo tempo, empregou ratos não tratados para controle e descobriu que os ratos sinapsificados conseguiam resolver o problema em menos que uma terça parte do tempo… Você entende o significado, coronel?

O militar que tinha começado a discussão, respondeu distraído:

- Não, doutor, não entendo.

- Neste caso, deixe-me explicar que estou convencido que qualquer cientista capaz de obter tais resultados, mesmo sendo um Terrestre, é intelectualmente meu igual, a dizer pouco, e se você não se importa, está à sua altura.

Ennius interrompeu:

- Desculpe-me, Arvardan. Gostaria de saber mais alguma coisa a respeito do Sinapseador. Você não sabe se Shekt fez alguma tentativa com criaturas humanas?

Arvardan soltou uma gargalhada.

- Duvido, meu Senhor. Parece que entre dez ratos sinapsificados, nove morreram, em qualquer uma de suas experiências. Duvido que Shekt queira fazer tentativas com criaturas humanas até conseguir aperfeiçoar o instrumento.

Ennius voltou a se encolher, com o cenho levemente franzido e a partir daquele

instante parou de comer e de falar até que o jantar terminou.

Antes da meia noite o Procurador se afastou discretamente da reunião e, após uma breve despedida de sua mulher, embarcou em seu cruzador particular. A viagem até Chica demorava duas horas e ele a enfrentou com o cenho levemente franzido e o coração apertado pela angústia.

Deste jeito, na mesma tarde em que Arbin Maren levou Joseph Schwartz para Chica, para que fosse submetido a tratamento com o sinapseador inventado por Shekt, o próprio Shekt conversara durante uma hora com um alto personagem, o Procurador da Terra.

4 - O Caminho Real

Em Chica, Arbin sentia-se desambientado. Tinha a impressão de estar cercado. Em algum ponto de Chica -uma das maiores cidades da Terra e que, diziam, tinha pelo menos cinquenta mil habitantes - havia representantes militares do grande Império.

Na realidade, nunca chegara a vislumbrar um homem da Galáxia, mas aqui, em Chica, virava continuamente o pescoço, temeroso por encontrá-los. Se alguém lhe perguntasse, não poderia explicar de que forma poderia distinguir um Forasteiro de um Terrestre, mesmo que o encontrasse, mas estava intimamente convencido que devia existir uma diferença qualquer.

Entrou no Instituto de pescoço virado, olhando para trás. O carro ficara estacionado num espaço aberto, ostentando um bilhete válido para seis horas. Mas não seria esta uma extravagância suspeita?… Tudo o amedrontava. O ar em sua volta parecia repleto de olhos e de ouvidos.

Esperava que o homem desconhecido ficasse escondido no fundo do compartimento traseiro. Fizera numerosos sinais de aceno - mas como poderia Arbin ter certeza que o homem realmente compreendera?

Teve um surto de impaciência contra si mesmo: por que tinha se deixado convencer por Grew a entrar nesta enrascada? De repente a porta em sua frente se abriu e uma voz sobrepujou seus pensamentos. A voz perguntou:

- O que é que você deseja?

O tom era impaciente, talvez a pergunta estivesse sendo repetida.

Respondeu com a voz rouca, enquanto as palavras se avolumavam em sua garganta com um gosto de poeira seca:

- É este o lugar onde um homem pode se candidatar ao Sinapseador? A recepcionista arregalou os olhos e falou:

- Assine aqui.

Arbin cruzou os braços atrás das costas e repetiu, rouco:

- Quem posso ver a respeito do Sinapseador? - Grew lhe ensinava o nome mas a palavra tinha um som esquisito, de algaravia. A recepcionista falou ríspida:

- Não posso fazer nada, a não ser que você assine seu nome no registro devisitantes. É o regulamento Arbin, sem pronunciar qualquer palavra, virou-se para ir embora. A recepcionista apertou os lábios e pisou a barra de alerta ao lado da cadeira.

Arbin se esforçava desesperadamente para evitar qualquer notoriedade e compreendia que estava fracassando. A moça estava a observá-lo com atenção. Daqui a mil anos ainda se lembraria dele. Sentia uma vontade louca de virar as costas, de correr

para o carro, de voltar para a fazenda…

Uma figura de avental branco saiu rápida do laboratório e a recepcionista apontou para Arbin. - Um voluntário para o Sinapseador, senhorita Shekt – disse a moça. - Recusou-se em dizer seu nome. Arbin levantou os olhos. Mais uma moça, realmente nova. Ficou confuso.

- Moça, é você que cuida da máquina?

- Não, não sou eu. - A moça sorriu. Era um sorriso muito amistoso e Arbin logo sentiu-se menos angustiado. - De qualquer forma, posso levar você a conversar com a pessoa certa - ela continuou. - Você realmente quer se oferecer para as experiências com o Sinapseador?

- Só quero conversar com o homem certo - falou Arbin.

- Está bem. - A moça não parecia se importar com o tom áspero. Entrou pela porta e sem muita demora, reapareceu e fez um sinal com o dedo. Com o coração aos pulos, Arbin a seguiu até uma pequena antessala. A moça explicou com sua voz suave:

- Você pode esperar uma meia hora, ou talvez um pouco menos?… O doutor Shekt falará com você. Neste momento está muito ocupado… se você quiser ver alguns livros para se distrair, posso trazê-los…

Arbin sacudiu a cabeça. As quatro paredes da pequena antessala pareciam cercá-lo, mantendo-o numa posição rígida. Seria uma armadilha? Será que os Anciões viriam para levá-lo?

Foi a mais longa espera na vida de Arbin.

O grande Ennius, Procurador da Terra, não precisou passar por tantas dificuldades para se entrevistar com o doutor Shekt, apesar de sentir quase a mesma excitação. No quarto ano de sua Procuradoria, uma visita a Chica ainda era um acontecimento. Como representante direto do reino do Imperador, seu status social era, legalmente, equiparado ao de vice-reis de vastos setores galácticos que se estendiam cintilando por centenas de parsecs cúbicos do espaço. Na realidade, seu cargo era pouco mais que um desterro.

Obrigado a permanecer no vazio estéril do Himalaia, entre disputas mais estéreis de uma população que o odiava e odiava o Império por ele representado, mesmo uma viagem até Chica era uma diversão.

Por sinal, era uma diversão muito breve. Não podia se demorar, porque em Chica, via-se obrigado a usar constantemente as roupas impregnadas de chumbo, mesmo dormindo, e a mais, era necessário tomar constantemente doses de metabolina. Queixou-se disto durante sua conversa com Shekt.

- A metabolina - disse mostrando uma cápsula vermelha que segurava entre dois dedos - pode ser o verdadeiro símbolo do que seus planos significam para mim, meu amigo. Sua função é de reforçar os processos metabólicos enquanto fico sentado aqui, submerso numa nuvem de radioatividade que não representa qualquer perigo para você. - Engoliu a cápsula. - Pronto! Agora meu coração poderá bater mais depressa, minha

respiração ficará acelerada e meu fígado poderá começar a produzir todas aquelas sínteses químicas que, pelo que me dizem fazem dele o órgão mais importante do corpo humano. Pagarei por tudo isto com muita enxaqueca e uma sensação de fraqueza, mais tarde.

O doutor Shekt ficou ouvindo-o, achando graça. Dava a impressão de ser muito míope, não porque usasse óculos ou porque realmente não enxergasse direito, mas pelo simples fato de observar tudo de perto, por uma questão de hábito. Pelo mesmo motivo sempre avaliava com cuidado as palavras antes de pronunciá-las. Era alto, de meia idade e se mantinha um pouco encurvado.

Conhecia exaustivamente as culturas galácticas, e conseguia se manter razoavelmente isento de hostilidades e suspeitas que contribuíam para que mesmo um homem do Império, tão cosmopolita como Ennius, considerasse os Terrestres criaturas totalmente repelentes. Shekt falou:

-Tenho absoluta certeza que você não precisa daquela cápsula. A metabolina é apenas uma de suas superstições e você o sabe. Se eu substituísse as cápsulas com pílulas feitas de açúcar, sem que você percebesse, você não se prejudicaria, mas por incrível que pareça, conseguiria ter os mesmos sintomas psicossomáticos com enxaqueca e tudo o mais.

- Você fala assim porque se sente bem em seu próprio ambiente. Não pode negar que seu metabolismo basal é muito mais alto que o meu, não é mesmo?

- É claro que sim, mas o que isto prova? Sei muito bem, Ennius, que nos mundos do Império existe a superstição que nós, homens da Terra, somos diferentes das outras criaturas humanas, mas isto não corresponde à verdade, pelo menos nos pontos essenciais. Ou será que você veio como missionário dos anti-Terrestres?

Ennius gemeu.

- Pela vida do Imperador, seus colegas Terrestres são os melhores missionários desta causa. Vivendo aqui da maneira em que vivem, apinhados neste planeta mortal, alimentados pela sua própria raiva, eles só representam uma úlcera crônica dentro da Galáxia. Estou falando sério, Shekt. Que outro planeta tem tamanha quantidade de rituais em sua vida cotidiana e se agarra a eles com fúria masoquista? Não passa dia que não receba delegações de um ou outro governante deste planeta, pedindo a pena de morte para um ou outro coitado cujo único crime foi de invadir uma área proibida, de evadir a lei dos Sessenta ou talvez de comer mais do que era permitido.

- Ah, mas você nunca nega esta pena de morte. Seu enfado idealista parece não ser suficientemente forte para negá-la.

- Chamo as Estrelas por testemunhas que faço o possível para negar permissão. Mas o que posso fazer? O Imperador mandou que todas as subdivisões do Império mantenham todos os seus costumes locais, e acho que é uma medida certa e justa, porque evita que o povo apóie os loucos que estão sempre prontos a desencadear revoluções nas terças e quintas feiras alternadas. A mais, se eu teimasse em negar todas as vezes que seus Conselhos, seus Senados e suas Câmaras insistem pela condenação à morte, surgiria uma

tamanha algazarra, acompanhada por uivos e por acusações contra o Império e todos os seus feitos, que, confesso, preferiria dormir no meio de uma legião de demônios por vinte anos que me defrontar com uma situação assim na Terra, durante apenas dez minutos.

Shekt suspirou e alisou os ralos cabelos, assentando-os sobre a cabeça.

- Para todo o resto da Galáxia, se eles mesmos sabem que existimos, a Terra nada mais é do que uma pedrinha no céu. Para nós, é o nosso lar, nossa única pátria. Entretanto não somos diferentes de vocês, nos mundos externos, só somos mais infelizes. Realmente nos apinhamos aqui, num mundo quase morto, aprisionados e submersos pela radiação que nos cerca, circundados por uma Galáxia imensa que nos rejeita. O que podemos fazer contra a frustração que arde em nossos corações? Você, procurador, estaria disposto a permitir que mandássemos nossos excedentes populacionais para algum outro planeta?

Ennius encolheu os ombros.

- Você pensa que eu me importaria? Quem se importa são os povos dos mundos externos. Eles não querem ser vitimados por doenças terrestres.

- Doenças terrestres! -Shekt franziu o cenho. - Esta é uma superstição que deveria ser erradicada. Não somos portadores de mortes. Por acaso você morreu por viver em nosso meio?

- Para lhe dizer toda a verdade -. retrucou Ennius com um sorriso - faço o possível para evitar qualquer contato supérfluo.

- Isto acontece porque você também já se deixou convencer pela propaganda criada pela estupidez de seus fanáticos.

- Diga-me, Shekt, a teoria que todos os Terrestres são radioativos não repousa sobre bases científicas?

- Sim, claro, eles são radioativos. Como poderiam não ser? E você também é. E também são radioativos os mais de cem milhões de planetas do Império. Admito que somos um pouco mais radioativos que os outros, mas a diferença não pode prejudicar ninguém. Entretanto, receio que a média dos homens na Galáxia acredita o contrário, e não deseja perder suas convicções fazendo experiências. A mais…

- A mais, você quer dizer que somos diferentes. Não somos criaturas humanas porque nossas mutações, devido à radiação atômica, são mais rápidas, e por isso mudamos de muitas maneiras… Mas isto também não foi comprovado.

- Mas acreditam que assim seja.

- E enquanto acreditem, Procurador, e enquanto nós os Terrestres, formos tratados como marginais, você poderá encontrar em nós todas as características que mais lhe desagradam. Se você nos pressionar de maneira intolerável, acharia surpreendente que também façamos pressão? Se vocês nos odeiam como nos odeiam, será que podem se queixar se também os odiamos? Não, acredite: mais do que ofender, somos ofendidos.

Ennius lastimava ter provocado tanta amargura. Mesmo os melhores Terrestres, pensou, têm os mesmos pontos fracos, os mesmo sentimentos da Terra contra todo o resto

do Universo. Falou com muita delicadeza:

- Shekt, perdoe minha grosseria, por favor, justifique-a considerando minha pouca idade e meu tédio. Aqui em sua frente está um coitado, um jovem de apenas quarenta anos e em minha carreira, quarenta anos são realmente o mínimo requerido - um homem que deve passar seu período de aprendizado aqui na Terra. Podem passar muitos anos antes que os tolos do Birô das Províncias Externas se lembrem de mim por um lapso de tempo suficiente e me promovam, mandando-me para qualquer outro lugar menos letal. Significa que ambos somos prisioneiros da Terra e cidadãos do mundo maior, onde não existe distinção física ou planetária. Dê-me sua mão e deixe que continuemos amigos.

As rugas que contraíam o rosto de Shekt desapareceram, ou melhor, foram substituídas por outras que indicavam bom humor. Soltou uma gargalhada.

- Suas palavras parecem de súplica, mas o tom ainda é do Imperial diplomata de carreira, procurador. Você é um péssimo ator.

- Neste caso, seja você um bom tutor e explique-me como funciona seu

Sinapseador. Shekt estremeceu visivelmente e seu bom humor desapareceu.

- Você realmente ouviu falar no instrumento? Então, além de administrador você também é físico?

- Minha obrigação é estar informado a respeito de tudo. Shekt, vamos conversar seriamente. Realmente gostaria de saber alguma coisa a respeito.

O físico ficou a observá-lo atentamente, como se estivesse indeciso. Levantou-se e ergueu uma mão ossuda, puxando os lábios.

- Eu quase não sei por onde começar.

- Pelas estrelas do céu! Se você por acaso está pensando a que ponto da teoria matemática terá que começar suas explicações, vou simplificar o problema. Deixe de lado qualquer teoria matemática. Não entendo nada de funções e tensores e assim por diante.

Os olhos de Shekt brilharam.

-Neste caso, vou me limitar a uma descrição superficial: trata-se de um instrumento cujo propósito é o de aumentar nas criaturas humanas a capacidade de aprender.

- Você disse, nas criaturas humanas? É mesmo? E funciona?

- Também gostaria de ter certeza. Para tanto, vou precisar trabalhar muito mais. Vou lhe explicar os pontos essenciais, procurador, para que possa chegar a uma conclusão pessoal. O sistema nervoso dos humanos - e dos animais - é composto de material neuro-proteico. Este material consiste de grandes moléculas com um precário equilíbrio elétrico. O menor estímulo pode desequilibrar uma molécula, que para recuperar seu equilíbrio, desequilibrará a próxima, e este processo se repete até alcançar o cérebro. O próprio cérebro é um imenso agrupamento de moléculas similares, interligadas de todas as maneiras possíveis. Considerando que o número destas neuro-proteinas do cérebro equivale a dez à vigésima potência - que seria um dez, seguido por vinte zeros - o número

das combinações possíveis é quase impossível de calcular. O número é a tal ponto imenso, que se todos os elétrons e os prótons do universo se transformassem eles mesmos em universos, e se todos os prótons e elétrons destes novos universos também se transformassem em outros universos, todos os prótons e elétrons de todos estes universos ainda seriam pouca coisa em comparação… Você está seguindo meu raciocínio?

- Graças às Estrelas, não entendi nada. Acho que se eu tentasse entender, acabaria latindo como um cachorro, por causa da dor que isto provocaria em meu intelecto.

- Hum. Bom, de qualquer forma, o que chamamos de impulsos nervosos, são apenas o resultado do progressivo desequilíbrio eletrônico que avança pelo nervo até alcançar o cérebro e depois do cérebro volta a progredir pelos nervos. Isto está claro?

- Sim.

- Neste caso, seja abençoado por ser um gênio. Enquanto este impulso continua numa célula nervosa, seu progresso é rápido, porque as neuro-proteinas estão praticamente em contato. Todavia, a extensão de uma célula nervosa é limitada, e entre uma e a outra célula nervosa existe uma divisão muito fina de tecido não-nervoso. Isto significa que duas células nervosas não se encontram em contato direto.

- Entendi - falou Ennius. - Isto significa que o impulso nervoso precisa pular a barreira.

- Isto mesmo! A divisão diminui a força do impulso e reduz a velocidade da transmissão, à razão do quadrado de sua espessura. A mesma regra vale para o cérebro. Agora, imagine o que aconteceria se pudéssemos encontrar um meio qualquer para diminuir a constante dielétrica desta divisão entre uma e a outra célula.

- Que constante é esta?

- A capacidade de isolamento da divisão, foi isto que eu quis dizer. Se conseguíssemos reduzi-la, o impulso poderia superar a interrupção com maior facilidade. Você poderia pensar e aprender muito mais depressa.

- Neste caso, deixe-me repetir minha primeira pergunta. Isto funciona?

- Já experimentei o instrumento com animais.

- Com que resultado?

- Bom… a maioria dos animais morre sem muita demora por causa da desnaturação da proteína cerebral - em outras palavras, uma coagulação como a que se verifica em ovos cozidos.

Ennius soltou uma espécie de grunhido.

- A ciência requer uma frieza e uma crueldade indescritíveis. O que aconteceu com os animais que não morreram?

- Os resultados não podem ser considerados conclusivos, pois não se trata de criaturas humanas. Pela aparência, todos os indícios parecem favorecê-los… Preciso, porém, de criaturas humanas. Veja, é uma questão de propriedades eletrônicas naturais do

cérebro individual. Todo cérebro produz micro-correntes de um certo tipo. Nenhum tipo pode ser exatamente igual a um outro. É como nas impressões digitais, ou a rede de vasos sanguíneos da retina. Aliás, acho que podemos considerá-las até mais individuais. Acredito que o tratamento terá que ser feito considerando isto, e se estiver certo, não teremos mais desnaturação… Mas não disponho de criaturas humanas para uma experiência. Já pedi voluntários, mas… – Gesticulou com as mãos abertas.

- Realmente não posso censurá-los, meu amigo - observou Ennius. - Mas, falando sério… Caso você consiga aperfeiçoar o instrumento, qual será sua finalidade?

O físico encolheu os ombros.

- Isto não depende de mim. Suponho que a decisão ficará a cargo do Grande Conselho.

- Você não estaria inclinado a colocar este instrumento à disposição de todo o Império?

- Não vejo por que não deveria fazê-lo, mas só o Grande Conselho tem a autoridade para decidir…

- Seu Grande Conselho que vá para o diabo - exclamou Ennius, impaciente.

- Já tive que tratar com o Grande Conselho em outra oportunidade. Você estaria disposto a falar com eles numa ocasião apropriada?

- Por que? Que peso poderiam ter minhas palavras?

- Você poderia explicar ao seu Grande Conselho que se a Terra conseguisse produzir um Sinapseador que pudesse ser usado em criaturas humanas com o máximo de segurança, e se este Sinapseador fosse colocado ao alcance do resto do Império, algumas restrições que limitam a emigração para outros planetas poderiam ser eliminadas.

- O quê? - perguntou Shekt, sarcástico. - Quer dizer que vocês estariam dispostos a enfrentar o risco das epidemias, de todas as nossas diferenças e de nossa não-humanidade?

- Existe até a possibilidade - falou Ennius em voz baixa - de uma remoção em massa para um outro planeta. Pense nisto.

Neste ponto a porta se abriu e uma moça entrou. Sua presença aliviou um pouco a atmosfera do escritório, trazendo um sopro de primavera. Quando a moça percebeu um homem estranho, enrubesceu e esboçou um movimento para se retirar.

- Entre, Pola, e fique - falou Shekt com uma certa urgência. Olhou para Ennius: - Meu Senhor, acredito que ainda não conhece minha filha. Pola, este é o Senhor Ennius, Procurador da Terra.

O Procurador se levantou tão rápido e com tamanha cortesia que Pola não teve tempo de esboçar uma mesura.

- Querida senhorita Shekt - falou - nunca imaginei que a Terra fosse capaz de produzir adornos iguais a você. Por sinal, você seria um adorno em qualquer mundo imaginável.

Tomou a mão de Pola, quando ela a estendeu um pouco timidamente. Por um instante, pareceu que Ennius ia beijá-la à moda antiga, mas se esta era sua intenção, não chegou a completar o gesto. Largou a mão a meia altura de uma forma talvez um pouco apressada.

Pola franziu levemente as sobrancelhas e falou:

- Meu Senhor, estou confusa por tanta amabilidade, pois sou apenas uma simples moça da Terra. Acho você muito corajoso por se arriscar em nosso meio infecto.

Shekt pigarreou e se intrometeu.

- Procurador, minha filha está terminando seus estudos na Universidade de Chica, e trabalha aqui dois dias em cada semana como técnica para conseguir alguns créditos de trabalho de campo, necessários para seu diploma. É uma moça muito competente, e apesar de estar falando impulsionado pelo orgulho paterno, realmente acredito que qualquer dia poderá tomar meu lugar.

- Pai - disse Pola - vim para lhe dar uma informação importante.

- Quer que eu saia? - perguntou Ennius.

- Não, de jeito nenhum - declarou Shekt. - O que é, Pola?

A moça anunciou:

- Temos um voluntário, pai.

Shekt ficou a observá-la, estupefato.

- Você quer dizer, para o Sinapseador?

- Foi isto que ele disse.

- Pois é - observou Ennius. - Pelo jeito, eu lhe trouxe sorte.

- Parece que sim. - Shekt falou com sua filha:

- Diga-lhe para esperar. Leve-o para a sala e explique que irei em seguida. Quando Pola saiu, Shekt olhou para o Procurador:

- Você me dá licença?

- Sim, é claro.

- Quanto tempo leva a aplicação?

- Receio que dura muito. Algumas horas. Você deseja assistir?

- Não posso imaginar nada que me repugne mais. Amigo Shekt, ficarei na Residência Estadual até amanhã. Quer me comunicar o resultado? Shekt pareceu aliviado.

- Sem dúvida.

- Ótimo… E pense no que eu disse a respeito do Sinapseador. Pode se tornar seu novo caminho real para o conhecimento.

Ennius foi embora, sentindo-se menos a vontade que quando chegara, não tinha

aprendido muito, mas em compensação seus temores estavam aumentando.

5 -Um Voluntário Involuntário

Quando o doutor Shekt ficou sozinho, apertou um botão de chamada. Uma jovem técnica, com seu avental branco e os longos cabelos castanhos amarrados, entrou rápida. O doutor Shekt perguntou:

- Pola já lhe disse…

- Sim, doutor Shekt. Fiquei a observá-lo através da visichapa e tenho a impressão que realmente trata-se de um voluntário espontâneo. Não é igual àqueles indivíduos que chegam aqui na forma costumeira.

- Você acha que deveria avisar o Conselho?

- Não sei o que dizer. O Conselho não aprovaria se a comunicação fosse feita de maneira normal. Você sabe que todas as ondas podem ser interceptadas.

- Continuou com uma certa urgência: -Que tal, se eu me livrar dele? Posso explicar que só aceitamos homens com menos de trinta anos. O homem já deve passar dos trinta e cinco.

- Não, não. Acho melhor vê-lo pessoalmente. -A mente de Shekt raciocinava friamente. Até este ponto, tinha conseguido cuidar de tudo de maneira prudente. Só dera informações suficientes para dar uma aparência de franqueza, e nada mais. Agora surgiu um voluntário -e logo depois da visita de Ennius. Haveria uma relação qualquer? Shekt só possuía uma ideia muito vaga das forças gigantescas e obscuras que estavam começando a se agitar sobre a face da Terra. Por outro lado, sabia o suficiente. Bastava para saber que estava à mercê deles, e sabia muito mais do que os Anciões suspeitavam.

Todavia, o que poderia fazer, considerando que sua vida estava duplamente ameaçada?

Dez minutos mais tarde o doutor Shekt, ainda sem saber o que fazer e o fazendeiro ossudo que se encontrava em sua frente, de chapéu na mão e meio virado para um lado, como para evitar um exame mais apurado. Shekt logo pensou que não parecia ainda ter atingido os quarenta anos, mas que a dura vida dos campos não ajudava em manter uma aparência juvenil. Percebia-se que debaixo da pátina bronzeada pelo sol, as faces do homem eram coradas e sua testa e têmporas brilhavam pelo suor, apesar da temperatura fresca da saleta. Os dedos se mexiam sem parar.

- Então, meu rapaz -começou Shekt em tom amável. - Fui informado que você não quis dar seu nome. Arbin era mesmo muito teimoso.

- Soube que nenhuma pergunta seria feita a um voluntário.

- Hum. Está bem, mas será que você gostaria de dizer uma coisa qualquer? Ou você simplesmente pretende se submeter ao tratamento sem dizer qualquer coisa?

- Eu? Aqui e agora? - Estava em pânico. - O voluntário é outra pessoa, não sou eu. Nunca disse nada neste sentido.

- Não? Quer dizer que o voluntário é uma outra pessoa?

- Sim, sim. Por que eu deveria me…

- Compreendo. E este voluntário, este outro homem, veio com você?

- De uma certa forma - respondeu Arbin, cauteloso.

- Está bem. Agora, pode nos dizer o que deseja. Qualquer coisa que você diga será mantida em sigilo absoluto e vamos ajudá-lo de todas as maneiras possíveis. Entendeu?

O fazendeiro acenou bruscamente com a cabeça, em sinal de respeito.

- Obrigado. As coisas estão assim, senhor. Na fazenda, temos um homem… hum….um parente afastado, entende? Ele nos ajuda… Arbin engoliu com dificuldade e Shekt assentiu, sério. Arbin continuou:

- Ele é um… ele trabalha com alento, trabalha muito bem - sabe, tínhamos um filho, mas faleceu… e minha mulher e eu, nós precisamos de ajuda… ela não é muito forte… não poderíamos dispensar a ajuda deste homem. - Arbin achava que toda aquela história era muito confusa e não convenceria ninguém. Mas o cientista alto e magro voltou a assentir.

- E você deseja que este seu parente se submeta ao tratamento?

- Pois é, pensei já ter explicado isto… perdoe se me expresso mal e se sou tão demorado em… Veja, senhor, o coitado… ele não raciocina direito. – Apressou-se a retificar: -Entenda, ele não está doente. Não é débil, não precisa ser… eliminado. Mas ele custa a entender. Ele nem fala.

- Ele não sabe falar? - Shekt parecia estupefato.

- Ele sabe, ele sabe! Acontece que ele não gosta de falar. Ele não fala muito bem. O físico parecia em dúvida.

- Você quer que o Sinapseador melhore suas capacidades, não é mesmo? Arbin assentiu vagarosamente.

- Se ele conseguisse raciocinar mais depressa, senhor, poderia até fazer uma parte do trabalho de minha mulher, entende?

- Ele poderia morrer. Existe este risco.

Arbin ficou olhando-o sem falar, entrelaçando os dedos com gestos espasmódicos. Shekt acrescentou:

- Vou precisar… ele precisa consentir.

O fazendeiro sacudiu a cabeça com expressão de teimosia.

- Ele não entenderá. - Sussurrou apressadamente - Escute, tenho certeza que o senhor poderá compreender. Não me parece um homem que não sabe como a vida pode

ser dura. Este homem está envelhecendo. Ainda não é questão dos Sessenta, entenda bem, mas o que poderia acontecer se no próximo Recenseamento alguém pensar que ele é um débil mental… eles o levariam, não é mesmo? Não queremos perdê-lo. Foi por isto que eu o trouxe até aqui. Estou fazendo todo este mistério porque… porque… -Arbin virou os olhos ao redor, observando as paredes, como a querer descobrir se atrás delas outras pessoas estivessem na escuta. - Estava pensando que talvez os Anciões não aprovariam o que eu pretendo fazer. Poderiam julgar que a tentativa de salvar um homem assim aflito é contra os Costumes, mas a vida é dura, muito dura… Por outro lado, o senhor precisa de voluntários, não é mesmo? Já pediu voluntários, não é?

- Sim, eu sei. Onde está este seu parente?

Arbin não quis deixar escapar esta oportunidade.

- Lá fora, em meu carro, se ninguém o encontrou até agora. Se alguém o encontrasse, ele seria incapaz de enfrentar a situação…

- Está bem, espero que nada tenha acontecido. Você e eu vamos sair juntos, agora mesmo, e vamos trazer o carro para a garagem subterrânea. Vou cuidar que ninguém saiba nada a respeito, a não ser eu e meus auxiliares. Também posso lhe assegurar que não vai ter dificuldades com a Irmandade.

Colocou um braço nos ombros do fazendeiro, que sorriu espasmodicamente. Arbin teve a impressão que a corda que estava apertando seu pescoço começava a se soltar.

Shekt observou o personagem gorducho e careca deitado sobre o sofá. A respiração do paciente era profunda e regular. O homem estava inconsciente. Falara algumas palavras incompreensíveis, sem entender nada. Entretanto Shekt não constatara nenhum sinal físico de debilidade mental. Por ser velho, o homem tinha reflexos normais.

- Velho! Hum!

Olhou para Arbin, que observava tudo sem desviar o olhar.

- Você não gostaria que fizéssemos uma análise óssea?

- Não! - gritou Arbin. Acrescentou com mais calma: -Não quero nada que possa levar a uma identificação.

- Uma análise poderia nos ajudar -o tratamento poderia ser menos perigoso, se… se soubéssemos sua idade - explicou Shekt.

- Tem cinquenta anos - retrucou Arbin, seco.

O físico encolheu os ombros. A coisa não era importante. Voltou a observar o homem adormecido. Quando de sua chegada, o indivíduo parecia abatido, distante, indiferente. Aparentemente até as hipno-pílulas não chegaram a despertar suspeita. Ao ver que lhe ofereciam as pílulas, o homem só respondera com um breve sorriso assustado, engolindo as pílulas a seguir.

Um técnico já estava trazendo as últimas e um pouco desajeitadas unidades que,

quando ligadas, compunham o Sinapseador. O vidro polarizado das janelas sofreu um rearranjo molecular quando alguém apertou um botão, tornando-se opaco. Agora a única luz da sala vinha de uma poderosa lâmpada que brilhava logo acima do paciente, o qual ficava suspenso no campo dia¬magnético de muitas centenas de quilowatts, cinco centímetros acima da mesa cirúrgica.

Arbin ficou sentado na escuridão, sem entender o que estava acontecendo, mas decidido a impedir, com a sua presença, a aplicação de truques prejudiciais que, afinal, sabia ser totalmente incapaz de impedir.

Os físicos não lhe prestavam qualquer atenção. Estavam ajeitando os elétrodos na cabeça do paciente. Era um trabalho demorado. Em primeiro lugar, era necessário um estudo aprofundado da formação craniana pela técnica de Ulíster, que revelava as fendas tortuosas e estreitamente fechadas. Shekt estirou os lábios. As fendas cranianas não podiam ser consideradas absolutamente indicativas da idade, mas neste caso podiam servir. Este homem sem dúvida era mais velho que os cinquenta anos declarados.

Parou de sorrir. Franziu a testa. Alguma coisa não parecia certa. As fendas… eram esquisitas… diferentes…

Por um instante ficou prestes a jurar que tratava-se de uma formação craniana primitiva - mas por outro lado… Afinal, o homem tinha uma mentalidade sub-normal, e então… De repente, exclamou:

- Eu não tinha percebido! Este homem tem o rosto coberto de pelos! - Seus olhos procuraram Arbin. - Ele sempre foi barbado?

- Barbado?

- Com pelos no rosto! Venha cá! Está vendo isto?

- Sim, senhor. - Lembrou-se que reparara nos pelos naquela mesma manhã, mas tinha se esquecido do assunto. - Ele já nasceu assim - afirmou, mas logo estragou o efeito, acrescentando: - Pelo menos, eu acho.

- Então, vamos remover estes pelos. Você não quer que ele ande assim, parecendo um animal, não é?

- Não, senhor.

Um técnico, com mãos cobertas por luvas, aplicou uma pomada que retirou todos os pelos com a maior facilidade. O técnico observou:

- Doutor Shekt, este homem tem também o peito coberto de pelos.

- Pela Galáxia, deixe-me ver - falou Shekt. - Este homem parece um tapete. Mas pode deixar, estes pelos podem ficar ocultos debaixo da camisa e não quero perder tempo. Vamos continuar com os eletrodos. Coloquem os fios aqui, aqui e aqui. - Minúsculas picadas acompanharam a penetração das finas agulhas de platina. - E mais aqui e aqui.

Uma dúzia de pontos de ligação, penetrando pelo couro cabeludo até as fendas, e através delas, apesar de estreitamente fechadas, podiam ser percebidos os vagos ecos das

micro-correntes que passam de uma célula à outra do cérebro.

Observaram cuidadosamente os movimentos dos delicados amperímetros, estremecendo e pulando enquanto faziam e cortavam as ligações. As minúsculas agulhas traçavam linhas irregulares sobre tiras de papel, desenhando pontas e vales.

Os encefalogramas foram removidos e colocados sobre a chapa de vidro, opaca e iluminada. As cabeças se aproximaram, murmurando.

Arbin só ouvia trechos sem nexo:… - parece muito regular… observe a altura da ponta quinternária… acho que precisaríamos de uma análise… a primeira vista, parece claro que…

Seguiu-se um período de demorados e enfadonhos ajustes com os controles do Sinapseador. Viravam botões, observavam indicadores, marcavam os resultados. Examinaram repetidamente todos os eletrômetros e voltaram a fazer outras correções. Finalmente Shekt sorriu para Arbin e falou:

- Tudo isto vai terminar em poucos minutos.

Empurraram todo o conjunto de máquinas que começou a deslizar em direção à mesa como um monstro esfomeado. Quatro fios foram puxados e amarrados às extremidades de mãos e pés e uma chapa preta que parecia de borracha fosca foi colocada atrás da nuca e apoiada aos ombros com presilhas. Finalmente os eletrodos opostos que pareciam duas gigantescas mandíbulas, foram separados e abaixados acima da cabeça pálida e gorducha, de maneira que cada um apontava para uma das têmporas.

Shekt fitava o cronômetro. Sua mão segurava o comutador. Seu polegar se mexeu. Não aconteceu nada que pudesse ser visto, nem mesmo por Arbin, cujos sentidos se encontravam aguçados pelo medo. Passou um lapso de tempo que pareceu de horas, mas que de fato era de apenas três minutos. O polegar de Shekt se mexeu mais uma vez.

Seu assistente se inclinou rápido sobre Schwartz, que ainda dormia. A seguir, ergueu os olhos com expressão de triunfo:

- Está vivo.

Durante as horas seguintes foram feitas medições e gravações, enquanto o ambiente se tornava mais e mais excitado. Já passava da meia noite quando finalmente aplicaram mais uma injeção em Schwartz e suas pálpebras começaram a tremer.

Shekt se afastou. Estava pálido, mas feliz. Passou as costas da mão sobre a testa e falou:

- Está tudo em ordem. - Virou-se em direção de Arbin e declarou: -Ele

precisa ficar conosco durante alguns dias. Arbin se mostrou alarmadíssimo:

- Mas… mas…

- Não, não, você precisa confiar em mim - insistiu Shekt. -Aqui, ficará a salvo. Estou pronto a apostar minha própria vida. Aliás, estou arriscando minha vida. Deixe-o conosco, ninguém saberá que está aqui, só nós mesmos. Se você o levar agora, poderia

morrer. Qual seria sua vantagem?… Afinal, se ele morrer, você terá que explicar sua morte perante os Anciões.

A argumentação surtiu o efeito desejado. Arbin engoliu e perguntou:

- Desculpe, mas como vou saber quando terei que voltar para buscá-lo? Eu não quero lhe dizer meu nome! Mas parecia convencido. Shekt disse:

- Não quero saber seu nome. Pode voltar daqui a uma semana, às dez horas da noite. Vou esperá-lo ao lado da entrada da garagem, a mesma pela qual você passou hoje com seu carro. Pode confiar em mim, homem. Você não tem nada a temer.

Quando Arbin saiu de Chica, era noite. Tinham se passado vinte e quatro horas desde o instante em que o estranho batera em sua porta, e nestas vinte e quatro horas os Crimes de Arbin contra os Costumes só tinham aumentado. Poderia algum dia se sentir em segurança?

Não conseguia evitar olhar para trás enquanto seu carro devorava a distância em alta velocidade. Será que alguém o estaria seguindo? Será que poderiam descobrir onde morava? Será que poderiam ter registrado seu semblante? Será que já estavam procurando sua identidade nos arquivos da Irmandade, na longínqua Washenfl, onde se guardavam todas as estatísticas dos Terrestres, para que ninguém escapasse à lei dos Sessenta?

Esta lei dos Sessenta, à qual todos os Terrestres precisariam se submeter algum dia. Faltavam ainda vinte e cinco anos antes que a lei o agarrasse, mas convivia com ela todos os dias por causa de Grew, e agora também por causa do estranho.

E se nunca mais voltasse para Chica? Não! Ele e Loa não podiam mais continuar a produzir a quota de três pessoas, se não conseguissem alcançá-la, isto levaria à descoberta do primeiro crime, o fato de ocultarem Grew. Por isso quando se cometia um crime contra os Costumes, logo era necessário cometer outro.

Arbin sabia que voltaria a Chica no dia certo, apesar de todos os riscos envolvidos.

Quando Shekt concordou em se retirar, já era muito tarde e só concordou por causa da insistência de Pola. Entretanto, não conseguiu pegar no sono. Seu travesseiro parecia querer sufocá-lo, os lençóis se enrolavam em suas pernas. Levantou-Se, foi se sentar perto da janela. A cidade estava às escuras, mas perto do horizonte, em direção oposta ao lago, via-se aquele brilho azulado e mortal que predominava em toda a superfície da Terra, com exceção de poucas e limitadas regiões.

Reviveu mentalmente todas as atividades daquele dia. Logo depois de convencer o fazendeiro assustado a voltar para casa, tinha entrado em comunicação televisiva com a Residência Estadual. Ennius devia estar esperando, porque atendeu pessoalmente. Ainda usava as pesadas roupas impregnadas de chumbo.

- Ah, Shekt. Boa noite. Sua experiência já terminou?

- Sim, e meu voluntário também quase se foi, o coitado.

Ennius parecia enjoado:

- Fiz bem em não ficar para assistir. Tenho a impressão que vocês, os cientistas, são quase uns assassinos.

- Ele ainda não morreu, procurador, e é possível que consigamos salvá-lo, mas… - Encolheu os ombros.

-Se quiser minha opinião, Shekt, acho melhor você continuar suas experiências com ratos… Mas escute, meu amigo, você parece também afetado pela experiência. Sua aparência é diferente. Pensava que você estaria acostumado a estas coisas.

- Estou envelhecendo, meu Senhor - falou Shekt com simplicidade.

- Na Terra, este é um passatempo perigoso - respondeu Ennius, seco. - Vá descansar, Shekt.

Mas Shekt estava sentado ao lado da janela, observando a cidade adormecida num mundo agonizante. Há dois anos, o Sinapseador se encontrava em fase experimental e por dois anos Shekt tivera que se submeter aos caprichos da Sociedade dos Anciões, que também era chamada a irmandade.

Sete ou oito ensaios que poderiam ter sido publicados pelo Jornal Siriano de neurofisiologia, conferindo-lhe aquela reputação de amplitude galáctica que tanto almejava, estavam embolorando na gaveta de sua escrivaninha, só tivera permissão de fazer publicar aquele artigo obscuro e evasivo na Revista de Física. A Irmandade agia desta forma. Preferia uma meia verdade a uma mentira.

Mesmo assim, Ennius o estava sondando. Por quê?

Isto poderia ter alguma relação com os boatos que estavam circulando? Era possível que no Império já suspeitassem o que ele mesmo suspeitava?

Nos últimos duzentos anos a Terra tinha se rebelado três vezes. Três vezes, em nome de suas chamadas antigas glórias, a Terra investira contra os quartéis das forças Imperiais. Foram três fracassos - como aliás era de se esperar - e se o Império não fosse tão esclarecido, e se os Conselhos Galácticos não soubessem governar, a terra teria acabado num banho de sangue, eliminada para sempre do rol dos planetas habitados.

Talvez agora as coisas poderiam ser diferentes.-. poderiam? Até que ponto seria possível confiar nas palavras de um louco agonizante, quase completamente incoerente?

Mas, que valia se preocupar? Em qualquer caso, não ousaria tomar uma iniciativa. Só podia ficar a esperar. Estava envelhecendo e, como Ennius comentava ainda há pouco, na Terra envelhecer era um passatempo perigoso. Estava para alcançar os Sessenta, e só em casos excepcionais e muito raros, era possível escapar ao destino de todos.

E ele desejava viver - mesmo aqui, na Terra, sobre esta bola de lama, miserável e radioativa. Queria viver.

Voltou para a cama e um instante antes de pegar no sono se perguntou se sua comunicação com Ennius teria sido interceptada por ordem dos Anciões. Shekt ainda não sabia que os Anciões possuíam outras fontes de informação.

O jovem técnico, auxiliar de Shekt, levou algum tempo para se decidir. Levou até a manhã seguinte.

Admirava Shekt, mas sabia que o tratamento secreto de um voluntário não autorizado infringia as ordens explícitas da Irmandade. Estas ordens recebiam o mesmo valor de Costumes, e infringi-las significava enfrentar a pena capital.

Procurou racionalizar. Afinal, quem era este homem que fora submetido ao tratamento? A campanha para o aliciamento de voluntários fora preparada com muito cuidado. Destinava-se a não despertar as suspeitas de possíveis espiões Imperiais sobre o Sinapseador, e ao mesmo tempo não oferecia qualquer vantagem aos eventuais voluntários. A Sociedade dos Anciões mandava indivíduos que desejava ver tratados e isto era o suficiente.

Neste caso, quem era o homem tratado? Alguém que a Sociedade mandara secretamente? Talvez para testar até que ponto poderia confiar em Shekt?

Ou talvez… - seria possível que Shekt fosse um traidor? Antes da chegada do homem, Shekt ficara conversando com alguém - alguém metido em trajes volumosos, os trajes que os Forasteiros usavam por causa do medo de uma contaminação radioativa.

Em ambos os casos, Shekt poderia cair em desgraça. Nesta eventualidade, por que ele mesmo também deveria se deixar arrastar? Ainda era muito moço -com quase quarenta anos de vida antes de alcançar os Sessenta. Por que deveria antecipar a morte?

Além do mais, poderia conseguir uma promoção… e Shekt era muito velho. Seria provavelmente ceifado pelo próximo Recenseamento, e para ele não seria um grande prejuízo. Praticamente, não haveria prejuízo nenhum.

O técnico tomou sua decisão. Estendeu a mão até o comunicador e tocou as teclas do código que proporcionava uma ligação direta com a sala do Ministro Supremo da Terra que, em nome do Imperador e do Procurador, estava investido dos poderes que lhe permitiam decretar a vida ou a morte de qualquer pessoa do Planeta.

Quando as vagas impressões que flutuavam no interior do crânio de Schwartz começaram a se definir através de uma cor rosada, já estava escurecendo mais uma vez. Lembrou-se da viagem até os prédios baixos à beira do lago e da longa espera, encolhido dentro do carro.

E depois - o que acontecerá depois? O que? Sua mente tentava acelerar os pensamentos vagarosos… Sim, tinham chegado para levá-lo. A seguir, uma sala, com instrumentos e medidores, e duas pílulas… Isto mesmo, alguém lhe dera duas pílulas. Engolira as pílulas com uma certa alegria. O que mais poderia perder? Se eram de veneno, seria um favor.

A seguir… mais nada.

Espere um minuto! Sim, rasgos de lucidez… gente se aproximando, se inclinando… Lembrou-se do toque frio de um estetoscópio em seu peito… de uma moça que o alimentava…

De repente, compreendeu que tinha passado por uma cirurgia. Horrorizado, afastou os lençóis e se sentou.

Uma moça se aproximou e colocou as mãos em seus ombros, empurrando-o contra os travesseiros. Falava suavemente para acalmá-lo, mas Schwartz não conseguia entendê-la. Tentou resistir, os braços da moça eram finos, mas não adiantou. Estava sem forças.

Ergueu as mãos, aproximando-as do rosto. Pareciam normais. Mexeu as pernas e ouviu o farfalhar dos lençóis. As pernas também estavam em perfeitas condições. Ninguém as amputara. Olhou para a moça, sem muitas esperanças.

- Você pode me compreender? Você sabe onde me encontro? - Quase não reconheceu sua própria voz.

A moça sorriu e começou a falar depressa, uma sequela de sons musicais mas incompreensíveis. Schwartz gemeu. Então entrou um homem idoso. Era o mesmo das pílulas. O homem e a moça conversaram. A moça apontou para seus lábios e fez alguns gestos de encorajamento.

- O quê? - perguntou Schwartz.

Ela assentiu, sorrindo, e seu rosto bonito mostrava tamanho prazer que Schwartz, mesmo contra sua vontade, começou a se sentir melhor só por observá-lo.

- Você quer que eu fale? - perguntou.

O homem sentou-se na beirada da cama e acenou para que abrisse a boca. Falou: - A-a-a-ah -e a Schwartz repetiu, A-a-a-ah, enquanto o homem massageava seu pomo de Adão.

- O que é que há? - perguntou Schwartz meio sem jeito, quando o homem afastou as mãos. -Será que você está surpreso por me ouvir falar? O que é que você pensa que eu sou?

Os dias passaram e Schwartz aprendeu algumas coisas. O homem era o doutor Shekt - a primeira criatura humana que conhecia pelo nome desde o momento em que dera um passo para evitar a boneca de pano. A moça era sua filha Pola. Schwartz também descobriu que já não precisava se barbear. Sua barba não crescia. Ficou um pouco assustado. Será que voltaria a crescer?

Breve recuperou suas energias. Deixaram que vestisse suas roupas e começasse a caminhar. Também a alimentação não se limitava mais a mingau.

Então, era possível que estivesse mesmo com amnésia? Será que o estavam tratando por isso? Seria este o mundo normal e natural, enquanto o mundo que lembrava era apenas uma fantasia de um cérebro amnésico?

Entretanto, nunca deixavam que saísse da sala, nem mesmo para o corredor. Será que era prisioneiro? Ou teria cometido algum crime?

Homem nenhum pode se sentir mais perdido do que aquele que se perde entre os corredores intrincados de sua própria mente solitária, onde ninguém pode encontrá-lo e

ninguém pode resgatá-lo. E nunca existiu homem mais indefeso do que aquele que não consegue se lembrar.

Pola se divertia a lhe ensinar palavras. Schwartz não chegou a se admirar pela facilidade que sentia de aprender e lembrar. Sabia que sempre tivera uma memória excepcional, esta, pelo menos, era uma lembrança que parecia coincidir com a realidade dos fatos. Em dois dias conseguiu entender sentenças simples. Em três dias começou a dizer frases compreensíveis.

No terceiro dia porém ficou surpreso. Shekt estava lhe ensinando números e dando problemas para resolver. Schwartz dava as respostas e Shekt olhava para uma espécie de cronômetro e fazia anotações. A seguir Shekt explicou o termo "logaritmo" e perguntou qual era o logaritmo de dois.

Schwartz escolheu as palavras com cuidado. Seu e com gestos. - Eu - não - dizer. Resposta vocabulário ainda era muito reduzido e precisava se ajudar assentiu, excitado, e disse: -Não numero.

- Não - número.

Não isto, não aquilo, parte isto, parte aquilo.

Schwartz entendeu perfeitamente que Shekt acabava de confirmar que a resposta não era uma unidade, mas uma fração e disse:

- Ponto três zero um zero três - e - mais - números.

- Chega!

Foi ali que ficou estupefato. Como era possível que soubesse a resposta? Schwartz tinha certeza que nunca ouvira falar em logaritmo antes, mas a resposta aparecera em sua mente no mesmo instante em que era formulada a pergunta. Não sabia absolutamente qual era o procedimento para calculá-la. Era como se sua mente fosse uma entidade independente, que o usava simplesmente como um porta-voz.

A não ser que antes da amnésia ele fosse um matemático?

Começou a ter dificuldades em esperar que os dias passassem. Sentia com crescente insistência que precisava sair mundo afora e encontrar uma resposta, não importa como. Nunca poderia encontrá-la aprisionado naquela sala onde era apenas - e a ideia surgiu de repente -um espécime médico sob observação.

No sexto dia encontrou uma oportunidade. Estavam começando a confiar excessivamente nele e a um certo ponto Shekt saiu e não trancou a porta. Em geral a porta ficava tão bem fechada que quase não era possível ver onde ela se encaixava nas paredes mas desta vez sobrou uma fresta.

Esperou para ter certeza que Shekt não voltaria logo e depois colocou a mão sobre a luzinha brilhante, como tinha visto fazer. A porta deslizou silenciosamente e se abriu… o corredor estava vazio.

Foi assim que Schwartz escapou.

Como poderia saber que durante os seis dias de sua permanência no Instituto, a Sociedade dos Anciões tivera agentes vigiando o Instituto, sua sala e sua pessoa?

6 - Preocupações Noturnas

Durante a noite, o palácio do procurador continuava sendo um reino encantado. As flores noturnas - que não eram nativas da Terra - abriram suas corolas de cera em grandes grinaldas cujo aroma chegava a envolver as paredes do palácio. As meadas de silicato artificial, entrelaçadas artisticamente na liga de alumínio inoxidável que sustentava todo o palácio, brilhava muito com uma tênue luz violeta sob os raios polarizados da lua.

Ennius observou as estrelas. Para ele, eram a expressão da beleza porque representavam o Império.

O céu da Terra era do tipo intermediário. Não possuía a glória quase insustentável dos céus dos Mundos Centrais, onde as estrelas se acotovelavam numa competição tão fulgurante que a escuridão da noite era quase sobrepujada pela coriscante explosão de luzes. Também não possuía a grandeza solitária dos céus da Periferia, onde o negrume profundo só era interrompido raramente pelo tímido piscar de uma pálida estrela enquanto a Galáxia era visível em sua forma de lente leitosa, e as estrelas que as compunham pareciam apenas pó de diamantes.

Na Terra era possível ver duas mil estrelas de uma só vez. Ennius podia distinguir Sírio, em cuja volta girava um dos dez mais populosos planetas do Império.

Aí estava Arturo, capital do setor em que nascera. O sol de Trantor, principal mundo do Império, ficava perdido num ponto qualquer da Via Láctea. Mesmo usando um telescópio, não era possível localizá-lo no fulgurante esplendor do conjunto.

Uma mão leve pousou em seu ombro. Levantou a sua para segurá-la.

- Flora? - murmurou..

- Ainda bem que adivinhou - respondeu sua mulher, bem-humorada. - Você sabe que ainda não dormiu desde que voltou de Chica? E sabe também que está para clarear?… Quer que mande servir o desjejum aqui fora?

- Por que não? - Sorriu, observando-a com carinho. Esticou a mão na escuridão para encontrar a mecha encaracolada ao lado de sua face. Puxou seus cabelos. - Será que você também precisa ficar sem dormir, aqui ao meu lado, arriscando que sombras obscureçam o brilho dos mais lindos olhos da Galáxia?

Flora livrou seus cabelos e falou mansamente:

- Você está tentando obscurecê-los com suas lisonjas, mas já o vi neste humor, e você não consegue me enganar. Por que não me conta o que é que o preocupa?

- Os motivos são sempre os mesmos. Penso que a obriguei a se enterrar aqui, inutilmente, enquanto poderia abrilhantar qualquer corte vice-real da Galáxia.

- Que tolice! Vamos, Ennius, diga-me a verdade!

Ennius sacudiu a cabeça e respondeu:

- Não sei. Acho que fiquei desnorteado pelo acúmulo de uma série de coisas sem importância. Shekt e seu Sinapseador. Este arqueólogo, Arvardan, e suas teorias. E outras coisas mais. Tanto faz, Flora, parece que não estou tendo muito sucesso aqui.

- Acho que esta hora da madrugada não é a mais apropriada para analisar suas atuações. Ennius, porém, continuou, cerrando os dentes:

- Estes Terrestres! Não entendo por que tão pouca gente consegue ser um tamanho peso para a Galáxia! Você se lembra, Flora, que quando fui nomeado Procurador, o velho Faroul, meu predecessor, me avisou que enfrentaria muitas dificuldades? Ele estava certo, aliás, acho que até minimizou a situação. Naquela ocasião cheguei a achar graça e imaginei que seus avisos só refletiam sua incapacidade senil de governar. Sabia que meu desempenho seria melhor, porque eu era jovem, ativo, audacioso… - Calou-se como a perseguir um pensamento e quanto voltou a falar, o assunto parecia não ter ligação com o precedente: - Existem muitas provas independentes que parecem indicar que os Terrestres mais uma vez estão sendo levados a sonhar com um levante. - Olhou para Flora: -Você sabia que a doutrina da Sociedade dos Anciões afirma que a Terra era antigamente a única pátria da Humanidade, que ainda é o mais importante centro da raça humana, o verdadeiro lar do Homem?

- Arvardan nos explicou isto há dois dias, você não se lembra? - Quando Ennius se sentia abatido, era sempre preferível que falasse até se sentir mais aliviado.

- De fato - concordou Ennius - mas estava apenas falando sobre o passado. A Sociedade dos Anciões fala também no futuro. Dizem que mais uma vez a Terra será o centro da raça. Afirmam que este lendário Segundo Reinado da Terra é iminente, que o Império será destruído numa catástrofe geral que devolverá a Terra suas glórias antigas de um mundo atrasado, bárbaro e doente. -Sua voz tremia. - por três vezes, no passado, estas mesmas tolices provocaram levantes e todas as destruições que se seguiram não foram suficientes para que a Terra deixasse de lado sua fé imbecil nestas asneiras.

- Estes homens da Terra são apenas umas pobres criaturas - respondeu Flora. -O que mais poderiam ter, a não ser uma fé? Carecem de tudo, de um mundo decente e de uma vida decente. Nem ao menos possuem dignidade, pois não são aceitos como iguais pelo resto da Galáxia. Só podem se refugiar num mundo de sonhos. Podemos reprová-los por isso?

- Sim, eu posso -gritou Ennius. - Por que não abandonam os sonhos e lutam para serem aceitos como iguais? Eles não negam que são diferentes, mas querem substituir “pior” por “melhor”, e o resto da Galáxia não poderia aceitar isto. Os Terrestres deveriam deixar de ser gregários, deveriam abrir mão de seus “Costumes” antiquados e repelentes. Se quiserem ser considerados homens, terão que ser homens. Para merecerem nossa consideração, terão que mostrar que são dignos! São coisas que nem vale a pena mencionar. Por outro lado, o que esta acontecendo com o Sinapseador? Esta é mais uma coisinha que me tira o sono. – Ennius observou o céu que a oriente estava começando a mostrar uma coloração mais clara.

- O Sinapseador?… Não é aquele instrumento que Arvardan mencionou durante o jantar? Foi este o motivo de sua viagem a Chica? Ennius assentiu.

- O que foi que você descobriu?

- Nada, mas nada mesmo - respondeu Ennius. - Conheço Shekt, posso dizer que o conheço bastante. Sei quando se sente à vontade e sei quando não é assim. Escute, Flora, enquanto estava conversando comigo, o homem parecia agoniado pela preocupação. Quando fui embora, começou a suar pelo alivio. Não entendo, Flora. Tudo isto é um mistério.

- Você acha que aquela máquina poderá funcionar?

- Como é que posso saber? Shekt afirma que não funciona. Chamou-me para me comunicar que um voluntário quase morreu durante o tratamento, mas não acredito. Shekt parecia excitado, não, era mais do que isto! Sua expressão era triunfante! O voluntário devia estar vivo e a experiência, sem dúvida, foi bem sucedida, porque Shekt parecia feliz… Neste caso, por que mentiu para mim? Será que o Sinapseador já está funcionando? Será que poderá ajudar a criar uma raça de gênios?

- Neste caso, por que fazer tanto mistério?

- Pois é isto, por que? Parece que você não entende. Por que os levantes da Terra sempre terminaram em fracassos? Por que não têm probabilidades de conseguir um sucesso. Por outro lado, o que aconteceria se a inteligência dos Terrestres aumentasse? Se dobrasse, ou triplicasse? As probabilidades aumentariam também, você não acha?

- Ora, Ennius!

- Poderíamos nos encontrar na situação de primatas se defrontando com criaturas humanas. E quais seriam nossas probabilidades?

- Acho que você está exagerando. Os Terrestres não poderiam ocultar uma coisa destas. Você pode requerer que o Birô das Províncias Externas mande alguns fisiologistas encarregados de testar espécimes escolhidos a esmo entre todos os Terrestres. Imagino que qualquer desenvolvimento anormal do Q.I. poderia ser descoberto imediatamente.

- Sim, suponha que sim… Mas talvez não seja isto. Flora, não tenho certeza de nada, mas sei que estão preparando outro levante. Será como em 750, só que um pouco pior.

- E estamos preparados para isto? Quero dizer, se você esta convencido que…

- Preparados? - Ennius soltou uma gargalhada áspera. - Eu estou preparado. Os quartéis estão de prontidão, com todos os suprimentos necessários. Já fiz o que era possível fazer com os materiais à disposição. Mas, Flora, não quero um levante. Não quero que minha Procuradoria passe para a história como a Procuradoria do Levante. Não quero que meu nome fique ligado com mortes e destruições. Com certeza, seria condecorado, mas daqui a um século os textos de história me mencionariam como um tirano sedento de sangue. O que aconteceu com o Vice-rei de Santanni, no sexto século? Você acha que poderia ter agido de maneira diferente, apesar da morte de milhões de

pessoas? Naquela época recebeu todas as honrarias, mas quem hoje se lembra dele com benevolência? Eu preferiria ser conhecido como o homem que evitou uma rebelião e que salvou a vida de vinte milhões de imbecis. -Pelo tom, era claro que achava a façanha impossível.

- Você realmente pensa que não pode, Ennius - mesmo agindo com antecedência? - Flora sentou-se ao seu lado e seus dedos passaram levemente sobre o rosto do marido.

Ennius segurou sua mão, apertando-a.

- O que posso fazer? Parece que tudo está contra mim. O próprio Birô está favorecendo estes Terrestres fanáticos, mandando Arvardan para a Terra.

- Querido, não vejo como este arqueólogo poderia prejudicá-lo. Admito que tive a impressão que ele é um pouco maníaco, mas que mal há nisso?

- Você não entende? Ele quer minha autorização para provar que a Terra realmente é a pátria original da Humanidade. Assim, ele poderá auxiliar a subversão, dando-lhe bases científicas.

- Neste caso, mande-o parar.

- Não posso. Está vendo como é? Em teoria, os vice-reis podem fazer qualquer coisa, mas não é verdade. Este Arvardan chegou respaldado por uma autorização do Birô das Províncias Externas, apoiada pelo Imperador. Isto bloqueia qualquer iniciativa. Não poderia fazer nada sem uma petição ao Conselho Central, e você sabe que isto levaria muitos meses… Aliás, como poderia justificá-la? Por outro lado, se tentasse impedi-lo com a força, eu cometeria um ato de rebeldia. Você sabe que o Conselho Central remove sem remissão qualquer governante que seja culpado de abuso de autoridade, depois do que se passou durante a guerra Civil de oitenta. O que aconteceria depois? Seria substituído por alguém que desconhece a situação e Arvardan poderia continuar com toda liberdade. Mas isto não é tudo, Flora. Quer saber como ele pretende provar a antiguidade da Terra? Procure adivinhar.

Flora riu.

- Você está brincando comigo, Ennius. Como poderia adivinhar? Não sou arqueóloga. Suponho que Arvardan tentará encontrar velhas estátuas ou ossos, fazendo escavações, e depois começará a datá-los pela sua radioatividade, ou qualquer coisa assim.

- Ainda fosse. Arvardan me disse ontem que pretende se deslocar para as áreas radioativas da Terra. E sua intenção encontrar ali artefatos humanos, demonstrar que existem desde uma época anterior àquela em que o solo da Terra se tornou radioativo - e ele insiste em afirmar que a radioatividade foi provocada - e datar os artefatos nesta base.

- Isto corresponde mais ou menos ao que falei.

- Sabe o que significa entrar nas zonas radioativas? Elas são Proibidas. Trata-se de um Costume dos Terrestres, aliás, um dos Costumes mais rigorosos. Ninguém pode entrar nas Áreas Proibidas, e todas as áreas radioativas são Proibidas.

- Neste caso, está resolvido. Arvardan será impedido pelos próprios Terrestres.

- Formidável! Será impedido pelo Ministro Supremo! E como poderemos convencer este personagem que não se trata de um projeto patrocinado pelo Governo e que o Império não está apoiando uma tentativa de sacrilégio?

- O Ministro Supremo não pode ser a tal ponto suscetível.

- Você acha que não pode? - Ennius se afastou um pouco para olhar em direção à mulher. O céu já mostrava uma luz acinzentada que permitia que distinguisse seus contornos. - Sua ingenuidade é comovente. Pode apostar que ele é muito suscetível. Sabe o que aconteceu há uns cinquenta anos? Vou lhe contar, para você tirar suas conclusões. É um fato que a Terra não admite qualquer insígnia que se refira à dominação Imperial neste planeta, pois sustentam que a Terra é a legitima governante da Galáxia. Aconteceu que o Jovem Stannell II, o imperador infante que, como você deve se lembrar, era levemente irracional e foi assassinado depois de apenas dois anos de reinado, mandou que as insígnias do Imperador fossem colocadas na Câmara do Conselho em Washenn. Era uma ordem perfeitamente razoável, porque as insígnias podem ser encontradas em qualquer Câmara do Conselho da Galáxia, como um símbolo da unidade Imperial. Mas o que foi que aconteceu? No mesmo dia em que as insígnias foram erguidas em Washenn, começaram os tumultos em toda a cidade.

- Os fanáticos de Washenn arrancaram as insígnias e atacaram os quartéis. Stannell II ficou furioso e insistiu que a ordem deveria ser cumprida, mesmo que significasse a necessidade de liquidar todos os Terrestres. Entretanto, foi assassinado antes que a ordem pudesse ser cumprida e seu sucessor, Edard, cancelou o decreto. E tudo voltou à paz.

- Você está querendo me dizer - falou Flora em tom incrédulo - que as insígnias Imperiais não voltaram a ser erguidas na Câmara do Conselho?

- Pois é. Pelas estrelas! A Terra é o único planeta, entre muitos milhões de planetas de todo o Império, que não admite insígnias Imperiais em sua Câmara do Conselho. Esta porcaria de planeta em que nos encontramos agora… E se hoje alguém tentasse impor as insígnias, os Terrestres lutariam até a morte para impedi-lo. E você ainda pergunta se eles são suscetíveis. Quer saber o que eu penso? Eles são loucos.

Ficaram em silêncio enquanto a alvorada clareava vagarosamente o céu, até que Flora perguntou em voz baixa e um pouco insegura:

- Ennius?

- Sim.

- Você não está preocupado com o levante apenas pelo efeito que isto poderia ter sobre sua reputação. Sou sua mulher e consigo às vezes adivinhar uma parte de seus pensamentos. Tenho a impressão que você acha que poderia acontecer algo perigoso para o Império… Você não deveria me esconder coisas, Ennius. Você teme que estes Terrestres possam vencer.

- Flora, não posso falar a respeito. - Os olhos de Ennius traiam seu sofrimento. - Não é nem mesmo uma intuição… Talvez quatro anos neste mundo são demais para

qualquer homem racional. Só quero saber porque estes Terrestres se sentem tão confiantes.

- Como é que você sabe?

- Eu sei. Eu também tenho minhas fontes de informação. Afinal, já foram esmagados três vezes. É impossível que ainda fiquem a se iludir. Entretanto, sabem que precisam se defrontar com duzentos milhões de mundos, que cada mundo é muito mais poderoso do que eles, e mesmo assim, confiam na vitória. Será que realmente podem ter tamanha fé em algum Destino ou em alguma força sobrenatural - alguma coisa que só eles entendem? Talvez… talvez…

- Talvez o que, Ennius?

- Talvez tenham armas.

- Armas que ajudem um mundo a derrotar outros duzentos milhões de mundos? Você está em pânico. Armas deste tipo não existem.

- Já mencionei o Sinapseador.

- E já lhe disse como pode cuidar disso. Você sabe alguma coisa a respeito de outras armas que os Terrestres poderiam usar Ennius relutou.

- Não.

- Pois então. Armas assim não existem. Escute, querido, vou lhe dizer o que deve fazer. Por que você não entra em contato com o Ministro Supremo para avisá-lo dos planos de Arvardan, dando assim uma prova de sua boa fé? Você pode insistir, de maneira oficiosa, para que não receba a autorização necessária. Assim você afastará qualquer suspeita que o Governo Imperial esteja apoiando esta tola violação dos Costumes. Ao mesmo tempo conseguirá atravancar Arvardan, sem aparecer. A seguir peça ao Birô para mandar dois bons psicólogos - ou talvez seria melhor pedir quatro, para que possamos ter certeza que pelo menos dois chegarão - e mande-os examinar todas as possibilidades do Sinapseador… Qualquer outra eventualidade poderá ser controlada pelas forças armadas. Por que você não dorme um pouco aqui mesmo? Podemos abaixar o encosto da poltrona e vou cobri-lo com minha capa de peles. Quando você acordar, vou mandar servir seu desjejum aqui mesmo. Tudo vai parecer diferente quando o sol levantar.

Foi assim que Ennius, após passar uma noite insone, adormeceu cinco minutos antes que o sol surgisse.

Por conseguinte, só oito horas mais tarde o Ministro Supremo foi informado pelo Procurador da chegada de Bel Arvardan e de sua missão na Terra.

7 - Conversas com Loucos

Arvardan só se preocupava com suas férias. Sua nave Ophiucus chegaria dali a um mês, e isto lhe deixava um bom tempo para passear e se divertir como quisesse.

Assim, seis dias depois de chegar em Everest, Bel Arvardan se despediu de seus anfitriões e embarcou no maior Estratosférico a jato da Companhia Terrestre de Transportes Aéreos, para ir de Everest até Washenn, capital da Terra.

Preferiu se servir de uma linha comercial, em vez do rápido cruzador que Ennius lhe oferecera, porque sendo um estranho e ao mesmo tempo um arqueólogo, era animado por uma compreensível curiosidade a respeito da vida normal dos habitantes de um planeta como a Terra.

Havia mais uma razão.

Arvardan era do Setor de Sírio, conhecido em toda a Galáxia por ser o setor mais dominado por preconceitos antiterrestres. Arvardan se gabava por nunca ter se deixado dominar por estes mesmos preconceitos. Era um cientista e um arqueólogo e não podia deixar que isto acontecesse. Mesmo assim, tinha se acostumado a pensar nos Terrestres segundo certos padrões caricaturais, e o próprio termo “terrestre” lhe provocava certa repugnância. Mas fundamentalmente, não tinha preconceitos.

Ou pensava não tê-los. Por exemplo, se um Terrestre tivesse manifestado o desejo de se agregar a uma de suas expedições ou de trabalhar por ele - e tivesse todos os requisitos necessários - Arvardan o teria contratado. Claro, se houvesse uma vaga. E se os outros membros da expedição não protestassem com muita violência.

A dificuldade era esta. Em geral, os colegas da expedição protestavam, e o que poderia fazer nestas circunstâncias?

Ficou considerando o assunto. Acreditava que pessoalmente não teria dificuldade em comer com um Terrestre, ou mesmo em morar com um, se isto se tornasse necessário com a condição que o Terrestre fosse razoavelmente limpo e saudável. Sem dúvida, o trataria da mesma maneira que tratava qualquer outra pessoa, pensou. Entretanto não podia negar que sempre ficaria consciente do fato que um Terrestre era um Terrestre. Não poderia evitá-lo. Era o resultado de uma infância a tal ponto submergida numa atmosfera de fanatismo que ela se tornara quase imperceptível, tão completa que seus axiomas eram aceitos como naturais. Só afastando-se desta atmosfera podia-se perceber o que ela realmente representava.

Agora estava em condições de fazer um teste pessoal. Encontrava-se num avião, no meio de Terrestres, e se sentia quase à vontade. Quase.

Arvardan observou os rostos comuns e normais dos outros passageiros. Diziam que os Terrestres eram diferentes, mas como poderia distingui-los se os encontrasse no meio de uma multidão de outras pessoas? Pensou que seria impossível. As mulheres não eram

feias. Franziu a testa. Mesmo sendo tolerante, precisava observar certos limites. Por exemplo, nunca poderia pensar em um casamento com uma Terrestre.

Julgou que o avião era de tamanho reduzido e de construção imperfeita. Sem dúvida, propulsionado pela atômica, mas achava que a aplicação do princípio não era muito eficiente. Por exemplo, a unidade energética não parecia suficientemente protegida. A seguir, Arvardan lembrou-se que a presença de alguns raios gama e uma alta densidade de nêutrons não era, para os Terrestres, motivo de excessivas preocupações.

Dedicou-se à paisagem. A Terra, vista da estratosfera com suas cores arroxeadas, proporcionava um espetáculo extraordinário. Lá embaixo havia grandes áreas desérticas alaranjadas, às vezes com zonas sombreadas por nuvens. Mais atrás, estava desaparecendo a indistinta sombra da noite, com o brilho das áreas radioativas.

Sua atenção foi desviada pelas alegres gargalhadas dos outros passageiros. Um casal rechonchudo e já idoso parecia o centro de todas as brincadeiras. Arvardan cutucou o passageiro ao lado.

- O que está acontecendo?

O homem explicou:

- O casal está festejando quarenta anos de casamento e está dando a Grande Volta.

- A Grande Volta?

- Sim, sabe como é. A volta ao mundo.

O homem idoso, aparentemente satisfeito, relatava suas experiências e impressões de maneira volúvel. A mulher de vez em quando, para corrigir e acrescentar detalhes insignificantes e a conversa continuava bem humorada e divertida. Os outros passageiros ouviam com muita atenção e Arvardan teve a impressão que os Terrestres eram cordatos e humanos, como qualquer outro povo da Galáxia. A um certo ponto alguém perguntou:

- E quando é que vocês serão atingidos pelos Sessenta?

- Dentro de um mês, mais ou menos - foi a resposta jovial. - A 16 de novembro.

- Pois espero que vocês consigam ter um lindo dia de sol - continuou o passageiro que perguntara a data. - Meu pai chegou a Sessenta num dia que chovia a cântaros. Nunca mais vi tamanha chuva. Fui acompanhá-lo - vocês sabem que as pessoas gostam de companhia nestas ocasiões - e durante a viagem ele não parou de se queixar do tempo. Pois é, tínhamos um carro aberto e ficamos encharcados. Então perguntei: - Afinal, pai, por que você se queixa? Sou eu que vou ter que voltar.

A gargalhada foi geral incluindo O casal idoso. Arvardan, porém começou a ficar horrorizado, porque toda aquela conversa despertara em sua mente uma suspeita muito especifica.

Virou-se para o homem ao seu lado.

- Estes Sessenta que todos estão mencionado aqui… suponho que estão se referindo à eutanásia. Quer dizer - quando as pessoas chegam aos sessenta anos e são

eliminadas, não é mesmo?

Arvardan abaixou um pouco a voz quando seu companheiro de viagem parou de gargalhar e virando-se sobre o assento, lançou-lhe um olhar cheio de suspeita. Finalmente perguntou:

- Então, o que você pensa que isto pode significar?

Arvardan fez um gesto vago e sorriu como um tolo. Já conhecia o costume, mas apenas em teoria. Lembrou-se de ter lido a respeito, num livro ou em algum artigo cientifico. Agora, porém estava constatando que este costume era realmente aplicado em criaturas humanas e que os homens e as mulheres em sua volta de fato Só poderiam viver até alcançarem os sessenta anos.

O homem ao lado ainda o estava observando.

- Ei, companheiro, de onde você veio? Será que em sua cidade este costume dos Sessenta é desconhecido?

- Nós chamamos isto de o “Tempo” – explicou Arvardan meio sem jeito -Vim de lá. - Acenou com o polegar para um ponto atrás de suas costas e o outro se deu por satisfeito.

Arvardan cerrou os lábios

- Esta gente era desconfiada. Pelo menos nisto correspondiam às descrições caricaturais ouvidas. O homem idoso ainda estava falando.

- Ela vira comigo, - disse, acenando com a cabeça em direção da mulher. Ela ainda teria três meses a mais, mas realmente não vale a pena esperar, assim ela acha, e é muito melhor se formos embora juntos. Não é assim, Gorda?

- Claro que sim - respondeu a mulher com uma gargalhada. - Nossos filhos já estão casados e moram por conta própria. Eu só poderia atrapalhá-los. Além do mais, não me sentiria bem sem o meu velho, por isso iremos juntos.

A este ponto todos os passageiros começaram aparentemente a fazer cálculos complicadíssimos para descobrir quanto tempo ainda lhes restava -quantos meses e quantos dias, enquanto alguns casais discutiam acirradamente sobre resultados diferentes.

Um sujeito diminuto, metido em roupas muito apertadas e com uma expressão agressiva, anunciou:

- Ainda me restam exatamente doze anos, três meses e quatro dias. Nem mais e nem menos. Alguém logo se intrometeu, observando sensatamente:

- A não ser que você morra antes, é claro.

- Besteira - retrucou o homem. - Não pretendo morrer antes. Será que tenho cara de quem morre antes do tempo? Vou viver doze anos, três meses e quatro dias, e aqui não tem homem nenhum que poderia me dizer que isto não é verdade. - Lançou ao redor um olhar de desafio.

Um rapaz muito esguio tirou um cigarro de entre os lábios e observou em tom ameaçador:

- É bom que as pessoas possam conhecer a data certa. Existem muitos que vivem além do permitido.

- Sem dúvida - comentou um outro e todos balançaram as cabeças com um certo ar de indignação.

- Por outro lado - continuou o rapaz intercalando baforadas de cigarro com gestos afetados para se livrar das cinzas -não posso censurar um homem, ou mulher, que queiram continuar a viver depois do aniversário, até o próximo dia do Conselho, especialmente se precisam concluir algum negócio importante. Mas aqueles trapaceiros e parasitas que tentam enganar a todos, esperando até o próximo Recenseamento, comendo as rações da próxima geração… - O rapaz parecia estar indignado por motivos muito pessoais.

Arvardan perguntou, calmo:

- Diga-me, afinal todo mundo está registrado… Daí, ninguém pode ultrapassar o prazo, não é?

Seguiu-se um silêncio geral, carregado de sarcasmo por tamanha ingenuidade. Alguém observou diplomaticamente, depois de algum tempo e como para encerrar o assunto:

- Bom, acredito que não vale muito a pena viver além do prazo. Eu acho.

- Especialmente quando se trata de um fazendeiro - confirmou um outro, enérgico. - Depois de trabalhar nos campos durante meio século, um homem deveria ser louco se não ficasse feliz por poder parar. Mas que tal os administradores e os homens de negócios?

Finalmente o homem idoso, cujo quadragésimo aniversário de casamento servira de assunto para iniciar toda aquela discussão, arriscou-se a dar sua opinião. Provavelmente sentia-se corajoso porque, sendo uma próxima vitima dos Sessenta, não tinha nada a perder.

- Isto depende - disse - dos conhecimentos que uma pessoa pode ter. -Piscou com ar malicioso. - Uma vez conheci um homem que completou os Sessenta no ano depois do Recenseamento de 810 e conseguiu viver até ser encontrado durante o recenseamento de 820. Quando se foi estava com sessenta e nove anos. Sessenta e nove, entenderam?

- Como é que conseguiu se ocultar?

- Era um homem que possuía algum dinheiro e seu irmão era membro da Sociedade dos Anciões. A gente pode fazer qualquer coisa quando se encontra nestas condições.

Todo mundo assentiu mais uma vez.

- Escutem - falou o rapaz com o cigarro em tom dramático - tive um tio que viveu só um ano a mais… um ano só. Era destes sujeitos egoístas que simplesmente não querem

ir embora, vocês me entendem. Não se importava com ninguém… E eu não sabia nada a respeito, caso contrário o teria denunciado, porque acho que um sujeito deveria ir quando chegar sua hora. Esta é a maneira correta de agir. De qualquer forma, foi apanhado, e imaginem só, eu e meu irmão fomos chamados pela Irmandade e perguntaram por que não o tínhamos denunciado. Respondi que, diacho, não sabia de nada e ninguém em nossa família sabia. Expliquei que não o víamos há dez anos. Meu pai também repetiu a mesma coisa, mas mesmo assim levamos uma multa de quinhentos créditos. Isto acontece quando a gente não conhece ninguém.

A expressão de Arvardan estava se tornando mais e mais indignada. Será que todos ali eram loucos para aceitarem a morte daquele jeito… e para reprovar os amigos e os parentes que tentavam escapar a este destino? Será que se encontrava num avião cheio de lunáticos, indo para algum manicômio - ou para a eutanásia? Ou então os Terrestres eram todos assim?

O homem sentado ao seu lado voltou a observá-lo, pensativo, e de repente interrompeu seus pensamentos com uma pergunta:

-Ei, companheiro, você vem de onde?

-O que foi que você disse?

- Perguntei de onde você vem. Você disse: de lá, mas onde é “lá”?

Arvardan descobriu que era o centro de todas as atenções, e que todos agora pareciam olhá-lo com desconfiança. Será que pensavam que era um membro da Sociedade dos Anciões? Ou que fosse um agente provocador?

Resolveu esclarecer logo a situação

- Eu não sou um Terrestre. Sou Bel Arvardan, de Baronn, no Setor de Sírio. E qual é seu nome? - perguntou estendendo a mão.

Foi como se tivesse deixado cair uma cápsula atômica e explosiva no meio do avião. Os rostos de todos expressaram primeiro o horror pela revelação, e depois amargura e hostilidade. O homem sentado ao seu lado levantou-se ostensivamente e foi até outro assento duplo, já ocupado, onde os dois passageiros se apertaram para que pudesse se sentar.

Os outros viraram os rostos. Todo mundo lhe deu as costas. Por um instante Arvardan se sentiu indignado. Terrestres o estavam tratando deste jeito! Terrestres!

Tinha estendido a mão porque queria mostrar sua amizade. Ele, um Siriano, se rebaixara a ponto de falar com eles, e eles o tratavam assim! A seguir, com um esforço, conseguiu se acalmar. Era óbvio que o fanatismo nunca era unilateral. O ódio sempre gerava ódio!

Percebeu uma presença ao seu lado e virou-se, ressentido, para ver quem era.

- Sim?

Era o rapaz de antes, acendendo mais um cigarro.

- Alô - disse. -Meu nome é Creen. -Não se aborreça por causa destes caipiras.

- Não estou aborrecido, - retrucou Arvardan, seco. Não gostava da companhia do rapaz e também não estava disposto a aceitar conselhos paternalistas de um Terrestre.

Creen, porém, nunca aprendera a distinguir certas diferenças de tom. Deu algumas tragadas até que a brasa do cigarro brilhou e começou a deixar cair as cinzas na passagem central.

- Caipiras! - murmurou com desdém. - Apenas um amontoado de campônios… Carecem de qualquer visão Galáctica. Não se preocupe com eles.. - Eu, porém, vejo as coisas de maneira diferente. Tenho uma outra filosofia. Acho que precisa viver e deixar viver. Nada tenho contra os Forasteiros. Se os Forasteiros se mostrarem amistosos comigo, vou ser amável com eles. Raios… afinal, eles não têm culpa de serem Forasteiros, e eu não tenho culpa de ser um Terrestre. Você não acha que estou certo? - Bateu levemente no pulso de Arvardan com uma das mãos.

Arvardan assentiu, apesar da repugnância que provava ao se sentir tocado pelo outro. Qualquer intercâmbio social com um homem que se arrependia por ter perdido a ocasião de provocar a morte de seu próprio tio, não era muito agradável, sem qualquer consideração de origens planetárias.

Creen se ajeitou numa posição mais confortável.

- Está indo para Chica? Como é mesmo seu nome? Albadan?

- Arvardan. Sim, estou indo para Chica.

- É minha cidade natal. A melhor cidade da Terra. Vai se demorar em Chica?

- Pode ser. Ainda não fiz meu programa.

- Hum… Escute, espero que você não se importe se eu lhe disser que gosto de sua camisa. Posso vê-la mais de perto? Foi feita em Sírio?

- Sim.

- A fazenda é muito boa. Aqui na Terra a gente não encontra material assim.. - Escute, meu chapa, será que você não tem uma camisa sobressalente, igual a esta, em sua mala? Se você estivesse disposto a vendê-la, gostaria de comprá-la. É muito bonita.

Arvardan sacudiu a cabeça.

- Sinto, não trouxe muitas roupas. Minha intenção é comprar roupas aqui na Terra, à medida que elas se tornarem necessárias.

- Estou disposto a lhe pagar cinquenta créditos, - insistiu Creen. Não obteve resposta. Então acrescentou com um certo ressentimento: - Cinquenta créditos são um bom preço.

- Um preço ótimo - disse Arvardan. -Mas já lhe expliquei que não tenho camisas para vender.

- Paciência… - Creen encolheu os ombros. - Imagino que você queira ficar na

Terra por uma temporada?

- É possível.

- E qual é sua ocupação?

O arqueólogo não procurou controlar sua irritação.

- Escute, Creen, espero que você não se importe. Sinto-me um pouco cansado e gostaria de cochilar um pouco. Está bem? Creen ergueu as sobrancelhas.

- O que há com você? Será que sua raça não costuma ser educada com as pessoas? Fiz uma pergunta em tom amável. Não precisa me responder desse jeito.

Até aquele ponto a conversa procedera em voz baixa, Creen ergueu a voz até estar quase berrando. Rostos hostis se viraram para aquele lado e o arqueólogo apertou os lábios.

Pensou com uma certa amargura que só podia culpar a si mesmo pelo rumo da conversa. Não se encontraria naquela situação desagradável se, desde o começo, tivesse mantido a devida distância, se não tivesse cedido ao desejo de ostentar sua danada tolerância, para impingi-la a pessoas que não desejavam aceitá-la. Falou com calma, medindo as palavras:

- Senhor Creen, não lhe pedi para me fazer companhia, e não me parece ter faltado à educação. Repito, estou cansado e gostaria de dormir um pouco. Não acho que há nada de extraordinário nisto.

- Escute… o moço levantou-se, jogou o cigarro ao chão e apontou um dedo, não vejo necessidade de você me tratar como se eu fosse um cachorro ou coisa assim. Vocês, Forasteiros fedidos, vêm para cá com suas conversas altivas e todas estas atitudes orgulhosas, e pensam que podem fazer o que bem entendem, pisando em todo mundo. Mas não precisamos aceitá-lo, entende? Se você não gosta daqui, pode voltar para o lugar de onde veio, e não quero mais conversa, porque você está me provocando. Por acaso, pensa que estou com medo de você?

Arvardan virou a cabeça e começou a olhar pela janela.

Creen parou de falar e voltou ao seu assento de antes. Arvardan ignorou as conversas excitadas dos passageiros. Não viu, mas percebeu, os olhares carregados de ódio e de ressentimento. Aos poucos todos se acalmaram, como sempre acontece.

Fiscalizou o descarregamento de sua bagagem e mandou que fosse levada até um táxi de duas rodas. Pelo menos ficaria sozinho, e ainda tomou o cuidado de não conversar com o motorista, para não provocar mais incidentes.

- Para a Residência Estadual - disse e o táxi saiu. Foi assim que Arvardan chegou em Chica pela primeira vez. Foi no mesmo dia em que Schwartz escapou de sua sala de Pesquisas Nucleares.

Creen ficou observando Arvardan que se afastava e sorriu amargamente. Apanhou no bolso um pequeno caderno para anotações e o seguiu com os olhos, pensativo enquanto

fumava mais um cigarro. Não conseguira extrair muito dos passageiros, apesar da história sobre o tio (já usada em muitas outras oportunidades, com resultados melhores) - Verdade seja dita, o velhinho queixara-se de um velho que vivera mais que o permitido, atribuindo o fato a um “pistolão” da Sociedade dos Anciões. Poderia considerar isto uma calúnia em detrimento da Irmandade. Mas o velhinho ia desaparecer dentro de um mês, por causa do Costume dos Sessenta, e não valia a pena mencioná-lo.

O caso do Forasteiro, porém, era muito diferente. Observou as anotações com uma sensação de malicioso contentamento: “Bel Arvardan, Baronn, Setor de Sírio - curioso a respeito dos Sessenta - misterioso sobre seus assuntos particulares - chegou em Chica, avião comercial, 11 horas da manhã, hora de Chica, 12 de outubro -muito óbvia atitude anti-Terrestre.”

Isto parece bastante promissor. Era um trabalho muito tedioso descobrir gente miúda que fazia observações imprudentes, mas às vezes surgiam casos mais interessantes.

A Irmandade receberia seu relatório dentro de meia hora. Saiu do aeroporto a passos medidos. Terminou a viagem, mudo e solitário.

Ficou satisfeito quando finalmente aterrissaram em Chica. Quando Arvardan começou a ver, do ar, a “melhor cidade da Terra” teve um sorriso involuntário, mas achou que qualquer coisa era preferível àquela atmosfera de hostilidade do avião.

8 - Encontro em Chica

O doutor Shekt folheou pela vigésima vez seu último volume de anotações sobre a experiência e levantou a cabeça quando Pola entrou no escritório. Enquanto vestia seu avental, a moça franziu a testa.

- Então, pai, você ainda não comeu?

- Como? Sim, claro que comi… Ora, o que é isto?

- Isto, pai, é o almoço. Quer dizer, deveria ser seu almoço. Acredito que pensa que comeu porque está se lembrando do desjejum. Acho que é inútil comprar refeições e trazê-las até aqui, se você não pretende comê-las. Vou obrigá-lo a voltar para casa, para comer.

- Não fique nervosa. Já vou comer. Não posso interromper experiências muito importantes todas as vezes que você acha que preciso comer, você me entende?

Quando já estava terminando a sobremesa, Shekt voltou a se mostrar animado.

- Você não pode imaginar - observou -que espécie de homem é este Schwartz. Já lhe falei a respeito de suas fendas cranianas?

- Sim, falou. Disse que eram primitivas.

- Mas não é só isto. O homem tem trinta e dois dentes, três molares em cima e embaixo, à direita e à esquerda, inclusive um postiço que deve ser de feitio caseiro. Pelo menos, nunca vi antes uma ponte com grampos metálicos presos nos dentes adjacentes, em vez de ficarem implantados no osso maxilar… Diga, alguma vez já conheceu alguém que tivesse trinta e dois dentes?

- Pode apostar que sim, pelo Espaço…

- Mas ainda não terminei. Ontem fizemos uma análise interna. Sabe o que achamos?- Vamos, adivinhe!

- Intestinos?

- Pola, você está decidida a me irritar, mas eu não me importo. Não precisa adivinhar, vou lhe dizer o que encontramos. Schwartz tem um apêndice veriniforme de mais ou menos dez centímetros, um apêndice oco. Pela Galáxia, é um caso sem qualquer precedente! Entrei em contato com a Escola de Medicina, com todos os cuidados, é claro! - e eles confirmaram que os apêndices nunca medem mais de um centímetro e meio e jamais são ocos.

- Neste caso, o que isto significa?

- Mas é simples, trata-se de um espécime com características absolutamente primitivas, um verdadeiro fóssil vivo. - Shekt levantou-se da cadeira e começou a passear pela sala, mostrando sua agitação. - Quero lhe dizer uma coisa, Pola. Acho que não deveríamos devolver Schwartz. É um espécime realmente precioso.

- Pai, nem pense nisto. Não pode fazê-lo - retrucou Pola, preocupada. -Você prometeu ao fazendeiro que ia devolver Schwartz, e você precisa manter a palavra, para o bem do próprio Schwartz. Ele se sente infeliz.

- Infeliz! Escute, estamos tratando-o como se fosse um Forasteiro rico!

- E qual é o resultado? O coitadinho está acostumado à fazenda e ao seu pessoal. Viveu ali a vida toda. Há pouco, passou por uma experiência assustadora - e pelo jeito, também dolorosa - e sua mente agora trabalha de maneira diferente. Você não pode exigir que compreenda. Precisamos levar em conta seus direitos humanos e devolvê-lo à família.

- Mas, Pola, em nome da ciência…

- Ah, pare com isto! O que isto significa? O que é que a Irmandade diria se ficasse informada sobre suas experiências não autorizadas? Você acredita que eles se importam com a ciência? Quero dizer, se você não quer levar em conta os sentimentos de Schwartz, pelo menos pense em si próprio. Quanto mais demorar, maiores serão as possibilidades de ser apanhado em flagrante. Mande-o de volta amanhã à noite, como estava previsto, entendeu? Vou descer, para ver se Schwartz quer alguma coisa antes do jantar. - Voltou dentro de poucos minutos, com o rosto pálido: - Pai, ele desapareceu!

- Quem desapareceu? - perguntou Shekt, estupefato.

- Schwartz! - exclamou Pola com os olhos cheios de lágrimas. -Você deve ter esquecido de travar a porta quando saiu. Shekt se apoiou na parede para não cair.

- Há quanto tempo?

- Não sei. Não pode ser muito. Quanto tempo passou desde que você esteve com ele?

-Mais ou menos quinze minutos. Acabava de chegar quando você entrou.

- Está bem - disse Pola decidida. - Neste caso vou sair correndo. É possível que esteja apenas caminhando a esmo nas redondezas. Você fique aqui. Se alguém o achar, não deve pensar que existe alguma relação com você. Entendeu?

Shekt não conseguia falar. Assentiu, mudo.

Quando Joseph Schwartz trocou a sala do hospital pelos espaços abertos da cidade, não se sentiu aliviado. Não tentou iludir a si mesmo, afirmando que tinha um plano. Sabia perfeitamente que agia por improvisação.

Se havia nele um qualquer impulso racional - que é diferente de um mero e cego desejo de trocar a ação pela inação - era o desejo que algum fato inesperado lhe devolvesse a capacidade de relembrar, e que julgava ter perdido. Convencera-se que o seu era realmente um caso de amnésia.

Mas a primeira vista da cidade só o deixou mais deprimido. Era o fim da tarde e Chica, sob os raios do Sol, se apresentava branca como leite. Todas as construções pareciam de porcelana, como a casa da fazenda.

Algum impulso indistinto de sua mente afirmava que uma cidade deveria ser

avermelhada e marrom. E que deveria ser muito mais suja. Disto, tinha certeza absoluta.

Caminhava vagarosamente. Algo lhe dizia que não haveria uma busca organizada para encontrá-lo. Sabia, saber porque sabia. Aliás, nos últimos dias consumia mais aguda sensibilidade pela "atmosfera", percepção do que acontecia em sua volta. Era parte da esquisita mudança em sua mente, desde que… Desde que… O pensamento se dissolveu.

Dê qualquer forma, naquele hospital - prisão, a "atmosfera" era de mistério de mistério e de medo, pelo menos, assim parecia. Daí, não poderiam persegui-lo fazendo muito alarde. Estava convencido disso. Como poderia ter tanta certeza? Será que esta estranha atividade de sua mente era normal em todos os casos de amnésia?

Atravessou mais um cruzamento. Havia poucos veículos. Os pedestres - bom, eram apenas pedestres. As roupas que via eram bastante ridículas, coloridas, desprovidas de costuras e sem botões. Porém estava usando o mesmo tipo de roupas. Ficou curioso em saber onde estariam as roupas que usava no dia em que chegara, e depois começou a se perguntar se realmente algum dia possuíra roupas como as que estava lembrando. É muito difícil ter certeza de qualquer coisa, quando a gente começa a duvidar que sua memória esteja funcionando direito.

Lembrava-se, porém muito claramente da mulher e dos filhos. Isto não podia ser produto da imaginação. Parou no meio da calçada para se recompor. Quem sabe, aquelas lembranças eram versões distorcidas de pessoas reais, dentro daquela vida real e que não lhe parecia real, pessoas que deveria encontrar.

Os transeuntes roçavam nele, ao passar, e alguns resmungaram. Voltou a caminhar. De repente, lembrou-se que estava com fome, ou que breve estaria com fome, e que não tinha dinheiro nenhum.

Olhou ao redor. Não viu nada que se parecesse com um restaurante. Por outro lado, como poderia saber? Não conseguia ler os letreiros.

Começou a observar atentamente todas as lojas, enquanto passava. Finalmente encontrou uma, em cujo interior se viam mesas em pequenas partições, e duas estavam ocupadas. Numa havia dois homens, e na outra um só. Estavam comendo.

Ainda bem que isto não tinha mudado. Ainda existiam homens que mastigavam e engoliam.

Entrou e ficou parado, bastante confuso. Não havia balcão e não se via qualquer coisa que pudesse ser uma cozinha. Imaginava que poderia se oferecer para lavar os pratos em troca de comida - mas com quem poderia falar a respeito?

Aproximou-se dos dois homens com ar desconfiado. Apontou para os pratos e pronunciou com dificuldade:

- Comida! Onde? Por favor.

Os dois o encararam, estupefatos. Um deles começou a falar fluentemente, mas suas palavras resultaram incompreensíveis, enquanto batia numa pequena protuberância da parede, ao lado da mesa. O outro também se intrometeu, com uma expressão de

impaciência.

Schwartz abaixou os olhos. Virou-se para sair, mas uma mao agarrou sua manga…

Granz reparou em Schwartz enquanto este ainda se encontrava na calçada e seu rosto triste tentava ver o que havia além do vidro. Disse:

- O que é que este sujeito quer?

Messter, sentado em sua frente e dando as costas à rua, se virou, olhou, encolheu os ombros e não fez qualquer comentário. Granz observou:

- Esta entrando - e Messter perguntou: - E daí?

- Daí, nada. Falei por falar.

Logo a seguir, o recém-chegado, após observar o ambiente como quem não entende onde está, se aproximou deles, apontou para o picadinho em seus pratos e falou com uma pronúncia esquisita:

- Comida! Onde? Por favor.

Granz ergueu o olhar.

- A comida está aqui mesmo, meu chapa. Sente-se em qualquer mesa de sua escolha e use o Pratomático… Pratomático! Será que você não sabe o que é um Pratomático?… Messter, dê uma olhada nesse coitado. Está com a expressão de quem não entendeu uma palavra sequer. Ei, meu velho é este negócio aqui, viu? Coloque uma moeda aqui e deixe-me comer em paz, está bem?

- Não fale com ele - grunhiu Messter. - É um vadio, procurando esmola.

- Ei, espere aqui. -Granz agarrou a manga de Schwartz quando viu que este se preparava para sair. Murmurou em direção de Messter: - Pelo Espaço, deixe o coitado comer uma coisa qualquer. Pela sua aparência, deve estar perto de seus Sessenta. É o mínimo que posso fazer, um favor sem importância…. Ei, meu amigo, você tem dinheiro?. - Puxa, que coisa, parece que não me entende mesmo. Dinheiro, meu chapa, dinheiro! Isto aqui. Tirou do bolso uma moeda lustrosa de meio crédito, jogando-a para o alto. - Você tem algum? - perguntou.

Schwartz sacudiu vagarosamente a cabeça.

-Neste caso, fica por minha conta! - Colocou a moeda no bolso e tirou outra, menor, que jogou a Schwartz. Schwartz ficou segurando a moeda, com ar desconfiado.

- Está bem, está bem, não fique parado ali. Coloque-a no Pratomático. Naquela coisa ali.

Schwartz percebeu de repente que estava compreendendo. O Pratomático ostentava uma série de aberturas de tamanhos diferentes para as moedas e uma série de retângulos leitosos e opacos com letreiros que, para ele, eram incompreensíveis. Apontou para a comida na mesa e passou o dedo sobre os botões ao lado dos retângulos, erguendo as

sobrancelhas.

Messter observou, meio chateado:

- Parece que ele não se satisfaz com um sanduíche. Os vadios desta cidade estão ficando cheios de pretensões. Não vale a pena atendê-los, Granz.

- Está bem, vou perder oito e meio décimos de crédito. Amanhã é dia de pagamento… Venha cá -falou olhando para Schwartz. Colocou uma série de moedas no Pratomático e retirou uma espécie de bandeja coberta de uma abertura na parede. - Agora, sente-se numa mesa qualquer. Não, pode ficar com o troco, servirá para uma xícara de café.

Schwartz levou a bandeja até uma mesa próxima com muito cuidado. Viu que havia um garfo, seguro por meio de uma tira de material transparente que cedeu com um leve barulho, quando encostou a unha. Ao mesmo tempo a tampa da bandeja se abriu ao meio e as duas partes se enrolaram.

A comida era fria, mas isto logo mudou. Em poucos segundos percebeu que a comida estava começando a aquecer e a bandeja também era quente. Parou, assustado, e esperou.

O molho começou a fumegar e a seguir ferveu levemente. Voltou a esfriar e Schwartz conseguiu comer.

Quando saiu, Granz e Messter ainda estavam sentados à sua mesa. Também o terceiro homem continuava sentado, mas Schwartz não lhe prestara muita atenção.

Schwartz também não percebera um homenzinho magro que, sem parecer, conseguira ficar sempre à pouca distância dele, desde o minuto em que saíra do Instituto.

Bel Arvardan tomou um chuveiro, mudou de roupas e a seguir, obedeceu ao seu impulso original de observar de perto o animal humano, da subespécie Terrestre, em seu habitat natural. Era um dia bonito, com uma leve brisa e a aldeia - perdão, a cidade, - parecia clara, calma e limpa. Não era nada mal. Primeira parada, Chica, pensou. A maior aglomeração de Terrestres no planeta. Próxima parada, Washenn, capital local. Depois Senloo! Senfran! Bonair!

Planejara um itinerário pelos continentes ocidentais (onde, aliás, morava a maioria da escassa população da Terra) e pretendia ficar dois ou três dias em cada aglomeração, para poder voltar para Chica em tempo útil, na data da chegada da nave que traria o resto da expedição. - Seria uma viagem educacional.

Quando a tarde já estava terminando, encontrou um Pratomático e enquanto comia, ficou observando o pequeno drama que estava se desenrolando entre os dois Terrestres sentados a uma mesa e um homem idoso e rechonchudo que chegara por último. Observou tudo com uma atitude distante e quase indiferente, simplesmente anotando os fatos e contrapondo-os à desagradável experiência da viagem. Os dois homens sentados à mesa eram obviamente motoristas de táxis aéreos, sem posses, mas ainda assim capazes de um gesto caridoso.

O mendigo saiu e dois minutos mais tarde Arvardan também foi embora.

O dia de trabalho estava para se encerrar e as ruas estavam muito mais cheias de transeuntes. Esquivou-se rápido para evitar uma colisão com uma moça.

- Peço desculpas - disse.

Ela trajava roupas brancas que eram cortadas como uma espécie de farda. Parecia não ter percebido que, por pouco, teria esbarrado em alguém. Sua expressão angustiada, a maneira de virar a cabeça de um lado para o outro e sua óbvia preocupação, explicavam perfeitamente os motivos. Arvardan tocou de leve em seu ombro.

- Posso ajudá-la, moça? Aconteceu alguma coisa?

Ela parou e o observou, estupefata. Arvardan julgou que devia ter entre dezenove e vinte e um anos, e também observou com atenção os cabelos castanhos e os olhos escuros, as maçãs altas do rosto, o queixo diminuto e redondo, a cintura fina e seu corpo gracioso. Descobriu, de repente, que o fato desta frágil criatura ser uma Terrestre, acrescentava um toque picante e quase perverso à sua beleza.

A moça ainda o encarava de olhos arregalados e quando abriu a boca pareceu perder o controle.

- Ah, não adianta. Por favor, não se preocupe comigo. É tolice esperar encontrar alguém, quando a gente não tem a menor ideia de onde olhar primeiro. - Parecia arrasada e prestes a chorar. Finalmente endireitou os ombros e respirou profundamente. - Você não viu por acaso um homem gorducho de mais ou menos cinquenta e quatro anos, com roupas verdes e brancas, sem Chapéu e quase careca?

Arvardan pareceu surpreso.

- Como? Verdes e brancas…Será… que era… não posso acreditar. Escute, este homem que está procurando - por acaso ele se expressa com uma certa dificuldade?

- Sim, sim. Isto mesmo! Você o viu?

- Há mais ou menos cinco minutos, estava comendo junto a dois outros homens. Olhe, são estes. Escutem, vocês! - Acenou para ambos. Granz foi o primeiro a chegar.

- Precisa de um táxi, senhor?

- Não, obrigado. Gostaria que você explicasse a esta senhorita o que aconteceu com aquele homem com o qual você comeu. Pode ganhar uma boa gorjeta.

Granz pareceu decepcionado.

- Sinto muito, gostaria de poder fazer alguma coisa, mas eu nunca o vi antes em toda minha vida. Avardan voltou a olhar para a moça.

- Escute, senhorita, ele não pode estar muito longe daqui. Não foi para a direção pela qual você veio, caso contrário você o teria encontrado. Que tal prosseguirmos um pouco mais para o norte? Vou reconhecê-lo quando o alcançarmos.

O oferecimento de ajudá-la foi um impulso irresistível, apesar de Arvardan não ser,

normalmente, um homem impulsivo. Descobriu que estava sorrindo ao olhá-la. Granz interrompeu suas considerações.

- O que foi que ele fez, moça? Ele não infringiu algum Costume, não é?

- Não, não - ela protestou. - Ele só está um pouco doente, é só isto. Messter ficou observando o casal que se afastava.

- Um pouco doente? - Empurrou para trás seu quepe com visor e esfregou o queixo. - O que é que você acha, Granz? Um pouco doente.

- O que é que você tem afinal? - perguntou Granz, desconfiado.

- Algo que me deixa também um pouco doente. Aquele sujeito deve ter saído de um hospital. A moça que o está procurando é uma enfermeira, e deixe que eu lhe diga, uma enfermeira bastante preocupada. Mas por que deveria estar tão preocupada se o homem é apenas um pouco doente? Ele quase não conseguia falar e também tinha dificuldade em entender. Você também reparou, não é mesmo?

Os olhos de Granz começaram a mostrar seu pânico.

- Você acha que é um caso de Febre?

- Pois tenho certeza que é um caso de Febre por Radiação - um caso bastante adiantado, viu? O homem se aproximou bastante de nós. Você sabe que não é… prudente

Sem que percebessem de onde tivesse surgido, um homenzinho apareceu por perto, um homenzinho de olhos agudos e brilhantes e com uma voz que se parecia com a de um pássaro.

-O que é isto, minha gente? Quem tem Febre por Radiação?

Dois pares de olhos o mediram, hostis.

- Quem é você?

- É assim? - perguntou o homenzinho. - Vocês querem mesmo saber? Para seu governo, sou um mensageiro da Irmandade. - Mostrou uma plaqueta brilhante no interior da lapela. - E agora, em nome da sociedade dos Anciões, podem me dizer o que sabem sobre a Febre por Radiação.

Messter respondeu com humildade, arrastando as palavras:

- Eu não sei de nada. Tem uma enfermeira a procura de uma pessoa doente e estava perguntando se por acaso esta pessoa teria a Febre. Isto ainda não significa agir contra os Costumes, não é?

- Hum! Você quer me ensinar algo sobre os Costumes? Vá andando e cuide de sua vida. Deixe que eu cuide dos Costumes.

O homenzinho esfregou as mãos, olhou ao redor e começou a caminhar apressadamente, dirigindo-se para o norte.

- Ali! Está ali! - Pola agarrou o cotovelo de seu acompanhante, excitada. O encontro foi rápido, fácil e acidental. Schwartz aparecera de repente, depois de uma busca

desesperada, na entrada principal da loja de serviço automático, a apenas três quadras do Pratomático.

- Já o vi - murmurou Arvardan. - Agora, fique um pouco para trás e deixe que o siga. Se ele perceber que você está por perto, é capaz de se enfiar na multidão e vamos perdê-lo de vista.

Foram seguindo-o, numa espécie de caçada que mais parecia um pesadelo. A multidão que enchia a loja parecia areia movediça, que poderia absorver uma presa devagar - ou depressa -e mantê-la oculta numa cerca impenetrável, devolvendo-a de repente, e erguer barreiras que pareciam intransponíveis. Era como se a multidão possuísse uma vontade comum e malévola.

Finalmente, Arvardan conseguiu contornar um balcão com cuidado, agindo como se Schwartz fosse um peixe fisgado e na ponta de uma vara. Esticou o braço e sua mão enorme agarrou o ombro de Schwartz.

Schwartz logo começou a emitir uma série de sons incompreensíveis e tentou se livrar, tomado pelo pânico. Entretanto homens mais fortes já tinham tentado se livrar de Arvardan, descobrindo com pesar que era muito difícil. O Siriano limitou-se a sorrir, dizendo em tom normal, para que as pessoas mais próximas não desconfiassem:

- Olá, meu velho, há tempo que queria vê-lo. Como é que você vai?

Imaginou que o truque logo seria descoberto, considerando que o outro continuava a dizer coisas esquisitas, mas Pola se aproximou

- Schwartz - cochichou a moça. - Volte conosco. Schwartz se empertigou

todo, numa atitude de desafio, mas logo murchou. Falou com uma espécie de resignação:

- Eu-andar junto-você, - mas suas palavras foram submersas pelas ondas sonoras que saíram subitamente dos alto-falantes da loja.

- Atenção - atenção - atenção! A gerência pede que todos os fregueses desta loja saiam de maneira ordeira pelo lado da Quinta Rua. Apresentem seucartão de registro aos guardas postados ao lado da entrada. É imperativo que isto aconteça o mais depressa possível. Atenção - atenção - atenção!

A mensagem foi repetida três vezes, e a Última aconteceu quando já se ouviam os pés batendo, enquanto as pessoas se colocavam em fila para sair da loja. Havia uma vasta algazarra, enquanto muitas vozes repetiam a mesma pergunta, sem obter qualquer resposta:

- O que foi? O que esta acontecendo?

Arvardan encolheu os ombros e disse:

- Vamos nos por em fila, senhorita. Precisamos sair de qualquer jeito. Pola sacudiu a cabeça.

-Não podemos. Não podemos…

- Por que não? O arqueólogo parecia surpreso.

A moça fez semblante de querer se afastar dele. Como poderia explicar que Schwartz era desprovido de cartão de registro? Quem era ele? Por que tinha se oferecido em ajudá-la? Sua mente estava confusa pelo desespero e pela desconfiança. Falou rispidamente:

- Seria melhor que você se afastasse para não se meter em complicações.

Os elevadores estavam se esvaziando, trazendo as pessoas que se encontravam nos andares superiores. Arvardan, Pola e Schwartz pareciam uma pequena ilha num verdadeiro rio humano.

Quando, mais tarde, Arvardan voltou a pensar nos acontecimentos, percebeu que a este ponto poderia ter se afastado. Mas largar a moça!… Arriscar-se a nunca mais vê-la! - Não precisar se censurar por qualquer coisa… Se tivesse ido embora, tudo teria acontecido de maneira diferente, o Grande Império Galáctico Poderia ter submergido no caos e na destruição.

Não arredou Pé. A moça, assustada e desesperada, não lhe parecia mais bonita. Ninguém é atraente naquelas condições. Entretanto Arvardan ficou perturbado ao ver quanto era indefesa. Deu um passo para frente, mas logo voltou atrás.

- Você pretende ficar aqui mesmo?

Ela assentiu.

- Por que? Perguntou o cientista.

- Porque - ela falou, com as lágrimas começando lhe escorrer pelas faces, - não sei o que mais poderia fazer. - Era só uma mocinha muito assustada, apesar de ser uma Terrestre Arvardan abrandou a voz:

- Se você pudesse me explicar o que há, talvez poderia ajudá-la.

Ela não respondeu. Os três formavam um estranho grupo. Schwartz tinha se acocorado no chão, por demais desesperado para sentir vontade de adivinhar o que estavam dizendo, por sentir curiosidade pelo fato que a loja de repente estava se esvaziando ou por fazer qualquer outra coisa que cobrir o rosto com a mão, tentando abafar um gemido de desespero. Pola chorava, consciente de um medo mais profundo que qualquer outro jamais provado. Arvardan, estupefato, ficou esperando ao seu lado, tentando desajeitadamente afagar o ombro da moça, para confortá-la. Foi então que percebeu que estava tocando uma moça Terrestre pela primeira vez.

Um homenzinho se aproximou deles, enquanto permaneciam assim, parados.

9 - Conflito em Chica

O tenente Marc Claudy, da guarnição de Chica, bocejou demoradamente enquanto olhava para algum ponto indefinido, dominado por um tédio enorme. Seu segundo ano de serviço na Terra estava para terminar e ele esperava ansioso pela chegada de seu substituto.

O serviço de guarnição neste mundo horrível era muito mais complicado que em qualquer outro planeta da Galáxia. Nos outros planetas sempre encontrara uma certa camaradagem entre os militares e a população, especialmente a parte feminina da população. Havia uma certa franqueza e uma sensação de liberdade.

Aqui, era como ficar no interior de uma cadeia. Existiam alojamentos à prova de radiação, com ar filtrado, livre de poeira radioativa. Era necessário usar fardamento impregnado de chumbo, frio e pesado, que não podia ser removido sem perigo. E, para encher a medida, era impossível qualquer contato com a população local - mesmo que um soldado, por uma questão de absoluto desespero, se decidisse a travar uma relação qualquer com uma moça “terrena”.

O que mais poderia fazer, a não ser tomar uns tragos rápidos, tirar longos cochilos e sentir que estava ficando louco?

O tenente Claudy sacudiu a cabeça para clarear as ideias, bocejou mais uma vez, sentou-se e começou a calçar os sapatos. Olhou para o relógio e percebeu que ainda não chegara a hora do jantar. De repente deu um pulo e se colocou de pé, com um sapato só. Fez continência, lembrando ao mesmo tempo que seu cabelo estava despenteado.

O coronel lançou um olhar ao redor, com um murmúrio, mas não mencionou o assunto mais óbvio. Ordenou em tom ríspido:

- Tenente, fomos informados de desordens no centro comercial. Leve um esquadrão de descontaminação até a loja de departamentos Dunham, e tome conta. Providencie que seus homens sejam efetivamente protegidos contra a Febre por Radiação.

- Febre por Radiação! - gritou o tenente. - Mas, senhor…

- Apronte-se para sair dentro de quinze minutos, - terminou o coronel, friamente.

Arvardan foi o primeiro a tomar conhecimento do homenzinho e empertigou-se quando viu que o outro acenava um cumprimento.

- Olá, amigo. Olá, grandalhão. Diga à mocinha que não há motivo para chorar.

Pola levantou a cabeça com um movimento abrupto e segurou o fôlego. Sem querer, aproximou-se de Arvardan que, também por uma questão de reflexo, colocou um braço em seus ombros. Não reparou que já era a segunda vez que encostava a mão numa moça Terrestre. Perguntou, áspero:

- O que é que você quer?

O homenzinho com olhos agudos se aproximou, desconfiado, saindo de trás do balcão. Sua maneira de falar era, ao mesmo tempo, bajuladora e impertinente.

- Lá fora tem muita confusão - explicou. - Mas isto não deve preocupá-la, senhorita. Posso levar este homem de volta para o Instituto.

- Que Instituto? - perguntou Pola, assustada.

- Ah, deixe para lá - respondeu o homenzinho. Sou Natter, o cara que tem aquela vendinha de frutas em frente ao Instituto de Pesquisa Nuclear. Já vi a senhorita muitas vezes.

- Ora, escute -se intrometeu Arvardan. - O que é isto?

Natter se sacudiu todo, rindo silenciosamente.

- Eles pensam que este cara está com Febre por Radiação.

- Febre? -perguntaram Arvardan e Pola de uma Só vez.

Natter assentiu.

- Pois é. Dois motoristas comeram em sua companhia e foi isto que disseram. Uma noticia deste tipo se espalha muito depressa, sabe?

- Quer dizer - perguntou Pola - que os guardas lá fora estão procurando alguém com Febre?

- E como é que você não tem medo da Febre? - perguntou Arvardan de repente. - Suponho que as autoridades mandaram evacuar a loja por estarem com medo do contágio.

- Isto mesmo. As autoridades estão esperando do lado de fora, porque também estão com medo de entrar. Esperam que chegue O esquadrão de descontaminação dos Forasteiros.

- E você não tem medo da Febre?

- Por que deveria estar com medo? Este careta não tem febre nenhuma. Onde estão as feridas nos lábios? Seu rosto não é vermelho. Seus olhos parecem normais. Conheço os sintomas da Febre. Vamos andando, senhorita, vamos sair daqui.

Pola, mais uma vez, estava assustada.

- Não, não. não podemos. Ele… ele não… - Não conseguiu continuar. Natter observou em tom insinuante:

- Eu poderia levá-lo para fora. Ninguém faria qualquer pergunta. Ninguém pedirá o cartão de registro.

Pola não conseguiu controlar uma exclamação e Arvardan perguntou, com repugnância visível:

- Posso saber por que motivo você é tão importante?

Natter soltou uma gargalhada rouca. Virou a lapela.

- Sou mensageiro da Sociedade dos Anciões. Ninguém me fará perguntas.

- E qual é seu interesse?

- É dinheiro- Você está numa situação delicada e eu posso ajudar. Me parece bastante correto. Para você, isto vale uns cem créditos, e para mim também vale cem créditos. Cinquenta agora, e cinquenta na hora da entrega.

Pola só conseguiu sussurrar, horrorizada

- Você quer levá-lo até os Anciões.

- Ora, por que? Os Anciões não se interessam pelo cara, mas para mim ele vale cem créditos. Se vocês ficarem esperando pelos Forasteiros, eles são capazes de matar o cara antes de descobrir que, afinal não está com a Febre. Vocês sabem como são os Forasteiros - eles não se importam de matar um Terrestre. Aliás, eles só esperam uma oportunidade.

Arvardan disse:

- Leve a moça também.

O homenzinho observou com seu olhar agudo e astucioso.

- Nada disso: De jeito nenhum amigo. Vou assumir um risco calculado, posso me safar com um, mas provavelmente não poderia sair com dois. Por outro lado, se preciso levar um, vou levar quem vale mais. Você não acha muito razoável?

- O que você acharia - perguntou Arvardan - se eu arrancasse suas pernas?

Que tal, hein? Natter estremeceu, mas conseguiu se controlar e sorriu.

- Neste caso, você seria um imbecil. Eles irão apanhá-lo de qualquer jeito, e além do mais, terá também que responder por assassinato… Calma aí, amigo. Tire suas mãos de mim.

- Por favor - Pola estava sacudindo o braço de Arvardan. Precisamos arriscar. Deixe que faça como falou… Você se portará corretamente conosco, não é mesmo, senhor Natter?

- Seu amigo grandalhão torceu meu braço - respondeu Natter com uma careta. - Não devia fazer isto. Não gosto quando tentam me intimidar. Assim vou cobrar mais uma centena de créditos extra. Ao todo, duzentos.

- Meu pai vai lhe pagar.

- Quero cem adiantados. Agora - explicou o homenzinho, decidido.

- Mas eu não trouxe cem créditos - gemeu Pola.

- Não se preocupe, moça, - falou Arvardan, entre lábios rígidos. - Eu tenho dinheiro. Abriu a carteira, extraiu algumas notas e as jogou em direção de Natter.

- Pode ir!

- Schwartz, vá com aquele homem – sussurrou Pola. Schwartz obedeceu sem qualquer comentário, sem se importar. Para ele, nada mais importava. Teria ido ao inferno com a mesma indiferença.

Ficaram a sós, entreolhando-se. Provavelmente, era a primeira vez que Pola parava para observar Arvardan e ficou surpresa ao vê-lo tão alto e atraente, calmo e confiante. Até aquele momento, só o aceitara como um auxiliar um pouco pomposo, mas agora. De repente, sentiu-se intimidada e todos os acontecimentos da última hora desapareceram, enquanto só percebia as batidas aceleradas de seu coração.

Ainda ignoravam os respectivos nomes. Ela sorriu e falou:

- Sou Pola Shekt.

Arvardan ainda não conhecia seu sorriso e ficou encantado pelo que via. O rosto da moça parecia resplandecer, irradiava uma luz… Sentiu-se como… Reprovou-se mentalmente por aqueles pensamentos. Era uma moça Terrestre!

Por isso respondeu com menos amabilidade de quanto estava em suas intenções:

- Meu nome é Bel Arvardan - Estendeu uma mão bronzeada que por um instante fez desaparecer a outra mão, muito menor. Pola falou:

- Preciso lhe agradecer por toda a ajuda que me deu.

Arvardan sacudiu os ombros.

- Que tal irmos embora? Quero dizer, agora que seu amigo já se foi. Espero que se encontre em boas mãos.

- Acredito que se o tivessem apanhado, já teríamos ouvido o clamor de toda aquela gente, você não acha?

- Seus olhos imploravam que ele confirmasse suas esperanças, mas Arvardan resistiu à tentação de confortá-la.

- Então, vamos?

Ela esfriou.

- Sim, por que não? - retrucou, um pouco ríspida.

Entretanto, o ar pareceu se encher de uivos agudos e a moça arregalou os olhos e retirou a mão.

- O que é que há, agora? - perguntou Arvardan.

- Os Imperiais estão chegando.

- E você se assustou? - Sem querer, Arvardan assumira o tom de superioridade de um não-Terrestre - do arqueólogo Siriano. Com ou sem preconceitos, a aproximação dos soldados Imperiais significava uma volta à sanidade e à humanidade. Sentiu que dispunha de uma ampla margem para poder ser condescendente e voltou ao tom amável de antes.

- Não se preocupe por causa dos Forasteiros - disse, rebaixando-se a usar o termo que eles empregavam para designar os não-Terrestres. -Vou cuidar deles, senhorita Shekt. A moça ficou preocupada.

- Oh, não, não faça isto. Não fale com eles. Faça o que mandarem e evite até olhar para o lado deles.

Arvardan teve um largo sorriso.

Os guardas perceberam que estavam se aproximando quando ainda se encontravam a certa distância da entrada principal, e logo se afastaram. Pola e Arvardan saíram e encontraram um pequeno espaço e um estranho silêncio. Os uivos das sirenes estava se aproximando.

Os carros blindados apareceram na praça de repente, soldados com globos de vidro na cabeça pularam dos veículos. A multidão recuou em pânico, empurrada para trás por ordens peremptórias e por empurrarem com os cabos dos chicotes neurônicos.

O tenente Claudy se aproximou dos guardas Terrestres ao lado da entrada principal.

- Muito bem, quem está com a Febre?

Seu rosto aparecia levemente distorcido por causa do globo de vidro com seu suprimento de ar puro. Sua voz, amplificada, resultava quase metálica. O guarda inclinou a cabeça em sinal de profundo respeito.

- Com sua licença, isolamos o doente no interior da loja. As duas pessoas que se encontravam em sua companhia, estão neste momento paradas na entrada, aqui em sua frente.

- É mesmo? Ótimo! Deixe-os ficar onde estão. Agora - primeiro, quero esta multidão afastada daqui, sargento! Disperse O pessoal que se encontra na praça!

A ordem foi executada com uma eficiência um pouco sinistra. Chica já estava sendo encoberta pela escuridão, e a multidão desapareceu na luz fraca. As ruas começaram a brilhar por causa da suave luz artificial.

O tenente Claudy usava seu chicote neurônico para dar pancadinhas nos canos de suas pesadas botas.

- Você tem certeza que o “terreno” doente está no interior da loja?

- Ele não saiu, senhor tenente. Deve estar dentro.

- Certo. Vamos supor que esteja mesmo e parar de perder tempo. Sargento! Proceda à descontaminação da loja!

Um grupo de soldados, hermeticamente protegidos contra qualquer contato com o ambiente terrestre, entrou correndo. Passaram quinze minutos, enquanto Arvardan observava a manobra com grande interesse. Não desejava perder nada desta experiência em relacionamento intercultural.

Os soldados voltaram a sair do prédio.

- Selar as entradas!

Mais alguns minutos e as latas de desinfetante, colocadas em vários pontos de cada andar, foram ativadas por controle remoto. As tampas se abriram soltando espessas cortinas de vapor que encobriram tudo no interior, penetrando em todos os recessos. Protoplasma nenhum, fosse germe ou fosse humano, poderia resistir aos gases e o prédio precisaria de uma limpeza radical antes de voltar a ser usado. O tenente começou a se aproximar de Arvardan e Pola.

- Como era o nome do homem? - Sua voz não era ao menos cruel, era simplesmente indiferente. Pensava que afinal, um Terrestre acabara de morrer. Naquele mesmo dia, matara uma mosca. Quer dizer, duas.

Não houve resposta. Pola mantinha a cabeça baixa, em atitude humilde, enquanto Arvardan observava o tenente com curiosidade. O oficial Imperial não tirava os olhos do casal. Acenou com a cabeça.

- Um exame de contaminação, rápido!

Um outro oficial com as divisas do Corpo Médico Imperial, se aproximou e o exame não foi delicado. Suas mãos enluvadas apalparam as axilas com gestos rudes, puxaram os cantos das bocas para ver o interior das bochechas.

- Não existe infecção, tenente. Se estiveram em contato com o homem durante a tarde, os sintomas já deveriam ser visíveis, caso existisse contaminação.

- Hum. -O tenente Claudy tirou da cabeça o globo de vidro e apreciou a possibilidade de respirar o ar “vivo”, apesar de ser ar da Terra. Colocou o globo de vidro debaixo do braço esquerdo e perguntou com sua voz áspera:

- Qual é seu nome, fêmea “terrena”?

Era um insulto grave, e o tom contribuía para que fosse ainda mais pesado, mas Pola não deu sinal de ressentimento.

- Pola Shekt, senhor - murmurou.

- Identificação! Pola enfiou os dedos no bolsinho do paletó branco e extraiu um cartão cor de rosa, dobrado.

O oficial apanhou o cartão e o abriu, examinando-o à luz de uma lanterna. A seguir, jogou-o em direção à moça. O cartão caiu no chão e Pola se abaixou para apanhá-lo, pálida e trêmula.

- Mantenha-se de pé -ordenou o tenente, irritado e chutou o cartão para longe. Pola mal teve o tempo de retirar a mão. Arvardan achou que já era tempo de interferir. Franziu o cenho e falou:

- Ora, digo. Tome um pouco de cuidado.

O tenente se virou para o seu lado com um movimento brusco, com os lábios

estirados.

- O que foi que você disse, “terreno”?

Pola se colocou entre ambos.

- Por favor, senhor, este homem não tem nada a ver com o que está acontecendo aqui. Nunca o vi antes de agora… O tenente a empurrou sem cerimônia. A moça cambaleou para um lado.

- Perguntei, o que foi que você disse, “terreno”?

Arvardan ficou observando-o friamente.

- Falei, ora, digo, tome um pouco de cuidado. Vou acrescentar agora que não estou apreciando seus modos quando está falando com uma mulher e estou lhe dando o conselho de usar mais educação.

Estava a tal ponto irritado que não se preocupou em corrigir a impressão do militar sobre suas origens planetárias. O tenente Claudy sorriu sem a menor alegria.

- E onde foi que você recebeu sua educação, “terreno”? Você não sabe que deve dizer “senhor” quando está falando com um homem? Você não conhece mesmo seu lugar, não é? Pois há tempo não tive o prazer de ensinar a um bode “terreno”, bonitão e avantajado, qual é a maneira correta de viver. Daí, tome isto…

Sua mão surgiu com a velocidade de uma cobra no bote e, aberta, bateu no rosto de Arvardan, com a palma e com as costas, uma vez, duas vezes… Arvardan se afastou um passo, surpreso, e só percebeu o rugido do Sangue em seus ouvidos. Sua própria mão se adiantou, agarrando a mão que se esticava para voltar a golpeá-lo. Viu o rosto do tenente se retorcer pela surpresa. Os músculos do ombro vibraram com o movimento.

O tenente caiu no chão com estrondo e o globo de Vidro se espatifou num tilintar de cacos. Ficou deitado enquanto Arvardan o observava com um meio sorriso feroz. Esfregou levemente as mãos, como a livrá-las da poeira.

- Tem mais algum bastardo aqui, que pensa que pode brincar com meu rosto?

O sargento já tinha erguido seu chicote neurônico. Fechou o circuito e uma faísca arroxeada saiu, atingindo o arqueólogo.

Todos os músculos de Arvardan se retesaram pela dor intolerável e muito vagarosamente, caiu de joelhos. A seguir, totalmente paralisado, perdeu os sentidos.

Quando Arvardan começou a emergir da névoa, percebeu em primeiro lugar uma agradável sensação de frio em sua testa. Tentou abrir os olhos e descobriu que suas pálpebras se movimentavam como se tivessem dobradiças enferrujadas. Decidiu manter os olhos fechados e concentrou-se num braço. Progredindo por etapas - e cada esforço provocava agulhadas atrozes em todos os músculos - ergueu a mão até o rosto.

Encontrou uma toalha molhada e fresca e uma pequena mão. Lutou contra a névoa e abriu um olho. Disse:

- Pola.

Ouviu uma exclamação de alegria.

- Sim! Como é que você se sente?

- Como se estivesse morto - coaxou Arvardan -sem a vantagem de ser insensível… O que foi que aconteceu?

- Fomos levados para a base militar. O coronel veio nos ver. Eles o revistaram - agora não sei o que vai acontecer, mas… Oh, senhor Arvardan, não deveria ter agredido aquele tenente. Receio que lhe quebrou um braço.

Os lábios de Arvardan se estiraram um pouco num sorriso.

- Perfeito! Só lastimo não ter quebrado suas costas!

- Mas… mas desacatar ou agredir um oficial Imperial é um crime punido com a pena capital! - Pola estava sussurrando, horrorizada.

- Não diga? Vamos ver se é verdade.

- Ssst! Estão voltando.

Arvardan fechou os olhos e tentou relaxar os músculos. O grito de Pola chegou aos seus ouvidos como de uma grande distância e quando percebeu a picada da agulha, não teve forças para se mexer.

A seguir, o analgésico começou a agir em suas veias e em seus nervos, apagando as dores. Seus braços se soltaram e suas costas conseguiram se endireitar, não mais obrigadas a ficar arqueadas pelos músculos retesados. Bateu rapidamente as pálpebras e, apoiando-se nos cotovelos, se sentou.

O coronel estava observando-o, pensativo. Pola parecia preocupada e ao mesmo tempo, satisfeita. O coronel falou:

- Pois é, doutor Arvardan, parece-me que hoje à noite aconteceu um desagradável mal entendido. Doutor Arvardan. Pola percebeu que não sabia nada a respeito dele, nem mesmo qual fosse sua profissão… Nunca se sentira assim antes. Arvardan soltou uma breve gargalhada.

- Desagradável, hein? Considero o adjetivo totalmente inadequado.

- Você quebrou o braço de um oficial Imperial no exercício de suas funções.

- O oficial me agrediu primeiro. Suas funções obviamente não incluem a necessidade de me insultar de forma tão inqualificável, com a palavra e os gestos. Agindo como agiu, perdeu qualquer direito a ser tratado como um oficial e como um cavalheiro. Em minha qualidade de livre cidadão deste Império, tinha eu todo e qualquer direito de me insurgir contra este comportamento arrogante e sobretudo, ilegal.

O coronel pigarreou, sem saber o que dizer. Pola observava ambos, estupefata e incrédula. Finalmente, o coronel falou em voz baixa:

- Seria desnecessário explicar que o incidente só pode ser considerado um muito

infeliz mal entendido. Aparentemente, ambas as partes foram atingidas em igual medida. Em minha opinião, a melhor atitude seria a de simplesmente esquecer o acontecido.

- Esquecer? Não concordo. Passei algum tempo hospedado no Palácio do Procurador, e ele poderia ter algum interesse em conhecer exatamente de que forma sua guarnição mantém a ordem na Terra.

- Ouça, doutor Arvardan, posso garantir que lhe serão apresentadas desculpas…

- As desculpas podem ir para os quintos do inferno. O que você pretende fazer a respeito da senhorita Shekt?

- O que é que você sugere?

- Sugiro que seja posta em liberdade agora mesmo, que você lhe devolva seus documentos e apresente suas desculpas, aqui mesmo. O coronel enrubesceu e falou com visível esforço:

- Sem dúvida. - Virou-se para Pola: - Queira a senhorita acreditar que lamento profundamente…

Dez minutos num táxi aéreo foram suficientes para levá-los longe dos alojamentos da base militar. Estavam na cidade, parados no silêncio noturno, ao lado do Instituto. Já passava da meia noite. Pola disse:

- Acho que não estou entendendo direito. Você deve ser uma pessoa muito importante e sinto-me muito tola por não conhecer seu nome. Nunca imaginei que os Forasteiros pudessem se comportar com um Terrestre, como fizeram com você.

Arvardan, apesar da relutância que sentia, achou necessário esclarecer toda aquela situação.

- Pola, não sou um Terrestre. Sou um arqueólogo do Setor de Sírio.

A moça ergueu o rosto que apareceu branco no luar. Durante dez segundos ficou em silêncio.

- Quer dizer que você sabia que nada lhe aconteceria, e foi por isso que você enfrentou os soldados. Eu imaginava… eu pensava que…- Estava amargurada, exasperada. - Peço que me desculpe se hoje, por causa da minha ignorância, o ofendi de qualquer maneira, tomando uma atitude indevidamente familiar…

Arvardan se irritou.

- O que é que há, Pola? -gritou. -Que diferença faz se eu não sou um Terrestre? Por que este detalhe deve influir em nosso relacionamento, que há cinco minutos era diferente?

- Só posso dizer, senhor, que eu não sabia.

- Não lhe pedi para me chamar de “senhor”. Pare de querer parecer igual aos outros.

- Os outros, senhor? Quais outros? O resto daqueles animais nojentos que povoam

a Terra?… Estou lhe devendo cem créditos.

- Você não me deve coisa alguma - protestou Arvardan.

- Não posso obedecer a esta injunção. Se não se importa de me comunicar seu endereço, vou providenciar que a quantia lhe seja entregue amanhã mesmo. Arvardan, de repente, assumiu um tom grosseiro.

- Você me deve muito mais que apenas cem créditos. Pola mordeu os lábios e abaixou a voz. - Realmente, senhor, mas trata-se da única parte de minha grande dívida que eu possa lhe devolver. Qual é seu endereço?

- A Residência Estadual -falou Arvardan enquanto virava as costas. Logo desapareceu na escuridão. Pola descobriu que estava chorando. Shekt esperava pela filha na porta de seu gabinete.

- Ele voltou - disse. - Um homenzinho o trouxe até aqui.

- Ótimo - respondeu Pola com um esforço.

- O homenzinho pediu duzentos créditos e eu os paguei.

- Só deveria receber cem, mas tanto faz.

A moça passou ao lado do pai, que falou com um suspiro:

- Estava muito preocupado. Houve tanto rebuliço por aqui… Não tive coragem de fazer perguntas, receava que poderia complicar sua situação.

- Está tudo bem, não aconteceu nada demais… Deixe-me dormir aqui, pai. Entretanto, apesar do cansaço, não conseguiu pegar no sono, porque algo tinha acontecido. Encontrara um homem, e este homem era um Forasteiro. Porém, conhecia seu endereço. Sim, conhecia o endereço.

10. - Interpretação dos Acontecimentos

Havia dois Terrestres que, pelas aparências, representavam o maior contraste imaginável -um deles, aparentemente, possuía o maior poder da Terra, enquanto o outro o exercia de fato.

O Ministro Supremo era o Terrestre mais importante, sendo o governante reconhecido da Terra, diretamente nomeado por decreto do Imperador de toda a Galáxia - mas obviamente, às dependências do Procurador Imperial. Seu Secretário parecia não ter qualquer importância. Era simplesmente um membro da Sociedade dos Anciões, nomeado, em teoria, pelo próprio Ministro Supremo, para cuidar de pormenores não especificados e que poderia, sempre em teoria, ser demitido sem mais nem menos, a qualquer momento.

O Ministro Supremo era conhecido em toda a Terra e considerado o árbitro definitivo em matéria de Costumes. Era sua prerrogativa anunciar qualquer exceção aos Sessenta, julgar os infratores de rituais, do racionamento e dos horários de trabalho, os invasores de áreas proibidas e assim por diante. O Secretário, porém, não era conhecido por ninguém, nem mesmo sabia-se seu nome, a não ser na Sociedade dos Anciões e pelo próprio Ministro Supremo.

O Ministro Supremo era um orador e fazia muitos discursos, discursos de alto conteúdo emocional, que transbordavam sentimentos. Seus cabelos eram loiros e compridos e ostentava uma aparência e uma postura de aristocrata. O Secretário, com seu nariz arrebitado num rosto todo torto, preferia monossílabos a palavras, grunhidos em vez de monossílabos, e quando podia, ficava em silêncio total - pelo menos em público.

Obviamente, o Ministro Supremo ostentava todos os atributos do poder, mas o Secretário realmente o exercia. Quando se encontravam a sós, no Gabinete do Ministro Supremo, as circunstâncias se manifestavam em toda sua realidade.

Nesta ocasião, o Ministro Supremo estava nervoso e petulante e seu Secretário conservava-se frio e indiferente.

- A coisa que eu não entendo -exclamou o Ministro Supremo -é a vinculação que existe entre todos estes relatórios que você me traz. Relatórios e mais relatórios! - Ergueu um braço acima da cabeça e cortou o ar, como a repelir uma pilha imaginária de relatórios. - Não tenho tempo para isto.

- De fato -concordou friamente o Secretário. - Foi por isto que Vossa Excelência me contratou. Estou aqui para ler tudo, digerir tudo e transmitir tudo.

- Está bem, meu bom Balkis, então fale logo. E depressa, porque afinal trata-se de assuntos de pouca importância.

- Pouca importância? Qualquer dia, Vossa Excelência poderia perder muito, a não ser que se esforce a julgar com mais acuidade… Vamos ver o significado destes relatórios

e se realmente Vossa Excelência acha-os de somenos. Em primeiro lugar, temos aqui o relatório do auxiliar de Shekt e que foi o primeiro que me forneceu um indicio. Foi escrito há sete dias.

- Que indício?

O sorriso de Balkis era um pouco amargo.

- Vossa Excelência me permita lembrar-lhe certos projetos que estão sendo discutidos na Terra, há alguns anos.

- Ssst! - O Ministro Supremo, sem se preocupar com a impressão que criava, olhou ao redor com total falta de decoro.

- Excelência, chegaremos à vitória sendo confiantes, e não nervosos… O sucesso deste projeto depende também, como Vossa Excelência sabe, do uso adequado do Sinapseador, aquele brinquedinho inventado por Shekt. Até agora, pelo que sabemos, o Sinapseador só foi usado para fins específicos e com nossa autorização. Agora, porém, sem qualquer pré-aviso, Shekt submeteu um homem desconhecido ao tratamento, transgredindo nossas ordens.

- Parece-me simples - observou o Ministro Supremo. - Basta disciplinar Shekt, prender o homem tratado e encerrar o assunto.

- Não, não. Seria uma ação muito direta. Vossa Excelência não percebeu o ponto importante. Não consideramos o que Shekt fez, mas por que ele agiu desta forma. Repare que existe uma coincidência, aliás, a primeira de uma série de notáveis coincidências. No mesmo dia, Shekt recebeu a visita do Procurador da Terra, e o próprio Shekt nos enviou um relatório fiel desta visita, mencionando os assuntos contemplados. Ennius deseja que o Sinapseador seja colocado à disposição do Império. Parece que prometeu considerável ajuda e grandes recompensas do Imperador.

- Hum - comentou o Ministro Supremo.

- Vossa Excelência acha estranho? Este tipo de compromisso parece mais atraente que os perigos que nos ameaçam atualmente?… Vossa Excelência se lembra das promessas de alimentos durante a carestia há cinco anos? Não recebemos os fornecimentos porque não tínhamos suficientes créditos Imperiais e os produtos terrestres não foram aceitos em troca, por serem radioativos. Recebemos alimentos? Ou um empréstimo? Mais de cem mil morreram de inanição. Não podemos confiar em promessas de Forasteiros.

- Mas isto não importa. Importa que Shekt deu uma grande demonstração de lealdade. Era óbvio que nunca mais poderíamos duvidar dele. Jamais poderíamos suspeitar que naquele mesmo dia cometesse uma traição. Mas foi assim que aconteceu.

- Você está se referindo à experiência não autorizada, Balkis?

- Sim, Excelência. Quem é o homem que foi tratado? Com o auxílio do assistente de Shekt, temos suas fotografias, impressões de retina. Vasculhamos o Registro Planetário mas nada encontramos. Precisamos, portanto concluir que o homem não é um Terrestre,

mas um Forasteiro. Além do mais, Shekt devia sabê-lo, porque o cartão de registro não pode ser transferido ou falsificado. Então com base nas provas, precisamos chegar à conclusão que Shekt sinapsificou um Forasteiro, consciente do que estava fazendo. E por quê? A resposta é tão simples que chega a nos perturbar. Shekt não é o instrumento ideal para nossos propósitos. Em sua mocidade, foi um Assimilacionista; certa vez se candidatou ao Conselho de Washenn, com uma plataforma de conciliação com o Império. Aliás, foi derrotado.

- Desconhecia este detalhe - interrompeu o Ministro Supremo.

- A derrota?

- Não, de ele ter sido um candidato. Por que ninguém me informou? Na posição em que se encontra agora, Shekt é um homem muito perigoso. Balkis sorriu com ar tolerante.

- Shekt inventou o Sinapseador, e por enquanto é a única pessoa que realmente sabe como usá-la. Sempre ficou sob vigilância, e esta vigilância será dobrada. Vossa Excelência não pode esquecer que um traidor em nossas fileiras e por nós conhecido, pode proporcionar ao inimigo um prejuízo muito maior que qualquer ação que um homem leal poderia cometer em nosso proveito. Mas vamos continuar com os fatos. Shekt sinapsificou um Forasteiro. Por que? Um Sinapseador só pode ser usado para uma única finalidade - a de aperfeiçoar a mente. E para que? Só desta maneira poderiam ser superadas as mentes de nossos cientistas já sinapsificados. Que tal? Isto significa que o Império está começando a desconfiar que alguma coisa está acontecendo na Terra. Vossa Excelência acha que isto tem escassa importância?

Gotinhas de suor apareceram na testa do Ministro Supremo.

- Você realmente pensa que é isto?

- Os fatos representam peças de um quebra-cabeça que só podem ser juntadas de uma única maneira. O Forasteiro tratado é um homem de aparência comum, aliás desprezível. Trata-se de uma extraordinária esperteza, porque um homem idoso, gorducho e careca, pode ser o mais hábil espião do Império. Pode sim, sem dúvida nenhuma. Quem mais poderia ser encarregado de uma missão tão delicada?… Mas seguimos este Forasteiro, cujo codinome é Schwartz, em todos os seus passos. Vamos ver estes outros relatórios.

O Ministro Supremo lançou um olhar aos papéis.

- Os que se referem a Bel Arvardan?

- O doutor Bel Arvardan - confirmou Balkis - o ilustre arqueólogo do heroico Setor Siriano, aqueles mundos cheios de fanáticos bitolados e cavalheirescos. -Cuspiu as palavras. -Mas não tem importância. De qualquer forma, temos uma imagem que apresenta um contraste quase poético com Schwartz. Arvardan não é um desconhecido, mas um personagem famoso. Não é um intrujão secreto, mas alguém que chega envolvido numa enorme onda de publicidade. Os avisos contra Arvardan não nos chegaram por intermédio de um obscuro técnico, mas do próprio Procurador da Terra.

- E você acha que existe uma ligação qualquer, Balkis?

- Vossa Excelência poderia até pensar que um deles foi mandado para desviar nossa atenção do outro. Ou também, considerando que a classe governante do Império é mestra em intrigas, temos aqui dois sistemas diferentes de camuflagem. No caso de Schwartz, apagam-se as luzes. No caso de Arvardan, todas as luzes foram acesas para nos ofuscar. Em ambos os casos, e óbvio que o intuito é enganar nossas vistas. Qual foi o aviso que Ennius deu a Vossa Excelência?

O Ministro Supremo, pensativo, começou a esfregar o nariz.

- Ele me disse que Arvardan chefiava uma expedição arqueológica patrocinada por órgãos Imperiais e desejava penetrar nas Áreas Proibidas por motivos científicos. Explicou que não havia nenhuma intenção sacrílega, mas que se conseguíssemos impedi-lo, usando métodos diplomáticos, Ennius apoiaria nosso ponto de vista com o Conselho Imperial, ou coisa assim.

- Isto significa que vigiaremos os passos de Arvardan, mas por que? Para que não tome nenhuma iniciativa sem autorização, e não penetre nas Áreas Proibidas. Temos aqui o chefe de uma expedição arqueológica, sem homens, sem naves e sem equipamentos, um Forasteiro que não quer ficar em Everest, onde deveria ficar, mas que prefere passear por toda a Terra… e que por um motivo qualquer, escolhe Chica por sua primeira parada. E qual é a manobra para desviar nossa atenção de todas estas circunstâncias suspeitas e curiosas? Recebemos um aviso para vigiar com cuidado algo que realmente carece de importância. Quero revelar, Excelência, que Schwartz ficou durante seis dias escondido no Instituto para Pesquisas Nucleares, e que depois fugiu. Não parece estranho? A porta ficou simplesmente destravada, o corredor estava sem vigilância. Uma esquisita negligência. E qual foi o dia em que fugiu? Mais uma coincidência. Foi no mesmo dia em que Arvardan chegou em Chica.

- Quer dizer que você imagina…

- Penso que Schwartz é um agente Forasteiro na Terra, que Shekt é o contato com a organização dos Assimilacionista traidores e que Arvardan é o contato do Império. Vossa Excelência repare a habilidade usada para conseguir o encontro entre Schwartz e Arvardan. Deixaram que Schwartz escapasse e depois de algum tempo, sua enfermeira - que, por coincidência, é a filha de Shekt -foi procurá-lo. Se alguma coisa saísse errada, é claro que ela o teria encontrado imediatamente. Neste caso, Schwartz seria apresentado como um doente irresponsável, e seria levado de volta ao Instituto, para tentar uma outra fuga mais tarde. De fato, dois motoristas de táxi ouviram a explicação que o homem estava doente, mas o tiro saiu pela culatra.

- Vossa Excelência veja como se passaram as coisas. Schwartz e Arvardan se encontraram primeiro num Pratomático. Aparentemente, não se conheciam. Mas aquele encontro servia para que ambos soubessem que tudo estava procedendo bem e que poderiam proceder… Pelo visto, eles pelo menos não nos subestimam, e isto já é alguma coisa.

- Então, Schwartz sai, seguido por Arvardan a poucos minutos de intervalo.

Arvardan se encontra com a moça Shekt. Juntos, encenam uma busca, para enganar os motoristas que já mencionei, e seguem para a loja Dunham, onde os três se reúnem. Qual lugar poderia ser melhor que uma grande loja? É um lugar ideal, muito mais secreto que uma caverna nas montanhas. É um lugar tão público, que ninguém poderia suspeitar de nada. Mas cheio de gente, que impede uma vigilância direta. Realmente, uma escolha notável. Preciso reconhecer a astúcia de meus adversários.

O Ministro Supremo se agitou em sua poltrona.

- Se nossos adversários são tão habilidosos, poderiam vencer.

- Impossível. Já estão derrotados. Aliás, precisamos reconhecer os méritos de nosso excelente Natter.

- Quem é Natter?

- Um agente insignificante que no futuro deverá ser encarregado de missões mais importantes. Sua conduta de ontem não poderia ser mais perfeita. Recebera o encargo de vigiar Shekt. Para isto, montou uma barraca de frutas na rua, em frente ao Instituto. Durante a ultima semana recebeu instruções no sentido de vigiar especificamente qualquer novidade no assunto de Schwartz. Estava a postos quando este homem, conhecido só por fotografias e por ter sido vislumbrado quando de sua chegada no Instituto, decidiu escapar. Natter observou toda a ação, sem ser percebido, e pelo seu relatório conhecemos todos os detalhes de ontem à noite. Guiado por sua inacreditável intuição, Natter decidiu que o propósito da fuga era proporcionar uma oportunidade de encontro com Arvardan. Achou que, sozinho, não poderia explorar o encontro, então decidiu impedi-lo. Os motoristas, que falaram com a moça Shekt, estavam suspeitando um caso de Febre. Natter se aproveitou disto com a rapidez de um gênio. Quando viu que o encontro estava para acontecer, denunciou o caso de Febre por Radiação, e as autoridades de Chica, verdade seja dita, cooperaram de maneira rápida e eficiente.

-A loja foi evacuada, e a camuflagem do encontro destruída. Ficaram sozinhos, à vista de todos. Natter foi mais além. Conversou com eles e se ofereceu para levar Schwartz de volta ao Instituto. Eles concordaram. E o que mais poderiam fazer?… O dia terminou sem que Schwartz e Arvardan pudessem tomar qualquer acordo.

- Também não cometeu a loucura de prender Schwartz. Ambos os agentes ainda ignoram que foram identificados e assim poderão nos levar a prender implicados importantes. Natter foi ainda mais além. Avisou a guarnição Imperial, um ato que está acima de qualquer elogio. Arvardan teve que enfrentar uma situação imprevista. Se revelasse sua condição de Forasteiro, logo se tornaria inútil para sua tarefa, que aparentemente é a de se portar na Terra como se fosse um Terrestre, mas ocultando sua condição teria que se submeter a qualquer indignidade resultante da situação. Escolheu a alternativa mais heroica, e no esforço de bem representar, acabou por quebrar o braço de um oficial do Império. Precisamos lembrar deste detalhe em seu favor.

- É muito significativo ele ter agido como agiu. Por que um Forasteiro ia se expor ao chicote neurônico só por causa de uma moça Terrestre, a não ser que o assunto fosse realmente muito importante?

O Ministro Supremo mantinha os punhos cerrados sobre a mesa. Suas feições aristocráticas estavam distorcidas pela preocupação.

- Foi um bom trabalho, Balkis, esta sua reconstrução, considerando os poucos dados que estavam em seu poder. Você reconheceu a trama em toda sua extensão e sinto que suas palavras refletem toda a verdade. Pela lógica, não existe nenhuma outra alternativa… Isto porém significa que eles estão muito perto, Balkis, muito perto… E desta vez eles não terão misericórdia.

Balkis encolheu os ombros.

- Não podem estar tão perto, caso contrário, em se tratando de uma situação potencialmente muito perigosa para o Império, eles já teriam desferido o golpe… Também não dispõem de tempo suficiente. Arvardan ainda precisa se encontrar com Schwartz, para que possam fazer alguma coisa, e por isso posso arriscar uma previsão do futuro.

- Diga.

- Schwartz deverá ser afastado agora para que a situação se acalme.

-O que vamos fazer com ele?

- Já sabemos. Schwartz foi levado ao Instituto por um homem que era evidentemente um fazendeiro. Recebemos descrições de Natter e do técnico de Shekt. Examinamos os dados de registro de todos os fazendeiros que se encontram numa área que não excedem sessenta milhas do centro da cidade. Natter identificou um certo Arbin Maren como sendo o fazendeiro em questão. O técnico confirmou a identificação. Investigamos o homem e descobrimos que está sustentando o sogro, um inválido que já evadiu a lei dos Sessenta.

O Ministro Supremo bateu um punho sobre a mesa.

- Estes casos estão ficando muito frequentes, Balkis. Precisamos encontrar o jeito de tornar as leis mais rigorosas…

- Isto não importa neste momento, Excelência. O que importa é que o fazendeiro, que está infringindo as leis, pode ser chantageado

- Estou vendo…

- Shekt, e seus cúmplices Forasteiros precisam de um instrumento e o fazendeiro pode proporcionar um esconderijo para Schwartz, caso não possa mais prolongar sua estada no Instituto. Este fazendeiro, que provavelmente é uma criatura simples e inocente é de inestimável valia. Por conseguinte ficará sob vigilância e Schwartz também… Agora os cúmplices terão que organizar outro encontro entre Schwartz e Arvardan, e desta vez estaremos preparados. Vossa Excelência entendeu toda a situação?

- Entendi

- Ótimo, a Terra seja louvada. Neste caso, vou me retirar. - Com um sorriso sardônico, acrescentou: - É claro, com vossa permissão. O Ministro Supremo não reparou e com um gesto volúvel, deu-lhe licença.

O Secretário se encaminhou para seu próprio escritório e quando ficava sozinho, seus pensamentos às vezes fugiam ao seu rígido controle e se atropelavam nos recessos secretos de sua mente.

Os pensamentos não se referiam ao Doutor Shekt, a Schwartz, a Arvardan - e menos ainda ao Ministro Supremo.

Em sua mente surgiu a imagem de um planeta chamado Trantor -neste planeta existia uma imensa metrópole que governava toda a Galáxia. Começou a pensar no palácio que não conhecia, que nenhum Terrestre conseguira ver, com seus arcos e suas torres. Pensou nos fios que ligavam aquele palácio com todos os planetas, ao poderio e à glória que passavam de sol a sol, enquanto a ideia excelsa e abstrata do Imperador era apenas representada por um homem.

Sua mente se concentrou neste pensamento - o pensamento do poder que podia conferir honras divinas - que se encontrava entre as mãos de uma criatura apenas humana.

Apenas humana… como ele próprio.

E ele poderia ser…

11 - Mente em Mutação

Na mente de Joseph Schwartz as mudanças começaram a se manifestar de maneira imperceptível. Muitas vezes, no silêncio da noite - e como as noites eram silenciosas, agora… era possível que uma vez fossem barulhentas, vibrantes, refletindo a vida de milhões? - procurava lembrar e estabelecer o começo da mudança. Desejava individuar quando a coisa realmente tinha começado.

Lembrava-se daquele dia do passado, cheio de medo, quando se viu solitário num mundo desconhecido - um dia já perdido na névoa como a própria lembrança de Chicago. A viagem até Chica e os estranhos e complexos acontecimentos que se seguiram. - Entretanto, a memória dos últimos dois meses era perfeita, claríssima.

Algo a respeito de uma máquina - de pílulas. Dias de convalescença depois a fuga, as andanças e os acontecimentos inexplicáveis naquela grande loja. Não conseguia lembrar todos os detalhes. Mas todos os acontecimentos dos dois meses seguintes eram claríssimos e completos.

Mesmo assim, começou a perceber sinais de esquisitas mudanças. Começou a ficar sensível à atmosfera. O velho cientista e sua filha ambos sem jeito, ambos talvez até assustados Percebera isto naquela época? Ou era apenas uma impressão fugidia, reforçada e elaborada em seus pensamentos?

Mas quando se encontrava na loja, antes que o grandalhão o agarrasse pelo ombro - logo antes disto começou a ter consciência do que estava para acontecer. Não teve tempo suficiente para evitá-lo, mas tivera uma indicação clara de uma mudança.

E depois, as enxaquecas. Não, não eram enxaquecas, eram vibrações, como se um gerador oculto estivesse trabalhando em seu cérebro, e sua vibração ecoasse dentro da estrutura óssea de seu crânio. Nunca acontecera quando vivia em Chicago - se é que esta fantasia a respeito de Chicago tinha algum valor -e nem mesmo durante os primeiros dias de sua volta à realidade.

Que poderiam eles ter feito naquele primeiro dia em Chica? Com a máquina? Ou com as pílulas? As pílulas deviam ser algum anestésico. Então, uma cirurgia? Chegou a este ponto e parou, como já fizera nas cem vezes anteriores.

Saíra de Chica no dia seguinte à fuga, e agora os dias passavam mais agradáveis.

Encontrou Grew em sua cadeira de rodas, repetia palavras e apontava ou fazia gestos, como Pola já fizera. Chegou um dia em que Grew parou de dizer coisas sem sentido e começou a falar inglês. Mas não… era ele, Joseph Schwartz, que parara de falar inglês e agora repetia coisas sem sentido. Mas já não eram sem sentido.

Tudo era muito fácil. Aprendera a ler em quatro dias. Estava surpreso. Uma vez, em Chicago, possuía uma memória excepcional, ou pelo menos pensava que assim era. Mas nunca conseguira fazer nada igual. Grew não pareceu se surpreender.

Schwartz parou de se surpreender.

Logo, quando chegou o outono, as coisas já pareciam muito claras e Schwartz estava nos campos, trabalhando. Tinha aprendido com a maior facilidade. Esquisito. Nunca cometia um erro. Havia máquinas complicadas para a lavoura, e conseguia manobrá-las com a maior facilidade, após uma única explicação.

Esperou que o tempo esfriasse, mas não aconteceu. O inverno passou entre trabalhos de desbastamento do solo, aplicação de fertilizantes e preparação para a semeadura da primavera.

Perguntou a Grew, tentou explicar o que era a neve, mas o outro o encarou estupefato:

- Água congelada, caindo como chuva, hein? E isto se chama neve? Ouvi dizer que acontece em outros planetas, mas não na Terra.

Daquele dia em diante, Schwartz começou a fiscalizar a temperatura e descobrir que nunca variava muito - mesmo quando os dias começaram a ficar mais curtos, como era normal numa latitude setentrional, como por exemplo a de Chicago. Começou a duvidar de estar na Terra.

Tentou ler! alguns livros-filme de Grew, mas desistiu. Os personagens eram gente, claro, mas havia tantos detalhes da vida cotidiana que ele não entendia, tantas alusões históricas e sociais, que parou.

Continuou a encontrar muitas coisas misteriosas. As chuvas mornas, sempre iguais, e as insistentes recomendações para não se aproximar de certas áreas. Por exemplo, uma noite, quando ficara curioso de saber o que era aquele brilho azulado no horizonte, mais ao sul…

Saiu logo depois do jantar, mas depois de apenas uma milha, o zunido apressado do carro de Arbin se aproximou e Arbin começou a gritar, furioso. Teve que voltar. Arbin então, dando passos nervosos de um lado para o outro, falou:

- Você precisa ficar afastado de todos os lugares que brilham durante a noite. Schwartz perguntou, tranquilo:

- Por que?

A resposta foi categórica:

- Porque é proibido. - Um intervalo e depois a pergunta: - Você realmente não sabe o que há lá fora, Schwartz? Schwartz fez um gesto com as mãos espalmadas. Arbin insistiu:

- De onde você é? Será que você é um Forasteiro, de Lá Fora?

- O que é um Forasteiro?

Arbin encolheu os ombros e foi embora.

Aquela noite, porém, foi muito importante para Schwartz, porque enquanto

percorria aquela milha em direção ao brilho que podia ver no horizonte, pela primeira vez percebeu em sua mente algo que acabou por chamar o Toque Mental. Não conseguia descrevê-lo de maneira diferente.

Estava sozinho enquanto a escuridão se fazia mais intensa. Seus passos vibravam sobre o chão elástico. Não tinha visto ninguém. Não tinha ouvido ou tocado coisa alguma.

Aliás, não exatamente… Percebera um toque, mas não em qualquer parte de seu corpo. Era em sua mente. Talvez não era exatamente um toque… era mais uma presença. Algo estava se manifestando, roçando suavemente, como veludo.

A seguir, percebeu dois - dois toques, diferentes.

O segundo - e não sabia como fazia para distingui-los - começou a se tornar mais alto (não, não era a definição correta), começou a se tornar mais distinto, mais definido.

A seguir, soube que era Arbin. Soube, com toda certeza, cinco minutos antes de ouvir o primeiro zunido do carro de duas rodas, dez minutos antes de ver Arbin em pessoa.

Mais tarde a coisa começou a acontecer com sempre maior frequência. Aos poucos, entendeu que sempre quando Arbin, Loa ou Grew se encontravam a trinta metros de distância, mesmo quando não existiam motivos para sabê-lo, mesmo quando tinha todos os motivos para supor o contrário. Era difícil acreditar nisto, mas aos poucos começou a lhe parecer natural.

Então, fez tentativas, experiências, e descobriu que conseguia sempre saber onde qualquer um deles se encontrava, em qualquer momento. Podia distinguir os diferentes Toques Mentais, porque variavam de pessoa a pessoa. Nunca teve a coragem de mencionar este fato perante os outros.

Às vezes ficava se perguntando a quem poderia pertencer aquele primeiro Toque Mental, percebido enquanto caminhava em direção ao Brilho. Não pertencia a Arbin, Loa ou Grew. Por outro lado, qual era a diferença?

Começou a ter um certo significado depois de algum tempo. Voltara a perceber aquele outro Toque, o mesmo. Foi numa noite em que levava o gado para os estábulos. Então se aproximou de Arbin e perguntou:

- O que é que há com aquela mata além dos morros do Sul, Arbin?

- Não há nada - respondeu o outro, ríspido. - São Terras Ministeriais.

- O que é isto?

Arbin se mostrou irritado.

- Afinal, que importância tem isto para você? As matas se chamam Terras Ministeriais porque pertencem ao Ministro Supremo.

- Por que aquelas terras não são cultivadas?

- Porque não se destinam à agricultura. -Arbin parecia escandalizado. -

Antigamente, no passado, ali havia um grande Centro. É um lugar sagrado e não se pode mexer nisto. Escute, Schwartz, se você quiser ficar aqui, e em paz, controle sua curiosidade e concentre-se em seu trabalho.

- Quer dizer que é tão sagrado que ninguém pode morar ali?

- Isto mesmo.

- Você tem certeza?

- Absoluta… E não se atreva a se aproximar. Poderia ser seu fim.

- Não irei.

Schwartz se afastou, perdido em especulações e sentindo-se pouco à vontade. O Toque Mental vinha daquelas matas, era um Toque muito poderoso, e a sensação agora era ainda mais definida. Era um Toque hostil, ameaçador.

Por que? Por que?

Mesmo assim, não teve coragem de falar. Não iriam acreditar em suas palavras e alguma coisa desagradável poderia lhe acontecer. Sabia isto também. De fato, sabia demais.

Nestes dias, ficou mais jovem. Não foi tanto num sentido físico, apesar de estar mais magro e com os ombros mais largos. Seus músculos pareciam mais duros e mais elásticos, e também sua digestão era melhor. Era o resultado de muito trabalho ao ar livre. Mas começou a ter consciência de algo mais. Era sua maneira de pensar.

Os velhos possuem a tendência a se esquecer como pensavam quando eram moços, esquecem a rapidez dos pulos mentais, a audácia das intuições, a agilidade da compreensão. Começam a se acostumar a variações mais vagarosas de raciocínio, e como este sistema é compensado pela acumulação das experiências, os velhos se julgam mais sagazes que os moços.

Schwartz, porém, continuava com toda sua experiência e foi com grande alegria que descobriu ser capaz de entender as coisas de repente e que progredia gradualmente da simples compreensão das explicações dadas por Arbin, até conseguir antecipá-las, adiantando-se. Por conseguinte, sentiu-se jovem de uma maneira muito mais sutil, não só pela sensação proporcionada pelas suas boas condições físicas.

Passaram dois meses e tudo ficou revelado durante uma partida de xadrez com Grew, debaixo do caramanchão.

O xadrez ainda continuava o mesmo, a não ser pelos nomes das pedras. O xadrez era uma coisa que ele lembrava e o considerava num certo sentido, reconfortante. Pelo menos neste ponto, sua memória não parecia ter falhas.

Grew lhe ensinou as variações do xadrez. Havia uma modalidade a quatro mãos, com um tabuleiro para cada jogador, e um quinto tabuleiro, conhecido como "*no man's land*" colocado no espaço vazio entre os quatro. Havia jogos de xadrez tridimensionais com oito tabuleiros transparentes colocados um em cima do outro, e com as pedras que se

movimentavam em três dimensões, o número das pedras era dobrado e só ganhava quem pudesse colocar em xeque ambos os reis adversários, simultaneamente.

Existiam variações populares, onde a posição das pedras era decidida jogando dados, ou quando certos quadrados conferiam vantagens, ou quando se introduziam no jogo pedras sobressalentes com propriedades diferentes.

Mas o jogo de xadrez original, este não mudara e o torneio entre Grew e Schwartz já ultrapassara as primeiras cinquenta partidas.

No início, Schwartz só se lembrava vagamente do jogo e perdeu uma partida após a outra. Depois as coisas mudaram, e agora só perdia muito raramente. Grew agora jogava com muito cuidado e se acostumara a fumar um cachimbo entre uma jogada e outra, e quando perdia, resmungava sem fim.

Grew tinha as pedras brancas e seu peão já estava em R-4.

- Vamos, comece - insistiu, mal humorado. Mantinha O cachimbo entre os dentes e seus olhos varriam o tabuleiro, especulando.

Schwartz se sentou, suspirando. Era o crepúsculo. O jogo estava começando a perder todo seu interesse, enquanto percebia que podia se adiantar a todos os movimentos de Grew. Era como se Grew tivesse uma janela no crânio. Por outro lado, o fato dele próprio poder saber como se desenrolaria a partida, era apenas mais um detalhe de seu problema.

Usavam um “tabuleiro noturno”, fosforescente e os quadrados brilhavam azuis e alaranjados. As pedras que de dia pareciam de barro avermelhado, mudavam de aspecto com a chegada da noite. Uma metade era de uma alvura opalescente, como porcelana, e o resto possuía um brilho vermelho.

Os primeiros movimentos foram rápidos. O peão do Rei de Schwartz bloqueou o de Grew. Então Grew levou seu cavalo do Rei até B-3. A seguir, o bispo branco deslizou até o cavalo da Rainha, e o peão da torre da Rainha de Schwartz avançou para o quadrado próximo para afugentá-lo até T-4. A seguir, levou seu outro cavalo até B-3.

As pedras reluzentes deslizavam sobre o tabuleiro como por vontade própria, enquanto os dedos desapareciam na escuridão. Schwartz estava assustado. Era possível que pensassem que era louco, mas precisava saber. Perguntou de repente:

- Onde estou?

Grew largou a pedra e perguntou:

- O quê?

Schwartz não conhecia o termo que correspondia a “pais” ou “nação”. Perguntou:

- Que mundo é este? - enquanto levava seu bispo até R-2.

- É a Terra - respondeu Grew enquanto mudava a posição da torre.

A resposta não era muito satisfatória. A palavra usada por Grew só podia ser

traduzida em inglês como “Terra”? Qualquer planeta pode ser chamado de Terra por seus habitantes. Movimentou mais um peão e mais uma vez o Bispo de Grew teve que arredar, até R-3. A seguir, Grew e Schwartz avançaram os respectivos peões da Rainha, libertando seus bispos para a luta no centro do tabuleiro.

Procurando controlar a voz e com a maior calma possível, Schwartz então perguntou:

- Em que ano estamos? - Mudou a posição da torre.

Grew parou. Possivelmente estava surpreso.

- O que é que há com você? Você não está com vontade de jogar? Se isto pode satisfazê-lo, estamos no ano 827. - Acrescentou com uma nota de sarcasmo:

- E.G. - Observou o tabuleiro com muito cuidado e levou o cavalo da Rainha para Q-5, tentando um primeiro ataque. Schwartz conseguiu evitar consequências mais sérias partindo para o contra-ataque. A luta estava começando.

O cavalo de Grew eliminou o bispo, que subiu para o ar antes de cair na caixa, com um dique seco. A Rainha de Schwartz derrubou o cavalo. Grew teve um arrependimento e por excesso de cuidado levou seu outro cavalo para trás, onde não podia lhe ser de qualquer utilidade. O cavalo da Rainha de Schwartz apanhou o bispo, e foi logo eliminado por um peão.

Houve mais um intervalo e Schwartz perguntou em tom indiferente:

- O que significa E.G.?

- O que? - perguntou Grew, impaciente. -Ora… você ainda esta pensando no ano em que estamos? Nunca ouvi uma besteira… Por outro lado, eu sempre esqueço que você só aprendeu a falar há pouco mais de um mês. Mas você é inteligente. Será que você não sabe mesmo? Bom, é o ano 827 da Era Galáctica. Era Galáctica E.G. - entendeu? Já se passaram 827 anos desde a fundação do Império Galáctico, 827 anos desde a coroação de Frankenn Primeiro. E agora, por favor, jogue.

Schwartz estava segurando o cavalo, mas o largou, sentindo uma violenta frustração. Disse:

- Só um minuto - e completou o movimento. - Você reconhece um destes nomes? América, Ásia, os Estados Unidos, Rússia, Europa… - Fazia o possível para conseguir uma identificação.

O cachimbo de Grew brilhou na escuridão e seus contornos apareciam como uma sombra acima do tabuleiro reluzente. Talvez tivesse sacudido a cabeça, mas Schwartz não podia vê-lo. Também, não era necessário. Percebeu a resposta negativa como se estivesse formulada em palavras. Schwartz fez mais uma tentativa.

- Será que você sabe onde poderia conseguir um mapa?

- Não pode - grunhiu Grew - a não ser que você esteja disposto a arriscar seu pescoço em Chica. Não sou geógrafo. Nunca ouvi os nomes que você mencionou. Que

significam? São nomes de pessoas?

Arriscar o pescoço? Como assim? Schwartz provou uma sensação de frio. Era possível que tivesse cometido algum crime? E Grew sabia a respeito? Perguntou, desconfiado:

- O sol tem nove planetas, não é mesmo?

- Dez - chegou a resposta, sem mais explicações.

Schwartz hesitou. Pela verdade, era possível que tivessem descoberto mais um planeta e que não o soubesse. Mas por que Grew sabia? Contou nos dedos e disse:

- O sexto planeta… ele tem anéis?

Grew levou algum tempo para levar o peão do bispo do Rei dois quadrados mais adiante. Schwartz fez o mesmo. Grew falou:

- Você quer dizer, Saturno? Claro que tem anéis. -Estava especulando. Podia se valer do peão do rei ou do peão do bispo, mas não conseguia ver muito bem as consequências.

- E entre Marte e Júpiter existe uma cintura de asteroides - de pequenos planetas? - Quero dizer, entre o quarto e o quinto planeta?

- Sim - murmurou Grew. Estava acendendo mais uma vez seu cachimbo e pensando furiosamente. Schwartz percebeu sua incerteza e se irritou. Agora que já conseguira identificar a Terra com toda certeza, aquele jogo de xadrez perdera qualquer importância. A superfície interna de seu crânio vibrava de perguntas que se atropelavam uma com a outra, e finalmente uma emergiu.

- Então seus livros-filme afirmam a verdade? Existem outros mundos?

Mundos povoados? Grew ergueu a cabeça e seus olhos tentaram penetrar a escuridão.

- Você está falando sério?

- Diga-me… eles existem?

-Pela Galáxia! Começo a acreditar que você realmente não sabe! Schwartz sentiu-se humilhado por ser tão ignorante.

- Por favor…

- Claro que existem outros mundos. Milhões de mundos! Toda estrela que você pode ver tem mundos, e a maioria destes mundos não é visível. Todos eles fazem parte do Império.

Schwartz percebeu o eco delicado das palavras intensas de Grew em seu próprio interior, enquanto passavam diretamente de uma mente para a outra. A cada dia Schwartz constatava que seus contatos mentais ficavam sempre mais fortes. Talvez, breve, conseguiria ouvir as palavras mesmo quando as pessoas que estivessem pensando-as não as pronunciassem.

Pela primeira vez pensou numa alternativa da loucura. Seria possível que ele tivesse deslizado através do tempo, de uma forma qualquer? E se tivesse passado o tempo dormindo?

Falou com a voz áspera:

- Quanto tempo já passou, Grew? Quanto tempo passou desde que só existia um único planeta?

- O que é que você quer dizer? - Seu tom se fez desconfiado. - Você é um membro da Sociedade dos Anciões?

- De que? Não, não sou membro de coisa nenhuma, mas diga-me, uma vez a Terra não era o único Planeta?… Não era assim?

- Os Anciões afirmam que era assim -respondeu Grew, ressentido. -Mas quem sabe se é verdade? Pelo que sei, os mundos lá fora existem desde o início da história.

- E quanto tempo faz?

- Suponho que milhares de anos. Cinquenta mil, ou cem mil -não sei lhe dizer ao certo.

Milhares de anos! Schwartz suprimiu uma exclamação. E tudo isto entre um passo e o outro? Um suspiro, um instante, uma fração de tempo - e ele tinha pulado milhares de anos? Teve a impressão que voltava a deslizar para um estado de Amnésia. Sua identificação do sistema solar talvez fosse devido a memórias falhas que estavam penetrando na névoa.

Grew se preparou para a próxima jogada eliminou o peão do bispo de seu adversário, e Schwartz, quase num reflexo, anotou mentalmente que era a jogada errada. As jogadas se seguiram quase sem esforço consciente. Sua torre do Rei avançou para eliminar o peão branco mais adiantado. O cavalo branco mais uma vez tentou atacar, chegando até B-3. O bispo de Schwartz foi até C-2, abrindo o campo. Grew deslocou seu próprio Bispo. Antes de se empenhar no ataque final, Schwartz parou. Perguntou:

- É a Terra que manda, não é mesmo?

- Manda em que?

- No Imp….

Grew porém soltou um urro que fez vibrar as pedras.

- Escute, estou farto de perguntas. Será que você é completamente idiota? Você acha que a Terra tem a aparência de quem manda em alguma coisa? - As rodas da cadeira zuniram, enquanto passavam em volta da mesa. Schwartz sentiu dedos que agarravam seu braço.

- Olhe! Olhe lá! - A voz de Grew só era um sussurro rouco. - Está vendo o

horizonte? Aquele brilho?

- Sim.

- Aquela é a Terra - e toda ela é assim. Só existem poucas e pequenas áreas como esta em que nos encontramos.

- Não entendo.

- A crosta terrestre e radioativa. O chão brilha, sempre esteve brilhando, brilhará por toda a eternidade. Nada consegue crescer ali. Ninguém pode viver…Você realmente não sabia? Por que você acha que temos o Costume dos Sessenta?

O inválido voltou para seu lado da mesa. Falou:

- É a sua jogada.

O Costume dos Sessenta! Mais uma vez, um Toque Mental estranho e ameaçador. As pedras de Schwartz deslizavam como por vontade própria enquanto ele se admirava disso, com o coração apertado. Jogaram por algum tempo em silêncio até que Grew conseguiu posicionar a Rainha de maneira a eliminar o bispo de Schwartz. A este ponto, parou e suspirou aliviado. Seu adversário agora tinha uma torre em perigo, e estava ameaçado de xeque mate, com a sua própria Rainha pronta a entrar em ação. E ainda tinha a vantagem de uma torre a mais.

- Você joga -falou satisfeito.

Schwartz perguntou:

- O que é o Costume dos Sessenta?

A voz de Grew era áspera e transmitia toda sua hostilidade quando falou:

- Por que pergunta? O que é que você quer?

- Por favor. - Era um pedido humilde e Schwartz não tinha vontade de brigar. - Sou um homem sem qualquer maldade. Não sei quem sou e não sei o que aconteceu comigo. Talvez esteja com amnésia.

- É provável - falou Grew com a voz carregada de desprezo. - Será que você está tentando se furtar ao Costume dos Sessenta? Responda, diga-me a verdade.

- Estou lhe dizendo que não sei o que é o Costume dos Sessenta! Grew se deixou convencer. Houve um silêncio prolongado. Schwartz sentia o Toque Mental de Grew, era assustador, mas não conseguiu distinguir as palavras. Não completamente. Grew falou pausadamente:

- O Costume se refere ao sexagésimo aniversário. A Terra pode sustentar vinte milhões de pessoas e não mais do que isto. Para viver, a gente precisa produzir. Se você não pode produzir, não pode mais viver, passando dos sessenta, a gente não pode mais produzir.

- Quer dizer que… - Schwartz ficou com a boca aberta.

- As pessoas são eliminadas. É completamente indolor.

- As pessoas são mortas?

- Não se trata de assassinato. - As palavras eram ríspidas -Precisa ser assim. Os outros mundos não querem nos aceitar, e precisamos deixar o lugar aos mais jovens. As gerações velhas devem ceder o lugar às mais novas.

- E o que acontece se uma pessoa não admite ter chegado aos sessenta?

- Por que não deveria admiti-lo? Viver depois dos sessenta não é brincadeira… E a cada dez anos existe um Recenseamento, para apanhar todos aqueles que são bastante tolos e pretendem viver mais. Existe mais um detalhe, a idade de cada um está registrada.

- A minha não está. - As palavras escaparam sem controle. Schwartz não conseguiu segurá-las. - Mas estou apenas com cinquenta. Vou completar cinquenta no próximo aniversário.

- Não importa. Eles podem fazer um exame da estrutura óssea. Você não sabia? Não existe nenhuma maneira de escapar. Da próxima vez, eles me apanharão… Agora, jogue. É sua vez

Schwartz não se deu por entendido.

- Você quer dizer que eles…

- Claro. Só estou com cinquenta e cinco anos, mas olhe para minhas pernas. Não posso trabalhar, não e mesmo? Em nossa família somos registrados como três pessoas e nossa quota de produção é calculada nesta base. Quanto tive o derrame, deveria ter relatado o acontecido e, nossa quota teria ficado mais reduzida. Entretanto, acabaria por ter que me submeter prematuramente ao Costume dos Sessenta, e Arbin e Loa não quiseram fazê-lo. São tolos, porque assim tiveram que trabalhar mais duramente, pelo menos, até que você apareceu. E de qualquer forma, eles me apanharão no próximo ano… Vamos, jogue.

- O Recenseamento será no ano que vem?

- Certo… Jogue!

- Espere! - o tom era de urgência. - Diga-me primeiro: todo mundo é eliminado quando chega aos sessenta? Não há exceções?

- Para você e para mim, não há nenhuma. O Ministro Supremo pode viver até sua morte natural, e também os membros da Sociedade dos Anciões, mais alguns cientistas ou pessoas que fazem coisas muito importantes. Não são muitos. Talvez uma dúzia a cada ano…É a sua jogada!

- Quem decide quais pessoas serão poupadas?

- O Ministro Supremo, é claro. Você quer jogar, afinal?

Schwartz se levantou.

- Deixe para lá. É xeque mate em cinco movimentos. Minha Rainha elimina seu

peão, para o xeque. Você precisa voltar para R-l. Meu cavalo vai até R-2 para outro xeque. Você terá que se retirar para B-2 e minha Rainha coloca em xeque seu Rei. Você precisa mais uma vez arredar até R-2. Minha Rainha vai até C-6. E quando você é obrigado a recuar até R-1, minha Rainha dá xeque mate em T-6. Um bom jogo - acrescentou quase que automaticamente.

Grew ficou olhando para o tabuleiro, depois com um grito o fez voar da mesa. As pedras luminosas rolaram sobre O gramado.

-Você e todas as suas conversas para me distrair - berrou Grew.

Schwartz porém não reparou. Não sentia nada, a não ser a necessidade terrível de escapar aos Sessenta. Apesar das palavras de Grew.

Envelheça comigo!

O melhor está no porvir…

Isto só era válido numa Terra povoada por bilhões, com alimentos ilimitados para todos. Agora o melhor era o Costume dos Sessenta - e a morte. Schwartz já estava com sessenta e dois anos. Sessenta e dois…

12 - A Mente Assassina

Na mente metódica de Schwartz tudo pareceu se ajustar perfeitamente. Como não desejava morrer, precisaria fugir da fazenda. Se ficasse, chegaria o Recenseamento, e com ele a morte.

Devia ir embora. Mas para onde?

Em Chica havia aquele - o que era mesmo? Um hospital? Eles já tinham cuidado dele uma vez. E por que? Porque era um “caso médico”. E não era ainda um caso médico? Agora podia falar, poderia descrever os sintomas, algo que não conseguira fazer antes. Poderia também explicar a respeito do Toque Mental.

Ou será que todos tinham este Toque Mental? Como poderia descobri-lo?… Os outros com certeza não o conheciam. Sabia que Arbin, Loa e Grew eram desprovidos. Não sabiam onde ele se encontrava a não ser que o vissem ou que o ouvissem. Se Grew tivesse o Toque, não poderia derrotá-lo em nenhum jogo…

Espere um minuto, xadrez era um jogo muito popular. Se todos tivessem o Toque Mental, ninguém mais poderia jogar. Certo.

Neste caso, ele era um caso peculiar - um espécime psicológico. O fato de ser um espécime poderia não lhe proporcionar uma vida muito alegre, mas poderia viver.

Depois, deveria considerar a nova possibilidade que acabava de surgir. Considerando que o seu não era um caso de amnésia, mas que fosse realmente um homem que tivesse deslizado através do tempo… Isto, e mais o Toque Mental, faziam dele um homem do passado. Era um espécime histórico, um espécime arqueológico, assim, não poderiam matá-lo.

Quer dizer, se acreditassem nele.

Hum. Se…

Aquele cientista acreditaria. Na manhã em que Arbin o levara para Chica, Schwartz precisava se barbear. Lembrava-se multo bem deste detalhe. Depois de ficar no Instituto sua barba tinha parado de crescer, e isto significava que eles deviam ter tomado alguma providência. Significava que o cientista sabia que ele ¬ele, Schwartz - costumava ter pelos no rosto. Será que isto não era uma prova? Grew e Arbin nunca se barbeavam. Grew uma vez explicara que só animais tinham pelos no rosto.

Precisava ver aquele cientista.

Como era o nome? Shekt?… Sim, era Shekt mesmo.

Entretanto, sabia muito pouco a respeito daquele mundo horrível. Ir embora durante a noite ou passar pelos campos poderia ser muito complicado, ou poderia levá-lo a áreas radioativas desconhecidas. Finalmente com a audácia dos que não tem outras

alternativas, foi embora pela estrada, nas primeiras horas da tarde.

Ninguém esperaria que voltasse antes da hora do jantar, e àquela hora já estaria longe. Eles não perceberiam sua ausência, porque não possuíam o Toque Mental.

Durante a primeira meia hora sentiu-se aliviado e era a primeira vez desde o início de toda aquela história. Finalmente estava fazendo algo, tentando reagir contra o ambiente. Era um ato que tinha um propósito, não era uma simples fuga irracional, como aquela vez em Chica.

Considerando que era velho, até que não era nada mal. Estava decidido a mostrar quem era.

De repente parou… parou no meio da estrada, porque algo se intrometeu, forçando sua atenção para um detalhe esquecido.

Era aquele Toque Mental estranho, o Toque Mental desconhecido, percebido pela primeira vez na ocasião em que tentara alcançar o horizonte brilhante, sendo impedido por Arbin, o Toque Mental que chegara dos Terrenos Ministeriais.

Podia senti-lo agora -atrás de suas costas vigiando.

Procurou escutar atentamente - ou, pelo menos, fez quanto equivalia a escutar, em se tratando do Toque Mental. Não parecia se aproximar, mas se concentrava nele, Schwartz. Era vigilante e hostil, mas não havia desespero.

Descobriu mais detalhes. Seu perseguidor não queria perdê-lo de vista e estava armado. Schwartz, movendo-se com muito cuidado, e quase por reflexo, se virou, vasculhando o horizonte com os olhos. Registrou uma mudança imediata no Toque Mental. Percebeu a dúvida e o cuidado, a dúvida a respeito da segurança e do sucesso de um plano, qualquer que ele fosse. O fato de estar armado tornou-se mais evidente, como se decidisse a usar suas armas em caso de perigo.

Schwartz não tinha arma nenhuma, estava indefeso. Sabia que seu perseguidor preferia matá-lo a deixá-lo sair de suas vistas, que o mataria ao primeiro movimento em falso… E não conseguiria ver ninguém.

Por isso, Schwartz continuou pela estrada, sabendo que seu perseguidor se mantinha suficientemente perto para matá-lo. Suas costas se retesavam na expectativa de algo que desconhecia. Como era a morte? O que uma pessoa provava, ao morrer?… O pensamento balançava ritmicamente em sua mente, saltitava em seu subconsciente, acompanhava a cadência de seus passos.

Manteve o Toque Mental com seu perseguidor como sua única salvação. Poderia descobrir a tensão redobrada que significaria que uma arma estava sendo apontada, um gatilho apertado, um contato fechado. Então, cairia no chão, ou começaria a correr…

Mas por que? Se era por causa do Costume dos Sessenta, por que não o eliminavam simplesmente?

A teoria de um deslize no tempo estava empalidecendo em sua mente; voltava a amnésia. Ele poderia ser um criminoso? Quem sabe, um homem perigoso que tivesse que

ser vigiado? Ou talvez já fora um alto oficial que não poderia ser processado, mas devia ser eliminado de uma outra forma. Talvez sua amnésia era provocada pelo inconsciente, para fugir à realidade de uma culpa monstruosa.

Por isso caminhava por uma estrada deserta, para um destino incerto e a morte o seguia a pouca distância.

Começava a escurecer e o vento estava refrescando. Como de costume, não parecia certo. Schwartz julgava que já era dezembro, pelo menos porque o sol costumava deitar às quatro e meia em dezembro, mas o vento não era suficientemente frio para um inverno no meio-oeste.

Há algum tempo, Schwartz chegara à conclusão que o motivo da prevalência daquela temperatura morna estava no fato que o planeta (a Terra?) não dependia só do sol para seu aquecimento. O próprio solo radioativo depreendia calor. Era pouco por metro quadrado, mas enorme se calculando os milhões de milhas quadradas.

Na escuridão o Toque Mental do perseguidor se aproximou. Sempre alerta e pronto a qualquer risco. Era muito mais difícil continuar a perseguição no escuro. Já o seguira naquela primeira noite, em direção do brilho. Poderia estar amedrontado de se arriscar mais uma vez?

- Ei, ei, companheiro!

Era uma voz fina, fanhosa. Schwartz parou, rígido.

Virou-se vagarosamente. O vulto diminuto que se aproximava agitou uma mão, mas naquela escuridão não conseguia vê-lo claramente. Aproximava-se sem muita pressa. Schwartz esperou.

- Olá. Que bom encontrá-lo. Não é muito divertido caminhar pela estrada sem companhia. Você não se importa se me junto a você?

- Olá - disse Schwartz. Era o toque Mental certo. Era seu perseguidor. E conhecia aquele rosto. Já o vira uma vez, naquela época confusa em Chica. Neste ponto, seu perseguidor mostrou que o estava reconhecendo.

- Ora, mas é você! Já nos conhecemos, você não se lembra de mim!… Em Chica!

Schwartz achou impossível decidir se em condições normais, e em tempos diferentes, ele teria acreditado na sinceridade daquele sujeito. Mas agora não podia evitar reconhecer a fina camada de amabilidade fingida que encobria correntezas profundas reveladas pelo Toque, aquele Toque que lhe dizia -aos gritos e aos berros - que o homenzinho de olhar agudo o reconhecera desde o começo? Não somente o conhecia, mas levava uma arma pronta para ser usada em caso de necessidade.

Schwartz sacudiu a cabeça.

- Sim, sim - insistiu o homenzinho. - Eu estava na loja, eu o afastei da multidão. - Forçou uma gargalhada. - Eles pensavam que você tivesse a Febre. Ora, você deve se lembrar.

Schwartz realmente se lembrava - de maneira vaga. Um homem parecido com este, uma multidão…

- Sim - falou. -Prazer em vê-lo. - Não era uma resposta brilhante, mas Schwartz não sabia o que dizer, e o homenzinho pareceu não se importar.

- Meu nome é Natter - falou estendendo uma mão mole. - Não tive ocasião de conversar muito com você da primeira vez - poderíamos dizer que me esqueci, pois estávamos no auge da crise… mas estou feliz por ter encontrado esta nova oportunidade… Aperte aqui.

- Sou Schwartz. -Apertou a mão do outro, de leve.

- Por que você está caminhando? - perguntou Natter. - Está indo para algum lugar? Schwartz encolheu os ombros.

- Só passeando.

- Você gosta de caminhar, hein? Eu também. Caminho o ano todo. Isto faz um bem.

- Como.

- Sabe, é bom para a saúde. A gente respira todo este ar e o sangue circula, não é? … Desta vez, andei longe demais. Detesto voltar de noite e sozinho. Gosto de encontrar companhia. Para onde você vai?

Natter estava perguntando pela segunda vez e o Toque Mental mostrava que aquela pergunta era muito importante. Schwartz especulou até quando poderia evitar o assunto. A mente do perseguidor mostrava-se angustiada ao inquirir. Não adiantava mentir. Schwartz conhecia pouco aquele mundo, não adiantaria. Respondeu:

- Estou indo para o hospital.

- Hospital? Que hospital?

- Onde fiquei quando estive em Chica.

- Você quer dizer, o Instituto, não é? Foi para lá que o levei, quando o tirei daquela loja de departamentos. - Mais ansiedade e sua tensão também aumentava.

- Para ver o dr. Shekt - continuou Schwartz.

- Você o conhece?

- Já ouvi este nome. É um sujeito muito conhecido. Você está doente?

- Não, só preciso voltar de vez em quando, para um exame. Será que isto era plausível?

- E você vai a pé? - perguntou Natter. - Por que ele não mandou um carro buscá-lo? - Pelo jeito, sua resposta não fora aceita, porque não era razoável. Schwartz manteve-se calado. O silêncio ficou mais pesado. Natter, porém, parecia de ótimo humor.

- Escute, meu chapa, logo que chegarmos a um transmissor comunitário, vou

chamar um táxi. Poderá nos apanhar na estrada.

- Transmissor comunitário?

- Claro. Tem muitos ao longo da estrada. Veja, ali tem um.

Afastou-se de Schwartz, mas este soltou um grito:

- Pare! Não se mexa!

Natter parou. Seu rosto revelava uma frieza esquisita.

- O que há com você, amigo?

Schwartz achou que quase não conseguia usar o novo idioma com a rapidez necessária.

- Estou cansado desta comédia. Eu o conheço e sei o que você pretende fazer. Você quer chamar alguém para comunicar que vou ver o dr. Shekt. Estão me esperando na cidade, e um carro virá nos buscar. E você me matará se eu tentar fugir.

Natter ficou estupefato. Murmurou:

- Você adivinhou, especialmente a última… - Estas palavras não foram ditas para serem ouvidas por Schwartz, e não alcançaram seus ouvidos, mas se pousaram levemente na superfície de seu Toque Mental.

Natter levantou a voz:

- Escute aqui, você me enganou. Esta tentando me armar uma cilada. - Ao mesmo tempo, sua mão começou a descer em direção do quadril.

Foi então que Schwartz perdeu o controle. Agitou os braços, tomado por uma fúria insana.

- Deixe-me em paz entendeu? O que foi que eu lhe fiz?… Vá embora! Vá embora!

Terminou com um estrilo agudo, a testa franzida pelo ódio e pelo medo daquela criatura que o perseguia e cuja mente fervilhava de pensamentos hostis. Suas próprias emoções se voltaram contra o Toque Mental, para afastá-lo, para se livrar dele…

E de repente, sumiu. Sem rastro. Tivera por um instante a consciência de uma dor horrível - a dor do outro - e depois mais nada. Mais nenhum Toque Mental. Sumira de vez.

Natter era uma sombra caída sobre o calçamento escuro da estrada. Schwartz se aproximou, com cautela. Natter era franzino, não teve dificuldade em virá-lo. Seu rosto mostrava uma expressão de indescritível agonia. Uma máscara rígida, que não mostrava sinais de afrouxamento. Schwartz procurou a batida do coração, sem encontrá-la. Endireitou-se, horrorizado.

Matara um homem!

E a seguir, o estarrecimento. - Sem tocar nele! Matara um homem com um simples surto de ódio, atacando o Toque Mental de uma maneira qualquer. Que outros poderes possuía? Tomou uma decisão sem demora. Examinou os bolsos do outro e encontrou

dinheiro. Bom! Poderia servir. Depois arrastou o corpo para o campo e deixou que ficasse entre o capim alto. Caminhou durante mais duas horas sem ser perturbado por qualquer outro Toque Mental.

Naquela noite dormiu num campo e na manhã seguinte teve que caminhar por mais duas horas antes de chegar aos subúrbios de Chica. Schwartz achou que Chica não passava de uma aldeia de suas lembranças, o movimento de pedestres era escasso e esporádico. Mesmo assim, pela primeira vez os Toques Mentais se tornaram numerosos. Ficou estupefato e confuso.

Eram tantos! Alguns arrastados e vagos, outros agudos e intensos. Passou por homens cujas mentes eram repletas de pequenas explosões e por outros que pareciam estar ruminando mentalmente os restos do desjejum.

Num primeiro tempo, Schwartz estremecia a qualquer Toque de passagem, achando que qualquer um era um contato pessoal, mas dentro de pouco tempo aprendeu a ignorá-los.

Agora já distinguia as palavras, mesmo quando não eram pronunciadas. Isto era uma novidade e começou a prestar atenção. Eram sentenças tênues, desconexas, arrastadas pelo vento, para longe… longe… Junto, chegavam as emoções e outras coisas mais sutis que não podem ser definidas - e assim, em volta dele se desenrolava uma visão que só ele conseguia apreciar.

Parou em frente de um grande prédio em pedras para refletir. Eles (não sabia quem eram) o estavam procurando. Seu perseguidor estava morto, mas devia haver outros -os outros que o perseguidor queria alertar. Talvez fosse melhor não fazer nada durante alguns dias, mas qual era o melhor plano? Trabalhar?

Examinou o prédio. Em seu interior se encontrava um Toque Mental distante que poderia significar um trabalho. Procurava tecelões -e afinal ele já fora alfaiate.

Entrou, mas ninguém se importou com sua presença. Bateu no ombro de alguém.

- Com quem posso falar a respeito de trabalho?

- Atrás daquela porta! - O Toque Mental era irritado e desconfiado. Entrou e logo um sujeito magro de queixo pontudo começou a fazer perguntas, atrás de uma máquina classificadora, tocando botões a cada resposta.

Schwartz balbuciou mentiras e verdades com a mesma insegurança.

O homem encarregado do pessoal começou com isenção. As perguntas eram feitas numa ordem prevista:

- Idade… Cinquenta e dois? Hum… Estado de saúde?… Casado? .. Experiência? … Já trabalhou com tecidos?… Quais?… Termoplásticos?… Elastoméricos?… Como assim, todos os tipos?… Com quem você trabalhou?… Soletre o nome… Você não é de Chica, não é mesmo?… Onde estão seus documentos?… Vai ter que trazê-los, se quiser realmente o emprego.. Qual é seu numero de registro?

Schwartz pensou que era melhor se afastar. No começo, não podia prever este

desfecho. O Toque Mental do homem em sua frente começava a mudar. Era intensamente desconfiado e cauteloso. Podia identificar uma camada superficial de amabilidade e camaradagem, mas tão fina que deixava transparecer a hostilidade, tornando-se ainda mais perigosa.

- Acho que não tenho capacidade suficiente para este emprego - murmurou Schwartz nervosamente.

- Não, não, volte aqui. - O homem acenou. - Temos alguma coisa para você. Deixe-me examinar as fichas. - Sorria, mas seu Toque Mental era muito mais claro, mais hostil.

Apertou um botão sobre a mesa…

Schwartz, em pânico, correu em direção da porta.

- Apanhem este homem! - gritou o outro, aproximando-se rápido.

Schwartz atacou o Toque Mental, agredindo-o de repente com sua própria mente e logo ouviu um gemido. Lançou um rápido olhar para trás. O homem estava sentado no chão, com o rosto contorcido, segurando a cabeça entre as mãos. Um outro homem o estava acudindo, mas a um gesto, se endireitou e começou a perseguir Schwartz. Schwartz fugiu.

Na rua, compreendeu que devia existir um alerta geral, com uma descrição detalhada, e que o homem do prédio o reconhecera.

Começou a correr pelas ruas, sem prestar atenção, mas chamando a atenção de todos, as ruas pareciam mais cheias de pedestres - por todo lado sentia a desconfiança - desconfiança porque corria - desconfiança porque suas roupas eram feias e amarrotadas…

Por causa da multiplicação dos Toques Mentais e a confusão provocada pelo seu próprio medo e desespero, não conseguia mais identificar os verdadeiros inimigos, os que não só desconfiavam mas mostravam ter uma certeza razoável, e por isso não previu o chicote neurônico.

Só percebeu uma dor imensa que tomou conta de tudo, aguda como um assovio e pesada como uma rocha. Por alguns segundos teve a impressão de estar caindo, caindo sem fim, tragado pela agonia, até que mergulhou na escuridão.

13 - Tramas em Washenn

Os jardins do Colégio dos Anciões, em Washenn, só podem ser definidos como sossegados. Neles impera a austeridade, e os pequenos grupos de noviços que passeavam entre as árvores do Quadrilátero - onde só os Anciões podiam penetrar - transmitiam uma impressão grave e severa. De vez em quando podia se ver a figura de um Ancião Idoso, vestido de verde, enquanto passava pelos gramados, acompanhado por manifestações de reverência.

De tempos em tempos, o Ministro Supremo costumava fazer uma visita.

Entretanto, nunca acontecia que estivesse correndo, como agora, suando e sem prestar qualquer atenção às mãos estendidas, sem perceber os olhares cautelosos e surpresos, as sobrancelhas erguidas.

Penetrou no Salão Legislativo pela entrada particular e acelerou ainda mais o passo descendo pela rampa vazia. Quando se aproximou da porta, ela se abriu por dentro. O Ministro Supremo entrou.

Seu Secretário quase não levantou a cabeça. Sentado atrás de sua pequena mesa, observava com atenção a tela de seu minivisor blindado, ouvindo com atenção e ao mesmo tempo folheando um calhamaço de comunicados oficiais empilhados em sua frente. O Ministro Supremo deu uma pancada na mesa.

- O que é isto? O que está acontecendo?

O Secretário lhe lançou um olhar frio e afastou seu minivisor.

- Meus cumprimentos, Excelência.

-Deixe os cumprimentos para lá - retrucou o Ministro Supremo com impaciência. - Quero saber o que está acontecendo.

- Em poucas palavras, nosso homem fugiu.

- Você se refere ao homem tratado por Shekt, o Forasteiro que se encontrava numa fazenda…

Provavelmente o Ministro Supremo teria continuado a definir o homem, mas seu Secretário interrompeu seco:

- Certo.

- Por que ninguém me informou? Por quê?

- Era imperativo tomar iniciativas imediatas e Vossa Excelência estava ocupada. Fiz o que pude, na medida de minhas habilidades.

- Sim, você toma muitos cuidados com meus compromissos, quando deseja agir de forma independente. Pois não quero isto. Não vou permitir que qualquer um me distraia

para agir atrás de minhas costas. Não vou permitir que…

- Estamos perdendo tempo - respondeu o Secretário em tom normal, e o Ministro Supremo controlou sua voz. Pigarreou, ficou em dúvida sobre algo que queria dizer e depois perguntou, tranquilo:

- Quais são os últimos pormenores, Balkis?

- Temos poucas informações. Esperamos quase dois meses, sem que nada acontecesse, e de repente Schwartz foi embora - foi seguido - e sumiu.

- Sumiu, como?

- Não sabemos, ao certo, mas existe mais um detalhe. Nosso agente, Natter, deixou de se comunicar conosco, na noite passada, nas horas estabelecidas. Seus eventuais substitutos começaram a procurá-lo logo ao clarear do dia, na estrada que sai de Chica. Estava numa valeta ao lado da estrada - morto.

O Ministro Supremo empalideceu.

- O Forasteiro o assassinou?

- É possível, mas ainda não temos certeza. Não havia sinais visíveis de violência, só uma expressão de terror. Procederemos naturalmente a uma autópsia. É possível que fosse vitimado por um derrame no momento crucial.

- Isto seria uma coincidência muito estranha.

- Concordo - respondeu o Secretário, seco. - Mas se Schwartz o matou, os acontecimentos posteriores podem parecer ainda mais estranhos. Vossa Excelência deve saber que, com base nas análises prévias, parecia óbvio que o homem ia entrar em contato com Shekt em Chica. Natter foi encontrado na estrada que da fazenda Maren leva à esta cidade. Ordenamos um alerta geral em Chica e o homem foi preso.

- Schwartz? - perguntou o Ministro Supremo, incrédulo.

- Certo.

- Por que você não falou logo?

Balkis encolheu os ombros.

- Excelência, temos trabalho mais importante a fazer. Já disse que Schwartz está em nossas mãos. Foi apanhado com a maior facilidade e isto não combina bem com a morte de Natter. Como podia ser tão esperto, para descobrir e matar Natter, um agente muito capaz, e tão tolo, para entrar em Chica logo na manhã seguinte e procurar um emprego numa fábrica, sem tentar se disfarçar?

- Foi assim que aconteceu?

- Pois é… Isto nos oferece duas alternativas. Se Schwartz já transmitiu suas informações a Shekt e a Arvardan, então deixou-se apanhar para distrair nossa atenção. Mas existe também a possibilidade de outros agentes estarem envolvidos, agentes que ainda não conseguimos identificar, e que ele encobriu. Em qualquer caso, não podemos

subestimar a situação.

- Não sei - murmurou o Ministro Supremo cujo rosto aristocrático mostrava toda sua angústia. - Está ficando muito complicado. Balkis sorriu, sem disfarçar seu desprezo, e informou:

- Vossa Excelência terá que conceder uma entrevista ao professor Bel Arvardan, daqui a quatro horas.

- Preciso mesmo? Por que? Não sei o que dizer a este homem. Não quero vê-lo.

- Não há motivo para nervosismo. É necessário vê-lo. Parece-me claro que com a aproximação da data do início de sua expedição fictícia, Arvardan terá que continuar o jogo e pedir uma autorização para investigar as Áreas Proibidas. Ennius já disse que o faria, e Ennius deve conhecer todos os pormenores desta comédia. Suponho que Vossa Excelência possua a capacidade de lhe devolver mentira por mentira, e falsidade por falsidade.

O Ministro Supremo abaixou a cabeça.

- Vou fazer o possível.

Bel Arvardan chegou com um pouco de antecedência e assim teve o tempo de observar onde se encontrava. A um homem que conhecia bem os triunfos arquitetônicos da Galáxia, o Colégio dos Anciões só podia dar a impressão de ser um antiestético bloco de granito e aço, de estilo arcaico. Para um arqueólogo, aquela austeridade tétrica e quase selvagem, significava também que era o símbolo de um sistema de vida igualmente tétrico e selvagem. Sua aparência primitiva convidava a considerações sobre um passado longínquo.

Os pensamentos de Arvardan voltaram a se afastar. Sua viagem de dois meses pelos continentes ocidentais da Terra não lhe trouxeram muitos… divertimentos.

O primeiro dia de permanência estragara qualquer possibilidade de distração. Voltou a se lembrar daquele dia em Chica.

Logo se irritou por estar relembrando. Ela era malcriada, completamente ingrata, uma Terrestre vulgar… Por que devia se sentir culpado? Entretanto…

Era previsível que ficasse chocada ao descobrir sua qualidade de Forasteiro, igual àquele oficial que a insultara, cuja brutalidade arrogante provocara sua própria reação, ao ponto de lhe quebrar o braço? Afinal, Arvardan não sabia quanto ela já poderia ter sofrido por causa dos Forasteiros. A revelação fora muito abrupta, sem preliminares que a auxiliassem a superá-la.

Se ele tivesse sido um pouco mais paciente… Por que decidira se afastar daquele jeito. Não conseguia se lembrar do nome da moça. Era Pola de-alguma-coisa. Esquisito. Em geral, sua memória era boa. Seria este um esforço inconsciente para esquecer?

Possivelmente. Esquecer! Afinal, não havia muito para lembrar. Uma moça Terrestre. Uma qualquer moça Terrestre.

Era enfermeira num hospital, talvez pudesse encontrar o hospital. A noite era escura, não permitia identificar claramente as redondezas, mas não podia ficar muito longe do Pratomático.

Concentrou-se neste pensamento e a seguir o apagou com fúria. Que loucura era esta? O que poderia conseguir? Era uma moça Terrestre. Bonita, suave, até encant…

Uma moça Terrestre!

Arvardan sentiu-se aliviado ao perceber a chegada do Ministro Supremo. Pelo menos não pensaria mais naquele dia em Chica, mas sabia que os pensamentos voltariam mais tarde… Os pensamentos… sempre… voltavam…

O Ministro Supremo trajava um manto novo e brilhante. Sua expressão não deixava entrever qualquer pressa ou dúvida. Dava a impressão de ser incapaz de suar.

A conversa foi amistosa. Arvardan transmitiu com muita cerimônia os votos de altos personagens do Império para os povos da Terra. O Ministro Supremo não deixou de expressar a gratidão da Terra inteira pela generosidade e o esclarecimento do Governo Imperial.

Arvardan explicou a importância da arqueologia na filosofia Imperial e suas contribuições para a tese que todos os humanos de todos os mundos da Galáxia eram irmãos - e o Ministro Supremo concordou, com sua voz branda, especificando que há muito a Terra defendia esta teoria e só esperava que breve chegaria o tempo em que o resto da Galáxia transformaria esta teoria em prática.

Arvardan teve um rápido sorriso e disse:

- Este é exatamente o motivo por eu ter pedido para me entrevistar com Vossa Excelência. As diferenças entre a Terra e alguns Domínios Imperiais mais próximos se baseiam, em minha opinião, sobretudo em sistemas de pensamentos. Entretanto, acho que talvez seria possível eliminar muitos fatores de atrito se pudéssemos comprovar que não existem diferenças raciais entre os Terrestres e os outros cidadãos da Galáxia.

- Como poderíamos conseguir isto?

- Não é fácil explicar tudo com poucas palavras. Vossa Excelência talvez saiba que as duas principais tendências arqueológicas são denominadas, em geral, a Teoria da Fusão e a Teoria da Radiação.

- Já ouvi mencionar a ambas, de um ponto de vista leigo.

- Ótimo. A teoria da Fusão apresenta a hipótese que os vários tipos de humanidade, após uma evolução separada, se entrecruzaram nos primórdios das viagens espaciais, e desta época quase não sobram documentos. Este conceito é necessário para explicar o fato que agora todos os humanos se assemelham muito.

- Sim - comentou secamente o Ministro Supremo. - E este conceito também envolve a necessidade de termos muitas centenas ou milhares de indivíduos evoluídos separadamente de um tipo mais ou menos humano, cujos componentes químicos e biológicos fossem tão parecidos que o cruzamento foi possível.

- É claro - respondeu Arvardan, satisfeito. - Vossa Excelência apontou logo O ponto mais fraco, e por isto, insustentável. Entretanto, muitos arqueólogos preferem ignorá-lo e insistem teimosamente, em apoiar a teoria da Fusão, a qual, entre outras coisas, implica na possibilidade da existência de subespécies humanas em pontos isolados da Galáxia, que são diferentes, por não ter aproveitado qualquer possibilidade de cruzamentos.

- E isto se aplicaria à Terra - observou o Ministro Supremo.

- A Terra, de fato, é citada como um exemplo. Por outro lado, a teoria daradiação… afirma que somos todos descendentes de um Único grupo planetário humano.

- Exatamente.

- Meu povo acredita com base na evidência de nossa própria história -explicou O Ministro Supremo e também em certas escritas sagradas que não podem ser mostradas a qualquer Forasteiro, que a Terra é a pátria original da Humanidade.

- Eu também acredito, e vim pedir a ajuda de Vossa Excelência para poder convencer o resto da Galáxia.

- Você parece otimista. O que posso fazer?

- Excelência, estou convencido que muitos artefatos e restos arquitetônicos poderiam ser encontrados naquelas áreas do planeta que agora, infelizmente, são radioativas. Seria possível calcular com certeza a idade dos artefatos, com base na radioatividade existente, quando comparada a…

O Ministro Supremo sacudiu a cabeça.

- Isto é impossível.

- Por que? - Arvardan ficou estupefato.

- Em primeiro lugar - falou O Ministro Supremo em tom brando - o que você quer conseguir? Se encontrar provas que possam satisfazer toda a Galáxia, que importância poderia ter o fato que há um milhão de anos todos vocês eram Terrestres? Afinal, há um bilhão de anos, todos nós éramos macacos, mas hoje não admitimos qualquer relacionamento com os primatas.

- Vamos, Excelência, esta analogia não é plausível.

- Engano seu. Não acha que é bastante razoável presumirmos que os Terrestres, durante um período demorado de isolamento, mudaram a tal ponto, especialmente sob efeito da radioatividade, que não mais se parecem com seus primos emigrados, e podem ser considerados uma raça diferente?

Arvardan mordeu o lábio e respondeu:

- Vossa Excelência argumenta bem a favor de seus próprios inimigos.

- Porque sempre penso no que meus inimigos poderiam dizer. Por isso, você nada conseguirá neste sentido, a não ser, talvez exacerbar ainda mais relações muito

estremecidas.

- Entretanto -insistiu Arvardan - precisamos considerar também os interesses da ciência, o progresso dos conhecimentos… O Ministro Supremo assentiu gravemente.

- Lamento profundamente ter que me constituir num obstáculo. Quero lhe falar agora como um cidadão do Império pode falar com outro. Pessoalmente, me alegraria se existisse uma maneira de auxiliá-lo em sua busca, mas meu povo é teimoso e orgulhoso, pois durante muitos séculos teve que aturar as -hum -lamentáveis atitudes de outras partes da Galáxia. O povo fica agarrado a certos tabus, a certos Costumes e eu mesmo não poderia infringi-los.

- E as áreas radioativas são…

- … um de nossos mais importantes tabus. Mesmo que lhe concedesse uma autorização, como seria meu desejo, isto poderia levar a distúrbios e desordens que não só colocariam em risco sua vida e a vida dos outros membros de sua expedição, mas poderiam também, a longo prazo, provocar alguma intervenção disciplinar do Império. Se eu lhe outorgasse esta autorização, trairia os deveres de meu cargo e a confiança de meu povo.

- Mas estou disposto a tomar todas as precauções cabíveis. Se Vossa Excelência deseja enviar observadores… E também, posso prometer consultar Vossa Excelência antes de publicar os resultados obtidos.

O Ministro Supremo observou:

- É uma oferta tentadora e seu projeto é muito interessante. Entretanto parece que você me atribue poderes excessivos, mesmo deixando de considerar as tendências de meu povo. Não sou um governante absoluto. Meu poder é limitado e todos os assuntos devem ser submetidos à consideração da Sociedade dos Anciões, antes de qualquer decisão.

Arvardan sacudiu a cabeça.

- Isto é lamentável. O Procurador me avisou a respeito das dificuldades, mas estava confiando que.. Quando haverá uma oportunidade de consultar seu corpo legislativo?

- O Presídio da Sociedade dos Anciões se reunirá em três dias. Não posso de qualquer forma alterar a agenda, por isso talvez demore mais alguns dias antes que possamos discutir o assunto. Vamos dizer, uma semana.

Arvardan assentiu, pensativo.

- Parece que não há outra solução… Mas lembrei-me de mais uma coisa. Excelência…

- O que é?

- Gostaria de me encontrar com um cientista deste planeta, o dr. Shekt, de Chica. Já estive em Chica, mas não me demorei o suficiente, e gostaria agora de poder reparar esta omissão. Sei que Vossa Excelência é um homem muito ocupado, mas poderia tomar a liberdade e pedir que Vossa Excelência me dessa uma carta de apresentação?

O Ministro Supremo assumiu uma atitude rígida e demorou antes de perguntar:

- Posso saber por que gostaria de se entrevistar com Shekt?

- Sem dúvida. Li a respeito de um instrumento de sua invenção, denominado um Sinapseador, ou coisa parecida. Este instrumento parece se relacionar com a neuro-química do cérebro e poderia talvez ter algum interesse para outro projeto meu. Estive trabalhando na classificação da humanidade em grupos encefalográficos com tipos de correntes cerebrais.

- Hum… já ouvi falar neste instrumento. Lembro-me vagamente que não parece ter alcançado sucesso.

- Talvez não, mas o dr. Shekt é especializado neste campo e provavelmente poderia ser muito útil seu eu pudesse falar com ele.

- Estou vendo. Neste caso, vou mandar preparar uma carta de apresentação. De qualquer forma, o senhor não deverá mencionar suas intenções com relação às Áreas Proibidas.

- Perfeitamente, Excelência. Compreendo. -Arvardan se levantou. -Agradeço sua amabilidade e sua atitude e espero que o Conselho dos Anciões considerará meus projetos com indulgência.

Quando Arvardan foi embora, o Secretário entrou. Seus lábios estavam estirados num sorriso frio e cruel.

- Isto foi muito bom - observou. -Vossa Excelência teve um ótimo desempenho. O Ministro Supremo ficou a observá-lo com ar soturno e perguntou:

- O que significa aquela última parte a respeito de Shekt?

- Vossa Excelência se surpreendeu? Não era o caso. Tudo procede segundo os planos. Espero que tenha percebido que ele não pareceu se importar muito com a recusa da autorização. Não me pareceu uma reação característica de um cientista que deseja ardentemente iniciar uma pesquisa e que, sem razão aparente, vê suas propostas recusadas, não é? Não parece muito mais a reação de alguém obrigado a desempenhar um papel e que se sente aliviado por ter cumprido sua tarefa? Temos aqui mais uma estranha coincidência. Schwartz fugiu, indo para Chica. No dia seguinte, aparece Arvardan e depois de uma tentativa morna em prol de sua expedição, comunica tranquilamente que pretende ver Shekt em Chica.

- Não entendo por que ele quis mencionar o fato. Parece-me de uma perigosa audácia.

- Acontece que Vossa Excelência não conhece pensamentos tortuosos. Tente se colocar na posição de Arvardan. Ele imagina que não desconfiamos, e neste caso, ganha quem tem suficiente audácia! Ele quer ver Shekt. Muito bem! Então menciona o fato e chega até a pedir uma carta de apresentação. Qual melhor garantia de honestidade e inocência poderia apresentar? Isto me lembra mais uma coisa. É possível que Schwartz tivesse descoberto que estava sob vigilância. Pode ter morto Natter. Mas não teve tempo

para avisar os outros, caso contrário esta comédia teria tomado rumos diferentes.

O Secretário tecia sua trama, mantendo os olhos semifechados:

- Não podemos saber quanto tempo será necessário até que a ausência de Schwartz comece a provocar desconfiança, mas acho que podemos arriscar e permitir pelo menos que Arvardan se encontre com Shekt. Vamos apanhá-los juntos, assim poderão deixar de negar muitas coisas.

- De quanto tempo dispomos ainda? - perguntou o Ministro Supremo. Balkis refletiu.

- A situação parece fluída, e desde que descobrimos a traição de Shekt, trabalhamos em três turnos - mas tudo evolui muito bem. Só precisamos obter as computações matemáticas para as órbitas necessárias. Nossos computadores não parecem adequados e isto poderá aumentar um pouco a demora. De qualquer forma, acho que podemos calcular… talvez, mais alguns dias.

- Dias! - A exclamação do Ministro Supremo era uma mistura de triunfo e de horror.

- Sim, dias - repetiu o Secretário. - Vossa Excelência terá que lembrar - uma bomba que explode dois segundos antes da hora H será o suficiente para cercear nossos planos. Mais tarde, teremos que enfrentar uma espera de um a seis meses, para termos certeza que não haverá retaliação. Significa que ainda não temos segurança absoluta.

Dias! Apenas dias, até o início da mais inacreditável luta unilateral de toda a história da Galáxia, antes que a Terra a atacasse. As mãos do Ministro Supremo tremiam imperceptivelmente.

Arvardan mais uma vez voava num estrato-avião. Remoia pensamentos furiosos. Parecia não existir a menor possibilidade que o Ministro Supremo e seu povo psicopata permitiriam uma invasão oficial das Áreas Proibidas. Já esperava por isso. De uma certa forma, não lastimava o desfecho da entrevista. Se estivesse mais interessado quem sabe, poderia ter lutado mais.

Agora, porém, planejaria uma invasão ilegal, pela Galáxia! Prepararia as armas de sua nave, e em caso de necessidade, lutaria até o fim. Era preferível.

Sim, sim, claro, sabia. Imaginavam ser a raça humana original, o povo do planeta… O que era pior ainda, Arvardan sabia que estavam certos.

Bom… O avião decolou. Afundou mais ainda no estofamento de sua poltrona, consciente do fato que, dentro de uma hora, chegaria em Chica.

Não estava muito ansioso de chegar em Chica, voltou a pensar, mas o Sinapseador talvez poderia resultar importante, e não tinha interesse nenhum de ficar na Terra, a não ser que pudesse explorar a fundo todas as possibilidades. Não tencionava voltar nunca mais.

Esta ratoeira! Ennius estava certo.

Entretanto, este dr. Shekt… Apalpou a carta de apresentação, sentindo o peso conferido pela pomposidade oficial…

De repente se endireitou - ou tentou se endireitar, lutando contra a força de inércia que o comprimia contra o encosto, enquanto a Terra continuava a diminuir de tamanho e o azul do céu escurecia.

Agora já se lembrava do sobrenome da moça. Ela se chamava Pola Shekt.

Como podia ter esquecido? Sentiu-se furioso e frustrado. Sua própria mente parecia conspirar para atrapalhá-lo, ocultando um nome até quando já era tarde demais.

Entretanto, lá nas profundezas, percebeu um vago brilho de alegria.

Eram todos loucos e imbecis! Afinal, o que imaginavam que eram?

14 - Segundo Encontro

Nos dois meses que se passaram depois do dia em que o dr. Shekt usara seu Sinapseador para tratar Schwartz, o físico mudara de maneira radical. Esta mudança não era fisicamente visível, a não ser pelo fato que parecia mais magro e talvez um pouco mais recurvo. Eram seus modos - parecia distraído, amedrontado. Vivia num mundo interno, inacessível a seus colegas e do qual relutava a emergir.

Só conseguia confiar em Pola, talvez porque a moça também parecia mais reservada.

- Estão me vigiando -costumava repetir. - Sinto que estão me vigiando. Você entende o que quero dizer?… Nestes últimos tempos tivemos muitas mudanças no Instituto, e todas as pessoas que eu gosto e em que confio, foram afastadas… Nunca consigo ficar a sós. Sempre tem alguém ao meu redor. Não deixam nem que escreva meus relatórios.

Pola às vezes lastimava, outras vezes caçoava, perguntando:

- Por que fariam isto com você? Sua experiência com Schwartz não é um crime, caso contrário já o teriam interrogado.

O rosto de Shekt ficava sempre mais amarelo e magro enquanto resmungava:

- Não me deixarão viver. Meus sessenta estão para chegar e eles não pretendem me deixar viver.

- Depois de tudo que você já fez? Tolices!

- Pola, eu sei demais e eles não confiam em mim.

- Você sabe demais a respeito do que?

Naquela noite, Shekt sentia-se cansado e queria encontrar um pouco de alívio. Então contou o que sabia. Sua filha, num primeiro tempo, não quis acreditar, mas quando se convenceu, ficou sentada, muda pelo horror.

No dia seguinte, Pola usou um transmissor comunitário num outro bairro para chamar a Residência Estadual. Tampou os lábios com um lenço e pediu para falar com o dr. Bel Arvardan.

Ele não estava. Disseram que provavelmente se encontrava em Bonair, a seis mil milhas de distância, mas não tinham certeza. Sim, sabiam que pretendia voltar para Chica, mas não conheciam a data. Pediram que deixasse seu nome. Poderiam então lhe transmitir qualquer novidade.

Pola desligou e apoiou o rosto no vidro frio da partição. Seus olhos brilhavam pelas lágrimas que não conseguia verter.

Tola. Tola!

Arvardan lhe proporcionara auxilio e ela o despedira, ressentida. Ele desafiara o chicote neurônico e até perigos maiores para salvaguardar a dignidade de uma mocinha Terrestre ameaçada por um oficial Forasteiro e ela lhe mostrara ingratidão.

Os cem créditos, enviados na manhã seguinte à Residência Estadual, tinham sido devolvidos sem nenhum comentário. Ela já estava arrependida, desejava falar com ele para se desculpar, mas tivera medo. A Residência Estadual era reservada aos Forasteiros, e não poderia entrar. Só conhecia o prédio por tê-lo vislumbrado à distância.

Agora sentia-se pronta a ir até ao palácio do Procurador, se isto fosse necessário, para… para…

Só ele poderia ajudar. Ele nem sonhava que pudesse se tratar de um Forasteiro, até o momento da revelação. Como era alto, e confiante… Sem dúvida, saberia o que precisava fazer.

Alguém precisava saber, para evitar a destruição da Galáxia.

Sem dúvida, muitos Forasteiros a mereciam, mas nem todos? E as mulheres, as crianças, os velhos e os doentes? Os bons? Os Arvardan? Os que nunca tinham ouvido mencionar a Terra? Afinal, todos eles eram humanos. Aquela vingança horrível faria desaparecer qualquer justiça contida nas reivindicações da Terra, numa catástrofe sem fim, num mar de sangue e carnes apodrecidas.

O chamado de Arvardan chegou de repente. Shekt sacudiu a cabeça.

- Não, não posso falar com ele.

- Você precisa - insistiu Pola, raivosa.

- Mas aqui? É impossível - significaria a ruína de ambos.

- Neste caso, diga-lhe que está ocupado. Eu vou cuidar do assunto.

Seu coração cantava. é claro que era só porque assim teria a oportunidade de salvar incontáveis bilhões de criaturas humanas. Lembrou-se daquele sorriso muito alvo. Lembrou como obrigara um coronel das forças imperiais a se inclinar em sua frente e pedir desculpas - pedir desculpas a uma moça Terrestre!

Bel Arvardan podia conseguir qualquer coisa!

Arvardan porém não desconfiava de nada. Interpretou a atitude de Shekt ao pé da letra -era grosseria pura e simples, a caráter com todas as suas outras experiências na Terra.

Sentiu-se irritado, naquela antessala silenciosa e deserta, por ser tratado como um qualquer intruso indesejável. Escolheu as palavras com cuidado especial.

- Nunca teria ousado impor minha presença, doutor, não fosse pelo meu interesse profissional no Sinapseador. Também fui informado que, ao contrário de outros Terrestres, o senhor não hostiliza os homens da Galáxia. Pela reação, escolhera uma expressão

infeliz. O dr. Shekt estremeceu.

- Não sei quem foi seu informante, doutor, mas ele se enganou, atribuindo-me sentimentos especialmente amistosos para com estranhos. Não faço distinções de espécie alguma. Sou um Terrestre…

Arvardan apertou os lábios e fez menção de ir embora.

- Entenda bem, dr. Arvardan - as palavras chegaram num sussurro lastimoso - detesto ter que parecer grosseiro mas realmente não posso…

- Não se preocupe - retrucou o arqueólogo, friamente. - Compreendo. Boa tarde, senhor. - Mas não compreendia. O dr. Shekt forçou um sorriso.

- Meu trabalho…

- Também sou um homem muito ocupado, dr. Shekt.

Virou-se em direção da porta, amaldiçoando todos os Terrestres e percebendo que, mesmo contra sua vontade, em sua mente surgiam certos slogans que circulavam livremente em seu planeta natal. Por exemplo, os ditados: “Na Terra a educação é frequente como a secura num oceano”. Ou aquele outro: “Um Terrestre só entrega um presente quando não custa nada e vale ainda menos”.

Seu braço interrompeu o circuito fotoelétrico que abria a porta mas de repente, ouviu passos apressados e um “Ssst!” soprado em seu ouvido. Alguém enfiou um pedacinho de papel em sua mão, mas quando se virou só percebeu um vulto colorido que se afastava apressado.

Esperou até chegar a se sentar em seu carro alugado antes de desdobrar a folha amarrotada. Alguém escrevera apressadamente uma mensagem:

“Hoje à noite, às oito horas, procure chegar perto do Grande Teatro. Certifique-se que ninguém o esteja seguindo.”

Arvardan franziu as sobrancelhas e mantendo uma expressão furiosa, releu a mensagem cinco vezes, como esperando descobrir algo Invisível. Involuntariamente, virou-se para trás. A rua estava deserta. Ergueu o braço para jogar o papel na rua, hesitou e acabou por enfiá-lo no bolso.

Se naquela noite já tivesse um compromisso qualquer, mesmo sem importância, não teria levado em consideração a mensagem e talvez isto chegaria a provocar a morte de trilhões de pessoas. Mas Arvardan não tinha compromisso nenhum. Além disso, desconfiava que a pessoa que escrevera aquelas palavras pudesse ser…

As oito em ponto, Arvardan se encontrava numa longa fila de carros numa avenida cheia de curvas que aparentemente levava ao Grande Teatro. Pedira informações a um transeunte, mas o homem ficou examinando-o com ar desconfiado (pelo jeito, todos os Terrestres estavam sempre desconfiados) e disse, ríspido: - Basta seguir todos os outros carros.

Pelas aparências, todos os outros carros de fato se dirigiam ao Grande Teatro,

porque quando chegou, descobriu que eram tragados por uma abertura que levava à enorme garagem subterrânea. Saiu da fila e passou vagarosamente ao lado do Teatro, esperando por alguém que não conhecia.

Uma figura esguia desceu rápida pela rampa de pedestres e apareceu ao lado da janela. Ficou a olhá-la. surpreso, mas a figura abriu a porta e entrou.

- Desculpe - falou Arvardan, mas …

- Ssst! - A figura se encolheu sobre o assento. -Alguém o seguiu?

- Alguém deveria me seguir?

- Pare de bancar o engraçadinho. Continue em frente. Vou avisá-lo quando terá que virar… O que está esperando?

Ele conhecia aquela voz. O capuz deslizou até os ombros, revelando cabelos castanhos claros. Olhos escuros o observavam.

- Seriamente, é preferível irmos embora - murmurou uma voz macia.

Arvardan obedeceu e durante quinze minutos ela se limitou a indicar a direção, quando isto se tornava necessário. Arvardan a observava de vez em quando e com súbita exultância, pensou que era mais bonita de como a lembrava. Esquisito, agora já não provava ressentimento nenhum.

Quando a moça o avisou, pararam na esquina de um distrito residencial deserto. Após observar cuidadosamente ao redor, a moça indicou o caminho, e penetraram num jardim onde uma rampa levava à garagem particular.

A porta se fechou e só ficaram com a luz do painel do carro.

A este ponto, Pola o fitou, muito séria e disse:

- Doutor Arvardan, lastimo ter recorrido a este subterfúgio para podermos conversar em particular. Sei que não mereço muita consideração…

- Não diga isto - protestou o cientista, muito sem jeito.

- Não posso deixar de mencioná-lo. Quero que acredite que agora vejo como fui mesquinha e grosseira. Não tenho palavras adequadas para explicar o quanto lastimo.

- Por favor, pare. -Desviou o olhar. -Eu também deveria ter usado um mínimo de diplomacia.

- Realmente… - Pola parou e tentou se recompor. - Não foi exatamente para isto que o trouxe aqui. Você é o único Forasteiro que conheci, capaz de se mostrar gentil e despreendido e preciso de sua ajuda.

Arvardan estremeceu. O que era isto? Resumiu sua reação num:

- Oh? - realmente frio.

Logo ela gritou:

- Não! - e explicou: -Não é para mim, doutor Arvardan. É para toda a Galáxia. Para

mim, não quero nada. Nada!

- De que se trata?

- Em primeiro lugar, acho que ninguém nos seguiu, mas se ouvir algum barulho, você poderia… poderia…. abaixou as pálpebras, colocar seus braços em minha volta, e… e… já sabe, não é?

Arvardan assentiu e respondeu, seco:

- Acho que a improvisação não será difícil. Precisamos realmente esperar até ouvirmos um barulho? Pola corou.

- Por favor, pare de brincar. Também não desejo que haja qualquer mal entendido a respeito de minhas intenções. Esta seria a única maneira de evitar que alguém desconfiasse de nossos verdadeiros motivos. Seria a única situação convincente.

Arvardan perguntou em voz baixa:

- As coisas realmente são tão sérias?

Observou-a com curiosidade. Parecia tão jovem, tão frágil. De uma certa forma, sentiu que não era justo. Em toda sua vida nunca agira de forma irracional. Orgulhava-se disto. Era um homem de fortes emoções, mas conseguia dominá-las. Agora, só porque uma moça parecia frágil, sentia um impulso irresistível de protegê-la. Pola falou:

- A situação é séria. Vou lhe contar algo e sei que, a princípio, não vai acreditar. Quero, porém que tente acreditar. Quero que chegue à conclusão que sou sincera. Sobretudo, quero que depois que eu lhe conte, você fique ao nosso lado e veja o que pode fazer. Quer tentar? Vou lhe dar quinze minutos, e se, quando acabarem, você pensar que não pode confiar em mim, ou que não vale a pena se envolver comigo, irei embora e estará encerrado.

- Quinze minutos? - Arvardan sorriu sem querer. Tirou o relógio do pulso e o colocou sobre o painel. - Está bem. Pola entrelaçou os dedos e deixou as mãos no colo, olhando para frente. O para-brisa só deixava ver a parede mais próxima da garagem.

Ele ficou a observá-la, pensativo - a linha suave do queixo que desmentia todas as tentativas de parecer decidida, o nariz fino e reto, a tez rosada tão peculiar da Terra. Viu que ela também o olhava de esguelha. Logo voltou a olhar para frente.

- O que é que há? - perguntou Arvardan.

A moça virou o rosto e mordeu os lábios.

- Eu o estava observando.

- Percebi. Tem alguma mancha em meu nariz?

- Não. - Esboçou um leve sorriso. Era o primeiro, desde que tinha entrado no carro. Arvardan percebeu que começava a ficar absurdamente consciente dos menores detalhes, de seus cabelos que flutuavam todas as vezes que mexia a cabeça, por exemplo. - Sabe, é que desde aquela noite… estou curiosa de saber por que você não usa aquelas roupas

impregnadas de chumbo, como todos os outros Forasteiros. Foi por isto que me enganei. Os Forasteiros sempre parecem sacos de batatas.

- E eu não dou esta impressão?

- Oh, não… - A voz revelou um certo entusiasmo: - Você parece uma daquelas estátuas de mármore antigas… só que você é vivo, é cálido… Desculpe, sinto muito. Não quero ser impertinente.

- Quer dizer, você pensa que eu julgo que você é uma moça Terrestre que não conhece seu lugar. Você terá que mudar de atitude, ou não poderemos ser amigos. Não acredito na superstição a respeito da radioatividade. Medi a radioatividade atmosférica da Terra e fiz algumas experiências de laboratório, com animais. Estou convencido que, em condições normais, esta radioatividade não pode me prejudicar. Cheguei há dois meses e não sinto nada de anormal. Meus cabelos não estão caindo - e puxou os cabelos - e meu estômago funciona perfeitamente. Também não acredito estar arriscando minha fertilidade, mas admito que estou tomando algumas precauções neste sentido. Só que cuecas impregnadas de chumbo não ficam aparentes.

Seu tom era sério e ela voltou a sorrir.

- Acho que você é ligeiramente biruta - falou.

- Você acha? Você nem imagina quantos arqueólogos muito inteligentes e bastante famosos já me disseram a mesma coisa - aliás, pronunciaram discursos intermináveis para fazê-lo.

Ela perguntou:

- Agora, você quer me ouvir? Os quinze minutos já passaram.

- Diga-me primeiro o que você acha disto.

- Penso que deve ser verdade. Se você não fosse levemente biruta, não estaria aqui comigo. Especialmente, considerando como me portei. Arvardan murmurou:

- Você pensa que eu preciso fazer um grande esforço para ficar aqui, sentado ao seu lado? Você se engana… Sabe, Pola, nunca em minha vida, mas nunca mesmo, cheguei a ver uma moça tão linda como você.

Ela arregalou os olhos, assustada:

- Por favor, pare. Não o trouxe até aqui para isto. Você não acredita?

- Sim, Pola, acredito. Conte-me o que quiser. Vou acreditar em suas palavras e vou ajudá-la. - Estava falando com a maior convicção. Naquele instante Arvardan sentia estar pronto a qualquer coisa, nem que fosse destronar o Imperador. Jamais conseguira se apaixonar, mas a este ponto seus pensamentos pararam de uma vez. Não estava acostumado a pensar em amor.

Amor? Por uma moça Terrestre?

- Doutor Arvardan, já falou com meu pai?

- O dr. Shekt é seu pai?… Por favor, me chame de Bel. Vou chamá-la simplesmente Pola.

- Se você quiser. Vou tentar. Suponho que ficou furioso com meu pai.

- Ele não foi muito amável.

- Ele não podia ser amável. Está sendo vigiado. De fato, ele e eu combinamos de antemão que papai deveria se livrar de você, e que eu falaria com você aqui. Esta é nossa casa… O fato é - acrescentou num sussurro - que a Terra está prestes a se revoltar.

Arvardan não conseguiu suprimir um sorriso.

- Não diga! - exclamou arregalando os olhos. - Toda ela?

Pola reagiu com raiva.

- Não ria de mim. Você disse que escutaria e acreditaria em minhas palavras. A Terra está preparando uma revolta, e isto é muito sério, porque a Terra pode destruir todo o Império.

- Você realmente acredita? - O cientista conseguiu controlar sua vontade de gargalhar. Perguntou, calmo: - Pola, como andam suas noções de Galactografia?

- São boas, professor, mas o que isto tem a ver com o assunto?

- É o seguinte, a Galáxia mede muitos milhões de anos-luz cúbicos. Na Galáxia existem duzentos milhões de planetas habitados, com uma população de quinhentos quatrilhões de pessoas. Certo?

- Já que você o afirma, acredito.

- Pode acreditar. Agora, vejamos, a Terra é um planeta com uma população de vinte milhões, e não tem recursos. Trocado em miúdos, isto significa que existem vinte e cinco bilhões de cidadãos da Galáxia por cada Terrestre. Agora me diga, o que poderia fazer a Terra quando suas probabilidades são de vinte e cinco bilhões a um?

A moça pareceu ficar em dúvida, mas logo se recuperou.

- Bel - disse - não posso lhe responder, mas meu pai pode. Ele não me explicou todos os detalhes, porque acha que isto colocaria minha vida em perigo. Explicou-me, porém, que a Terra descobriu um sistema para liquidar toda a vida fora da Terra, e ele deve estar certo. Ele nunca se enganou.

Suas faces ficaram coradas enquanto falava, e Arvardan sentiu o desejo de tocá-las. (O que estava acontecendo? Não tinha ficado horrorizado ao se lembrar que já uma vez encostara a mão nela?)

- Já está passando das dez? - perguntou Pola.

- Sim.

- Neste caso, já deve ter chegado - se ainda não o prenderam. - Olhou ao redor e estremeceu. - Podemos entrar em casa diretamente pela garagem e se você quiser subir agora…

Colocou a mão no controle da porta do carro, mas de repente ficou rígida. Sussurrou, rouca:

- Alguém está… depressa…

O resto se perdeu. Arvardan não se esquecera das recomendações iniciais. Seus braços a envolveram com a maior facilidade e logo sentiu de perto o corpo morno e fofo. Percebeu os lábios que tremiam e que eram oceanos ilimitados de doçura…

Durante dez segundos virou os olhos em todas as direções para ver o primeiro sinal de luz ou ouvir o estalido de um passo, mas a seguir esqueceu tudo e mergulhou numa sensação de felicidade. Sentia-se ofuscado por estrelas e ensurdecido pelas batidas de seu próprio coração.

Os lábios da moça se afastaram, mas ele voltou a procurá-los. Apertou-a ainda mais em seus braços, percebendo seu abandono e que ambos os corações batiam no mesmo ritmo.

Demorou um bom tempo antes que parassem e a seguir ficaram a descansar, com os rostos colados.

Arvardan não sabia o que era amor, nunca se apaixonara antes, e agora a palavra não o assustava mais. Por que deveria? Terrestre ou não, não havia outra moça em toda a Galáxia que pudesse se comparar a esta. Murmurou, como num sonho:

- Acho que foi só um barulho do trânsito.

- Não - ela sussurrou. - Não foi barulho nenhum.

Arvardan a afastou, sem soltá-la, mas os olhos de Pola ficaram firmes.

- Diabinha! Está falando sério?

Com os olhos brilhantes, ela respondeu:

- Queria que você me beijasse e não me arrependo.

- Você acha que eu me arrependo? Beije-me mais uma vez, agora só porque eu o desejo.

Passou mais um pouco de tempo e finalmente ela se afastou, arrumou os cabelos e a gola do vestido, com gestos decididos e formais.

- Acho que agora deveríamos subir - disse. - Desligue as lanternas do carro. Tenho uma lanterna manual.

Arvardan saiu do carro e na escuridão, cortada apenas pelo esguio feixe de luz, ela parecia uma sombra. Falou:

- Dê-me sua mão. Precisamos subir um lance de escada.

Arvardan sussurrou:

- Pola, eu a amo. - As palavras saíram com facilidade e pareciam certinhas.

Repetiu: - Pola, eu a amo. Pola murmurou:

- Você mal me conhece.

- Não! Eu a conheço desde sempre, eu juro! Desde sempre. Por dois meses não consegui afastar meus pensamentos de você. Eu juro.

- Lembre-se, sou uma moça Terrestre.

- Então, serei um Terrestre também. Experimente para ver.

Segurou seu braço, conseguindo que parasse e depois virou o feixe da lanterna para seu rosto. Viu que ela estava chorando.

- O que foi?

- Só isto, quando meu pai lhe contar o que sabe, você compreenderá que não pode amar uma moça Terrestre.

- Experimente para ver o que acontece.

15 - Cálculos Errados

Arvardan e Shekt se reuniram numa saleta do segundo andar, que se encontrava na parte posterior da casa e cujas janelas foram polarizadas até ficarem totalmente opacas. Pola ficou embaixo, na sala vazia e às escuras, de onde podia vigiar a rua totalmente deserta.

A figura encurvada de Shekt tinha agora uma aparência levemente diferente daquela que Arvardan observara na mesma manhã. Seu rosto ainda estava encovado e cansado, mas em vez de mostrar medo ou insegurança, irradiava algo que poderia ser um ar de desesperado desafio.

Falou em tom firme:

- Doutor Arvardan, preciso me desculpar pela minha atitude na manhã de hoje. Esperava que entendesse…

- Admito que não entendi, mas agora já sei.

Shekt sentou-se ao lado da mesa e com um gesto indicou a garrafa de vinho. Arvardan respondeu com outro gesto de recusa.

- Se não se importa, prefiro uma fruta… O que é isto? Acho que nunca comi isto antes.

- É um tipo de laranja -explicou Shekt. -Acho que só cresce na Terra. A casca sai com muita facilidade. -Mostrou que era assim e Arvardan, depois de farejar com curiosidade, mordeu a polpa perfumada. Logo soltou uma exclamação de agrado.

- Que delícia! A Terra alguma vez já tentou exportar esta qualidade?

- Os Anciões preferem não comerciar com os Forasteiros - respondeu Shekt, de cenho franzido. – E nossos vizinhos no espaço não gostam de comerciar conosco. Esta é uma das facetas de nossas dificuldades na Terra.

Arvardan provou um surto de irritação.

- Quanta imbecilidade. Sabe, quando penso o que se passa na mente dos homens, chego até a duvidar da inteligência humana. O biofísico encolheu os ombros com a tolerância adquirida com a idade.

- Receio que é parte do quase insolúvel problema criado pelos sentimentos antiterrestres.

- É quase insolúvel, porque tenho a impressão que ninguém parece se preocupar em encontrar uma solução - exclamou o arqueólogo. Quantos Terrestres se limitam a reagir odiando indiscriminadamente todos os cidadãos galácticos? Parece quase uma doença universal - ódio por ódio. Seu povo realmente quer a igualdade e a tolerância mútua? Não! A maioria só gostaria de ter possibilidade de dominar.

- Há muita verdade em suas palavras - concordou Shekt. - Não posso negá-lo. Todavia, as dificuldades não se resumem nisto. Bastaria que tivéssemos uma oportunidade, e uma nova geração de Terrestres poderia alcançar a maioridade sem o peso do isolacionismo, e acreditando na unidade da raça humana. Os Assimilacionistas, que são tolerantes e acreditam em compromissos sadios, repetidamente já conseguiram se afirmar na Terra. Eu sou um deles. Ou melhor, eu era um deles. Entretanto, agora somos governados pelos fanáticos. Trata-se de um grupo de nacionalistas extremistas que sonham com glórias passadas e glórias futuras. O Império deverá ser protegido contra esta gente.

Arvardan franziu a testa.

- Você está se referindo à revolta que Pola mencionou?

- Escute, Arvardan -falou Shekt, grave. - Não é fácil convencer qualquer pessoa, quando as possibilidades da Terra conquistar a Galáxia podem parecer tão ridículas. Mas é verdade. Não sou um homem corajoso e tenho muito amor à vida. Pode por isso imaginar o tamanho da crise que me obriga a me arriscar em ser acusado de traição, enquanto as autoridades já desconfiam de mim e me vigiam.

- A coisa parece mesmo séria - disse Arvardan - e preciso lhe dizer logo uma coisa. Vou ajudá-lo até o limite de minhas possibilidades, mas só como um cidadão qualquer da Galáxia. Não tenho nenhum cargo oficial, não exerço qualquer influência na Corte e nem sobre o Procurador. Sou exatamente o que pareço ser - um arqueólogo que organizou uma expedição científica, unicamente em meu próprio benefício. Considerando que você está preparado a se arriscar, não seria melhor se você falasse com o Procurador? Ele, pelo menos, poderia tomar uma atitude positiva.

- Pois é exatamente isso que não posso fazer. Os Anciões me vigiam por isso. Quando você chegou esta manhã, pensei que talvez você fosse mandado por ele. Pensei que Ennius já suspeitava.

- É possível que desconfie - não posso lhe dizer nada a este respeito. Mas não sou um emissário de Ennius, sinto muito. Todavia, se você realmente quer falar comigo, posso prometer que irei vê-lo por você.

- Obrigado. É só o que eu quero. E também que você faça o possível para interceder em favor da Terra, para que não seja duramente castigada.

- Sem dúvida. -Arvardan não se sentia à vontade. Acreditava estar conversando com um paranoico excêntrico e idoso, possivelmente inócuo, mas definitivamente doido. Entretanto não tinha outra possibilidade que ficar, escutar e tentar acalmar aquele surto de loucura - pelo amor de Pola.

Shekt perguntou:

- Arvardan, já ouviu falar no Sinapseador? Você o mencionou hoje de manhã.

- Sim, de fato. Li seu artigo na Revista de Física. Falei a este respeito com o Procurador e com o Ministro Supremo.

- Sim, claro. Quando ele me deu a carta de apresentação que você - hum - que você

se recusou em ler.

- Que lástima. Teria preferido que… O que é que você sabe a respeito do Sinapseador?

- Só sei que é um interessante fracasso. Foi projetado para ampliar a capacidade de aprender. Que foram obtidos alguns resultados positivos com ratos, mas que não funcionou com criaturas humanas.

Shekt estava visivelmente perturbado.

- Sim, ao ler aquele artigo, você não poderia chegar a uma opinião diferente. Foi publicado para criar a impressão de um fracasso, enquanto todos os resultados positivos foram deliberadamente omitidos.

- Hum. Uma esquisita demonstração de ética científica, não é?

- Sim, você está certo. Mais já completei cinquenta e seis anos, e se você conhece os Costumes da Terra, você deve saber que não resta muito tempo.

- O Costume dos Sessenta. Sim, estou vendo. Já ouvi falar a respeito - aliás, ouvi mais do que queria. - Lembrou-se com certa repugnância de sua primeira viagem num estrato-avião Terrestre. - Porém ouvi também que cientistas famosos, entre outros, gozam de certos privilégios.

- É verdade. Mas quem decide as exceções é o Ministro Supremo, com o auxilio do Conselho dos Anciões, e ninguém pode apelar, nem mesmo com o Imperador. Explicaram-me que o preço de minha vida era manter segredo sobre o Sinapseador, e trabalhar com afinco para aperfeiçoá-lo. - O cientista estendeu as mãos: - Como poderia saber de antemão qual seria o resultado e para que finalidade queriam usar a maquina?

- Quer dizer? - Arvardan ofereceu um cigarro ao outro, e quando este recusou, acendeu o seu.

- Já vou lhe explicar… Quando percebi que minhas experiências já me permitiriam a aplicação do tratamento em criaturas humanas, recebi a injunção de tratar certo número de biólogos Terrestres. Eram todos homens que eu sabia serem do agrado dos fanáticos - dos extremistas. Todos sobreviveram, apesar de alguns chegarem a sofrer uma série de distúrbios secundários durante algum tempo. Um deles foi levado ao Instituto para um tratamento adicional, mas não consegui salvá-lo. Porém, enquanto delirava, antes de morrer, ele me revelou tudo.

Era perto da meia noite. O dia fora cansativo e cheio de surpresas. Agora, porém, Arvardan sentiu que algo o deixava alerta. Falou, seco:

- Gostaria que você chegasse ao âmago.

Shekt respondeu:

- Peço-lhe mais um pouco de paciência. Preciso lhe explicar tudo, com pormenores, para você acreditar. Sem dúvida, você conhece as condições peculiares da

Terra… a radioatividade…

- Sim. Tenho bons conhecimentos a respeito.

- E sabe quais são os efeitos da radioatividade sobre a Terra e sua economia?

- Sim.

- Então não há necessidade de insistir neste ponto. Só quero mencionar que na Terra a incidência de mutações é maior que no resto da Galáxia. Nossos inimigos afirmam que os Terrestres são diferentes, e de uma certa forma esta afirmação se apóia numa verdade física. Porém, estas mutações são insignificantes e, em sua maioria, não são permanentes. As únicas mudanças que podemos considerar significativas se referem a certas reações químicas internas que proporcionam uma maior resistência ao nosso ambiente peculiar. Significa que há uma resistência maior aos efeitos da radiação, uma mais rápida cicatrização em caso de queimaduras…

- Doutor Shekt, conheço todos estes detalhes.

- Neste caso, já lhe ocorreu que as mutações, aqui na Terra, se verificam também em outras espécies e não só na humana? Houve um breve intervalo. Depois, Arvardan disse:

- Não, realmente não tinha pensado nisto, mas agora que você perguntou, a coisa me parece perfeitamente lógica, alias inevitável.

- Pois é. Isto acontece. Temos uma maior variedade de animais domésticos que qualquer outro mundo habitado. A laranja que você comeu é uma variedade surgida por mutação, que não existe em nenhuma outra parte. Entre outras coisas, isto também concorre para impedir sua exportação. Os Forasteiros desconfiam da laranja como desconfiam de nós e nós a consideramos uma propriedade de grande valor por sua peculiaridade. Obviamente, o que se refere aos animais e às plantas, também se aplica à vida Microscópica.

A este ponto Arvardan começou a sentir uma ponta de medo. Perguntou:

- Você quer dizer… as bactérias?

- Quero dizer a totalidade da vida primitiva. Protozoários, bactérias, e as proteínas que se autorreproduzem e que algumas pessoas chamam de vírus.

- O que você está tentando me dizer?

- Acho que você já está desconfiando, Arvardan. Percebo que você está se interessando. Veja, entre seu povo existe a crença que os Terrestres trazem a morte, que uma associação com um Terrestre significa morrer, que os Terrestres são de mal agouro, que eles têm o mau olhado …

- Eu sei, mas são apenas superstições.

- Não completamente, e esta é a parte pior. Como todas as crendices, mesmo as

superstições em suas formas mais distorcidas têm por base um grãozinho de verdade. De fato, às vezes um Terrestre pode levar em seu organismo uma mutação de um parasita microscópico que não se parece com qualquer outro conhecido, e às vezes os Forasteiros não têm as necessárias defesas. A consequência é simples, Arvardan.

Arvardan ficou em silêncio.

Shekt continuou:

- As vezes nós também somos vitimados. Uma nova espécie de germe pode sair da névoa radioativa e uma epidemia varrerá o planeta, mas em geral, os Terrestres são resistentes. Conseguimos criar defesas contra todas as variedades de germes durante muitas gerações, e sobrevivemos. Os Forasteiros não têm esta oportunidade.

- Você quer dizer que um contato com vocês agora… - disse Arvardan com uma estranha sensação quase de tontura, enquanto se lembrava dos beijos daquela noite.

Shekt sacudiu a cabeça.

- É claro que não. Não criamos doenças, somos apenas portadores, e mesmo isto se verifica só muito raramente. Se eu vivesse em seu mundo, não seria um portador, como você também não o seria, não tenho afinidades especiais pelo germe. Mas aqui apenas um entre um quatrilhão de germes, ou entre um quatrilhão de quatrilhões, é perigoso. Existem, neste momento, menos probabilidade de você ficar contaminado do que você ser atingido por um meteorito que atravesse o teto desta casa. A não ser que os germes sejam escolhidos, isolados e incrementados.

Seguiu-se um silêncio mais demorado. Arvardan perguntou com uma voz esquisita, meio estrangulada:

- E os Terrestres fizeram isto?

Já não pensava em termos de paranoia. Estava preparado para acreditar.

- Sim. No começo, os motivos eram inocentes. É evidente que nossos biólogos se interessam especialmente, isolaram o vírus da Febre Comum. O que é a Febre Comum? Uma doença sem gravidade e que na Terra é endêmica. Isto significa que é permanente. A maioria dos Terrestres a contrai na infância e os sintomas são conhecidos. Um pouco de febre, uma erupção da pele, transitória, inflamação das juntas e dos lábios, acompanhadas por muita sede. O decurso é de quatro a seis dias a seguir a pessoa fica imunizada. Eu já tive e Pola também. De tempos em tempos, surge uma forma mais virulenta da mesma doença - uma variante um pouco diferente do mesmo vírus, acredito eu - e neste caso a doença se chama Febre por Radiação.

- Febre por Radiação… Já ouvi falar nisto - disse Arvardan.

- É mesmo? A doença se chama Febre por Radiação porque se acredita que é contraída em áreas radioativas. Realmente, muitas vezes uma passagem por áreas radioativas é seguida pela Febre, porque exatamente naquelas áreas o vírus tem a possibilidade de passar por mutações perigosas. Mas é o vírus, e não a radiação, que provoca a Febre. Quando se trata de Febre por Radiação, os sintomas aparecem em mais

ou menos duas horas. Os lábios ficam tão afetados que o doente quase não consegue falar e pode morrer dentro de poucos dias.

- Veja bem, doutor Arvardan, este é o ponto crucial. O Terrestre já se adaptou à Febre Comum, enquanto o Forasteiro ainda não tem defesas. De vez em quando um soldado da guarnição Imperial contrai a Febre Comum e reage como os Terrestres reagem à Febre por Radiação. Em geral, morre em doze horas. A seguir, é incinerado por Terrestres, porque qualquer soldado que se aproxime também é condenado a morrer. Como já expliquei, o vírus foi isolado há dez anos. Trata-se de uma proteína nucleica, como a maioria dos vírus filtráveis, porém possui a extraordinária característica de conter uma concentração extraordinariamente alta de carbono, enxofre e fosfato radioativos. Digo extraordinariamente alta, porque cinquenta por cento do carbono, do enxofre e do fosfato são radioativos. Supõe-se que o efeito do micro-organismo em seu hospedeiro é produzido sobretudo pela radiação, e menos pelas toxinas. Naturalmente, parece lógico que os Terrestres fiquem menos afetados, por já estarem adaptados às radiações gama. As primeiras pesquisas se preocuparam sobretudo com a maneira do vírus concentrar seus isótopos radioativos. Como você sabe, não existem meios químicos de separar isótopos, a não ser por processos muito demorados e tediosos. Também não se conhecem outros organismos, fora este vírus, que tenham a capacidade de fazê-lo. A seguir, porém, as pesquisas tomaram rumo diferente.

- Não vou me delongar, Arvardan. Acho que você já entendeu. É possível levar a termo experiências com animais não-terrestres, mas não é possível fazê-lo com Forasteiros. Havia poucos Forasteiros na Terra e não era possível fazer desaparecer alguns, sem que isto chamasse a atenção. A mais, ninguém podia arriscar que seus planos fossem descobertos prematuramente. Por isso um grupo de bacteriologistas foram tratados com o Sinapseador, para ampliar suas capacidades cerebrais. Foram eles que desenvolveram um novo ataque matemático na química proteica e na imunologia, que lhes permitiu, a seguir, desenvolver uma linhagem artificial de vírus, com o propósito de destruir unicamente criaturas humanas galácticas - os Forasteiros. Atualmente, existem toneladas de vírus cristalizados.

Arvardan ficou arrasado. Sentiu gotas de suor de suas têmporas a lhe descerem pelas faces. - Quer dizer que a Terra pretende soltar estes vírus na Galáxia - ofegou. ¬Os Terrestres então pretendem iniciar uma gigantesca guerra bacteriológica…

- Que não poderemos perder e que vocês não poderiam ganhar. É isto mesmo. Quando a epidemia começar, haverá milhões de mortos diariamente e nada poderá detê-la. Refugiados aterrorizados, ao fugir pelo espaço, levarão consigo o vírus e se vocês tentarem destruir planetas inteiros a ferro e fogo, a epidemia poderá ser reiniciada em outros. Não existirá possibilidade de relacionar o assunto com a Terra. Quando nossa sobrevivência começar a parecer suspeita, a destruição estará tão adiantada e o desespero dos Forasteiros tão profundo, que eles não se importarão com nada.

- E todos morrerão? - O horror era tão intenso que não conseguia entender. Não podia.

- Talvez não. Nossa nova ciência bacteriológica se desenvolveu em dois sentidos.

Temos também o antídoto e possuímos os meios para produzi-lo. Poderia ser usado em caso de rendição, e se a rendição fosse pedida em tempo.

Neste caso, algumas partes da Galáxia, as mais afastadas, poderiam sobreviver, e poderíamos até constatar casos de imunidade natural.

Arvardan nem por um instante pensou em duvidar da verdade do que estava ouvindo, aquela verdade espantosa que de uma vez acabaria com o cálculo das probabilidades de vinte e cinco bilhões a um, e continuou a ouvir a voz cansada de Shekt como através de uma névoa.

- Acredite, não é a Terra que está querendo isto, mas só um punhado de líderes, pervertidos pelas pressões gigantescas que os mantiveram à margem da Galáxia, que odeiam a todos que os obrigaram a ficar de fora, que só desejam a desforra a qualquer custo, mesmo cometendo este ato de total insanidade…

- Quando começarem, o resto da Terra será obrigado a segui-los. O que mais poderia fazer? Esmagada por esta culpa terrível, precisará terminar a obra. Você acha que poderiam permitir que uma boa parte da Galáxia sobrevivesse, e assim arriscar uma represália? Mas antes de ser Terrestre, antes de qualquer coisa, sou um homem. Poderia deixar que trilhões morressem por obra de milhões? Que uma civilização que se estende pela Galáxia desaparecesse por causa do ressentimento, mesmo justificado, de um único planeta? E poderia este ato melhorar nossas condições? O poder da Galáxia continuará nos mundos que possuem recursos suficientes - e nós não os temos. Os Terrestres poderiam até dominar em Trantor por uma geração, mas seus filhos se tornariam Trantorianos, e acabariam por desprezar a Terra.

- E, para finalizar, existe alguma vantagem em trocar a tirania da Galáxia pela tirania da Terra? Não! … não! … Deve haver uma saída para todos os homens, um meio para conseguir justiça e liberdade.

Ergueu as mãos para cobrir o rosto e ficou se balançando levemente para frente e para trás. Arvardan estava quase paralisado pelo horror. Murmurou:

- O que você fez não pode ser considerado traição, Shekt. Irei para Everest, sem demora. O Procurador acreditará em minhas palavras. Ele terá que acreditar.

Ouviram-se passos apressados, a porta se escancarou, mostrando um rosto assustado.

- Pai - homens estão se aproximando da casa. O doutor Shekt empalideceu.

- Arvardan, rápido, para a garagem. - Começou a empurrá-lo com força

- Leve Pola e não se preocupe comigo. Vou fazer o possível para detê-los.

Mas quando se viraram, perceberam um homem trajado de verde.

Seus lábios eram sardônicos e na mão levava um chicote neurônico.

Ouviram punhos batendo na porta principal, um estrondo e passos pesados.

- Quem é você? -perguntou Arvardan, esboçando um gesto de desafio contra

aquele homem armado e vestido de verde.

- Quem, eu? - retrucou o homem, áspero. -Sou apenas o humilde Secretário de Sua Excelência o Ministro Supremo. - Deu um passo para frente: - Quase esperei demais. Hum. Temos também uma moça. Que imprudência…

Arvardan falou, calmo:

- Sou um cidadão galáctico e contesto seu direito de me prender - aliás, contesto seu direito de penetrar nesta casa, sem autoridade legal. O Secretário bateu levemente em seu próprio peito:

- Eu represento todo o direito e toda a autoridade neste planeta. Dentro de pouco tempo, representarei todo o direito e toda a autoridade da Galáxia. Agora, já temos todos vocês - até Schwartz.

- Schwartz! - exclamaram Shekt e Pola quase de uma vez.

- Vocês ficaram surpresos? Venham, vou levá-los até ele.

A última coisa que Arvardan conseguiu ver conscientemente foi aquele sorriso sardônico que aumentava - e a faísca do chicote. Sentiu-se envolvido numa nuvem avermelhada de dor que o tragou, deixando-o inconsciente.

16 - Escolha seu Lado!

Durante este tempo, Schwartz, muito inquieto, estava descansando sobre um duro banco numa pequena sala do porão do Prédio Correcional de Chica.

O Prédio, como costumava ser chamado, era o símbolo do poder do Ministro Supremo e do pequeno grupo de seus auxiliares. Erguia-se sombrio acima de uma elevação rochosa, dominando os alojamentos da guarnição imperial um pouco mais distantes, e aterrorizava qualquer malfeitor Terrestre muito mais que a autoridade Imperial, que quase não era exercida.

Durante os séculos, muitos Terrestres passaram pelo Prédio a espera da condenação que nunca falhava em caso de falsificação ou evasão de quotas de produção, para aqueles que viviam além do prazo permitido ou para os culpados de subversão em detrimento do governo local. Em raras ocasiões, quando o Governo Imperial da época, sempre um pouco sofisticado e arrogante, não via sentido nenhum nos mesquinhos preconceitos que dominavam a justiça terrestre, um ou outro Procurador anulava as condenações, mas em geral isto significava insurreições, ou pelo menos desordens.

Na quase totalidade dos casos, quando o Conselho pedia a pena capital, o Procurador a concedia. Afinal, os que deveriam ser atingidos eram apenas Terrestres…

Como era de se esperar, Joseph Schwartz nada sabia a este respeito. Só sabia o que seus olhos podiam ver, neste caso, uma pequena saleta, cujas paredes eram vagamente luminosas, com dois bancos muito duros e uma mesa, um pequeno nicho na parede que servia de banheiro e privada. Não havia janelas e o ar penetrava fracamente pelos condutos de ventilação.

Schwartz esfregou os esparsos cabelos em volta da careca e se sentou. Sua tentativa de fugir para lugares desconhecidos - e qual ponto da Terra poderia ser seguro? - tivera curta duração, acabando no Prédio.

Pelo menos, o Toque Mental servia para distraí-lo.

Era uma vantagem ou era uma desvantagem?

Na fazenda, considerava o Toque um dom esquisito, que o perturbava por não conhecer sua natureza, e nunca pensara em suas possibilidades. Agora, revelava-se um dom flexível, que deveria ser investigado.

Poderia ter enlouquecido, por não ter nada a fazer a não ser remoer sua infelicidade durante vinte e quatro horas por dia. Mas com o Toque, podia entender os carcereiros enquanto passavam, procurar os guardas nos corredores mais próximos e estender sua percepção até o Capitão, em seu distante escritório, no labirinto daquele Prédio.

Revirava delicadamente os cérebros, examinando-os. Eles se abriam como nozes, as cascas secas se desintegravam, revelando emoções e conhecimentos. Aprendeu muitas

coisas sobre a Terra e sobre o Império - muito mais do que poderia ter aprendido nos dois meses de permanência na fazenda.

Naturalmente, uma coisa que ficou sabendo com insistência, porque a encontrava em todas as mentes, sem possibilidade de qualquer mal entendido, era simplesmente isto:

Estava condenado à morte. Sem escapatórias, sem dúvidas, sem remissão.

Talvez, naquele mesmo dia. Talvez, no dia seguinte.

Teria que morrer.

Quando se convenceu, aceitou a realidade quase com gratidão.

A porta se abriu e Schwartz se levantou, tenso. Podia aceitar a morte de maneira racional, com sua mente consciente, mas o corpo era um animal primitivo que desconhecia o raciocínio. Estava na hora!

Não, não estava, O Toque Mental que entrava não trazia indícios de morte. Era um guarda, com uma vara metálica entre as mãos. Schwartz sabia o que era.

- Venha comigo - disse o guarda.

Schwartz o seguiu, meditando sobre o esquisito poder que possuía. Muito antes que o guarda pudesse usar suas armas, muito antes que ele soubesse que precisaria usá-la, poderia ser eliminado sem o menor barulho, sem qualquer movimento. Sua Mente se encontrava à mercê da mente de Schwartz. Um pequeno aperto mental e estaria tudo acabado.

Mas para que? Haveria outros guardas. Quantos poderia eliminar de uma só vez? Qual era o alcance de seu poder mental?

Continuou a seguir o guarda.

Foi levado a uma sala muito ampla. Nela viu dois homens e uma moça, deitados sobre mesas altas. Pareciam cadáveres, mas não eram, percebeu a atividade febril de três Mentes vivas. Estavam paralisados! Mas ele os conhecia? Parou para olhar, mas a mão do guarda empurrou seu ombro.

- Ande. Havia uma quarta mesa, vazia. A Mente do guarda não pensava em morte e Schwartz subiu na mesa. Sabia o que ia acontecer.

O guarda encostou levemente a vara de aço em seus braços e suas pernas. Sentiu um formigamento e depois o que sobrou foi sua cabeça, flutuando acima do nada.

- Então a virou.

- Pola - gritou. - Você é Pola, não é mesmo? Você é a moça que…

Ela mexeu levemente a cabeça. Não reconhecera seu Toque Mental porque naquela época, há dois meses, ainda não sabia de suas possibilidades. Naquele tempo seu progresso mental só conseguira atingir a sensibilidade pela “atmosfera”. Lembrava-se perfeitamente.

Podia aprender mais coisas agora, o homem ao lado da moça era o doutor Shekt. O

mais distante era o doutor Bel Arvardan. Conseguia extrair seus nomes, perceber seu desespero, saborear o horror e o medo na mente da moça.

Por um instante, sentiu compaixão mas logo se lembrou quem eram e o que eram. Fechou seu coração.

Podiam morrer!

Os três já se encontravam na sala há uma hora. Era claro que aquela sala tão ampla servia para reuniões de algumas centenas de pessoas. Os prisioneiros sentiam-se aparvalhados por todo aquele espaço. Também não tinham nada a dizer. Arvardan sentia a garganta seca e virava a cabeça de um lado para o outro, num gesto inútil. Era a única parte do corpo que podia movimentar.

Shekt mantinha os olhos fechados e seus lábios eram brancos e secos.

Arvardan sussurrou, com uma insistência feroz:

- Shekt! Shekt, escute!

- O que?… que?… - Um sussurro quase imperceptível.

- O que está fazendo?… Dormindo? Pense, homem, pense!

- Por que? Em que vou pensar?

- Quem é este Joseph Schwartz?

A voz de Pola era fraca e cansada:

- Você não se lembra, Bel? Na loja, aquela vez quando conheci você… há tanto tempo….

Arvardan fez um esforço terrível e descobriu que entre dores espantosas, podia erguer a cabeça uns cinco centímetros. Conseguiu ver parte do rosto de Pola.

- Pola! Pola! - Se ao menos pudesse se aproximar dela - como poderia ter feito durante dois meses passados… Ela estava olhando-o, sorrindo pálida como uma estátua. Arvardan falou: - Vamos vencer, você verá.

A moça sacudiu a cabeça - e a cabeça de Arvardan caiu, enquanto os tendões em seu pescoço ardiam como fogo.

- Shekt - insistiu. - Escute. Como foi que você encontrou este Schwartz? Por que você o tratou?

- Ele se apresentou como voluntário para o Sinapseador.

- E você o submeteu ao tratamento?

- Sim.

Arvardan refletiu um pouco.

- Como foi que ele se apresentou?

- Não sei.

- Neste caso… talvez seja mesmo um agente Imperial. (Schwartz seguiu facilmente seu pensamento, sorriu. Ficou calado, decidido a se manter assim). Shekt mexeu a cabeça.

- Um agente Imperial? Só porque o Secretário do Ministro Supremo afirma isto? Tolices. E que diferença faz? Ele também está indefeso, como nós estamos. Escute, Arvardan, talvez se conseguíssemos inventar alguma coisa e dizer a eles… talvez eles esperariam. Quem sabe, a gente poderia…

O arqueólogo tentou rir, mas sua garganta seca se recusou.

- Você acha que poderíamos viver? Apesar da morte da Galáxia e da civilização em frangalhos? Você queria viver? Eu prefiro morrer!

- Estou pensando em Pola - resmungou Shekt.

A voz de Pola era firme:

- Já escolhi meu lado. Não quero morrer, mas se meu lado morrer, quero morrer junto.

Arvardan apesar da situação, provou algo que se parecia com júbilo. Quando a levasse para Sírio, poderiam chamá-la de Terrestre, mas ela estava à altura de qualquer um, e se alguém se atrevesse, teria o maior prazer em arrebentar a cara de…

Então lembrou que não poderia levá-la para Sírio

- não poderia levar ninguém para lá. Sírio deixaria de existir.

Schwartz ergueu a cabeça e lançou um olhar em direção dos outros. Entretanto, se manteve em silêncio.

- Quem é você? - perguntou Arvardan. -Como foi que você ficou metido nisto? Qual é o seu papel?

A pergunta pareceu despertar em Schwartz a noção de toda aquela injustiça. Percebeu ao mesmo tempo seu passado inócuo e todo o horror da situação presente e gritou, furioso:

- Quem sou, eu? Como foi que me meti nisto? Escute, uma vez eu era um joão-ninguém, um homem honesto, um alfaiate que trabalhava o dia todo. Nunca prejudiquei ninguém, nunca perturbei ninguém, só cuidava de minha família. E depois, sem motivo, entende, sem motivo nenhum vim para cá.

- Para Chica? - perguntou Arvardan que não estava entendendo muito bem.

-Não, não para Chica - berrou Schwartz, sarcástico. - Vim para este mundo louco… Não me importa se você acreditar ou não. Meu mundo está no passado. Meu mundo tinha terras e alimentos e dois bilhões de pessoas, e era o único mundo.

Arvardan refletiu, em silêncio. Depois perguntou a Shekt:

- Você entendeu alguma coisa?

- Quer saber uma coisa? - falou Shekt, cheio de admiração. -Ele tem um apêndice vermiforme de quinze centímetros. Você se lembra, Pola? E tem dentes do sizo. E pelos no rosto.

- Sim, sim - gritou Schwartz em tom de desafio. - Gostaria também de possuir uma cauda, assim poderia exibi-la. Sou do passado. Viajei dentro do tempo. Só que não sei como isto aconteceu e não conheço o motivo. E agora, deixe-me em paz. - Com voz ressentida, acrescentou: - Breve virão nos buscar. A espera só tem o intuito de nos arrasar ainda mais.

Arvardan perguntou de repente:

- Você sabe isto? Quem foi que falou?

Schwartz não respondeu.

- Foi o Secretário? Um homem atarracado com o nariz para cima?

Schwartz não conhecia a aparência física dos que podia inquirir através do Toque Mental, mas, secretário? Tivera um contato fugidio, um Toque rápido, de um homem poderoso, e era possível que fosse um secretário.

- Balkis? - perguntou, curioso.

- O que? - perguntou Arvardan, mas Shekt interrompeu: - Este é o nome do Secretário.

- Entendo… O que foi que ele disse?

- Ele não me disse nada - falou Schwartz. - Eu sei. Querem nos matar e não há meio de evitá-lo. Arvardan abaixou a voz:

- Acho que ele é louco… o que é que você pensa?

- Não sei. Suas fendas cranianas… são muito primitivas, muito, muito

primitivas. Arvardan pareceu surpreso:

- Você acha que… ora, vamos. É impossível.

- Também sempre imaginei que fosse impossível. - A voz de Shekt parecia quase normal, como se a presença de um problema científico tivesse levado sua mente a se movimentar pelos trilhos familiares e objetivos, que faziam desaparecer qualquer problema pessoal. - Já foi calculada a energia necessária para deslocar matéria pelo eixo do tempo, e se conseguiu um valor superior ao infinito, por isso o problema foi considerado impossível. Entretanto, houve quem falasse na possibilidade de falhas no tempo, análogas às falhas geológicas, entende o que quero dizer. Para lhe citar um exemplo, naves espaciais desapareceram, quando estavam praticamente à vista. Temos o famoso caso de Hor Devallow que aconteceu na antiguidade, um dia entrou em casa e nunca mais saiu, mas também não foi encontrado lá dentro… Temos também o planeta que você poderá encontrar nos textos de Galactografia do século passado, que foi visitado

por três expedições que trouxeram descrições e espécimes e que nunca mais foi encontrado. Existem ainda certos desenvolvimentos na química nuclear que parecem desmentir a lei da conservação da energia da massa. Tentaram explicá-los pelo postulado da fuga de certa quantidade de massa pelo eixo do tempo. Quando por exemplo núcleos de urânio são misturados com cobre e bário em proporções diminutas, mas definidas, e sob a influência de uma fraca radiação gama, produzem um sistema de ressonância que…

- Pai - disse Pola - por favor, pare! Não adianta…

Arvardan interrompeu, peremptório:

- Espere. Deixe-me pensar. Eu sou a pessoa que pode desvendar isto. Quem mais poderia fazê-lo? Quero lhe fazer algumas perguntas… Escute, Schwartz.

Schwartz ergueu o olhar.

- Seu mundo era o único mundo da Galáxia?

Schwartz assentiu.

- Sim - respondeu, desanimado.

- Entretanto, isto era o que vocês pensavam. Vocês ainda não conheciam as viagens espaciais e não podiam ter certeza. Em suma, era possível que existissem muitos mundos habitados.

- É uma coisa que não posso saber.

- É claro. Que lástima. Vocês conheciam a energia atômica?

- Tínhamos numa bomba atômica. Urânio… e plutônio. Acho que foi isto que deixou a Terra radioativa. Provavelmente, houve mais uma guerra, depois que eu.. que eu fui embora… Bombas atômicas. - Schwartz teve a impressão que estava mais uma vez de volta em Chicago, em seu velho mundo, antes das bombas. Sentiu que lastimava não sua própria situação, mas a situação daquele mundo tão maravilhoso.

Arvardan estava murmurando alguma coisa. Depois disse:

- Está bem. Vocês tinham um idioma, não é mesmo?

- A Terra? Existiam muitos idiomas.

- Qual era o idioma que você falava?

- Inglês - quer dizer, quando me tornei um adulto.

- Está bem. Diga alguma coisa em inglês.

Há dois meses Schwartz não falava nada em inglês. Disse com muito sentimento e bem devagar:

- Quero voltar para casa e ficar com o meu pessoal.

Arvardan perguntou a Shekt:

- Ele falava assim antes do tratamento com o Sinapseador?

- Não posso jurar - respondeu Shekt, confuso. - Eram palavras esquisitas e estas também são palavras esquisitas. Como é que posso compará-las?

- Está bem, não se preocupe… Schwartz, como é que você diz “mãe” em inglês? Schwartz falou.

- Hum. E “pai”… “irmão” …“um” - quero dizer o algarismo… “dois”… “três”… casa”… “homem”… “mulher”…

Continuaram por algum tempo e quando Arvardan parou para tomar fôlego, parecia estupefato.

- Shekt - falou - ou este homem está dizendo a verdade, ou eu sou vítima do mais absurdo pesadelo. O idioma que ele está falando é o das inscrições encontradas nos estratos que correspondem a cinquenta mil anos atrás, em Sírio, Arturo, Alpha Centauri e mais vinte outros planetas. Entenda ele está falando o idioma. Este idioma só foi decifrado durante a última geração, e além de mim, só existe mais uma dúzia de pessoas em toda a Galáxia que poderiam entendê-lo.

- Você tem certeza?

- Certeza? É claro que sim. Sou um arqueólogo. É um assunto que conheço de trás para frente.

Por um momento Schwartz teve a impressão que sua couraça de indiferença estava para desaparecer. Pela primeira vez sentiu que estava reconquistando uma parte de sua individualidade perdida. Não havia mais segredo nenhum, ele era um homem do passado, e eles aceitavam este fato. Significava que seu cérebro funcionava perfeitamente, afastava suas horríveis dúvidas e sentiu-se grato por isto. Mas continuou indiferente.

- Preciso deste homem. - Arvardan sentia-se inflamado pelo seu interesse profissional… -Shekt, você não faz ideia do que isto pode significar para a arqueologia. Shekt… ele é um homem do passado. Pela grande Galáxia!… Escute, podemos fazer um trato. Schwartz é a prova que a Terra estava precisando. Podem ficar com ele. Podem…

Schwartz se intrometeu, sarcástico:

- Já sei o que você está pensando. Você acha que a Terra poderá provar que é a origem de toda a civilização, e se sentirá grata. Pois eu digo que não! Já pensei nisso e também já pensei em fazer um acordo para salvar minha vida. Acontece que eles não me acreditariam, como não acreditariam em você.

- Mas você representa uma prova absoluta.

- Eles não querem saber. E pode imaginar por que? Porque eles têm noções pré-concebidas sobre o passado. Qualquer mudança poderia lhes parecer uma blasfêmia, mesmo que fosse a verdade. Não querem a verdade. Preferem suas tradições.

- Bel - disse Pola - acho que ele está certo.

Arvardan cerrou os dentes.

- Poderíamos pelo menos tentar.

- Não serviria a nada - disse Schwartz.

- Como é que você sabe?

- Porque sei! - As palavras saíram com a força de um responso, e Arvardan se calou.

Shekt começou a observá-lo com um ar interrogativo nos olhos cansados. Perguntou em voz baixa:

- Você notou algum efeito desagradável depois do tratamento com o Sinapseador?

Schwartz não conhecia a palavra, mas entendeu o sentido. Significava que, de fato, tinham feito qualquer coisa com seu cérebro. Estava aprendendo um bocado de coisas. Respondeu:

- Não, nenhum efeito desagradável.

- Escute, você aprendeu nosso idioma muito depressa. Você fala tão bem que parece um nativo. Você não ficou surpreso?

- Sempre tive uma memória excelente - respondeu Schwartz, distante.

- Quer dizer que você não se sente diferente de como se sentia antes do tratamento?

- Certo.

Shekt o observava com um olhar duro.

- Não entendo porque você se esforça tanto por nos enganar. Você sabe que tenho certeza que você sabe o que eu estou pensando. Schwartz riu.

- Porque sei ler o pensamento? E daí?

Shekt, porém, não estava mais prestando atenção. Virara o rosto pálido para Arvardan.

- Ele pode sentir o que se passa nas mentes, Arvardan. Quantas coisas eu poderia fazer com ele, se… Estamos aqui, sem poder fazer qualquer coisa…

- Mas… o que… - gaguejou Arvardan.

O rosto de Pola também mostrava um certo interesse.

- Você realmente pode fazê-lo? - perguntou a Schwartz.

Ele só assentiu. A moça cuidara dele e agora estavam querendo matá-la. Mas ela era uma traidora. Shekt estava dizendo:

- Você se lembra daquele bacteriologista que mencionei, Arvardan? O homem que morreu por efeitos secundários do Sinapseador? Um dos primeiros sintomas de sua desintegração cerebral foi sua afirmação que podia entrar em contato com as mentes. E realmente conseguia. Descobri isto antes dele morrer e mantive segredo. Não contei a ninguém - mas Arvardan, isto é possível, acredite. Entenda, com a diminuição da

resistência das células cerebrais, o cérebro pode chegar a captar os campos magnéticos induzidos pelas micro-correntes do pensamento alheio, voltando a transformá-los em vibrações similares em seu próprio interior. É o mesmo principio de um gravador normal. Poderia ser considerado telepatia no sentido mais aceito da palavra…

Schwartz manteve um silêncio hostil quando Arvardan virou a cabeça para o seu lado.

- Shekt, se isto é assim, poderíamos usá-lo. -Os pensamentos se atropelavam na mente do arqueólogo, à procura de possibilidades. - Deve haver uma saída. Deve existir um meio, para nós e para toda a Galáxia.

Schwartz não se deixou afetar por todo aquele tumulto que conseguia identificar pelo Toque Mental. Disse:

- Você se refere ao fato de eu conseguir ler os pensamentos dos outros? Como você quer que isto possa nos ajudar? Eu até posso fazer muito mais que só ler o pensamento. Como você gosta disto, por exemplo?

Foi só um leve aperto, mas Arvardan soltou um grito pela dor.

- Eu fiz isto - disse Schwartz. - Quer mais um pouco?

Arvardan reteve o fôlego.

- Você pode fazer isto com os guardas? Com o Secretário? Como é que você deixou que eles o trancassem aqui? Pela Galáxia, Shekt, estamos a salvo, Escute, Schwartz…

- Não -disse Schwartz. - Escute você. Por que eu deveria querer sair? Onde é que eu ficaria? Ficaria aqui, neste mundo morto. Quero voltar para casa, e não posso. Quero minha família e meu mundo, e não poderei alcançá-los. E quero morrer.

- Mas Schwartz, toda a Galáxia está ameaçada. Você não pode ficar só pensando em você mesmo.

- Você acha que eu não posso? Por que deveria me preocupar com a Galáxia? Espero que sua Galáxia morra e apodreça. Sei o que a Terra pretende fazer, e fico muito satisfeito. A moça já disse antes que tinha escolhido seu lado. Pois então, eu também escolhi o meu, e meu lado é a Terra.

- O que?

- Por que não? Afinal, sou um Terrestre!

17 - Mudar de Lado!

Já passara uma hora desde o momento em que Arvardan começara a emergir da névoa pegajosa da inconsciência, para descobrir que estava imóvel e jogado em cima de uma tábua, como uma carcaça à espera do açougueiro. Desde então não acontecera nada, a não ser conversas agitadas e inconcludentes, que conferiam mais uma característica de tortura ao tempo que passava com lentidão insustentável.

Tudo isto era proposital, ele sabia muito bem. Ficar deitado, indefeso e sem ser vigiado ostensivamente por um guarda, sem este sinal visível de uma possibilidade de perigo, só servia para que sua posição ficasse mais evidente. Um ânimo forte não podia resistir a esta tortura, e quando os inquisidores chegassem, não encontrariam mais muita resistência.

Arvardan precisava afastar aquela capa de silêncio. Disse:

- Imagino que esta sala deve ter circuitos de vigilância. Não deveríamos ter falado tanto.

- Não, está limpa - afirmou Schwartz, peremptório. -Ninguém está ouvindo. O arqueólogo queria perguntar: Como é que você sabe? -mas se controlou. O homem tinha capacidades inacreditáveis! E não estavam à disposição dele, de Arvardan, mas de um sujeito vindo do passado, que se dizia um Terrestre e ainda por cima, queria morrer!

Só conseguia ver um pedaço do forro e virando a cabeça, um pouco do perfil de Shekt, e de outro lado, a parede. Erguendo a cabeça, podia vislumbrar por um segundo a expressão pálida de Pola.

De vez em quanto lembrava-se com fúria que era um homem do Império do Império das Estrelas

- Um cidadão da Galáxia -e que sua prisão era uma injustiça das mais berrantes, contaminada pela impureza dos Terrestres que o mantinham ali…

Mas os pensamentos se desfaziam…

Se ao menos pudesse estar ao lado de Pola… Não, era melhor assim, deste jeito não poderia impressioná-la.

- Bel? - A voz era trêmula e aos ouvidos de Arvardan pareceu muito doce, interrompendo o turbilhão que o levava à morte.

- Sim, Pola?

- Você acha que vai demorar muito mais?

- Não sei, meu amor.. talvez, não. Que lástima… Perdemos dois meses.

- Por minha culpa - sussurrou a moça. - Fui eu. Mas poderíamos ter aproveitado destes últimos minutos. Tudo isto parece tão desnecessário.

Arvardan não conseguiu responder. Sua mente estava cheia de pensamentos que corriam em círculos, como rodas bem lubrificadas. Era só a imaginação, ou realmente começava a sentir a dureza do plástico daquela tábua? Até quando ficaria paralisado?

Precisava convencer Schwartz, ele devia ajudá-los. Pensou em ocultar seu pensamento e logo se convenceu que era inútil. Falou:

- Schwartz… Schwartz estava largado sobre a tábua em condições idênticas, mas seu sofrimento era pior. Em sua mente havia quatro.

Se estivesse sozinho, poderia conservar sua ânsia pela paz infinita da morte, controlando os últimos restos de seu amor à vida que, há dois dias - ou três? - o levara a fugir da fazenda. Mas assim, como poderia? Sentia Shekt, com sua repugnância fraca e cansada frente à morte, Arvardan com sua rebeldia vital e vibrante e a decepção profunda e patética da moça.

Deveria fechar sua própria mente. De que servia saber quanto os outros estavam sofrendo? Precisa viver sua própria vida e morrer sua própria morte. Eles, porém, não o deixavam em paz, insistiam, não paravam, procuravam incessantemente, examinavam todas as possibilidades. E Arvardan disse:

- Schwartz… - e Schwartz compreendeu que eles queriam que os salvasse. Por que deveria fazê-lo? Por que?

- Schwartz - repetiu Arvardan, em tom insinuante - você pode viver e ser um herói. Não existe razão para você morrer -especialmente por causa daqueles homens lá fora.

Schwartz porém estava recolhendo as lembranças de sua própria mocidade, agarrando-se a elas. Aquela mistura esquisita de passado e de presente finalmente provocou sua indignação.

Falou com calma, controlando a voz:

- Sim, posso viver como um herói e como um traidor. Aqueles homens querem me matar. Você os chama de homens, mas só com a boca, sua mente chamou-os com um termo diferente, um termo que não entendi, mas era depreciativo. Não foi porque eles são desprezíveis, mas só porque são Terrestres.

- É uma mentira - gritou Arvardan, indignado.

- Não é uma mentira - retrucou Schwartz com a mesma indignação - e aqui todo mundo sabe que não é. Eles querem me matar - isto é um fato, mas só porque pensam que sou igual a vocês, que podem condenar um planeta inteiro e tratá-lo com desprezo, sufocá-lo sem parar com sua superioridade intragável. Agora, proteja-se contra estes vermes, contra esta peste que está ameaçando-o, como se fossem criaturas superiores e quem sabe, até Deuses. Não peça auxilio a quem é igual a eles.

- Você fala como um fanático - respondeu Arvardan, estarrecido. - Por que? Você sofreu? Você era o habitante de um planeta maior e independente, foi isto que você disse. Você era um Terrestre quando a Terra era o único planeta habitado. Você é um dos nossos, será que você não entende? Você é da raça dominante. Por que você quer se associar a

eles, que são os restos desesperados do que já foi? Este não é mais o planeta que você lembra. Meu planeta se parece muito mais com a Terra que você conheceu, do que este mundo doente.

Schwartz riu.

- Eu sou da raça dominante, hein? Deixe para lá. Não vale a pena explicar. Você é um belo exemplo do que a Galáxia manda para cá. Você é tolerante, tem um coração bem grande, e acha que é uma grande coisa você tratar o doutor Shekt como um igual. Mas atrás de tudo isto - e não muito atrás, porque consigo ler muito bem o que se passa em sua mente - você não se sente à vontade. Você não gosta de sua aparência, não gosta da maneira com que fala. Na realidade, você não gosta dele, apesar dele ter se oferecido para trair a Terra… Sim, e você beijou uma moça Terrestre, e considera que foi uma demonstração de fraqueza. Você se envergonha disto…

-Pelas Estrelas, você mente… Pola! - gritou desesperado. - Não acredite.

Não escute… Pola disse, calma:

- Não negue e procure não se sentir culpado, Bel. - Schwartz está olhando abaixo da superfície, para as lembranças de sua infância. Se vasculhasse minha mente, encontraria as mesmas coisas. Poderia encontrar coisas muito parecidas se examinasse sua própria mente de uma maneira tão pouco cavalheiresca como está fazendo com as nossas.

Schwartz teve a impressão de estar corando. A voz de Pola não mudou de tom ou de intensidade quando lhe falou diretamente:

- Schwartz, se você sabe vasculhar mentes, examine a minha. Diga-me se eu tenciono trair alguém. Olhe para meu pai. Veja se ele não poderia ter evitado facilmente os Sessenta se tivesse colaborado com os loucos que querem destruir a Galáxia. O que foi que ele ganhou com isto?… Veja com mais atenção e diga-me se um de nós quer prejudicar a Terra ou os Terrestres. Você disse que conseguiu um toque fugidio com a mente de Balkis. Não sei o que você conseguiu ver. Mas quando ele voltar e já for tarde demais, examine sua mente. Descobrirá que ele é um louco. Depois, poderá morrer!

Schwartz ficou calado.

Arvardan se apressou em falar:

- Schwartz, agora examine minha mente. Examine-a à vontade. Nasci em Baronn, no Setor de Sírio. Cresci numa atmosfera de antiterrestrialismo, e não posso eliminar os erros ou as besteiras que ficaram gravados em meu subconsciente. Mas olhe também para a superfície e diga-me se consegue descobrir que durante toda minha vida adulta lutei contra o fanatismo, em mim mesmo. Não contra o fanatismo dos outros, isto seria fácil demais, mas contra meu próprio fanatismo e com todas as minhas forças.

- Schwartz, você não conhece nossa história. Você não conhece os milênios, as dezenas de milhares de anos em que o Homem se espalhou pela Galáxia -as guerras e as misérias. Você não sabe dos primeiros séculos do Império, quando ainda reinava a confusão e o despotismo. Foi só nestes últimos dois séculos que nosso governo galáctico encontrou sua melhor fórmula. Todos os mundos possuem uma autonomia cultural -

podem se autogovernar - e podem contribuir no governo de todos os outros.

- Em época nenhuma da história da Humanidade ficamos tão livres de guerras e de miséria. Nunca a economia da Galáxia foi melhor administrada. Nunca as perspectivas para o futuro foram tão brilhantes. Você teria de deixar que tudo isto fosse destruído e que tudo recomeçasse de novo? E de que jeito? Como teocracia despótica, baseada no ódio e na desconfiança! A Terra se queixa, e suas reclamações são justas, serão resolvidas eu sei. Mas só se a Galáxia continuar a existir. O que eles pretendem fazer não é uma solução. Será que você sabe o que eles querem?

Se Arvardan possuísse as capacidades de Schwartz, teria percebido a luta que estava se travando em sua mente. Mas foi sua intuição que lhe sugeriu que precisava esperar um minuto.

Schwartz estava emocionado. Todos aqueles mundos teriam que morrer… apodrecer e desaparecer por causa de uma doença horrível… Ele era mesmo um Terrestre?

Quando moço, deixara para trás a Europa, fora para a América, mas ficara sempre o mesmo homem, não é? E se depois de seu tempo, homens tinham abandonado uma Terra estraçalhada e ferida, indo para outros mundos, será que eram menos Terrestres por isso? Ele não pertencia à Galáxia? Não eram todos eles -todos, todos descendentes seus e de seus irmãos?

Falou pausadamente:

- Está bem, estou do seu lado. Como posso ajudá-los?

- Qual é a distância que sua mente pode alcançar? - perguntou Arvardan, mais animado e ao mesmo tempo temeroso que ele mudasse de opinião mais uma vez.

-Não sei. Existem outras lá fora. Acho que são guardas. Acredito que posso alcançar até a rua, mas se eu for muito longe, minha percepção se torna mais fraca.

- É claro - disse Arvardan. - Mas, e o Secretário? - Você poderia identificar sua mente?

- Não sei - murmurou Schwartz.

Um intervalo… Os minutos passavam numa angustia insustentável. Schwartz observou:

- Suas mentes estão me atrapalhando. Não fique me observando. Pense em alguma coisa diferente. Todos fizeram uma tentativa. Depois:

- Não. Não consigo… não consigo…

Arvardan falou com a voz vibrante:

- Posso mexer um. pouco… Pela Galáxia, consigo movimentar os pés… Aí - Qualquer esforço provocava uma dor terrível. Perguntou:

- Schwartz, até que ponto você pode machucar alguém? Você pode machucar mais do que você fez comigo?

- Já matei um homem.

- É mesmo? Como você fez isto?

- Não sei. A coisa simplesmente acontece. É como… como… -Schwartz parecia até cômico enquanto tentava inutilmente explicar o que era.

- Diga, você acha que pode cuidar de um certo número?

- Nunca tentei, mas não acredito. Não consigo ler os pensamentos de duas pessoas ao mesmo tempo. Pola se intrometeu:

- Bel, você não pode querer que ele mate o Secretário, porque não vai adiantar.

- Por que não?

- Como é que vamos sair daqui? Mesmo que ele matasse o Secretário, lá fora tem centenas de outros. Schwartz falou, rouco:

- Acho que encontrei.

- Quem? - perguntaram todos juntos. Até Shekt arregalava os olhos.

- O Secretário. Acho que tenho seu Toque Mental.

- Não largue. - Arvardan, no entusiasmo do momento, tentou se virar e caiu ao chão. Uma perna semiparalisada estava dobrada e todos os seus esforços para se apoiar nela e se levantar, pareciam inúteis.

Pola gritou:

- Você se machucou! - e descobriu de repente que um braço conseguia se mexer até o cotovelo.

- Não, não foi nada. Schwartz, tente absorver todas as informações.

Schwartz projetou sua mente até sentir dores. Agarrava-se às vibrações com desespero - como uma criancinha que se agarra a algum objeto que ainda não pode segurar. Até este ponto se satisfizera com o que achava no caminho, mas agora estava procurando algo… procurando…

Com muito esforço, conseguiu entender fragmentos:

- Triunfo! Certeza da vitória… Alguma coisa a respeito de obus espaciais…

Já saíram. Não, ainda não saíram. É diferente… ele pretende lançá-los. Shekt soltou um gemido.

- São mísseis de guia automática que deverão levar os vírus, Arvardan. Estão apontados para vários planetas.

- Mas onde estão, Schwartz? - insistiu Arvardan.

- Procure, homem, procure…

- É um prédio… não consigo entender claramente… Cinco pontos uma estrela - um nome. Parece Sloo, ou coisa assim… Shekt interrompeu.

- Sim, é isto. Pelas estrelas da Galáxia, é isto! O Templo de Senloo. Cercado por todos os lados por áreas radioativas. Ninguém pode se aproximar dele, só os Anciões. Schwartz, diga-me se este lugar se encontra num ponto de confluência de dois grandes rios?

- Não posso… sim… sim…

- Quando, Schwartz? Quando serão lançados os mísseis?

- Não consigo entender o dia, mas será logo, logo. Sua mente parece prestes a explodir pela alegria. Vai ser logo. - Sua própria cabeça parecia prestes a explodir pelas dores.

Quando Arvardan conseguiu finalmente se apoiar nas mãos e sobre os joelhos, sentiu que sua pele estava seca pela febre. Não encontrava forças para se erguer.

- Ele está vindo? - perguntou

- Sim. Está perto da porta.

Calou-se quando a porta se abriu.

Balkis entrou e sua voz encheu a sala de fria precisão.

- Doutor Arvardan, não quer voltar ao seu banco?

Arvardan o observou, percebendo a cruel indignidade de sua própria posição, mas não havia o que responder e ficou calado. Muito devagar deixou que seus braços e suas pernas se dobrassem e caiu ao chão. Ficou assim, respirando com dificuldade. Se suas extremidades se recuperassem mais um pouco, se pudesse se apoderar das armas que o outro segurava…

Mas o que pendia do cinto brilhante do Secretário não era um chicote neurônico. Era um desintegrador, uma arma que podia pulverizar uma criatura humana em menos de um segundo.

O Secretário observou os quatro personagens com satisfação selvagem. Não queria olhar para a moça, mas conseguira um bom resultado, o Terrestre traidor, o agente Imperial e aquela criatura misteriosa que mandara vigiar durante dois meses. Será que ainda haveria outros?

Claro, havia Ennius e seu Império. Mas estes espiões e traidores eram seus instrumentos, e estavam agora em poder do Secretário. Será que ainda existia alguma mente ativa, que poderia mandar outros instrumentos?

O Secretário ficou parado, de braços cruzados, sabendo que não precisava se preocupar em ficar com as mãos livres, para apanhar sua arma. Falou com voz suave, calma:

- Precisamos esclarecer tudo além de qualquer possibilidade de dúvida. Entre a Terra e a Galáxia existe um estado de guerra - que ainda não foi declarado, mas existe. Vocês são prisioneiros e serão tratados dependendo das necessidades das circunstâncias. Como todos sabem, o castigo de todos os espiões e traidores, é a morte…

- Isto, mas só em caso de guerra legal aberta e declarada - falou Arvardan.

- O que é isto, uma guerra legal? - perguntou o Secretário em tom de escárnio. - Explique, por favor… A Terra sempre esteve em guerra com a Galáxia, que fosse aberta e declarada ou não!

- Deixe-o falar - murmurou Pola. - Deixe que fale e diga o que pretende dizer.

Arvardan sorriu olhando para ele. Era um sorriso estranho, torcido, o esforço para se levantar drenava todas as suas poucas energias. Ficou de pé, cambaleando.

Balkis soltou uma gargalhada. Aproximou-se do arqueólogo siriano a passos medidos. Sem se apressar, ergueu um braço, apoiou a mão sobre o peito amplo e empurrou.

Sem poder mexer os braços, sem controle sobre os músculos do abdômen para se equilibrar, Arvardan caiu. Pola soltou uma exclamação. Com um esforço terrível conseguiu movimentar seus próprios músculos e desceu da mesa, devagar - muito devagar. Balkis esperou que ela se arrastasse perto de Arvardan.

- Seu amante - caçoou. - Seu vigoroso amante Forasteiro! Vá correndo, moça! Por que está esperando? Abrace seu herói! Esqueça em seus braços que ele é responsável pelo sangue e pelo sofrimento de milhões de Terrestres martirizados! Veja como fica jogado ao chão, este valente herói - derrubado pela mão fraca de um Terrestre!

Pola, de joelhos examinava o crânio de Arvardan. O arqueólogo abriu os olhos e seus lábios se mexeram sem som:

- Não se preocupe.

- Ele é um covarde - disse Pola. - Capaz de bater num homem paralisado e ainda se gabar da vitória! Acredite, meu amor, nem todos os Terrestres são assim.

- Eu sei, porque você é uma mulher Terrestre.

O Secretário se retesou.

- Já falei que todos foram condenados, mas ainda podem barganhar por suas vidas. Querem saber o preço? Pola interrompeu, orgulhosa:

- Se você estivesse em nosso lugar, você ficaria curioso, eu sei.

- Ssst, Pola. - Arvardan ainda não conseguia recuperar o fôlego. -Qual é sua proposta?

- Não diga! -gritou o Secretário, sarcástico. - Você está pronto para se vender? Como eu faria? Eu, um desprezível Terrestre?

- Ninguém sabe melhor que você o que você realmente é - disse Arvardan.

- Mas não quero me vender. Quero comprar a moça.

- Não quero ser comprada - disse Pola.

- Comovente - falou o Secretário, arrastando a palavra. - Ele se rebaixa frente à

nossas fêmeas terrenas - e finge que se sacrifica.

- Quero saber qual é sua proposta -repetiu Arvardan.

- Só isto, me parece óbvio que houve um vazamento e nosso plano já é conhecido. Posso imaginar como Shekt ficou sabendo, mas não entendo como chegou aos ouvidos do Império. Queremos saber o que é que o Império sabe. Não o que você sabe agora, Arvardan. Só o que Império sabe.

- Sou um arqueólogo e não um espião - exclamou Arvardan. - Não sei nada a respeito - só espero que eles saibam um bocado.

- Imagino que sim. Ainda há tempo para que você mude de ideia. Reflitam, todos vocês. Durante todo este tempo, Schwartz não se manifestara. Mantinha os olhos fechados. O Secretário esperou e depois falou com uma certa ferocidade:

- Vou explicar a vocês o que acontecerá como consequência de sua recusa de colaborar. Sua morte não será uma morte simples, porque sei que todos vocês já se prepararam para esta eventualidade desagradável, mas inevitável. O doutor Shekt e sua filha, que infelizmente se envolveu nos acontecimentos, são cidadãos da Terra. Acho que, por conseguinte, será apropriado submetê-los a um pequeno tratamento pelo Sinapseador. Você me entende, Shekt?

Os olhos do velho cientista expressavam todo seu horror.

- Estou vendo que já entendeu -disse Balkis. - É possível agir de tal forma que o Sinapseador só prejudique um pouco as células cerebrais e que a pessoa tratada se torne apenas um vegetal. Um estado muito desagradável, o espécime deverá ser alimentado para não morrer de fome, terá que ser cuidado para não se afogar em seus próprios excrementos e trancafiado, para que os outros não precisem ver o estado em que se encontra. Pode ser um bom exemplo para os outros, no futuro glorioso que está a nossa espera. Você - continuou o Secretário olhando para Arvardan - e seu amigo Schwartz são cidadãos do Império, e podemos submetê-los a uma experiência interessante. Nunca inoculamos nossos vírus concentrado em cães galácticos. Será bom poder provar que nossos cálculos são corretos. Uma pequena dose, entenderam, para termos certeza que a morte não será rápida. Se o vírus for convenientemente diluído, a doença pode durar até uma semana antes do fim inevitável. As dores serão horríveis.

Ficou observando-os entre pálpebras semicerradas:

- Tudo isto é a alternativa. Agora podem falar o que sabe o Imperador? Existem outros agentes na Terra? Que planos existem para um eventual contra-ataque?

Shekt murmurou:

- Como podemos saber que você não vai mandar nos matar, se falarmos?

- Pode ter certeza que morrerá de maneira horrível se não falar. Terá que se arriscar. O que acha?

- Pode nos dar um pouco de tempo?

- E não estou lhe dando tempo? Já se passaram dez minutos desde que entrei aqui. Ainda estou esperando… Como é, vocês não querem falar? Entendam, não posso lhes dar um tempo indeterminado. Arvardan, você ainda está mexendo seus músculos. Será que pensa que poderia me alcançar antes de eu usar meu desintegrador? E mesmo que conseguisse? Lá fora, há centenas, e meus planos continuariam mesmo sem minha presença. E suas mortes também aconteceriam.

E você, Schwartz? Você matou nosso agente, não é? Será que você pensa que pode me matar também?

Schwartz olhou para Balkis pela primeira vez. Falou friamente:

- Posso, mas não quero.

- Muita amabilidade sua.

- Não é amabilidade nenhuma. Acho até que sou cruel. Você já mencionou que existem coisas piores que a morte.

Arvardan olhou de repente para Schwartz e percebeu que suas esperanças estavam voltando.

18 - Duelo

Schwartz sentia sua cabeça girar, mas de uma maneira que julgava esquisita, também se sentia em paz, bem à vontade. Uma parte de sua mente lhe dizia que estava controlando a situação, enquanto uma outra parte não conseguia acreditar. Fora paralisado mais tarde que os outros. Até Shekt conseguia ficar sentado, enquanto ele só conseguia mexer um pouco o braço.

Concentrou-se na mente do Secretário, uma mente profundamente cruel e podre, e começou seu duelo. Disse:

- No começo, eu estava do seu lado, apesar de saber que você queria me matar. Imaginava que compreendia seus sentimentos e seus propósitos… Mas as mentes destes outros, aqui, são relativamente inocentes e puras, enquanto a sua é abaixo de qualquer comentário. Você não quer lutar em prol dos outros Terrestres, você só quer vantagens pessoais. Em você não encontro uma visão de uma Terra livre, mas vejo a Terra ainda escrava. Não vejo o aniquilamento do poder Imperial, mas só uma ditadura encabeçada por você.

- Você consegue ver tudo isto, hein? - disse Balkis. - Pode ver o que quiser. Pensando melhor, não preciso de suas informações - sobretudo não preciso aturar esta insolência. Pelo jeito, vamos atacar com antecedência. Você sabia isto? Engraçado como a gente consegue tudo aplicando a pressão apropriada, mesmo com gente que jura que não pode se apressar. Você adivinhou tudo isto, com palhaçada de querer ler meu pensamento?

Schwartz respondeu:

- Não, mas não estava procurando informações e não reparei… Posso procurar agora. Dois dias… menos ainda… Deixe-me ver… Terça—feira… às seis da manhã, hora de Chica.

O Secretário apanhou seu desintegrador. Aproximou-se de Schwartz, ainda deitado.

- Como foi que você soube?

Schwartz se retesou, seus tentáculos mentais se esticaram e se agarraram. Franziu o cenho e cerrou as mandíbulas, mas eram movimentos de reflexo, sem importância -um acompanhamento involuntário de seu verdadeiro esforço invisível. -Algo saiu de sua mente e se agarrou firme no Toque Mental do outro.

Arvardan, num primeiro momento, não entendeu o que significava o silêncio do Secretário. Schwartz arfou:

- Estou segurando-o… arranque seu desintegrador. Não posso agüentar muito…

Foi então que Arvardan entendeu. Colocou-se de quatro. Muito devagar, com um esforço enorme, se levantou. Pola tentou imitá-lo, mas não conseguiu. Shekt deixou-se

deslizar de sua mesa e caiu de joelhos. Só Schwartz ficou deitado, com o rosto distorcido.

O Secretário parecia petrificado. O suor começou aparecer em sua testa lisa e seu rosto impassível não mostrava qualquer emoção. Só sua mão direita, que segurava o desintegrador, dava sinais mínimos de vida. Observando com muita atenção, podia-se notar um tremor espasmódico do polegar que se esforçava para apertar o botão e fechar o circuito. Precisava conseguir, precisava…

- Segure firme - arfou Arvardan com uma alegria feroz. Segurou-se no encosto de uma cadeira. - Deixe-me aproximar dele.

Seus pés pareciam de chumbo, era um verdadeiro pesadelo, tinha a impressão de boiar num líquido pegajoso como melado ou piche. Os músculos só obedeciam devagar… muito devagar…

O Secretário só tinha um propósito, conseguir fechar o circuito, bastava apertar levemente o botão… muito levemente… para que o desintegrador funcionasse. Para isto, sua mente só precisava mandar que seu tendão trêmulo empurrasse um pouco mais para frente…

Schwartz só queria uma coisa, impedir este movimento - mas o Toque Mental do Secretário era tão confuso e ele não sabia ao certo o que deveria impedir. Concentrava-se por conseguinte num êxtase total.

O Toque Mental do Secretário se debatia furiosamente. Era uma mente rápida e muito inteligente que se defrontava com os controles inexperientes de Schwartz.

Às vezes parava, esperava um pouco, e voltava a se debater furiosamente, tentando um ou outro músculo -Schwartz tinha a impressão de estar segurando uma massa enorme que não parava de reagir, pondo suas forças à dura prova.

Entretanto, a luta era invisível. Só era possível observar os músculos maxilares de Schwartz e seus dentes que seguravam o lábio inferior com tamanha violência que o sangue escorria - e aquele movimento mínimo do polegar, que o Secretário queria mexer e não podia.

Arvardan parou para descansar. Não queria, mas precisava. Sua mão estendida chegava a tocar a túnica do Secretário mas tinha a impressão que não poderia dar um outro passo. Seus pulmões pareciam estourar. Os olhos cheios de lágrimas não o deixavam ver claramente. Gemeu:

- Só mais alguns segundos, Schwartz. Segure, segure firme…

Schwartz sentia que tudo em sua volta estava desaparecendo numa névoa. Sacudiu a cabeça:

- Não posso… não posso…

Sentia que seus tentáculos mentais perdiam a força.

O Secretário ainda tentava se mexer. Não parava e de repente seu polegar pareceu ter mais força. Um pouquinho mais.

Schwartz sentia que seus olhos quase saiam das órbitas, as veias em suas têmporas inchavam. Percebia o triunfo surgindo na mente do adversário…

Arvardan se jogou para frente. O corpo rígido caiu, com as mãos abertas e os dedos recurvos..

O Secretário caiu com ele. O desintegrador soltou-se de sua mão e rolou para longe.

A mente do Secretário conseguiu se livrar da presa e Schwartz caiu para trás, com o cérebro em chamas.

Balkis se debatia sob o peso inerte de Arvardan. Ergueu um joelho e o golpeou na virilha enquanto seu punho cerrado se abatia com força brutal no rosto do arqueólogo. Arqueou as costas e Arvardan rolou para um lado.

O Secretário se levantou, arfando e parou.

Shekt estava em sua frente com o desintegrador na mão trêmula, enquanto com a outra mão sustentava o pulso para ter maior firmeza. Apontava a arma para o Secretário.

- Imbecis - gritou Balkis com voz estridente. - O que é que vocês querem ganhar com isto? Só preciso chamar…

- Neste caso - disse Shekt - vai ser o primeiro a morrer.

- Não vai conseguir nada em me matando - explicou o Secretário. - Não vai poder salvar o Império, e você sabe - não poderá nem ao menos salvar sua vida, entregue-me a arma e poderá ter sua liberdade. - Estendeu a mão, mas Shekt só riu.

- Não sou suficientemente imbecil para acreditar em você.

- Está bem, você está ainda semiparalisado. O Secretário pulou para a direita, com um movimento muito mais rápido que Shekt poderia fazer para puxar o desintegrador para trás.

A mente de Balkis agora se concentrava na arma e enquanto se preparava para completar o movimento, Schwartz esticou seus tentáculos mentais. O Secretário tropeçou e caiu, como atingido por um cacetete.

Arvardan já estava de pé. Seu rosto sangrava e caminhava mancando. Perguntou:

- Você já pode se mexer, Schwartz?

- Um pouco - respondeu Schwartz deslizando sobre a mesa.

- Você não sabe se mais alguém está chegando?

- Não percebo nada.

Arvardan sorriu para Pola. Colocou a mão em seus cabelos macios e viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Durante as últimas duas horas tivera certeza que nunca mais poderia afagar aqueles cabelos.

- Quem sabe, Pola, talvez ainda tenhamos uma esperança de futuro. Ela sacudiu a

cabeça:

- Não temos tempo. Só até às seis da manhã de terça-feira.

- Não temos tempo suficiente? Deixe-me ver. -Arvardan se inclinou e ergueu a cabeça do Ancião sem muita delicadeza.

- Está vivo? - Procurou o pulso com dedos quase insensíveis, e depois colocou a mão debaixo da túnica verde. Falou: - O coração está batendo… Schwartz, seus poderes são assustadores. Por que você não fez isto logo no começo?

- Porque queria vê-lo imóvel - explicou Schwartz, que parecia exausto. -Pensei que se conseguisse segurá-lo, poderíamos sair com ele, mantendo-o como refém, como uma isca. Entende?

Shekt se animou de repente e disse:

- Podemos. A guarnição Imperial está no forte Dibburn, a apenas meia milha daqui. Se conseguirmos chegar lá, poderemos nos comunicar com Ennius e estaremos a salvo.

- Está bem, mas deve haver centenas de guardas do outro lado da porta e outras centenas em todo o prédio. O que podemos fazer se este sujeito continuar inconsciente? Vamos carregá-lo nos braços? Empurrá-lo sobre rodas? - Arvardan soltou uma breve gargalhada.

- Além do mais -murmurou Schwartz, desanimado - não conseguiria segurá-lo por muito tempo. Vocês viram… fracassei. Shekt falou com seu ar grave:

- Isto aconteceu porque você ainda não sabe controlar sua força, Schwartz. Começo a entender o que você faz com sua mente. Ela se transforma num receptor para os campos magnéticos do cérebro. Acho que você pode também transmitir. Entende?

Schwartz parecia estar em dúvida.

- Tente compreender - insistiu Shekt. Você terá que se concentrar no que você deseja que ele faça -e em primeiro lugar, vamos lhe devolver o desintegrador.

- O que? - gritaram três vozes indignadas.

Shekt levantou uma mão:

- Precisamos que ele nos leve daqui, não temos outro jeito de sair. Se ele ficar com o desintegrador, a coisa não parecerá suspeita.

- Mas eu não conseguiria segurá-lo, já disse que não posso. -Schwartz estava dobrando os braços, dando-se palmadinhas, tentando voltar à normalidade.

- Não me interessam suas teorias, doutor Shekt. Você não sabe como é. É uma sensação horrível, de coisa que escorrega. Não é fácil.

- Sei, mas precisamos tentar. Experimente agora, Schwartz. Mande que levante um braço. - Shekt estava implorando.

O Secretário soltou um gemido e Schwartz percebeu o Toque Mental começar a vibrar. Deixou que ficasse mais forte - e depois deu sua ordem. Não precisava de palavras,

era a linguagem silenciosa que usamos quando queremos nos mexer, uma linguagem tão sutil que nem a percebemos.

O braço de Schwartz não se mexeu, mas o do Secretário se ergueu. O Terrestre do passado sorriu, triunfante, mas os outros só observavam Balkis – um corpo no chão, com a cabeça que se agitava, com olhos que começavam a enxergar, e cujo braço de repente estava esticado num ângulo de noventa graus.

Schwartz se concentrou na tarefa. O Secretário se levantou aos tropeços, quase perdeu o equilíbrio. A seguir, e contra sua própria vontade, começou a dançar. Era uma dança sem ritmo e sem estética, mas para os três que observavam o corpo, e para Schwartz que vigiava o corpo e a mente, foi um espetáculo extraordinário. Durante alguns minutos o corpo do Secretário se movimentou, controlado por uma mente que não era a sua.

Shekt se aproximou vagarosamente do Secretário que se agitava como um robô, e apesar de suas dúvidas, estendeu a mão. O desintegrador balançava sobre sua palma.

- Deixe que o pegue - disse a Schwartz.

A mão de Balkis se estendeu e agarrou a arma com dedos rígidos. Por um instante um brilho insano apareceu em seus olhos. A seguir, com um movimento extremamente lento, colocou o desintegrador no cinto. Sua mão caiu.

A gargalhada de Schwartz foi aguda.

- Quase não consegui - disse, e seu rosto estava pálido.

- Então, pode segurá-lo agora?

- Está lutando como o diabo, mas não é tão difícil como antes.

- Porque agora você já sabe o que está fazendo, - explicou Shekt com uma firmeza que não sentia. - Agora, transmita. Não tente segurá-lo só faça de conta que você está se movimentando.

Arvardan perguntou:

- Você poderia obrigá-lo a falar?

Houve um intervalo, e um rosnado saiu da boca do Secretário. A seguir, mais um rosnado.

- Isto é tudo - ofegou Schwartz.

- Por que não funciona? - perguntou Pola. Parecia preocupada. Shekt encolheu os ombros.

- Os reflexos musculares são muito delicados e complexos. Não é como comandar os músculos compridos das articulações. Não se preocupe, Schwartz. A fala será desnecessária.

As lembranças das próximas duas horas não poderiam ser iguais para nenhum participante daquela estranha procissão. Shekt, por exemplo, ficou esquisitamente rígido e esqueceu todos os seus receios, concentrando-se com simpatia nos esforços de Schwartz.

Mal olhava para os outros.

Quando apareceu o Secretário com sua túnica verde e todas as insígnias de seu poder, os guardas que se encontravam fora da sala, fizeram continência. O Secretário devolveu o cumprimento com um gesto desajeitado. Passaram sem que ninguém ousasse pará-los.

Quando saíram do Prédio, Arvardan começou a perceber a loucura daquela façanha. Tomou consciência do perigo horrendo que ameaçava toda a Galáxia e das frágeis possibilidades que existiam para evitar uma catástrofe. Mesmo assim, mesmo assim, Arvardan pensou que poderia submergir nos olhos de Pola. Não sabia se era porque sua vida poderia acabar dentro de instantes, se era porque todo o futuro poderia ser destruído em sua volta, se porque toda a doçura do mundo poderia de repente desaparecer -só sabia que nunca antes daquele momento encontrara alguém tão desejável.

Mais tarde, suas lembranças só revolviam em volta dela. A moça.

Para Pola, a luz clara do sol a ofuscava a ponto que não conseguia ver Arvardan distintamente. Sorriu para ele e percebeu o braço forte e duro que sustentava o seu. Foi a lembrança que lhe restou. Músculos firmes cobertos por uma leve fazenda plástica, lustrosa e macia ao toque de seus dedos…

Schwartz suava. A alameda circular que se afastava do prédio estava vazia. Sentiu-se grato por isto.

Só Schwartz conhecia a amargura do fracasso. Controlava a Mente inimiga e percebia nela a humilhação insustentável, o ódio imenso, os propósitos horríveis. Precisou procurar naquela Mente todas as informações, a localização do carro, o caminho a tomar. – Enquanto procurava, previa também a vingança espantosa que o aniquilaria, caso perdesse o controle pela fração de um segundo.

Os segredos daquela Mente fervilhante ficaram em sua lembrança para sempre. Mais tarde só conseguia se lembrar disso, e seus pesadelos se povoavam com as emoções letais daquele louco que tivera que dirigir no interior da fortaleza inimiga.

Quando chegaram perto do carro, Schwartz ofegava e quase não conseguia falar.

- Não sei… dirigir o carro… não consigo obrigá-lo… muito complicado, não… posso mais…

Shekt o acalmou com palavras de conforto. Não ousava tocar nele, não ousava distraí-lo. Murmurou:

- Mande-o sentar atrás, Schwartz. Vou dirigir, conheço o carro. Só se concentre em mantê-lo imóvel, e vou tirar o desintegrador.

O carro do Secretário era um modelo especial, e por isso atraia a atenção. Enquanto escurecia, suas lanternas esverdeadas viravam para direita e para esquerda, ritmicamente, lançando lampejos cor de esmeralda. As pessoas paravam para observar. Outros carros cediam o lugar.

Se o carro fosse menos espalhafatoso alguém poderia ter percebido o Ancião pálido e imóvel, poderia ter imaginado algum perigo…

Mas todos só olhavam para o carro.

Um soldado mandou que parassem em frente dos portões de cromo brilhante e de tamanho monumental, que caracterizavam todas as construções Imperiais, em contraste com a arquitetura atarracada da Terra. Estendeu sua arma energética em sentido horizontal e o carro parou.

Arvardan botou a cabeça para fora.

- Soldado, sou um cidadão do Império. Quero falar com o comandante.

- Preciso ver sua identificação.

- Foi extraviada. Sou Bel Arvardan de Baronn, Setor de Sírio. Vim a mando do Procurador e estou com pressa.

O soldado ergueu o pulso até a boca e falou em seu transmissor. Houve um breve intervalo enquanto esperavam pela resposta. O soldado abaixou a arma e deu um passo para trás. Os portões cromados começaram a se abrir.

Homens implicados em traição não podem correr riscos quando um membro da conspiração se encontra em mãos inimigas a apenas quarenta e oito horas da data marcada. Isto só pode significar a descoberta e a traição, que são os lados opostos da mesma moeda. Qualquer alternativa só podia significar a morte.

A população de Chica começou a se movimentar… Os demagogos profissionais se postaram nas esquinas. Os arsenais secretos foram abertos e mãos ansiosas agarraram as armas. A multidão começou a se dirigir para o forte e às seis da tarde o comandante recebeu nova mensagem, levado por um estafeta.

19 - A Hora H se aproxima

Nas horas seguintes houve muita confusão dentro e fora do Forte Dibburn. E mais ainda em Chica.

Por volta de meio dia o Ministro Supremo, que estava em Washenn, chamou seu Secretário pelo Transmissor Comunitário, e ninguém foi capaz de achá-lo. O Ministro Supremo ficou irritado. Os funcionários do Prédio ficaram perturbados.

Uma busca mais minuciosa confirmou que o Secretário saíra com os prisioneiros às dez e trinta da manhã… Não deixara qualquer instrução. Não sabiam qual era seu destino, ninguém ousara fazer perguntas.

Outros guardas também não conseguiram acrescentar informações. A ansiedade era geral.

Por volta de duas da tarde chegou um primeiro relatório -o carro do Secretário fora visto naquela manhã, mas ninguém podia afirmar que o Secretário se encontrava no interior -alguns pensavam que o Secretário estava dirigindo, mas não tinham certeza…

Às duas e trinta soube-se que o carro penetrara no Forte Dibburn.

Eram quase três horas quando alguém decidiu chamar o forte. Um tenente atendeu.

Soube-se então que não era possível obter qualquer informação sobre o assunto. Entretanto, os oficiais de Sua Majestade Imperial recomendavam que a ordem fosse mantida. Recomendou-se também que a noticia da ausência de um membro da Sociedade dos Anciões não fosse divulgada.

Foi o suficiente para que as ordens Imperiais tivessem o efeito oposto.

Ao mesmo tempo, toda esta atividade tinha seu contraponto em tom menor, no interior do forte. Tudo começou de maneira bastante dramática quando um jovem oficial que estava esperando o carro estendeu a mão para receber o desintegrador do Secretário.

- Pode me dar isto - falou, seco.

Shekt sugeriu:

- Deixe que o pegue, Schwartz. A mão do Secretário se esticou, entregando a arma, a arma foi recebida e afastada -e Schwartz, com um suspiro, relaxou. Arvardan já estava esperando. Quando o Secretário pulou como uma mola de aço enlouquecida, o arqueólogo lançou-se com o punho cerrado.

O oficial deu uma ordem abrupta. Soldados chegaram correndo. Quando mãos rudes agarraram o colarinho de Arvardan, arrastando-o, o Secretário ficou sobre o assento, encolhido e inconsciente. O sangue lhe escorria de um canto da boca. Arvardan também estava sangrando na face.

Alisou os cabelos com uma mão um pouco trêmula. Apontou e falou com voz

firme:

- Acuso este homem de conspirar para derrubar o Governo Imperial. Preciso falar imediatamente com o oficial comandante. - Vou transmitir seu pedido, senhor - respondeu o oficial, muito polido. ¬Agora, por favor, venham todos comigo.

E as coisas ficaram neste pé por muitas horas. Receberam acomodações confortáveis e razoavelmente limpas. Pela primeira vez em doze horas, conseguiram comer, o que fizeram com rapidez e eficiência, apesar de muitas considerações. Havia até aquela outra necessidade imprescindível da vida civilizada, um banheiro.

Os aposentos eram, porém, guardados e ao ver que as horas passavam, Arvardan perdeu a paciência e gritou

- Pelo jeito, só mudamos de prisão.

A rotina monótona do quartel se desenrolava ao seu redor, ignorando-os, Schwartz estava dormindo e Arvardan começou a observá-lo. Shekt sacudiu a cabeça.

- Não podemos -falou. - Isto é humanamente impossível. O homem está esgotado.

- Mas só nos restam trinta e nove horas.

- Eu sei… mas espere.

Uma voz fria e sarcástica interferiu:

- Quem entre vocês afirma que é um cidadão do Império?

Arvardan deu um passo para frente.

- Eu! Sou eu.

Sua voz esmoreceu quando reconheceu o homem em sua frente. O outro sorriu com esforço. Seu braço ainda era um pouco rígido, uma lembrança do último encontro entre ambos.

A voz de Pola se manifestou atrás de suas costas:

- Bel, é o oficial - o oficial da loja.

- O oficial que teve seu braço quebrado - acrescentou o moço, áspero. -Meu nome é tenente Claudy e sem dúvida, você é o mesmo homem que já encontrei. Você é mesmo um cidadão de Sírio, não é? E apesar disso você se associa com esta gente. Pela Galáxia, nunca imaginei que um homem pudesse se rebaixar a este ponto. Estou vendo que esta é ainda a mesma moça. - Esperou propositalmente e depois acrescentou: - A mesma fêmea terrena.

Arvardan sentiu um surto de fúria, mas se controlou. Ainda não podia - ainda não… Procurou se acalmar.

- Posso ver o coronel, tenente?

- Receio que o coronel neste momento não esteja de serviço.

- Você quer dizer que ele não está na cidade?

- Não foi isto que falei. Poderia me comunicar com ele se o assunto for suficientemente urgente.

- É urgente… Posso falar com o oficial do dia?

- Hoje o oficial do dia sou eu.

- Neste caso chame o coronel.

- Não posso fazer isto - disse o tenente - a não ser que você me convença que o assunto é realmente importante.

Arvardan estava tremendo pela impaciência.

- Pela Galáxia, pare de brincar comigo. É uma questão de vida ou de morte!

- Ora, não diga. - O tenente brincou com seu pequeno chicote. - Você poderia me suplicar por uma audiência.

-Está bem… Neste caso, estou pronto.

- Eu disse… pode suplicar.

- Neste caso… tenente, pode me conceder uma audiência?

O tenente não sorriu.

- Eu disse para você suplicar… na frente da moça. De jeito bem humilde.

Arvardan deu um passo para trás, furioso. Pola colocou uma mão em seu braço.

- Por favor, Bel. Evite que ele fique nervoso.

O arqueólogo rosnou:

- Bel Avardan de Sírio humildemente suplica uma audiência com o oficial do dia. O tenente Claudy falou:

- Bom, isto depende.

Deu um passo para frente e com a mão espalmada bateu em cheio na face de Arvardan, logo em cima do curativo. Arvardan estremeceu e sufocou uma exclamação. O tenente falou:

- Da outra vez, você se ressentiu por isto. E agora?

Arvardan continuou em silêncio.

O tenente falou:

- A audiência será concedida.

O tenente Claudy saiu. Arvardan o seguiu. Quatro soldados formavam a retaguarda.

Shekt e Pola ficaram com Schwartz que ainda dormia. Shekt observou:

- Há algum tempo não estou mais ouvindo algum barulho. E você? Pola sacudiu a cabeça.

- Não, também não ouvi mais nada. Pai, você acha que ele prejudicará Bel?

- Como poderia? - perguntou o velho. - Não se esqueça que Arvardan não é realmente dos nossos. É um cidadão do Império e não é aconselhável molestá-lo… Pelo jeito, você está mesmo apaixonada por ele, não é?

- Sim, pai. Muitíssimo apaixonada. Eu sei que é tolice.

- Claro que é - confirmou Shekt amargurado. -Ele é honesto, não quero dizer que ele não seja. Mas o que poderia fazer? Poderia ele viver aqui, neste mundo? Ou poderia levar você para a sua pátria? Apresentar uma moça terrestre aos seus amigos, ou à sua família?

Pola começou a chorar.

- Eu sei. Mas talvez não tenhamos qualquer futuro.

Shekt voltou a se levantar, como se as últimas palavras lhe tivessem lembrado algo:

- Não posso ouvi-lo.

Estava falando no Secretário. Balkis recebera um quarto ao lado, e seus passos, iguais aos de um leão enjaulado, até então tinham ficado audíveis. Só que agora reinava o silêncio.

Era uma coisa negligivel, mas o Secretário, com seu corpo e sua mente, simbolizava todas as forças sinistras da doença e da destruição que deveriam se abater sobre as estrelas vivas e distantes. Shekt sacudiu Schwartz com cuidado.

- Acorde -falou.

Schwartz se mexeu.

- O que foi? - Ainda não se sentia descansado. Seu cansaço era tão profundo que não conseguia medi-lo.

- Onde está Balkis? - perguntou Shekt.

- Oh… oh, sim. - Schwartz olhou ao redor, e finalmente lembrou que não adiantava procurá-los com os olhos. Libertou seus tentáculos mentais, para procurar a Mente que conhecia sobejamente.

Encontrou-a e evitou tocar nela. Seu contato prolongado não contribuiria para aumentar suas simpatias. Schwartz resmungou.

- Está num outro andar e está falando com alguém.

- Com quem?

- Não conheço esta mente. Nunca senti seu Toque. Espere… deixe-me ouvir. Talvez… Sim, ele o chamou de coronel. Shekt e Pola trocaram um olhar.

- Não pode ser traição, não é mesmo? - sussurrou Pola. Quero dizer, um oficial do Império não se ligaria com um Terrestre, contra o Imperador?

- Não sei - observou Shekt. -A esta altura estou pronto para acreditar em qualquer coisa.

O tenente Claudy estava sorrindo, atrás de sua mesa, com o desintegrador ao seu alcance e quatro soldados guardando suas costas. Falou com a autoridade que a situação requeria.

- Não gosto de "terrenos" - disse. – Nunca gostei. São a corja da Galáxia. São cheios de doenças e de superstições, e sobretudo são preguiçosos. Ademais, são degenerados e imbecis. Mas, pelas estrelas, a maioria conhece seu lugar. Deuma certa forma, posso entendê-los. Nasceram deste jeito e não tem remédio. É claro que não estaria disposto a agüentar o que o Imperador quer agüentar deles - quero dizer, todos aqueles danados costumes e tradições -se eu fosse o Imperador. Mas tanto faz. Algum dia vamos aprender a lição.

Arvardan explodiu:

- Agora chega! Eu não vim até aqui para ouvir…

- Você vai ouvir, porque ainda não terminei. Quero dizer que eu não entendo como funciona a mente de um sujeito que se rebaixa a ser o amante de uma terrena. Quando um homem - um homem de verdade, quero dizer - se rebaixa a ponto de ir atrás destas fêmeas, não posso respeitá-lo. Na minha opinião, um sujeito assim é até pior do que eles…

- Vá para os quintos do inferno com esta sua mentalidade nojenta! -se insurgiu Arvardan. - Será que você não entende que existe uma conspiração, para destruir a Galáxia? Será que você não entende que a situação é realmente perigosa? Todo minuto de atraso pode colocar em perigo os quatrilhões que vivem na Galáxia

- Vamos, não exagere, dr. Arvardan. Você é mesmo doutor, não é? Não quero me esquecer de lhe dar seu justo titulo. Veja, tenho uma teoria a seu respeito. Você é um deles. É possível que você tenha nascido em Sírio, mas você tem o coração negro de um Terrestre, e está se valendo de sua cidadania galáctica para apoiar a causa terrestre. Você seqüestrou este funcionário Terrestre, este Ancião. (Você fez uma coisa que aprovo, cá entre nós, e não deixaria escapar a ocasião de estrangulá-lo, se ela se apresentasse.) Acontece, porém, que os Terrestres já o estão procurando. Mandaram uma mensagem ao forte.

- Já? Então, por que ficamos aqui, conversando? Preciso ver o coronel, nem que seja…

- Você pensa que teremos desordens, ou um levante? Vai ver que você até planejou que uma revolta deveria começar assim, é isto?

- Você está louco? Por que eu agiria assim?

- Diga-me uma coisa, você não se importaria se soltássemos o Ancião, hein?

- Vocês não podem fazer isto. -Arvardan se levantou e por um instante deu a impressão de querer se jogar em cima do outro. O tenente Claudy apanhou o desintegrador.

- Então, você acha que não podemos? Escute, eu já consegui tirar uma pequena desforra. Dei-lhe um tabefe e consegui que você ficasse humilhado frente aos seus amigos terrenos. Obriguei você a ficar sentado aqui e ouvir que espécie de verme você é. Agora, porem, adoraria que você me desse a menor desculpa para eu lhe desintegrar um braço, em troca do que você fez com o meu. Agora, experimente se mexer.

Arvardan se imobilizou. O tenente Claudy riu e largou seu desintegrador.

- É uma pena que eu seja obrigado a deixar você inteirinho por causa do coronel. Você poderá vê-lo às cinco e quinze.

- Você sabia… você sabia desde antes. - A frustração era tamanha que sua voz saiu rouca.

- Claro que sim.

- Lembre-se de uma coisa, tenente Claudy, se o tempo que perdemos aqui contribuir a nos fazer perder a causa, nem você e nem eu teremos muito tempo para viver. - Sua voz ficou distorcida pelo ódio, e saiu fria e terrível: -Mas você morrerá primeiro, porque dedicarei meu último minuto de vida a reduzir seu rosto numa massa informe de ossos e cérebro esmigalhados.

- Está bem, amante de uma fêmea terrena. Ficarei esperando por você.

O comandante do forte Dibburn envelhecera à serviço do Império. Na pazgozada pela Última geração, os oficiais das forças armadas não tiveram quase nenhuma ocasião para se cobrir de "glória", e o coronel, como todos os outros, não conseguiu nenhuma. Mas em sua longa carreira, desde cadete, servira em todas as partes da Galáxia - e por isso mesmo uma guarnição no mundo neurótico da Terra era apenas uma tarefa a mais. Só queria que sua rotina fosse o mais pacifica possível. Não queria nada além disso, e para mantê-la assim estava disposto até a se humilhar - quando fosse necessário - pedindo desculpas a uma moça Terrestre.

Quando Arvardan entrou, o coronel parecia cansado.

O colarinho de sua camisa estava aberto e a túnica, com seu emblema cintilante da Nave Espacial e do Sol do Império, se encontrava jogada sobre o encosto da cadeira. Olhou para Arvardan com ar ausente, estalando as juntas dos dedos da mão direita.

- Toda esta história me parece muito inquietante, - disse. - Realmente. Lembro-me muito bem de você, meu jovem. Você é Bel Arvardan de Baronn, e você já se meteu numa encrenca há algum tempo. Será que você não pode ficar quieto?

- Não sou só eu que estou em má situação, coronel, mas todo o resto da Galáxia também.

- Sim, já sei - retrucou o militar com um pouco de impaciência. - Pelo menos, sei o que você afirma. Também soube que você não tem mais seus papéis de identidade.

- Eles me foram tirados, mas sou conhecido em Everest. O próprio Procurador poderá me identificar, e espero que o faça antes desta noite.

- Pois é, vamos ver. - O coronel cruzou os braços e se recostou. - Por que você não me conta sua versão dos acontecimentos?

- Chegou ao meu conhecimento que um pequeno grupo de Terrestres está conspirando para derrubar o Governo Imperial com a violência, e se este fato não for levado ao conhecimento das autoridades competentes dentro do menor tempo possível, a conspiração poderá conseguir o que almeja, destruindo o Governo e boa parte da Galáxia.

- Considero esta declaração muito importante e exagerada, meu rapaz. Estou pronto a acreditar que os homens da Terra poderiam organizar levantes, sitiar este forte e provocar prejuízos consideráveis - mas absolutamente não posso imaginar que poderiam derrotar as forças Imperiais neste planeta e menos ainda, destruir o Governo Imperial. Entretanto, estou preparado para ouvir todos os pormenores desta… hum… conspiração.

- O assunto é tão grave que, infelizmente, só poderia comunicar os detalhes ao próprio Procurador. Por conseguinte, peço uma oportunidade de me comunicar com ele.

- Hum… Espere um pouco, é melhor não se precipitar. Será que você sabe que o homem que você trouxe é o Secretário do Ministro Supremo da Terra, e que um Ancião é um personagem muito importante para os Terrestres?

- Claro que sim!

- E ainda assim, você insiste que se trata do chefe desta conspiração?

- É verdade.

- Você tem provas?

- Tenho certeza que você compreenderá se eu disser que não posso discutir este assunto com qualquer outra pessoa, a não ser o Procurador. O coronel franziu a testa e ficou a observar suas unhas.

- Você tem dúvidas sobre minha competência?

- De jeito nenhum. Todavia sei que só o Procurador tem autoridade suficiente para tomar as medidas necessárias para evitar que o pior aconteça.

- Que medidas são estas?

- Uma certa construção num certo ponto da Terra deverá ser bombardeada e destruída dentro de trinta horas, caso contrário a maioria, ou pelo menos grande parte, dos habitantes da Galáxia terá que morrer.

- Que construção é esta? - perguntou o coronel em tom de cansaço. Era um impasse e houve um pequeno intervalo. A seguir, o coronel falou ríspido: - Você sabe que ao seqüestrar este Terrestre, você cometeu um crime que deverá ser julgado pelas autoridades Terrestres? Em casos normais, o Governo protege seus cidadãos por uma questão de princípio, submetendo-os a um processo galáctico. Entretanto, a política Terrestre é muito delicada, e recebi ordens rigorosas para evitar qualquer atrito. Por conseguinte, a não ser que você responda de maneira absolutamente satisfatória a todas as minhas perguntas, me verei obrigado a entregá-lo à polícia local, junto com seus

companheiros.

- Você sabe que isto significaria uma condenação à morte. Não só para nós, mas também para você!… Coronel, sou um cidadão do Império e exijo uma audiência com o Procurador…

Foi interrompido por um sinal insistente na mesa do coronel. O coronel fechou o circuito.

- Sim?

Uma voz clara afirmou:

- Senhor, um grupo de nativos cercou o forte. Os nativos parecem armados.

- Cometeram algum ato hostil?

- Não, senhor.

O coronel se manteve impassível. Estava preparado para estas contingências.

- A artilharia e a força aérea ficarão de alerta, todos os homens aos seus postos de combate, só abram fogo em caso de necessidade. Entendeu?

- Sim, senhor. Um Terrestre com uma bandeira branca deseja uma audiência.

- Faça-o entrar. Mande também buscar o Secretário do Ministro Supremo. O coronel se virou para Arvardan e disse friamente:

- Espero que você compreenda todo o alcance da situação que você provocou.

- Exijo estar presente durante a entrevista -gritou o arqueólogo sem conseguir conter sua fúria. - Também exijo que você me explique por que você me obrigou a ficar, guardado a vista, durante horas, enquanto você ficava conferenciando com um traidor nativo. Não pense que não sei que você se encontrou com ele, antes mesmo de falar comigo.

- Você está me acusando de alguma coisa? - perguntou o coronel, elevando a voz. - Neste caso, explique-se claramente.

- Não o estou acusando. Quero porém que fique bem claro que você será responsável de quanto acontecer em seguida e que no futuro, se é que terá um futuro, poderá ser conhecido como o culpado pela destruição de seu povo.

- Pare com isto! Cale-se! Não sou responsável perante você. As negociações serão levadas como eu estabelecer. Entendeu?

20 - A Hora H

O Secretário entrou enquanto um soldado segurava a porta. Seus lábios inchados e roxos deixavam transparecer um sorriso frio. Acenou com a cabeça para o coronel e ignorou ostensivamente a presença de Arvardan.

- Senhor - falou o coronel olhando para Balkis

- Já comuniquei ao Ministro Supremo como o senhor chegou aqui, não omitindo qualquer detalhe. Sua permanência aqui é absolutamente… hum… foge à qualquer previsão normal, e pretendo libertar o senhor o quanto antes. Entretanto, temos aqui um cavaleiro que, como o senhor deve saber, fez acusações muito graves contra sua pessoa e, considerando as circunstâncias, somos obrigados a investigá-las.

- Compreendo, coronel - respondeu o Secretário, muito calmo. Acho que já expliquei ao senhor que este homem se encontra na Terra há apenas dois meses, e não pode ter qualquer noção sobre nossa política interna. Obviamente, não existem bases sérias para qualquer acusação.

Arvardan se insurgiu:

- Sou um arqueólogo, e me especializei no estudo da Terra e de seus costumes. Possuo amplos conhecimentos de sua política, mas de qualquer forma, não sou eu que formulei as acusações.

O Secretário mesmo assim não olhou para o lado de Arvardan. Falou unicamente com o coronel.

- Um de nossos cientistas está envolvido nisto. Trata-se de um personagem que já se aproxima dos Sessenta e tem dado sinais de mania de perseguição. Tem mais um homem, de origem desconhecida, mas claramente um débil mental. Estes três indivíduos não seriam capazes de apresentar acusações sérias.

Arvardan se levantou de repente:

- Exijo…

- Sente-se -mandou o coronel, em tom áspero. - Você se recusou em discutir o assunto comigo. Pois então, não pode dizer mais nada. Mandem entrar o homem que deseja negociar.

Era mais um membro da Sociedade de Anciões. Manteve-se impassível quando se defrontou com o Secretário. O coronel se levantou e perguntou:

- Você veio em nome daqueles homens lá fora?

- Sim.

- Presumo que este motim, esta reunião sediciosa significa que vocês requerem a volta de seu patrício?

- Certo. Deverá ser colocado em liberdade.

- Não diga! Quero que entenda que no interesse da ordem e da lei, e pelo respeito devido aos representantes de Sua Majestade Imperial neste mundo, o assunto não poderá ser discutido enquanto aqueles homens ficarem reunidos, em atitude de rebelião armada. Você terá que providenciar seu afastamento.

O Secretário interferiu em tom amigável:

- Irmão Cori, o coronel está certo. Por favor, acalme a todos. Estou sendo muito bem tratado, e não existe qualquer perigo para qualquer um. Entende? Para qualquer pessoa. Dou-lhe minha palavra de Ancião.

- Está bem, Irmão. Fico satisfeito em vê-lo em tão boas condições.

O Terrestre saiu.

O coronel afirmou:

- Providenciaremos para que o senhor possa sair daqui tão logo as condições da cidade voltem a ser normais. Agradeço sua cooperação neste assunto.

Arvardan voltou a se levantar:

- Pois eu me oponho. Você seria capaz de soltar o futuro assassino da raça humana, enquanto me impede de me comunicar com o Procurador, um fato que me compete de direito, em minha qualidade de cidadão galáctico. - Sem tentar controlar sua frustração, gritou: - Será possível que você mostre mais consideração por um cão Terrestre que por um cidadão Imperial?

O Secretário interrompeu aquela manifestação quase incoerente:

- Coronel, ficarei aqui com muito prazer até poder falar pessoalmente com o Procurador, se assim este homem se der por satisfeito. Uma acusação de traição é assunto muito sério, e mesmo uma mera desconfiança neste sentido - apesar de não ter qualquer fundamento - seria suficiente para eu perder qualquer utilidade em favor de meu povo. Apreciaria a oportunidade de poder provar ao Procurador que em todo o Império ninguém é mais leal do que eu.

O coronel falou:

- Admiro sua isenção, senhor, e admito que em seu lugar minha reação seria muito diferente. Sua atitude é admirável, senhor. Vou tentar entrar em contato com o Procurador.

Arvardan ficou calado, até voltar a seus aposentos. Evitou encarar os outros. Durante muito tempo, ficou imóvel, com um punho cerrado preso entre os dentes. Finalmente Shekt perguntou:

- Então?

Arvardan sacudiu a cabeça.

- Acho que estraguei tudo.

- O que foi que você fez?

- Perdi o controle, ofendi o coronel e não consegui nada. Infelizmente, Shekt, não sou um diplomata. Começou a se justificar aos gritos: - O que poderia fazer? Balkis já tivera uma entrevista com o coronel e senti que não poderia mais confiar nele. O que aconteceria se o Secretário já tivesse lhe prometido a vida? Ou se ele fosse um cúmplice na conspiração? Sei que minhas suspeitas são exageradas, mas não tive coragem de me arriscar. Insisti para ver Ennius pessoalmente.

O físico se levantou, ansioso:

- Então? Ennius está a caminho?

- Acho que sim. Mas o coronel se comunicou com ele só porque o Secretário pediu que o fizesse, e não entendo isto.

- Balkis pediu? Neste caso, Schwartz está certo.

- Sim? O que foi que Schwartz disse?

O Terrestre rechonchudo estava sentado em sua cama. Quando todos olharam para aquele lado, ele encolheu os ombros.

- Consegui o Toque Mental com o Secretário quando passou no corredor, ainda há pouco. Ele realmente teve uma entrevista demorada com este oficial.

- Eu sei.

- Mas aquele oficial não pensa em traição.

- Então me enganei -admitiu Arvardan, arrasado. - Vou pedir desculpas quando Ennius chegar, O que mais você sabe a respeito de Balkis?

- Ele não se preocupa e não tem receios, em sua mente só vi ódio. Este ódio é quase exclusivamente dirigido contra nós, por causa de sua captura e por tê-lo arrastado até aqui. Sua vaidade está muito machucada e ele se propõe a se vingar. Sei o que imagina fazer conosco. Está convencido que, sozinho, poderá impedir toda a Galáxia de tomar qualquer providência para impedir seus planos, mesmo contra qualquer esforço nosso, que conhecemos todos os seus planos. Ele sabe que todas as vantagens estão em nossas mãos, mas também sabe como nos arrasar e conseguir o triunfo que pretende.

- Você está dizendo que ele colocará em perigo seus planos e seus sonhos imperiais, só para tirar uma desforra conosco? Isto é loucura.

- Eu sei - confirmou Schwartz. - Mas ele é louco.

- E pensa que conseguirá?

- Sim.

- Neste caso, Schwartz, vamos precisar de você. Vamos precisar de sua mente. Escute… Shekt sacudiu a cabeça.

- Não, Arvardan, isto é Impossível. Os poderes mentais de Schwartz, que só podemos descrever aproximadamente, ainda não podem ser controlados de maneira

perfeita. Ele é capaz de atordoar ou paralisar um homem. Pode ate matá-lo. Pode controlar os músculos maiores e voluntários contra a vontade da vítima, mas este é o limite. Não poderia conseguir que o Secretário falasse, os pequenos músculos das cordas vocais fogem ao seu controle. Não conseguiu coordenar os movimentos de maneira suficiente para que o Secretário dirigisse seu carro e até mantê-lo em equilíbrio enquanto caminhava, foi muito difícil. É claro que não poderia controlar Ennius neste assunto, sabe… - Shekt voltou a sacudir a cabeça.

Arvardan sentiu-se tomado pelo desespero. De repente, ficou ansioso:

- Onde está Pola?

- Está dormindo na alcova.

Sentiu vontade de acordá-la, sentiu vontade de… Sentiu vontade de fazer uma porção de coisas.

Olhou para o relógio. Era quase meia noite e só faltavam trinta horas.

Por algum tempo dormiu e quando clareou voltou a acordar. Ninguém se aproximou, a aquela longa espera deixou a todos pálidos e abatidos.

Quando Arvardan voltou a olhar para o relógio, viu que mais uma vez era meia noite. Só faltavam seis horas.

Olhou ao redor, sem mais nenhuma esperança. Estavam todos ali, até o Procurador. Pola se encontrava ao seu lado e podia perceber seus dedos a lhe segurar o pulso. A expressão de assombro e de cansaço da moça era a razão principal de sua fúria contra toda a Galáxia.

Provavelmente, todos mereciam morrer, eram todos tolos… tolos…

Quase não percebeu Shekt e Schwartz, sentados mais para a esquerda. Viu porém Balkis, o maldito e desprezível Balkis, com seus lábios inchados e um lado do rosto esverdeado. Devia doer muito quando falava - e Arvardan sentiu-se a tal ponto satisfeito que esqueceu um pouco sua própria face dolorida.

Ennius estava observando a todos, com seu cenho franzido, sua expressão de incerteza e suas roupas ridículas e informes, de fazenda impregnada de chumbo.

Arvardan chegou à conclusão que Ennius era uma besta. Sentiu um surto de ódio por estes fúteis representantes do Império que só queriam a paz e a tranquilidade. Onde estavam os conquistadores de três séculos? Onde?

Só mais seis horas…

Ennius recebera a comunicação do comando de Chica há mais de dezoito horas e logo se apressou em voar para lá, contornando a metade do planeta. Sua decisão fora motivada por motivos bastante confusos. Acreditava que a situação não era muito séria, apenas desagradável, por causa do sequestro de um curioso personagem vestido de verde, um representante do governo daquela Terra completamente dominada pelas superstições. Havia ainda algumas acusações esquisitas e sem qualquer prova. Pensando bem, o coronel

poderia ter resolvido tudo sem qualquer ajuda.

Mas Shekt estava envolvido… Shekt… que não era acusado, mas era um acusador. Muito esquisito.

Estava encarando a todos, refletindo. Sabia que sua decisão poderia apressar uma eventual rebelião, talvez enfraquecer sua posição à Corte e cercear suas possibilidades de promoção… Não sabia se podia levar a sério a demorada explicação de Arvardan sobre linhagens de vírus e epidemias descontroladas. Se tomasse qualquer decisão nestas bases, até que ponto seus superiores aprovariam?

Entretanto, Arvardan era um arqueólogo de grande reputação.

Adiou a decisão e perguntou ao Secretário:

- Com certeza o senhor tem alguma coisa a dizer a respeito?

- Muito pouco - respondeu o Secretário. -Só quero perguntar que provas existem para sustentar tais acusações?

- Excelência, já falei a respeito - interrompeu Arvardan. -Este homem admitiu tudo enquanto nos mantinha prisioneiros

- É possível que Vossa Excelência acredite nestas palavras - observou o Secretário - mas trata-se de mais uma afirmação desprovida de provas. Na realidade, os únicos fatos que podem ser comprovados são que eu fui seqüestrado e não que eles foram aprisionados, que minha vida foi ameaçada e não a vida deles. Desejo também que meu acusador explique como descobriu tudo isto em apenas nove semanas de permanência na Terra, enquanto o Procurador Imperial, em quatro anos, jamais descobriu qualquer coisa que me desabonasse.

- O Irmão está falando a verdade - admitiu Ennius. Como foi que Você descobriu tudo isto? Arvardan falou em tom ríspido:

- Antes da confissão de Balkis, eu fui informado sobre a conspiração pelo dr. Shekt.

- Isto é verdade, Shekt? - perguntou o Procurador.

- Sim, Excelência.

- E como foi que você descobriu?

Shekt falou:

- O doutor Arvardan explicou com admirável clareza quais eram as possibilidades do Sinapseador e como ele foi usado. Também mencionou o caso do bacteriólogo Smitko, que faleceu. Smitko era um conspirador. Gravei suas declarações e posso lhe mostrar a gravação.

- Mas Shekt, as declarações de um homem que está a ponto de morrer, que está delirando, não podem ser levadas em consideração. Você não tem outras provas?

Arvardan bateu o punho sobre a mesa.

- Estamos num tribunal? Alguém aqui está sendo julgado por ter infringindo uma lei do trânsito? Não temos tempo para considerar eventuais provas, ou para fazer análises ou começar medições com micrômetros. Vou repetir mais uma vez, temos tempo só até as seis horas da manhã, quer dizer só mais cinco horas e meia, para neutralizar esta ameaça horrível contra toda a Galáxia… Vossa Excelência conhecia o dr. Shekt. Por acaso, alguma vez julgou que fosse um mentiroso?

O Secretário se intrometeu:

- Ninguém afirmou que o dr. Shekt estivesse propositalmente mentindo. Entretanto, nosso estimado cientista está envelhecendo e em tempos recentes ficou muito preocupado pela aproximação de seu sexagésimo aniversário. Receio que uma combinação de idade avançada e de medo tenham provocado tendências paranoides, que aqui na Terra se manifestam freqüentemente nestas circunstâncias. Olhem para ele! Ele não parece muito normal, não é?

Era claro que Shekt não podia parecer muito normal, estava arrasado por quanto acontecera e pelo conhecimento de quanto ainda ia acontecer. Mesmo assim, conseguiu falar em tom calmo. Disse:

- Posso acrescentar que durante estes últimos dois meses fui constantemente vigiado pelos Anciões, minha correspondência era lida com antecedência e minhas respostas, censuradas. É claro, porém, que tudo isto pode ser atribuído à minha suposta paranoia. Entretanto, Joseph Schwartz, o homem que voluntariamente se submeteu ao tratamento com o Sinapseador, no mesmo dia em que o senhor me visitou no Instituto, está aqui comigo.

- Eu me lembro. - Ennius sentiu-se grato por esta pequena possibilidade de afastar a atenção do assunto em pauta. - É este o homem?

- Sim.

- Não me parece ter sofrido qualquer prejuízo.

- De fato, o tratamento com o Sinapseador teve um êxito extraordinário. Naquela época eu desconhecia que Schwartz possuía uma memória fora do normal. De qualquer forma, agora sua mente se tornou sensível aos pensamentos dos outros.

Ennius se inclinou para frente e gritou, estupefato:

- O que? Você afirma que ele sabe ler os pensamentos?

- Posso dar uma demonstração de sua habilidade, e acredito que o Irmão confirmará minhas palavras.

O Secretário lançou a Schwartz um olhar carregado de ódio e falou com voz vibrante:

- É verdade, Excelência. Este homem possue certas faculdades hipnóticas, mas não posso afirmar que seja por consequência do tratamento com o Sinapseador. Só desejo lembrar a todos que o tratamento deste homem com o Sinapseador não foi anotado, e que isto me parece muito suspeito.

- O tratamento não foi registrado, por ordem expressa do Ministro Supremo - afirmou Shekt. O Secretário encolheu os ombros. Ennius falou em tom categórico:

- Vamos ao assunto, está na hora de parar este bate-boca… Então, fale-me de Schwartz. O que sua capacidade de ler o pensamento, ou seus talentos hipnóticos, ou qualquer outra coisa que seja, tem a ver com o assunto?

- Shekt pretende afirmar que Schwartz pode ler meu pensamento - interferiu o Secretário.

- Então, é isto? Muito bem, o que o Secretário está pensando? - perguntou Ennius, falando diretamente com Schwartz.

- Ele pensa que não temos meio nenhum para convencer Vossa Excelência que estamos falando a verdade.

- Certo, absolutamente certo - exclamou o Secretário sarcástico. – Acredito, porém que esta é uma dedução que não requer muitos poderes mentais.

- Pensa também que Vossa Excelência é um tolo, que tem medo de tomar decisões, que só deseja a paz e que acredita que a justiça e a imparcialidade poderão lhe trazer a simpatia do povo Terrestre. Acha que esta esperança é a maior prova de imbecilidade.

O Secretário enrubesceu.

- Nego da maneira mais absoluta. É uma tentativa muito evidente para influenciar Vossa Excelência. Ennius afirmou:

- Isto não é fácil. - Virou-se para Schwartz: - Pode me dizer o que eu estou pensando?

- Vossa Excelência pensa que, mesmo se eu pudesse ver claramente o que há na cabeça de um homem, isto não significa que necessariamente falaria a verdade a este respeito.

O Procurador ergueu as sobrancelhas em sinal de surpresa.

- Certo, certo. Você afirma também que as acusações feitas por Shekt e por Arvardan são verdadeiras?

- Palavra por palavra!

-É mesmo? Entretanto, a não ser que encontremos outra pessoa igual a você, suas afirmações não poderiam ser consideradas legalmente válidas, mesmo que reconheçamos suas qualidades telepáticas.

- Aqui não estamos discutindo uma questão legal - gritou Arvardan, estamos procurando salvar a Galáxia.

- Excelência. - exclamou o Secretário, levantando-se - quero lhe fazer um pedido. Gostaria que este Schwartz saísse da sala.

- Por que?

- Este homem, além de ler o pensamento, possui outros poderes mentais. Fui

capturado enquanto me encontrava paralisado por estes poderes de Schwartz.

Receio que ele possa fazer mais uma tentativa em meu prejuízo ou talvez em prejuízo de Vossa Excelência.

Arvardan também se levantou, mas o Secretário começou a berrar:

- Esta reunião não poderá proceder de maneira ordeira enquanto tivermos em nosso meio um homem com a capacidade de influenciar os outros. Ennius não demorou em se decidir. Foi chamado um soldado e Schwartz foi levado para fora, sem oferecer qualquer resistência e sem mostrar-se contrariado. Arvardan achou que o afastamento de Schwartz confirmava o fracasso das tentativas.

O Secretário voltou a se levantar e ficou parado em silêncio -uma figura atarracada, em suas roupas verdes, irradiando segurança. Começou a falar com muita formalidade:

- Excelência, todas as convicções e as afirmações do doutor Arvardan se baseiam em declarações do dr. Shekt. Por outro lado, o dr. Shekt, se deixou convencer pelos devaneios de um homem agonizante. Entretanto, tudo isto, mas tudo mesmo, nunca chegou a ser conhecido até que Joseph Schwartz foi submetido ao tratamento com o Sinapseador. Então, pergunto quem é Joseph Schwartz? Até a chegada de Joseph Schwartz, o dr. Shekt era um homem normal, sem preocupações. Vossa Excelência é testemunha, porque passou uma tarde em sua companhia, no mesmo dia em que Schwartz chegou ao Instituto. O comportamento de Shekt foi anormal naquela ocasião? Ele por acaso informou Vossa Excelência sobre alguma traição planejada contra o Império? Falou nos devaneios do bioquímico? Pareceu preocupado? Ou desconfiado? Shekt agora afirma que o Ministro Supremo dera-lhe ordens para suprimir os resultados obtidos com o Sinapseador e para não registrar os nomes das pessoas tratadas. Ele mencionou este detalhe? Ou somente falou nisso agora, depois do dia em que Schwartz apareceu.

- Volto a perguntar: quem é Joseph Schwartz? Quando chegou, não falava qualquer idioma conhecido. Descobrimos este detalhe mais tarde, quando começamos a investigar, levados pelos sinais de instabilidade notados em Shekt. Schwartz foi trazido por um fazendeiro que nada sabia sobre sua identidade, e até agora nada foi descoberto neste sentido.

- Entretanto, este homem possue estranhos poderes mentais. Consegue deixar um homem inconsciente a cem metros de distância, usando só o pensamento. A uma distância menor, é capaz de matar. Já fui paralisado por ele, que depois manipulou minhas pernas e meus braços. E se assim o desejasse, poderia ter também manipulado minha mente.

- Acredito que este Schwartz influenciou as mentes destes outros. Eles afirmam que os mandei prender, que os ameacei de morte, que admiti minha traição e minha ambição de me apoderar do Império… Mas a este ponto, pergunto e quero que Vossa Excelência também pergunte: Estes homens não estiveram expostos durante muito tempo à influência de Schwartz, que é um homem capaz de controlar suas mentes? Não é possível que Schwartz seja um traidor? E se ele não for um traidor, então quem é Schwartz?

O Secretário voltou a se sentar, aparentemente calmo e até bem disposto. Arvardan estava com a sensação que sua mente girava e girava, sempre mais rápida.

O que poderia responder? Que Schwartz era um homem do passado? Que provas poderia oferecer? O fato que o homem falava perfeitamente um idioma primitivo?

Mas só ele, Arvardan, podia afirmar isto. E ele, Arvardan, poderia ter sido manipulado pela mente de Schwartz. E como poderia demonstrar o contrário? Quem era Schwartz? Por que motivo se convencera tão depressa que realmente existia um plano de conquista galáctica?

Tentou refletir mais uma vez. De que forma se convencera que a conspiração existia realmente? Era um arqueólogo, para ele a dúvida era uma necessidade, mas agora… Poderia ter sido a palavra de um único homem? Ou por causa do beijo de uma moça? Ou por causa de Joseph Schwartz? Não conseguia pensar. Não conseguia mais pensar!

- Então? - perguntou Ennius, impaciente. - Você não tem nada a dizer? Dr.

Shekt? Ou então, dr. Arvardan? A voz de Pola interferiu.

- Por que pergunta? Não está vendo que é tudo mentira? Não está percebendo que perdemos tempo, impedidos por conversas inúteis? Vamos morrer todos e eu não me importo , mas poderíamos ainda impedi-lo, poderíamos impedi-lo… Mas ficamos aqui, falando, falando, falando… - De repente, desatou a chorar.

O Secretário comentou:

- Parece que por resposta, recebemos o choro de uma moça histérica… Excelência, quero fazer uma proposta. Meus acusadores afirmam que o lançamento de vírus e todas as outras loucuras expostas, devem começar às seis horas da manhã. Ofereço-me para ficar aqui, vigiado, durante uma semana. Se o que afirmam, corresponde à verdade, qualquer notícia de uma epidemia na Galáxia deverá chegar aqui dentro de poucos dias. Se isto acontecer, as forças Imperiais ainda estarão controlando a Terra…

- Pois é. A Terra é uma bela contrapartida, em troca de uma Galáxia cheia de criaturas humanas. - murmurou Shekt.

- Aprecio minha vida e a vida do meu povo. Seremos reféns para provar nossa inocência, e estou preparado a informar a Sociedade dos Anciões que ficarei aqui durante uma semana, voluntariamente, para evitar qualquer distúrbio que poderia ocorrer.

Cruzou os braços. Ennius levantou os olhos.

- Não consigo encontrar nada de errado na proposta deste homem…

Arvardan chegou ao limite extremo de sua tolerância. Levantou-se com uma calma mortal e deu alguns rápidos passos em direção do Procurador. Ninguém jamais soube quais eram suas intenções. Ele mesmo, mais tarde, não conseguiu se lembrar. De qualquer forma, a coisa não tem importância. Ennius tinha um chicote neurônico e não hesitou em usá-lo.

Pela terceira vez desde sua chega à Terra, tudo em volta de Arvardan foi tragado por uma névoa afogueada e pela dor, enquanto perdia os sentidos.

Arvardan ficou inconsciente durante algumas horas, e neste tempo foi alcançado o limite das seis horas. A seguir, os ponteiros do relógio continuaram seu caminho.

21 - Depois da Hora H

A hora H estava superada!

A claridade…

Uma claridade nebulosa e sombras indistintas -se fundindo, se enroscando, começando a ficar mais claras..

Um rosto. Um par de olhos…

- Pola! - Num só instante, todos os contornos em volta de Arvardan ficaram claros, nítidos. - Que horas são?

Seus dedos se agarraram com força ao pulso da moça, que gemeu sem querer.

- Já passa das sete - ela murmurou. - Superamos a hora H.

Arvardan lançou alguns olhares assustados ao redor e se levantou, apesar das dores em todas as juntas. Shekt estava encolhido sobre uma cadeira. Levantou a cabeça com ar abatido.

- Está tudo acabado, Arvardan.

- Isto significa que Ennius…

- Ennius não teve coragem suficiente para tomar uma decisão - explicou Shekt. - Você não acha engraçado? - Soltou uma gargalhada esquisita, quase um cacarejo. - Nós três descobrimos que existia uma conspiração contra toda a humanidade, seqüestramos sem ajuda de ninguém o próprio chefe da conspiração e o levamos para que fosse julgado. Parece quase uma visi-novela, você não acha? O famoso mocinho salva a todos na hora H? Assim acabam as visi-novelas, só que em nosso caso a estória continuou e descobrimos que ninguém queria acreditar. Isto não costuma acontecer nas visi-novelas, não é? Os finais são sempre felizes. Acho mesmo muito engraçado… – As palavras ficaram indistintas, entremeadas de soluços.

Arvardan desviou o olhar, profundamente chocado. Os olhos de Pola pareciam dois universos escuros úmidos, cheios de lágrimas. Por um instante se perdeu neles - eram realmente universos, repletos de estrelas. Mas pequenos cilindros metálicos e cintilantes se dirigiam para aquelas estrelas em alta velocidade, devorando os anos-luz enquanto penetravam no hiperespaço, percorrendo suas rotas cuidadosamente preparadas. Breve - talvez agora mesmo - se aproximariam, penetrariam nas atmosferas, se desintegrariam, libertando uma invisível e letal chuva de vírus… Não havia mais nada a fazer. Ninguém poderia impedi-lo.

- Onde está Schwartz? - perguntou em voz baixa.

Pola sacudiu a cabeça.

- Não sei, ninguém o trouxe de volta.

A porta se abriu e Arvardan, ainda não resignado à morte, se virou com uma fugidia expressão de esperança. Quando viu Ennius, desviou o olhar. Suas feições endureceram.

Ennius se aproximou e lançou um olhar à moça e ao seu pai. Mas Pola e Shekt eram em primeiro lugar, criaturas da Terra, e nada poderiam dizer ao Procurador, mesmo sabendo que se seu próprio fim seria breve e violento, o do Procurador seria mais breve e muito pior.

Ennius bateu no ombro de Arvardan.

- Escute.

- Sim, Excelência? - perguntou Arvardan, com uma expressão amarga.

- Já passa de seis horas. - Ennius parecia não ter dormido. Sua absolvição oficial de Balkis não lhe trouxera a certeza que os acusadores estivessem completamente errados - ou talvez influenciados por poderes mentais alheios. Ficara contemplando o cronômetro marcar os minutos que talvez assinalassem o próximo fim da Galáxia.

- Sim -concordou Arvardan. - As seis já passaram e as estrelas ainda estão brilhando.

- Você continua pensando que está certo?

- Excelência - disse Arvardan - dentro de poucas horas as primeiras vítimas morrerão. Ninguém perceberá. Criaturas humanas morrem todos os dias. Dentro de uma semana teremos uma mortandade de centenas de milhares. A porcentagem de recuperação será igual a zero. Não haverá, antídotos. Um certo número de planetas enviará pedidos de emergência para receber auxílio. Dentro de mais duas semanas, dúzias de outros planetas se encontrarão na mesma situação, e no setores limítrofes serão declarados estados de emergência. Dentro de um mês a Galáxia será toda entregue às epidemias. Dentro de dois meses pouquíssimos planetas ficarão imunes. Em seis meses a Galáxia estará defunta… E o que Vossa Excelência fará, ao ler aquelas primeiras notícias? - Pois deixe que eu lhe diga isto também - Vossa Excelência fará relatórios que indicarão que talvez a epidemia foi provocada pela Terra. Isto não servirá para salvar qualquer vida. Então, declarará a guerra aos Anciões da Terra. Isto também não poupará ninguém… Ou então poderá servir de intermediário entre seu amigo Balkis e o Conselho Galáctico, ou então seus sucessores. A seguir, talvez Vossa Excelência terá a honra de entregar a Balkis as sobras quase destruídas do Império em troca de um pouco do antídoto, que poderá talvez, ou não poderá chegar em tempo em alguns mundos, para salvar o que ainda resta de vidas humanas.

Ennius sorriu, mas sem muita segurança.

- Não acha que está sendo meio ridículo?

- Claro que sim. Eu estou morto e você é um cadáver. Mas é mais elegante sermos calmos e friamente Imperiais, não é mesmo?

- Você deve estar zangado por eu ter usado o chicote neurônico…

- Absolutamente - respondeu Arvardan, irônico. - Já me acostumei, quase não dói

mais.

- Escute, procure encarar a coisa de maneira lógica. Passamos por uma confusão dos diabos. Seria difícil compor um relatório racional, como também seria difícil simplesmente suprimir qualquer notícia dos acontecimentos. Os outros acusadores são Terrestres, você é o único que seria ouvido, e cujas palavras podem ter um certo peso. Pensei que você poderia assinar uma declaração, afirmando que suas acusações foram feitas num lapso de tempo em que suas faculdades mentais não estavam… Muito bem, vamos pensar numa maneira qualquer, numa expressão que não envolva a noção de controle mental.

- Muito simples, Procurador. Basta dizer que eu estava louco, bêbado, hipnotizado ou drogado. Pode escolher.

- Procure ser racional. Escute, estou convencido que você foi manipulado - Abaixou a voz num sussurro. - Você é um homem de Sírio. Como é que você se apaixonou por uma moça Terrestre?

- O que?

- Não grite comigo. O que eu quero dizer é o seguinte, se você se encontrasse num estado normal, você poderia ter feito o mesmo? Poderia ter considerado esta possibilidade? - Acenou com a cabeça em direção a Pola.

Por um minuto, Arvardan o observou, estupefato. Depois esticou a mão e agarrou a mais alta autoridade Imperial na Terra pela garganta. As mãos de Ennius não conseguiram fazer nada para que soltasse a presa.

Arvardan falou:

- Esta possibilidade, hein? Você está falando na senhorita Shekt? Porque se este for o caso, quero ouvir um tom de respeito, entendeu? Vá embora. De qualquer jeito, você já está morto.

Ennius ofegou:

- Arvardan, pode se considerar pr…

A porta se abriu mais uma vez. O coronel entrou.

- Excelência, aquela ralé Terrestre voltou.

- Como é possível? Balkis não deu ordens a este propósito. Ele disse também que ficaria conosco durante uma semana.

- Sim, deu todas as ordens e ainda está aqui. Mas a ralé voltou. Estamos prontos para abrir fogo, e como comandante militar deste forte, é minha opinião que precisamos fazê-lo sem demora. Vossa Excelência tem alguma sugestão?

- Não abra o fogo até termos conversado com Balkis. Mande-o vir aqui. -Virou-se. - Dr. Arvardan, vou cuidar do seu caso um pouco mais tarde.

Balkis chegou sorrindo. Inclinou-se com muita formalidade em frente a Ennius,

que apenas acenou com a cabeça.

- Escute - falou bruscamente o Procurador. - Soube que os Terrestres mais uma vez estão cercando o forte Dibburn. Isto não corresponde ao nosso trato… Não desejamos derramar sangue, mas nossa paciência não é limitada. Pode fazer alguma coisa para dispersá-los?

- Só se eu quiser, Excelência.

- Se quiser? Pois então, mexa-se. Agora mesmo.

- De jeito nenhum, Excelência. -O Secretário voltou a sorrir e estendeu um braço. Sua voz vibrava de triunfo. - Imbecil! Esperou demais e terá que morrer por isto! Ou poderá viver como escravo, mas lembre-se, não será uma vida fácil.

A loucura daquela afirmação teve um efeito devastador sobre Ennius. Mas mesmo a este ponto, no que sem dúvida devia ser o acontecimento mais terrível de toda sua carreira, não se esqueceu da compostura própria de um diplomata Imperial. Só ficou muito mais pálido.

- Quer dizer que minha prudência realmente provocou uma catástrofe? Toda esta celeuma por causa do vírus - havia uma base de verdade? - Sua voz mostrava uma surpresa quase abstrata, indiferente. - A Terra e vocês todos são meus reféns, não é?

- De jeito nenhum - retrucou o Secretário. - Você e todos os seus são meus reféns. O vírus que está se espalhando no universo não deixará a Terra imune. Espalhamos o suficiente na atmosfera de todas as guarnições, inclusive de Everest. Nós, os Terrestres, não seremos afetados, mas você, Procurador, como está se sentindo? Está fraco? Sua garganta já está seca? Esta com febre? Não vai demorar. E só nós podemos lhe fornecer o antídoto.

Durante algum tempo Ennius se manteve calado e seu rosto só mostrava uma incrível altivez. A seguir, olhou para Arvardan e falou em tom calmo, com sua voz bem modulada.

- Doutor Arvardan, percebi que preciso lhe apresentar minhas desculpas por ter duvidado de sua palavra. Doutor Shekt e senhorita Shekt aceitem minhas desculpas.

Arvardan arreganhou os dentes.

- Obrigado. Suas desculpas serão de grande valia para todos.

- Mereço seu sarcasmo - comentou o Procurador. - Espero que entendam que prefiro voltar para Everest, para morrer com minha família. Logicamente, não posso considerar qualquer possibilidade de um compromisso com este… este homem. Meus soldados da Procuradoria Imperial na Terra saberão cumprir seu dever antes de sua morte, e tenho certeza que muitos Terrestres esperarão no além, para iluminar nosso caminho nos corredores da morte… Adeus!

- Espere, espere! Não vá! - Ennius virou-se devagar em direção daquela voz.

Joseph Schwartz, cambaleando um pouco, entrou pela porta com a mesma

lentidão. O Secretário se retesou e pulou para trás. Olhou desconfiado para o homem do passado.

- Não adianta - falou com o rosto distorcido. Você não poderá extrair de minha mente o segredo do antídoto. Está espalhado entre alguns homens, e só alguns outros homens sabem como aplicá-lo. Todos eles estão fora do alcance e ficarão afastados até que o vírus tenha cumprido sua obra.

- Sem dúvida estão fora do alcance - confirmou Schwartz - e podem ficar onde estão. Acontece que não existe mais nenhum vírus que possa cumprir tarefa a nenhuma.

Ninguém entendeu esta afirmação. Arvardan foi tomado por uma terrível dúvida. Teria sido manipulado? Todo aquele acontecimento poderia ser uma brincadeira monstruosa? O Secretário seria mais uma vitima do engano? E se fosse, por que motivo? …

Ennius, porém, perguntou:

- Depressa, homem, o que significa isto?

- É simples - disse Schwartz. - Quando ficamos todos juntos, na noite passada, compreendi que não poderia fazer nada se ficasse sentado ouvindo conversas. Com muito cuidado, influenciei a mente do Secretário, durante algum tempo - não queria que ele descobrisse. Finalmente ele requereu meu afastamento. Era o que eu queria e o resto foi fácil.

- Deixei meu guarda inconsciente e fui até a pista do aeroporto. O forte estava em alerta de vinte e quatro horas. Os aviões estavam prontos para a decolagem, com os pilotos de prontidão. Escolhi um e voamos até Senloo.

O Secretário parecia querer falar mas as palavras não conseguiam sair de sua boca. Shekt interferiu.

- Schwartz, você não podia obrigar ninguém a pilotar um avião. Você quase não conseguiu obrigar um homem a caminhar.

- Não posso fazer nada quando é contra a vontade do sujeito. Mas pela mente do doutor Arvardan, conhecia a mentalidade dos Sirianos e como odeiam os Terrestres. Então procurei um piloto nascido em Sírio e encontrei o tenente Claudy.

- O tenente Claudy? - perguntou Arvardan.

- Pois é…. Vejo que você o conhece. Sim, sim, claro. Entendo perfeitamente seu pensamento.

- Aposto que sim… Continue, Schwartz.

- Este oficial odiava os Terrestres com uma intensidade que é difícil de se entender, mesmo por mim, que estive dentro de sua cabeça. Ele queria bombardeá-los. Ele queria destruí-los. Controlava-se só por uma questão de disciplina, era isto que lhe impedia de pular em seu avião e começar. Este tipo de mente é diferente. Basta um mínimo de sugestões, um empurrãozinho - e nem a disciplina conseguiu mais retê-lo. Acho que ele

nem percebeu que entrei no avião logo atrás dele.

- Como foi que você encontrou Senloo? -sussurrou Shekt.

- Em minha época -respondeu Schwartz - havia uma cidade chamada St. Louis, localizada na confluência de dois grandes rios… Encontramos Senloo. Era noite ainda, mas vimos uma área escura toda cercada por radioatividade - e o dr. Shekt me explicara que o templo era um oásis de solo normal. Deixamos cair um sinal luminoso - fui eu quem sugeriu mentalmente esta precaução - e vimos lá embaixo uma construção como uma estrela de cinco pontas. Conferia com a imagem encontrada na mente do Secretário… Agora lá sobrou um buraco com trinta metros de profundidade, não há mais construção nenhuma. Isto aconteceu às três horas da madrugada. Os vírus não foram lançados e o universo está livre.

Um uivo como de animal surgiu de entre os lábios do Secretário. Um som indescritível, como o de um demônio. Pareceu querer dar um pulo e caiu. Um fio de espuma apareceu entre os lábios e escorreu até o queixo.

- Eu não toquei nele - murmurou Schwartz. Olhou para o corpo caído com expressão pensativa: - Voltei antes das seis, mas sabia que era necessário esperar até depois da hora H. Só assim Balkis acabaria se gabando, e as palavras saídas de sua própria boca o condenariam… Eu sabia, porque tinha visto o que estava em sua mente. E agora, aqui está.

22 - O Melhor Ainda Está no Porvir

Já se tinham passado trinta dias depois daquela noite em que Joseph Schwartz decolara de uma pista do aeroporto, daquela noite dedicada à destruição galáctica, com sirenas de alerta uivando loucamente e ordens para voltar atravessando o éter.

Schwartz, porém desobedecera às ordens, até conseguir a destruição do templo de Senloo.

Seu heroísmo agora já era oficialmente consagrado. Guardava no bolso a fita da Ordem da Nave Espacial e do Sol, de Primeira Classe. Só duas pessoas em toda a Galáxia tinham recebido esta altíssima condecoração, sem que fosse póstuma.

Era um belo resultado para um alfaiate aposentado.

Como era natural, ninguém, a não ser as mais altas autoridades, sabiam ao certo o que Schwartz fizera, mas isto não importava. Algum dia todos os textos de história mencionariam sua façanha, como um exemplo fulgurante e inolvidável de dedicação.

Caminhava em direção da casa de Shekt e a noite era muito calma. A cidade era tranquila, tranquila como as estrelas que brilhavam no céu. Grupos isolados de fanáticos ainda provocavam distúrbios em alguns lugares da Terra, mas os líderes estavam presos ou mortos, e os Terrestres moderados cuidavam do resto.

Os primeiros gigantescos comboios já estavam a caminho, para trazer carregamentos de solo normal. Ennius voltara a propor seu plano original de emigração em massa de todos os Terrestres para um outro planeta, mas isto era impossível. Ninguém precisava de esmolas. Os Terrestres queriam só uma oportunidade para reconstruir seu próprio planeta. Queriam reconstruir a pátria de seus ancestrais, a pátria original da humanidade. Queriam fazê-lo com suas próprias mãos, tirando o solo doente e substituindo-o com solo fértil, para que a terra antes morta voltasse a se cobrir de verde e para que o deserto pudesse mais uma vez se cobrir de flores.

Era uma tarefa imensa, poderia durar cem anos - mas e dai? A Galáxia podia emprestar suas máquinas, a Galáxia podia mandar alimentos, a Galáxia podia fornecer o solo. Só daria uma fração de seus recursos incalculáveis - e o empréstimo seria devolvido.

Qualquer dia os Terrestres voltariam a ser um povo entre outros povos, morando num planeta igual a outros planetas, voltariam a possuir dignidade igual à dos outros povos.

O coração de Schwartz transbordava de alegria por este milagre, enquanto subia os degraus do ingresso. Na semana seguinte partiria com Arvardan para visitar os grandes mundos centrais da Galáxia. Quem, de sua geração, conseguira sair da Terra?

Por um instante pensou na Terra antiga, em sua Terra. Estava morta há muito tempo… muito tempo…

Entretanto, tinham passado apenas três meses e

Parou com a mão erguida, querendo assinalar sua presença, quando as palavras pronunciadas no interior se manifestaram em sua mente. Agora conseguia ouvir palavras com extrema claridade, pareciam sininhos.

Eram palavras de Arvardan e sua mente estava a tal ponto repleta de pensamentos que jamais poderia dizer tudo apenas com palavras.

- Pola, esperei e pensei muito, pensei e esperei. Agora chega. Você deve vir comigo.

E Pola, que também ansiava as mesmas coisas, respondeu com palavras que indicavam relutância:

- Não posso, Bel. É impossível. Minha mentalidade é tão caipira… Acabaria por me sentir muito tola naqueles mundos lá fora. Afinal, sou apenas uma moça Ter…

- Pare com isso. Você é minha mulher e só. Se alguém perguntar quem você é, diga que nasceu no meio da Terra e que é cidadã do Império. Se quiserem mais pormenores, você é minha esposa.

- O que vai acontecer depois de você fazer o discurso em Trantor?

- O que vai acontecer? Em primeiro lugar, vamos tirar férias durante um ano e visitar todos os maiores mundos da Galáxia. Todos mesmo, nem que fosse necessário ir e voltar com a nave do correio. Quero que você realmente conheça a Galáxia e tenha a mais linda lua de mel, por conta do Governo.

- E depois…

- Depois voltaremos para a Terra e nos apresentaremos voluntários para os batalhões de trabalho, e durante os próximos quarenta anos transportaremos solo para substituir a terra radioativa.

- Por que você quer fazer isto?

O Toque Mental mostrou que Arvardan respirava fundo.

- Porque eu amo você, e você quer fazer isto, e porque sou um Terrestre muito patriota e posso prová-lo a quem quiser saber, mostrando meus documentos de naturalização.

- Está bem…

A este ponto, não houve mais palavras e Schwartz, muito feliz e um pouco sem jeito, se afastou. Podia esperar um pouco. Não queria perturbá-los até que estivessem mais calmos.

Esperou na rua, debaixo do frio brilho das estrelas - uma Galáxia inteira, visível e invisível. Repetiu para si próprio, para a nova Terra e para todos os milhões de planetas longínquos, o antigo poema que só ele conhecia entre muitos quatrilhões:

Envelheça ao meu lado!

O melhor ainda está no porvir,

No resto da vida, construído em nossa mocidade.